

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANIS CAROLINE BOIKO DA ROSA

ANTITOTALITARISMO, ANTIFASCISMO E SOCIALISMO NA PRODUÇÃO  
LITERÁRIA E JORNALÍSTICA DE GEORGE ORWELL (1920-1950)

CURITIBA

2020

JANIS CAROLINE BOIKO DA ROSA

ANTITOTALITARISMO, ANTIFASCISMO E SOCIALISMO NA PRODUÇÃO  
LITERÁRIA E JORNALÍSTICA DE GEORGE ORWELL (1920-1950)

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para à obtenção do grau de Mestre em História,  
no curso de Pós-Graduação em História, Setor  
de Ciências Humanas, da Universidade Federal  
do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Rosa, Janis Caroline Boiko da  
Antitotalitarismo, antifacismo e socialismo na produção literária e  
jornalística de George Orwell (1920 – 1950). / Janis Caroline Boiko da Rosa. –  
Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner

1. Orwell, George, 1903 - 1950 – Crítica e interpretação. 2. Socialismo –  
História e crítica. 3. Jornalismo – Aspectos políticos. 4. Política na literatura.  
I. Gruner, Clóvis, 1971. II. Título.

CDD – 809.3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -  
40001016009P0

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JANIS CAROLINE BOIKO DA ROSA**, intitulada: **ANTITOTALITARISMO, ANTIFASCISMO E SOCIALISMO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA E JORNALÍSTICA DE GEORGE ORWELL (1920-1950)**, sob orientação do Prof. Dr. CLÓVIS MENDES GRUNER, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Fevereiro de 2020.

CLÓVIS MENDES GRUNER  
Presidente da Banca Examinadora

FABIO LUCIANO IACHTECHEN  
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO PARANÁ)

EVANIR PAVLOSKI  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)



## **AGRADECIMENTOS**

Tantas pessoas participam de nosso trajeto de maneiras tão diversas, tantas delas sequer conhecemos. Tantos pesquisadores vieram antes de mim e tornaram esse trabalho, esse modo de pensar e essas perguntas possíveis. Tantos colegas fizeram parte dessa jornada, nem sempre de maneira agradável. Antes de mais nada, esse trabalho foi possível graças ao auxílio financeiro da CAPES. Teria sido impossível dedicar o tempo que dediquei a essa pesquisa sem a atuação dessa agência de fomento. Junto a CAPES, meus avós foram outra fonte de apoio financeiro durante a pesquisa e antes dela. É impossível mensurar o quanto eu aprendi com erros e acertos destes dois, Irinéia dos Anjos Lopes e Sebastião Lopes. Também é sempre necessário agradecer a minha tia, Jackeline, que me ensinou a gostar de livros, a manter um olhar crítico e atento aos mundos que me cercam. E finalizando os agradecimentos à família, agradeço a Giulia, minha irmã e companheira de jornada desde os meus três anos. Menina que originalmente eu era responsável por proteger e hoje me dá colo nos momentos ruins, fonte de uma estranha força que não me permite desistir.

Ao Thiago Brotto Natário, agradeço o apoio em inúmeras crises, a companhia em incontáveis protestos, a leitura dedicada do texto, as conversas sobre a pesquisa, assim como sobre a vida e o futuro nessa profissão num mundo caótico. Já ao Willian Perpétuo Busch e ao Guilherme Dobrysttop, agradeço pelas milhares de vezes que me deram dicas e tiraram minhas dúvidas. Também foi com o apoio de amigas como a Catherine Cardoso Ribas, a Stephane Pereira, a Evelin Stofella, a Lyllian Betin e a Letícia Deville que foi possível sobreviver as fases difíceis da pesquisa, ao estresse, cansaço e outros efeitos emocionais que a vida acadêmica traz. Estas mulheres compõem uma rede de suporte que tem me segurado desde 2011, seu incentivo e apoio me motivam diariamente.

Além disso, quero agradecer ao meu orientador, Clóvis Gruner, que teve uma paciência infinita comigo, uma grande delicadeza para cortar pedaços dos meus planos megalomaniacos, e que foi sempre incrivelmente compreensivo, simpático e disponível. Muito da forma que este trabalho tem, do ponto de vista que ele assume e do olhar crítico que busca ter, é possível por referências vindas desse professor, assim como de outros professores que compõem a AMENA e da banca de

qualificação (composta pelo Fábio Iachtechn e Vinícius Honesko), cujas sugestões foram importantíssimas para amarrar pontas soltas do trabalho.

Além disso, quem me incentivou a tentar a prova de mestrado, antes de mais nada, foi meu antigo orientador, Alexandro Neundorf, cuja atuação como professor na PUCPR criou espaços de debate em que foi possível pensar a atuação do historiador de múltiplas maneiras, não sei o que seria da minha formação sem esses espaços (criados também por outros professores do corpo docente da instituição, é claro).

Por fim, quero agradecer a Zoey, que esteve do meu lado durante a escrita da maior parte dessa dissertação — literalmente.



## RESUMO

George Orwell foi um escritor, jornalista e ensaísta engajado, o que significa que boa parte de sua produção tinha propósitos políticos. Três pautas foram fundamentais em seu ativismo literário e prático (ou seja, nas milícias e partidos), estas foram: o antitotalitarismo, principalmente em denúncia às violências do regime stalinista; o antifascismo; e o socialismo democrático (economicamente socialista, politicamente uma democracia de linhas móveis). Estas pautas foram veiculadas na produção artística e jornalística do autor com o objetivo de interferir nos eventos políticos de seu tempo. Por meio de seus escritos o autor denunciou ocorridos, analisou eventos, participou de disputas por memórias, interpretações e pela forma do futuro. Neste sentido, buscamos compreender como este indivíduo age e reage aos mundos em que viveu através de sua produção artística e testemunhal. Para tanto cabe averiguar como as supracitadas pautas tomam forma na produção do autor, a partir de que sensações, experiências, percepções, valores e ideias estes posicionamentos são construídos, como são dispostos, quais suas táticas e, ainda, como e porque mudam ao longo de sua carreira. Com isso visamos fazer emergir a imagem deste escritor engajado de posicionamentos móveis, por vezes ambíguos, que tenta compreender e agir nos mundos que o cercam em tempos politicamente difíceis, instáveis e em que o horizonte de expectativas se fechava a interpretações esperançosas. Tendo em vista tais objetivos, utilizamos ensaios, artigos, cartas, textos testemunhais, romances e diários - selecionados por seu conteúdo - em que buscamos encontrar redes intelectuais, núcleos e relações a partir dos quais Orwell pode se engajar e formar posições. Ainda, a partir da compreensão da ficção como um modo de construção de versões de mundo, buscamos compreender como o sujeito tenta agir no mundo através de sua produção, assim como tenta organizar sua experiência narrativamente. Uma amplitude de autores foram úteis para tais análises, dentre eles: Wolfgang Iser, que possibilita a interpretação da produção do escritor como modo de construção de versões de mundo; Paul Ricoeur e Seligmann-Silva, os quais discutem o testemunho, e suas formas, nos auxiliando a compreender o dever de memória presente na literatura de Orwell acerca da Guerra Civil Espanhola; Martha Nussbaum e Eduardo Pellejero, cuja discussão acerca da justiça poética nos auxiliam a entender a relação entre a literatura e o dever de memória; Benoît Denis, cuja discussão sobre literatura engajada perpassa toda esta dissertação; Jean François Sirinelli, e Angela de Castro Gomes, que nos auxiliam a compreender como se dão e qual a importância das relações intelectuais entre Orwell e a imprensa de esquerda inglesa; e Reinhart Koselleck, François Hartog e Julio Benvivoglio, entre outros, que nos auxiliam a pensar a relação de Orwell com o presente e o futuro.

**Palavras-chave:** socialismo; antitotalitarismo; antifascismo; literatura engajada; jornalismo; Orwell.

## ABSTRACT

George Orwell was an engaged writer, journalist and essayist, which means that much of his production had political purposes. Three guidelines were fundamental in his literary and practical (meaning in militias and parties) activism: anti-totalitarianism, mainly in denouncing Stalinist crimes; antifascism and democratic socialism (economically socialist, politically a democracy of moving forms). These political guidelines were conveyed in the author's artistic and journalistic production with the intention of interfering in political events of his time. Through his writings he reported and analyzed events, as well as took part in feuds over memory, interpretation of events and the shape of the future. In this sense, we seek to understand how an individual acts and reacts to the worlds he live in through his literary and testimonial writings. To do so, we aim to comprehend how the aforementioned political guidelines take shape in the author's production: from which sensations, experiences, perceptions, values and ideas these positions are built, how they are arranged, what are their techniques. Moreover, how and why they change throughout his career. Thereby, we intend to convey the image of this engaged writer - whose positions are mobile and sometimes ambiguous -, who tries to understand and act in his worlds during politically difficult and unstable times, when the expectations horizon closes for interpretations and hopes. With this intentions in mind we chose articles, essays, letters, novels and diaries, in which we searched for intellectual networks, nuclei, and relationships from which Orwell could organize positions and engagement. Also, we seeked perceptions and sensations about political events surrounding him. To understand Orwell's engagement we attempted to see fiction as a form of constructing versions of the world and, in other words, as a way of intervention in the present world, as well as of attributing meaning to experiences. In this sense the work of Wolfgang Iser and Paul Ricoeur were essential, allowing this interpretation. Also, Paul Ricoeur and Seligmann-Silva, helped us to discuss testimony and its forms, enabling us to understand the duty of memory present in Orwell's literature on the Spanish Civil War. Martha Nussbaum and Eduardo Pellejero's discussion of poetic justice helped us understand the relationship between literature and the duty of memory. Benoît Denis' discussion of engaged literature runs through this whole dissertation. Jean François Sirinelli and Angela de Castro Gomes, allowed us to comprehend the importance of intellectual relationships between Orwell and the English leftist press. Finally, Reinhart Koselleck, François Hartog and Julio Bentivoglio, among others, helped us to analyse Orwell's relationship with his present and future.

**Keywords:** socialism; antitotalitarianism; antifascism; literature; journalism; Orwell.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>PREÂMBULO TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. DE ERIC BLAIR A GEORGE ORWELL: EM BUSCA DA VOZ .....</b>	<b>42</b>
1.1. BUSCANDO ESPAÇOS: TROCAS EPISTOLARES E PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES.....	43
1.2. ENSAIOS E A INSERÇÃO NO DEBATE PÚBLICO .....	65
<b>2. A DECÊNCIA DOS MINEIROS.....</b>	<b>92</b>
2.1. BREVE PANORAMA DA LITERATURA INGLESA NO SÉCULO XX.....	92
2.2. O SOCIALISMO ROMÂNTICO EM <i>THE ROAD TO WIGAN PIER</i> .....	100
<b>3. GUERRA, RADICALIZAÇÃO E MEMÓRIAS .....</b>	<b>125</b>
3.1. EXPERIÊNCIA NAS BARRICADAS E LITERATURA TESTEMUNHAL EM <i>HOMAGE TO CATALONIA</i> .....	126
3.2. ENSAIOS E CRÍTICAS: A ATUAÇÃO DE ORWELL NO DEBATE INGLÊS ACERCA DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA .....	153
<b>4. 2ª GUERRA MUNDIAL: ENTRE ESPERANÇAS E ANGÚSTIAS .....</b>	<b>166</b>
4.1. <i>WHY I JOINED THE ILP</i> : ORWELL NA EXTREMA ESQUERDA .....	166
4.2. <i>THE LION AND THE UNICORN</i> : AS INTERPRETAÇÕES DE ORWELL DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	170
4.3. ENTRE A DOMINAÇÃO TOTALITÁRIA E A REVOLUÇÃO.....	186
<b>5. 1984: TOTALITARISMO E RESISTÊNCIA .....</b>	<b>194</b>
5.1. FUTURO DISTÓPICO.....	195
5.2. FUTURO TOTALITÁRIO .....	202
5.3. <i>1984</i> : A HISTÓRIA DE UM IDEACRIMINOSO .....	221
5.4. O INDIVÍDUO MASSIFICADO .....	230
5.5. A ESPERANÇA ESTÁ NOS <i>PROLES</i> .....	242
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>252</b>
<b>FONTES: .....</b>	<b>259</b>
<b>REFERÊNCIAS: .....</b>	<b>260</b>

## INTRODUÇÃO

George Orwell foi um escritor e jornalista cuja produção estava diretamente relacionada aos debates políticos e sociais de seu tempo. As formas desta relação eram múltiplas. Através de seus escritos o autor reagiu aos eventos contemporâneos, buscou analisá-los e denunciá-los, bem como objetivou interferir nesses através de sua produção. Boa parte de sua carreira se deu na intersecção entre literatura e política. Tendo em vista esta atuação visamos analisar como as pautas antitotalitárias, antifascistas e socialistas tomaram forma na produção do autor. Logo: a partir de que sensações, experiências, percepções, valores e ideias estas são construídas? Como são dispostas? Quais suas táticas? Como e por que estas mudam em diversos momentos de sua carreira? Em síntese, buscamos compreender como Orwell reage e age nos mundos em que vive a partir de sua produção artística e testemunhal.

Para tanto, tivemos como fontes a literatura ficcional e testemunhal do autor, seus ensaios, correspondências pessoais e profissionais, bem como seus diários. A partir destas torna-se possível avaliar as conexões intelectuais estabelecidas pelo autor com outros escritores, editores e revistas, assim como se torna possível apreender suas impressões pessoais de eventos políticos, seus medos e angústias acerca das lutas que travava, bem como sua apropriação da experiência e organização desta em textos testemunhais e ficcionais. Nessas fontes, ainda, costuram-se a narrativa de si com a dos eventos.

A apropriação de linguagens artísticas e jornalísticas para participação em debates políticos antiautoritários foi, originalmente, o que despertou meu interesse em Orwell. Suscitou minha curiosidade entender como o medo de um futuro totalitário, a desesperança política e a busca por uma sociedade socialista eram postas em texto com o objetivo de combater o horizonte de expectativas temido. Partindo desta curiosidade cheguei a busca da compreensão de como ideias antitotalitárias, antifascistas e socialistas foram se construindo e como estas pautas foram tratadas pelo autor e alimentaram sua produção artística. Acabei por encontrar um escritor engajado cujo projeto de realização profissional se ligava a metas políticas e a uma sensação de profundo pertencimento a um momento histórico que

não lhe permitia ser algo que não militante. Uma sensação que despertou minha admiração e identificação. Além disso, encontrei um autor ambíguo, muitas vezes contraditório, confuso e ingênuo, falho em suas previsões. Sexista e racista por vezes. Pouco nobre ou martírico e sem nenhuma pretensão de heroísmo. Com uma postura de realismo irônico e pragmático que acabam por tornar mais legíveis textos que poderiam ter sido densos e chatos em outro formato.

Quando entrei no mestrado, meu projeto focava compreender como se construía o ativismo antitotalitário na produção de três autores, Zamyatin, Huxley e Orwell. Definitivamente muito mais do que seria possível dar conta em um mestrado — algo que fui perceber quase um ano depois de selecionar só o Orwell por indicação do meu orientador. Dentre os autores, o Orwell era aquele que eu melhor conhecia e que me parecia ser o mais politicamente engajado, mais preocupado com temáticas políticas variadas. Antes disso, ainda na minha graduação, eu havia estudado a principal distopia de cada um destes autores, buscando entender como estes se posicionavam contra o totalitarismo através da figuração da opressão do Estado sobre os sujeitos. Nesse tema eu cheguei por puro acaso, lendo *Admirável Mundo Novo*, comecei a pensar no sentimento de desesperança sobre o futuro presente nas distopias, em que expectativas eram temidas por Huxley, nos Estados totalitários e fui pesquisar o que tinha sido escrito sobre. A pesquisa era ampla e vaga, tomando semanas pra ler pedaços de artigos, introduções de teses e dissertações, até que o tema do meu TCC pareceu emergir. O Alexandro Neundorf, foi quem me orientou no TCC e me incentivou a continuar pesquisando distopia e ativismo, foi também quem orientou inúmeros outros trabalhos com temáticas menos ortodoxas e criou espaços para elas dentro do curso de História da PUC-PR.

Os caminhos de uma pesquisa em história nem sempre são claros ou previsíveis. Os meus tem sido tortuosos e confusos. Eu não comecei essa dissertação sabendo o que encontraria, onde ela me levaria e que Orwell eu iria encontrar ou criar. As questões que essa pesquisa levantou em mim também não foram previstas. Comecei esse trabalho levada por uma paixão curiosa por distopias e resistência ao autoritarismo, me perguntando sobre relações entre arte e política, agora termino este trabalho com ainda mais perguntas do que tinha antes. No seu cotidiano, esta foi uma pesquisa mais virtual do que qualquer outra coisa. Envolveu muitas horas na frente de telas tentando organizar minhas ideias enquanto

vasculhava a biblioteca virtual de Orwell. Cada texto sobre o Orwell e cada texto escrito por ele me levavam a desdobrar uma imagem diferente de um autor que parece muito conhecido e estranho ao mesmo tempo. É uma estranha atividade essa de re-construir mortos e suas ideias.

\*\*\*\*\*

O presente estudo foi dividido em cinco capítulos e um preâmbulo teórico, neste último foram discutidas noções de totalitarismo, fascismo e literatura engajada, bem como foram apresentadas nossas compreensões acerca da literatura enquanto fonte e sua relação com redes intelectuais. O primeiro, *De Eric Blair à George Orwell: em busca da voz*, visa observar o início da carreira de Orwell como escritor, sua inserção em redes intelectuais e primeiras produções. Neste sentido, as trocas epistolares do autor tiveram papel especial como fontes que documentam as inserções de Orwell no mercado editorial e construção de laços pessoais. Outras fontes serão os ensaios, o ensaio foi principal gênero textual pelo qual Orwell explorou formas de escrita, isso se deveu à liberdade de forma e conteúdo do gênero. Ainda, devido à liberdade de conteúdo, o ensaio foi espaço propício para participação em debates públicos de cunho político e social, através desses textos temas como o imperialismo, a condição de vida dos pobres na Inglaterra e a entrada na 2ª Guerra Mundial, foram debatidos. Tais experimentações e debates foram explorados no subcapítulo *Ensaio e a inserção no debate público*.

O segundo capítulo, intitulado *A decência dos mineiros*, trata da aproximação do autor com o socialismo e faz um breve mapeamento de movimentos literários na Inglaterra em que escrevia Orwell. A aproximação do escrito ao socialismo foi gradual, mas tem por marco o livro *The Road to Wigan Pier*, em que este discorre sobre as condições de vida dos mineiros no norte da Inglaterra, bem como sobre a crise de moradias e o desemprego na região, por fim, o autor se afirma publicamente socialista e discute os problemas do movimento em sua perspectiva.

O terceiro capítulo, *Guerra, revolução e memórias*, abarca a partida de Orwell para a Espanha, com o objetivo de lutar na Guerra Civil Espanhola, seu retorno a Inglaterra e as disputas pela memória do conflito em que o autor se envolveu. A experiência da Guerra Civil Espanhola e da Revolução Espanhola mudaram a

perspectiva socialista e antifascista de Orwell. A visão de Barcelona Revolucionária fica marcada na memória do autor como algo pelo qual lutar. Ao mesmo tempo o autor viveu a guerra da perspectiva do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), desta maneira ele experimentou a perseguição política, o risco de prisão, tortura e execução pelos comunistas, assim como assistiu à prisão, desaparecimentos e morte de camaradas. A relação de Orwell com o regime soviético e com grupos comunistas fica, a partir de então, marcada pela memória da traição e por forte inimizade, que resulta no rompimento do autor com jornais, revistas e mesmo com seu editor, Victor Gollancz (com quem, eventualmente, reatou o laço). O dever de memória sentido pelo autor o compele à escrita do livro *Homage to Catalonia*, assim como de ensaios como *Spilling Spanish Beans*, e resenhas onde buscava trazer a perspectiva do POUM ao público inglês.

O quarto capítulo trata da aproximação do autor com o Independent Labour Party (ILP) e da chegada da 2ª Guerra Mundial, abordando a interpretação desta pelo autor em *The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius*. A 2ª Guerra Mundial foi apreendida pelo autor como uma oportunidade revolucionária, o levando a criação de um plano de ação para uma possível revolução na Inglaterra. Este período também marca a aproximação de Orwell com a revista trotskista estadunidense *Partisan Review* e uma gangorra emocional, na qual o autor vai da esperança revolucionária ao medo da vitória de Hitler e dos campos de concentração. O futuro se apresenta como um horizonte sombrio e a angústia marca as expectativas do escritor, mesmo que houvesse esperança.

O quinto capítulo partirá da 2ª Guerra Mundial, chegando à morte de Orwell. Neste temos por objetivo discutir as compreensões do totalitarismo apresentadas pelo autor e a forma como este se posiciona contra tal regime através da literatura distópica em *1984*. Interessa-nos pensar nas relações entre indivíduo e Estado, nas perseguições políticas, na crimeia e na esperança nos *proles* debatidas pelo autor. A desesperança e o medo são linguagens de debate político numa literatura que visa soar um alarme de incêndio, avisando o leitor do rumo que sua sociedade toma em dado momento histórico. Interessa-nos, portanto, a opção feita pelo autor por este gênero, bem como a forma como a distopia propiciou uma linguagem a partir da qual foi possível ao autor veicular seus posicionamentos.

## PREÂMBULO TEÓRICO

Como fonte a literatura é tanto produto das condições socioculturais de seu tempo<sup>1</sup> quanto intervenção neste<sup>2</sup>. Seu enredo pode conter pistas acerca dos conflitos de sua época, assim como traços do horizonte de expectativas de um tempo, valores, sensibilidades, percepções dos eventos, etc. De modo que esta pode ser vista como uma fonte rica para a compreensão do imaginário e das relações sociais<sup>3</sup>.

Para Nicolau Sevcenko houve, desde o fim do século XX, um reconhecimento da centralidade do papel da linguagem nas atividades humanas, sendo tanto produto das relações dos homens entre si e com o que chamamos de real, quanto elemento modelador deste mesmo conjunto. Como discurso<sup>4</sup>, a linguagem incorpora em si hierarquias, relaciona-se com instituições e campos, além de articular-se segundo regras e formas convencionais. Na literatura, a linguagem se encontra com a liberdade condicionada de criação. Este condicionamento tanto é proveniente do

---

<sup>1</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 3. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983, p. 20.

<sup>2</sup> Ver: ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2017 e KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 50.

<sup>44</sup> Esta discussão foi bastante trabalhada por Foucault, principalmente no texto proveniente de sua aula inaugural no Colège de France, *A ordem do discurso*. Nesta aula Foucault supôs que em toda, ou quase toda, a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída segundo certos procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Estes procedimentos incluem interdições diversas, direito privilegiado ou exclusivo de determinado sujeito falante, entre outros. Para o autor, estas interdições revelam um desejo de poder, este não apenas traduz lutas políticas, mas também é aquilo pelo que se luta, poder (de fala) do qual se quer apoderar. Este poder é dado a determinados sujeitos e retirado de outro, discursos como o do louco. Ainda, a determinação de verdadeiro e falso tem propriedade de exclusão e validação de discursos, esta separação é arbitrária e se organiza em torno de contingências históricas em perpétuo deslocamento, além disso, tal divisão é sustentada por um sistema de instituições que a impõe e reconduz. O discurso verdadeiro é pronunciado por quem tem direito de fala conforme o ritual requerido. Segundo o filósofo, existem, é claro, muitos outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso além dos procedimentos de exclusão, que são, de certo modo, exteriores. Os procedimentos internos funcionam a título de classificação, ordenação e distribuição. Um exemplo são os comentários, atos de fala que retomam discursos anteriores, os transformam, falam deles, ou seja, os discursos originais são, indefinidamente, ditos. A organização das disciplinas também é parte destes procedimentos, definindo objeto, conjunto de métodos, *corpus* de proposições verdadeiras e um jogo de regras. Repelindo, para fora de suas fronteiras saberes anômalos, proposições que não preenchem as exigências requeridas para poder pertencer ao conjunto de saberes de determinada disciplina. O controle do discurso também se dá pelo controle dos indivíduos que falam, demandando certas qualificações, a satisfação de determinadas exigências e a submissão a certas regras. (FOUCAULT, 1999, p. 5-39)



gênero e tradição à que se afilia, quanto da cultura, contexto social e redes intelectuais em que seu autor se encontra, essa série de influências é apropriada e negociada pelo autor. No produto literário encontram-se também focos de tensão, mágoas, anseios de mudança, mecanismos de permanência e o desejo de interferir em determinada comunidade<sup>5</sup>.

Derrida<sup>6</sup> apresentou a literatura como instituição histórica governada por leis, mas cujos textos são capazes de encenar e suspender os pressupostos sob os quais repousa a instituição (como as leis, função do autor, pertencimento a um gênero). Desta forma, a literatura é capaz de subverter as regras sobre as quais se constitui. Segundo o autor<sup>7</sup>, é necessário pensar a literatura como instituição, observar as relações de poder dentro das quais ela existe e as leis que mantêm sua existência. Superando limites impostos aos Estudos Literários pelas suposições filosóficas que operam sob o signo da filosofia clássica, fazendo com que, por muito tempo, esses estudos trabalhassem dentro dos limites estabelecidos pelo pensamento grego antigo, assumindo a prioridade do significado sobre o modo de articulação, se voltando para uma origem (biográfica, histórica, socioeconômica, psicanalítica) a qual apresenta a literatura como reflexo e produto da origem, ou mesmo buscando na literatura a verdade.

Para pensar relações intelectuais, de poder e certos *habitus*<sup>8</sup>, a discussão de Pierre Bourdieu<sup>9</sup> tocante à noção de campo pode ser produtiva. O autor conta que para construir esta noção foi preciso passar para além da primeira tentativa de análise do campo intelectual, em que as relações entre agentes envolvidos na vida intelectual tinham disfarçado as relações objetivas entre as posições ocupadas por esses agentes, de modo que o produto do campo aparece como feitiço, produto de mágica, seu aspecto econômico e práticas desaparecem. O mesmo ocorre com a

---

<sup>5</sup> SEVCENKO, op. cit., p. 19-23.

<sup>6</sup> DERRIDA, Jacques. "This Strange Institution Called Literature": An Interview with Jacques Derrida. In: ATTRIDGE, Derek (org.). *Jacques Derrida: Acts of Literature*. New York: Routledge, 1992, p. 181.

<sup>7</sup> ATTRIDGE, Derek (org.). *Jacques Derrida: Acts of Literature*. New York: Routledge, 1992, p. 3-4.

<sup>8</sup> *Habitus* são regras, *modus operandi* de um campo, uma espécie de sentido de seu jogo, que faz com que se faça o que é preciso ser feito no momento apropriado, sem que seja preciso tematizar o que é preciso fazer. É um conhecimento e também um tipo de capital, é uma disposição incorporada quase postural. O agente, na ação, veicula e expõe o *habitus*. A intenção teórica do conceito de *habitus* tem por objetivo sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua posição de operador das práticas, construções e objetos. (BOURDIEU, 2003, p.23-64)

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 64-134.

literatura, cujas obras apreciam como produto da genialidade. Os campos se distribuem no espaço social, o qual seria construído na base dos princípios de diferenciação e distribuição das propriedades que atuam no mundo social, conferindo aos seus detentores forças ou poderes. Neste, agentes e grupos são definidos por suas posições relativas. O campo, neste contexto, pode ser descrito como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, o valor destas coordenadas correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes a tal posição. Os agentes se distribuem nas posições de acordo com o capital que possuem, e com a composição deste material (o que compõe este capital e seu volume definem seu peso).

Os agentes se envolvem em lutas simbólicas dentro do campo, competindo pelas representações do mundo social. Desta maneira, compreender o funcionamento de um campo envolve apreender seu jogo de linguagem, as coisas materiais e simbólicas em jogo e que dele se geram, encontrar o motivado nos atos dos autores e das obras por eles produzidas. Isto implica apreender a obra de arte em sua necessidade interna e externa. A necessidade externa consiste no encontro entre uma trajetória e um campo – o qual constitui condição prévia para trajetórias individuais –, entre uma pulsão expressiva e um espaço dos possíveis expressivos<sup>10</sup>.

É difícil pensar em Orwell enquanto agente de um campo específico e definido, isto se deve ao seu trânsito por revistas, partidos e editoras, mas nos interessa saber que o autor, em suas relações intelectuais, transitava dentro de um campo intelectual de esquerda e suas publicações muitas vezes travavam disputas pela representação de determinado evento, por uma verdade acerca de um acontecimento, etc. Estas disputas mudavam suas relações com revistas, escritores, editores e grupos de intelectuais. Para Jean François Sirinelli<sup>11</sup>, muitas vezes as relações intelectuais gravitam em torno de jornais, revistas ou pessoas. No caso do escritor, revistas como *The New Adelphi*, *Partisan Review* e *Polemic* foram centro

---

<sup>10</sup> Ibid., p. 134-175; BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 75.

<sup>11</sup> SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: F.G.V., 2003, p. 252-253.

das relações estabelecidas pelo autor, relações estas que muitas vezes se tornaram amizades e tiveram papel influente em suas produções.

Antes de se tornar escritor, Orwell já conhecia autores e editores devido a sua educação numa escola pública<sup>12</sup>, e logo de elite, chamada Eton College. Tais conexões foram muito úteis ao jovem autor e a partir destas Orwell começou a publicar em revistas e jornais, estabelecendo laços e alianças que se esboçam nas suas trocas de cartas. Orwell não se fixou em um emprego ou subiu em alguma hierarquia, sua relação com instituições de esquerda foi errática e fluída. Contudo, é necessário levar em consideração as revistas, editoras e grupos aos quais o autor se associou ao longo de sua carreira, pois sua produção não é independente das relações estabelecidas entre o autor e essas, nem dos conflitos em que essas se envolvem.

Fama e influência vieram apenas ao fim da vida de George Orwell, de maneira que sua literatura não teve um público tão amplo como se possa imaginar pela sua fama póstuma. Ainda assim, sua produção veiculou muitas pautas políticas, isto porque o autor atribuiu a si mesmo papéis de revelação da verdade e luta pela justiça, bem como criação de testemunhos que ficassem para trás como fontes históricas<sup>13</sup>.

Orwell assumiu uma responsabilidade para com seu tempo e comunidade. A jornada deste como escritor foi determinada, em certa medida, pelos contextos vividos: “Em uma era pacífica eu poderia ter escrito romances ornamentados ou simplesmente descritivos, e poderia ter permanecido quase inconsciente das minhas lealdades políticas. Como as coisas são, eu fui forçado a me tornar um tipo de panfleteiro.”<sup>14</sup> Esta relação impositiva do autor com seu tempo e seu senso ético foram motivos (nos dois sentidos) de sua escrita, foram elementos organizadores de seu projeto literário e de sua leitura de si enquanto intelectual. As experiências do escritor na polícia imperial, na Guerra Civil Espanhola e nas ruas de Londres foram

---

<sup>12</sup> Escolas públicas, na Inglaterra, são instituições privadas que se diferenciam de outras instituições por estarem fora da jurisdição do Estado, por sua antiguidade e por sua seletividade com relação aos estudantes admitidos.

<sup>13</sup> Ver: ORWELL, George. Why I write? In: ORWELL, Sônia; ANGUS, Ian. *The Collected Essays, journalism & letters of George Orwell: An Age Like This*. London: Secker & Warburg, 1968.

<sup>14</sup> “In a peaceful age I might have written or merely descriptive books, and might remained almost unaware of my political loyalties. As it is I have been forced into becoming a sort of pamphleteer.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968, p.4)

base para seus posicionamentos políticos e intelectuais<sup>15</sup>. Emerge, deste modo, a imagem do escritor engajado, o qual tomou consciência do seu pertencimento a certa sociedade, renunciando a posição de espectador e colocando sua arte a serviço de determinada causa. Portanto, o engajamento procederia “numa larga medida, da consciência que o escritor possui da sua historicidade: ele se sabe situado num tempo preciso, que o determina e define sua apreensão das coisas”<sup>16</sup>.

Orwell estava consciente do quanto suas vivências da Guerra Civil Espanhola e outros eventos em 1936 e 1937 mudaram sua escala e lhe deram clareza sobre seu posicionamento, “Toda linha de trabalho sério que escrevo desde 1936 foi escrita direta ou indiretamente contra o totalitarismo e pelo socialismo democrático, como eu o entendo<sup>17</sup>.” O escritor, neste trecho, apresentou, as frentes que sua literatura tomou, abraçando a defesa de um sistema econômico socialista e (por conseguinte) as lutas de classes e anti-autoritária. Para o autor o alinhamento político seria, também, uma questão de integridade intelectual. Sua realização política, artística e pessoal eram interdependentes e participavam mutuamente de sua constituição enquanto indivíduo. As obras de Orwell foram marcadas por um compromisso com o coletivo, o que as caracteriza como engajadas, o engajamento se manifesta num compromisso ético e numa fidelidade *a si*. O escritor engajado liga-se à coletividade como que por uma promessa, colocando em jogo sua credibilidade e reputação, e ainda, engajar a literatura a inscreveria num processo que a ultrapassa, fazendo-a servir a algo que não é ela mesma, colocando-a em penhor. A literatura de Orwell era engajada e buscava-se interventiva<sup>18</sup>.

Para pensarmos uma ficção que interfere no plano que chamamos de real, que altera a forma como o mundo é visto pelos leitores e sugere modos de moldar o “real”, as discussões de Wolfgang Iser se fazem úteis. Assim como Derrida, Iser discutiu a noção de *mimesis*: desde Platão a arte tem sido pensada em termos de *mimesis*, a partir de Aristóteles a linguagem foi, também, pensada nesta perspectiva, desta forma os estudos literários foram dominados por esta interpretação, a qual se

---

<sup>15</sup> ORWELL, op. cit., 1968, p. 3.

<sup>16</sup> DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento*: de Pascal a Sartre. Bauru: Editora EDUSC, 2002, p. 31-38.

<sup>17</sup> “Every line of serious work that I have written since 1936 has been written directly or indirectly, against totalitarianism and for democratic socialism, as I understand it” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968, p. 5)

<sup>18</sup> DENIS, op. cit., p. 31-33.

liga a noção de verdade, desvelada pela natureza, que é, então, representada na arte e linguagem. Neste sentido o valor de um livro seria proporcional à verdade que pode carregar – que poderia ser determinada pelo leitor. A arte e a literatura, nesta leitura, seriam repetições de algo vivo<sup>19</sup>.

Literatura, retrato, pintura são, então, imitações, logo, sempre posteriores à coisa em si, que seria mais real e essencial, mais verdadeira, anterior e superior àquilo que imita. Para Iser<sup>20</sup> a obra teria poder de direcionar o modo como a “natureza” é vista, de afirmar o que é a própria natureza. A representação desta a faz falar, ao decretar o que é natureza, a própria natureza ganha na imagem escrita sua identidade, de modo que o significante e o significado se reapresentam mutuamente.

Para o autor, o ficcional não seria imitação, o jogo do texto resulta da transformação dos mundos de referência no texto. Elementos selecionados de mundos reais e imaginários entram em jogo (interagindo entre si, criando cadeias, se rearranjando segundo novos padrões para gerar certo efeito), criam-se sequências de referencialidades a partir deste jogo, assim, no texto, os mundos de referência se transformam. Daí emerge algo que não poderia ser deduzido destes mundos, de modo que não poderia haver representação sem performance, como discutiremos à frente. A existência prévia das circunstâncias ou coisas independente da apresentação, como proposto pela *mimesis*, é questionada por Iser. Contudo, para o autor, a tradição aristotélica já fornecia receitas as quais indicariam que a representação é impensável sem a performance<sup>21</sup>.

O autor parte da noção aristotélica segundo a qual a arte finaliza o que a natureza deixara incompleto, sendo o ofício do artista representar a natureza como ela deveria ser. O artista, assim, realizaria algo relevante para a própria natureza, pois, sendo esta o conjunto de todas as coisas possíveis e reais, ela não pode apresentar todo o possível como já realizado, aqui entra a arte que pode apresentar estas possibilidades e intermediar a relação entre humanos e a natureza. Essa performance do possível ou da natureza idealizada é escondida na interpretação

---

<sup>19</sup> DERRIDA, op. cit., p. 44-127.

<sup>20</sup> ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2017, p. 69.

<sup>21</sup> Ibid., p. 385-386.

clássica da *mímesis*, na qual a performance submetida à *mímesis*. Essa interpretação, a qual se opõem Iser e Derrida, foi deixando de ser dominante, segundo o primeiro, conforme a realidade foi deixando de ser considerada como um dado e começou a ser pensada como um processo contínuo de auto-realização<sup>22</sup>.

Para Iser a *morphé* aristotélica movia a natureza para a mente do artista, pois o que é representado já não seria mais a natureza, mas a forma desta armazenada na memória do artista, tal concepção teria efetuado grande mudança nos fundamentos da *mímesis*, pois nesta perspectiva a natureza precisa se conformar ao repertório de formas comuns ao artista e ao observador da obra. Não se imita mais o objeto, mas condições de percepção. Essas formas não são simplesmente projetadas sobre a natureza, mas funcionam como referência para a imitação<sup>23</sup>.

Nesse sentido, Iser dialogou com Ernst Hans Josef Gombrich, segundo o qual todo o artista teria de conhecer e construir um esquema antes de pensar em ajustá-lo a necessidade de retratar algo. Os esquemas precedem o mundo a ser imitado, que se impõe como correção. Ao esquema corrigido cabe guiar a percepção do mundo da próxima geração, de maneira que seria pensável uma *mímesis* que produz a própria referencialidade. Do movimento de formar e combinar ou enfrentar esquemas e correções surge o objeto fictício. Portanto, Iser não rompe com a *mímesis*, mas tenta compensar o que o conceito perdeu, recuperando a noção de performance<sup>24</sup>.

Iser vê operacionalidade na diferença estabelecida entre *mimesis* e referência. A diferença permite que posições (sob o signo do diferente) se consolidem e se relacionem, estabelecendo sistemas referenciais distintos. Essa desencadeia impulsos de imitação e diferenciação. A tentativa de suplantá-la gera um movimento lúdico, neste movimento as posições do texto não mais representam seu sistema referencial, mas se relacionam com outros referenciais, esquemas e aspectos do imaginário e, novamente, produz diferença<sup>25</sup>.

Aqui, cabe trazer o neografismo derridiano: a diferença. Silviano Santiago explica que este não é nem um conceito, nem uma palavra, funcionando como foco

---

<sup>22</sup> Ibid., p. 386-389.

<sup>23</sup> Ibid., p. 390-391.

<sup>24</sup> Ibid., p. 391-395.

<sup>25</sup> Ibid., p. 399.



de cruzamento histórico e sistemático de diferentes linhas de significados ou forças, que põe em questão a autoridade de uma origem, ponto de partida absoluto. Se coloca como marca muda na relação significante e significado, assinalando a inexistência de uma escritura puramente fonética, e, logo, de uma representação de uma realidade dada que seja puramente reflexo. Essa diferença designaria a produção do diferir, o espaçamento, movimento que torna possível a oposição da presença à ausência. A diferença indica ao mesmo tempo o diferir como espaçamento e como temporização. Como espaçamento, movimento que não se separa da temporização, a diferença estabelece possibilidades de conceitualização: um dos sentidos de diferir é o não ser idêntico, ser outro e discernível, esse diferir é importante para a conceptualização, o conceito – que não está presente plenamente – constitui-se a partir do traço de outros elementos do sistema, sendo necessário que se difira do que não é, assim a diferença torna possível a conceitualidade<sup>26</sup>.

A concepção da diferença como espaçamento e movimento de diferir é útil para a noção de Iser da diferença operatória e da compreensão do mundo fictício como outro mundo. Se a diferença como movimento do diferir pode apontar o outro, discernível e não idêntico, está também possibilitaria a separação do real e fictício, sendo possível, assim, a construção do mundo outro. O mundo sob o signo do *como se* pode se diferenciar do mundo atual e se mostrar como alternativo ou futuro, como é o caso de *1984*. Para Iser, selecionamos elementos do contexto, retiramos estes das cadeias semânticas onde estavam inseridos, esses elementos serão rearranjados e ressignificados no texto, entrando num jogo de posições com elementos do imaginário. No jogo esses elementos se diferem de seu valor e significado no contexto de origem, assumindo outro significado e valor, mostrando-se como *como se*, constituindo o mundo outro, isso seria parte da diferença operatória entre a *mímesis* e a referência. Os elementos relacionados tomam outro sentido, diferem-se da referência, estabelecendo um espaçamento entre seu sentido literário e seu sentido no mundo a partir do qual foi selecionado<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> SANTIAGO, Silviano (org.). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 22-23; DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973, p.29-176.

<sup>27</sup> ISER, op. cit., p. 43-346.

Além disso, Iser atribuiu uma função a literatura de presentificar o sujeito a si mesmo. Incapaz de se possuir, o indivíduo busca na literatura a possibilidade de ser a si mesmo em todas as suas possibilidades, as quais, por razões biológicas ou sociais, não pode experimentar. Através da ficção a pessoa seria capaz de vivenciar a si em infinitas possibilidades. Para Derrida, a diferença gera espaço de respiração para o desejo da presença, o qual traz em si o destino de insaciedade, a “diferença produz o que proíbe”.<sup>28</sup> A diferença entre o ser e ele mesmo daria origem ao desejo de presença de si, que resulta no consumo e criação de ficções, mas que termina com a inabilidade do sujeito de se pertencer. Neste sentido o *como se possui*, também, uma função de suplementariedade na qual suplementa esta ausência de si<sup>29</sup>.

O suplemento seria uma adição, um significante que se acrescenta para substituir e suprir uma falta do significado, pode fornecer um excesso, sendo, então, um outro, exterior, acrescentado ao mesmo (original e presente), inscrito nas margens do mesmo. Na desconstrução da metafísica da presença realizada por Derrida, a “ausência do centro e da origem seria substituída pelo suplemento que se coloca numa estrutura para suprir essa ausência e ocupar seu lugar temporariamente”. O signo suplementa a coisa em si, o significado, porém, o sentido do ser, coisa ou circunstância representada não seria atribuído fora do signo ou das substituições (pois isso requer um significado essencial presente na coisa), nas quais a fala substitui a presença do ente ou essência, e é substituída pela escritura, a qual suplementa a fala, mas dentro das cadeias de suplementariedade<sup>30</sup>.

O que Derrida busca com essas discussões, é analisar e desconstruir o logocentrismo, processo de centramento da fala, do logos e da presença, que tem por consequência o rebaixamento da escritura como mero suplemento. Nesse processo a escritura aparece como *phármakon*, suplemento morto que se afasta da presença, matando a presença viva<sup>31</sup>. Como *phármakon*, o suplemento aparece como perigoso tranquilizador da não-presença, que não é ente<sup>32</sup>, mas também não é não-ente, furtando-se à alternativa simples da ausência e presença. Seu perigo

---

<sup>28</sup> DERRIDA, op. cit., 1973, p. 176.

<sup>29</sup> ISER, op. cit., p. 402.

<sup>30</sup> SANTIAGO, op. cit., p. 14-88.

<sup>31</sup> DERRIDA, op. cit., 1973, p. 17-32.

<sup>32</sup> DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 17-122.

estaria na possibilidade do suplemento se passar pelo original. O suplemento é remédio e veneno, bem e mal, verdadeiro e falso, dentro e fora, primeiro e segundo, ele supre e acrescenta nas faltas e ausências. Derrida responde a esta lógica metafísica logocêntrica defendendo nunca ter havido uma linguagem natural imaculada pela escritura, nem um significado original, presente, fora de qualquer cadeia de suplementariedade ao qual o signo remeteria. Sendo que o significante remeteria não apenas ao significado ausente, mas também a outros significantes, entre os quais há uma diferença (A é A porque não é B), de maneira que os significantes carregam o rastro de outros signos<sup>33</sup>.

Nesse sentido, a linguagem e, por consequência, a literatura, não simboliza o real, mas o constitui, seria, assim, pensável uma arte intervencionista. A literatura recria seus mundos de referência, com base em esquemas, diferindo sua criação de outros mundos atuais e possíveis. O mundo criado no texto não remete a um mundo real ausente, recriado na imitação, mas remete a um mundo performado, fingido o qual pode suplementar a relação entre o sujeito e o mundo o qual habita e chama por real, assim como pode ser base de ação no mundo “real” — propôs Iser.

O fictício, para Iser, possui funções suplementares na relação do humano consigo mesmo e na relação do humano com o “real”. O autor trouxe a discussão de Hans Vaihinger, para o qual a psique age sobre o material oferecido pelos sentidos: funções lógicas atuam, estas examinam os sentimentos e seccionam parte do material oferecido, misturam este material a adições subjetivas, se afastando da realidade dada, aperfeiçoando-o. Algo sempre escaparia aos sentidos, causando uma percepção de ausências que seria coberta pela imaginação. A forma imaginada puxa o ficcional, que apresenta, desta maneira, uma função de organização de mundo, pois o que existe não pode se organizar por si mesmo. Nesse sentido, o ficcional auxilia a interpretação dos dados retirados da natureza e preenche suas lacunas<sup>34</sup>.

Nessa função o ficcional não é oposto ao real, mas permanece fora dele. Iser nota que a ficção foi incluída na divisão sujeito/objeto, e seu papel nessa se

---

<sup>33</sup> SANTIAGO, op. cit., p. 11; DERRIDA, op. cit., 1973, p. 44-80.

<sup>34</sup> ISER, op. cit., p. 186-201.

modificou de acordo com as compreensões dos limites do conhecimento, a qual se altera ao longo dos séculos. Na relação epistemológica a ficção assinala um *déficit*.<sup>35</sup>

Indo além da dicotomia real-ficcional, Iser trouxe o debate de Nelson Goodman, no qual a relação é estabelecida entre o real e o possível. Goodman compreende a ficção como modo de constituição de versões de mundo: essa antecederia as versões. As versões de mundo seriam tão reais quanto atuais, criando a dicotomia atual e fictício. Fictício sendo, portanto, fonte de mundos possíveis — para Goodman existiria apenas o possível, sem algo impossível por baixo. Os mundos seriam feitos de mundos. Os modos de produção de mundo são formas pelas quais nos colocamos além dos limites da versão em que vivemos. Dessa forma não há mais realidade sem ficção, esta se torna pressuposto básico de toda facticidade<sup>36</sup>.

Assim, gradualmente a ficção vai passando de representação e chegando à intervenção, segundo Iser. Em Goodman não há suplementação entre real e fictício, pois não há uma oposição entre estes, ambos são versões móveis de mundo, podendo alterar uma a outra a todo o tempo. Todavia, o humano ainda pode experienciar diversas versões de mundo através da literatura, que, desta maneira, é uma materialização (e criação) do mundo possível, exercendo uma espécie de papel suplementar entre o leitor e o possível. Cada ficção é uma forma de acesso ao mundo (atual e/ou possível), e sua forma não está dada no mundo, pois sua composição se dá através da decomposição das estruturas existentes na versão de mundo em que o autor está envolvido. A nova composição é, então, posta sob o signo do fingimento, o qual muda a atitude do leitor perante a obra<sup>37</sup>.

Na ficcionalização cria-se um mundo inventado, este coexiste com o mundo sócio-histórico, nessa coexistência cada um desses mundos é um significante que não se cumpre naquilo que designa, mas cada um é significante para o outro. O mundo artificial é lido com os olhos do mundo político-social e vice-versa. A escritura, nessa noção, assume um lugar muito maior do que mero reflexo ou sombra, assume um papel atuante na compreensão do mundo atual. A literatura de ficção, enquanto materialização de possibilidade de mundo, capaz de gerar

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 220-221.

<sup>36</sup> Ibid., p. 207- 219.

<sup>37</sup> Ibid., p.39-224.

mudança na dicotomia atual/possível, dá a escritura um espaço muito maior do que essa teria para a concepção logocêntrica, a qual se opusera Derrida e, em certa medida, Iser<sup>38</sup>.

A partir da oposição a uma determinada compreensão de *mimesis*, as concepções de Wolfgang Iser e Jacques Derrida podem entrar em diálogo. Este último autor discutiu a literatura em termos de instituição regida por leis, sem essência ou identidade, suas críticas à busca da verdade na literatura e aos estudos literários regidos por uma perspectiva metafísica são úteis para ampliar o horizonte de leituras da literatura. A concepção de uma literatura sem essência dialoga com a concepção de Iser da ficção sem identidade e com múltiplas funções que se alternam pelo espaço-tempo.

Iser compreendia a ficção em termos de performance, de encenação de um mundo possível contraposto ao mundo atual. Algumas funções foram levantadas pelo autor para a literatura, tendo sido estas: a possibilidade de conhecer o real pelo fictício; o vislumbamento das possibilidades que cercam o mundo dado e de ação pelo uso do mundo fictício como referência para a constituição de novos mundos possíveis; a possibilidade de possuir-se em todas as suas amplitudes de capacidades e a habilidade de vivenciar-se como um outro e de vivenciar seus outros. Estas concepções permitem ver a literatura como parte ativa de uma dicotomia entre mundo atual e mundos possíveis. A literatura suplementaria a relação entre o eu e todos os outros possíveis eus, assim como a relação do indivíduo com os mundos possíveis e atuais. A oposição à noção da escritura como representante da presença que se ausentou, possibilita pensar o mundo possível como tão constituinte do plano real quanto o mundo atual, bem como possibilita ver as projeções como participantes do contexto mesmo.

Essa discussão é relevante para pensar a literatura engajada de Orwell, principalmente *1984* e *Animal Farm* (mas não exclusivamente), obras que performam mundos possíveis, irreais, os quais o leitor deve ler como irreais, mas referentes ao mundo atual, e como mundo possível a se temer e evitar. De modo que, com *1984*, Orwell busca levar o leitor à ação política. A literatura não apenas cria beleza e passa-tempos, assim como não só veicula uma ideologia hegemônica,

---

<sup>38</sup> Ibid., p. 304-346.

mas transmite múltiplos discursos que, cada um à sua maneira, visam causar impactos no leitor e, no caso da literatura engajada, buscam inspirar mudanças sociais e ações políticas, objetivam gritar basta e denunciar governos e práticas. Este é o caso da literatura ensaística, testemunhal e ficcional de Orwell.

Sua literatura testemunhal também parte de atos de seleção, coloca os elementos selecionados em jogo com elementos provenientes de diversos mundos de referência (como jornais e narrativas ficcionais de autores anteriores a ele, como Jack London e Henry Miller), gera novas cadeias de significação, faz, do jogo, emergir uma figuração do mundo atual, este é performado numa narrativa testemunhal, sob o signo da promessa de veracidade<sup>39</sup>. É nessa perspectiva de literatura performática que visa interferência para construção do mundo atual à Orwell, que as fontes literárias e jornalísticas do autor são lidas neste trabalho. Buscamos nela as lutas políticas do escritor e sua interação combativa com seu tempo.

A produção do escritor respondeu, principalmente, ao imperialismo inglês, fascismo e totalitarismo. O ensaísta foi ativamente antifascista, chegando a lutar na Guerra Civil Espanhola. Definições de fascismo, assim como a determinação de que regimes se enquadram no conceito de fascismo, variam de autor para autor. Robert Paxton, autor da *Anatomia do Fascismo*, optou mesmo por não defini-lo, pois tanto a política quanto os discursos fascistas foram alterados diversas vezes desde a sua formação até o fim dos seus governos. Ainda, para o autor, devido às contradições entre fundamentos ideológicos e práticas efetivamente realizadas, não seria possível elaborar uma definição estática do movimento, portanto, o que o estudioso buscou foi ressaltar como as atitudes dos governos foram definidas pelas necessidades que enfrentavam e direcionadas por diretrizes alteradas constantemente<sup>40</sup>.

Michael Mann, autor de *Os Fascistas*, opta por não dar uma definição genérica, que possa ser aplicada em diferentes tempos e lugares, mas apenas uma definição heurística referente ao período entre guerras. Segundo este, o fascismo foi

---

<sup>39</sup> Ver: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2007.

<sup>40</sup> MONTEIRO, Gustavo Feital. Definindo o fascismo: comparando análises e interpretações. *Faces de Clio*. Juiz de Fora - MG, v. 4 n. 8, jul. / dez. 2018, p. 60-80. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/8\\_D4\\_Gustavo-Feital-Monteiro-60\\_80.pdf](http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/8_D4_Gustavo-Feital-Monteiro-60_80.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2019.



a tentativa de construção de um Estado-nação transcendente e expurgado por meio do paramilitarismo. Os regimes fascistas veneravam a ordem e protegiam a propriedade privada; todos eles incorporariam o estatismo autoritário, rejeitando a democracia e o federalismo — que seriam regimes viciosos na ideologia fascista. Além disso, todos viriam a abraçar o nacionalismo orgânico, ou seja, a nação deveria ser indivisível, expurgada dos subversivos. Ainda, embora a maioria dos autoritários se apoiem em poderes militares e policiais do antigo regime, os fascistas preferiam seus próprios paramilitares<sup>41</sup>.

Os termos nacionalismo, estatismo, expurgos, paramilitarismo e transcendência foram explicados por Mann. O nacionalismo fascista representava um compromisso com a nação orgânica e integral, o que significava uma baixíssima tolerância para diversidade étnica e cultural da nação. A violência contra os inimigos que supostamente ameaçariam essa unidade orgânica estava na origem do extermínio fascista. Esta nação seria organizada em um Estado, que era, ao mesmo, tempo uma forma de organização e uma meta, os fascistas adoravam o poder do Estado corporativista, o qual seria, presumidamente, capaz de resolver crises e gerar desenvolvimento econômico, social e moral<sup>42</sup>.

O Estado representante de uma nação orgânica precisava ser autoritário, encenando uma vontade única e coesa, que seria expressa por uma elite partidária. Mann afirmou que, na prática, o fascismo tinha um Estado surpreendentemente fraco. “Como os comunistas, os fascistas apresentavam uma dialética entre movimento e burocracia revolução permanente e totalitarismo<sup>43</sup>”, o Estado uno burocrático dos fascistas era solapado por sua militância partidária e práticas militares, assim como pelos acordos com as elites rivais — essenciais para a tomada de poder. Portanto, o autor concluiu que o fascismo era mais totalitário em seus objetivos do que na efetiva forma de seu regime<sup>44</sup>.

Já no que tange à transcendência, o pesquisador explicou que os fascistas tiveram origem tanto na esquerda quanto na direita e no centro, assim como tiveram sustentação de diferentes classes. Estes atacavam tanto o capital quanto o trabalho

---

<sup>41</sup> MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 26-67.

<sup>42</sup> Ibid., p.27-28.

<sup>43</sup> Ibid., p. 28.

<sup>44</sup> Ibid., p. 27-28.

e as instituições liberais democráticas. O nacionalismo de Estado deveria ser capaz de transcender os confrontos sociais entre estes grupos, reprimindo os fomentadores de antagonismos, bem como incorporando as classes nos grupos de interesse das instituições corporativistas fascistas. Na prática a maioria dos regimes continuava capitalista. A transcendência dos conflitos se liga à necessidade dos expurgos, os quais consistiam em uma limpeza dos adversários pelo homicídio. Os fascistas apoiavam a ideia de assassinato moral, sustentando que a violência paramilitar deveria expurgar, purificar e regenerar a nação. Estes se consideravam numa cruzada contra o mal, que estava encastelado em instituições sociais específicas, podendo, desta maneira, ser descartado<sup>45</sup>.

Outro elemento primordial e decisivo do fascismo foi o paramilitarismo, o qual crescia espontaneamente, de baixo para cima. Consistia na fonte de violência prática do fascismo. Sua forma era elitista e hierarquizada. Apesar de sua importância para o movimento e regime, os paramilitares não forneciam aos fascistas meio efetivo de violência para enfrentar forças armadas, assim sendo, os golpes fascistas ocorriam quando estes eram capazes de neutralizar as forças do governo no poder atraindo soldados. Ainda, clima de camaradagem do paramilitarismo favorecia o comprometimento dos jovens do sexo masculino, para os quais o movimento representava uma instituição total<sup>46</sup>.

O paramilitarismo teve uma clientela de três gerações: primeiro, veteranos de direita da 1ª Guerra Mundial, que idealizavam companheirismo interclassista da frente de batalha e se desiludiram com a democracia civil do pós-guerra. Eles construíram práticas militares em tempos de paz em movimentos próprios — os movimentos paramilitares. A segunda geração foi composta pelos jovens que não tinham idade para lutar na 1ª Guerra Mundial, mas a idealizaram. Já a terceira geração teve apenas acesso distorcido às memórias da guerra e geralmente seguia sujeitos da primeira e segunda geração, já em posições de comando quando da adesão dos indivíduos da terceira geração. Este anseio pela experiência militar vivido pela primeira geração é resultado do que Mann chama por crise militar<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> Ibid., p.20-30.

<sup>46</sup> Ibid., p.31-32.

<sup>47</sup> Ibid., p. 31-44.

O autor observa que o período do entreguerras foi fustigado por quatro grandes crises: a primeira seria composta de consequências da 1ª Guerra Mundial e do retorno dos soldados; a crise de 1929 trouxe a exacerbação do conflito de classes; a tentativa de muitos países de transicionar muito rápido para a democracia; e a sensação de contradição decadência da civilização, gerada por esta tentativa e suas dificuldades. O fascismo reconhecia a importância destas crises, e se dizia capaz de solucioná-las. Países em que as quatro crises estavam presentes, tiveram fascismos mais fortes. Estas parecem, ao sociólogo, terem sido causas necessárias do fascismo, mas nenhuma delas foi causa individual<sup>48</sup>.

Além disso, ciclos econômicos não tiveram uma relação simples ou genérica com a ascensão do fascismo, mas a crise de 1929 fez com que diversos regimes vacilassem. É possível que a crise seja fator importante para a debilitação dos regimes, dando aos autoritários a oportunidade de propor soluções e se organizarem. Já no que se refere às crises políticas, essas mesmas, assim como diversos golpes, decorreram de disputas entre facções pelo controle dos Estados. O centro e leste da Europa efetuavam transições para ao regime democrático liberal em meio a uma onda crescente de nacionalismo e Estatismo. Mann expôs que os países do eixo começaram tarde o processo de liberalização e construção nacional, e só introduziram o governo democrático pouco antes de entrar em colapso. A liberalização teria ocorrido no setor parlamentar sem ser acompanhada de mudança semelhante no executivo, que continuava dominada por elementos do antigo regime. Dessa contradição resulta o que Mann chamou de Estados duais. A instabilidade e crise de transição que ocorria em sociedades de massas desequilibradas foi fonte de desordem e insegurança. As coisas começavam a parecer arriscadas e poderiam se agravar. Com medo do perigo vermelho, os conservadores, com acesso aos poderes de repressão, poderiam retaliar primeiro, levando a autoritarismos<sup>49</sup>.

Mann notou que, ainda que o Estado-nação não fosse algo novo na Europa da época, a massa da população só tinha se tornado efetivamente parte deste recentemente. Já durante o século XIX surgiu um nacionalismo mais agressivo, que, em certa medida, cresceu porque aspirações de um governo representativo vieram a ser dominadas pela ideia de que todo o povo deveria governar. A direita exortava os

---

<sup>48</sup> Ibid., p. 40-41.

<sup>49</sup> Ibid., p. 87-112.

nacionalistas e os chamavam para que lutasse contra o liberalismo e o socialismo, a direita controlava, até determinado ponto, as massas, mas não confiava nelas<sup>50</sup>.

Nesse cenário a promessa de transcendência foi o que mais atraiu membros para o movimento fascista. Esta clientela provinha de setores que não estavam nas linhas de frente da luta entre o capital e o trabalho. Seus membros não costumavam ser trabalhadores de manufatura urbana ou empresários e gerentes; tampouco marginais, sua posição era relativamente segura. Como sentiam repulsa pela luta de classe, favoreciam movimentos que prometiam transcendê-la<sup>51</sup>.

Esta clientela se somava à paramilitar, da qual já falamos brevemente, e a nacionalista. A clientela paramilitar se tratava de homens de três diferentes gerações, ex-soldados da Grande Guerra, jovens que não lutaram e aqueles que nem mesmo viram a guerra. Tinham acesso a valores fascistas através de instituições de socialização de rapazes (ensino secundário e superior) em que eram estimuladas ideias de progresso moral e militarismo, além da característica machista, que inseriam esses jovens no *ethos* da bravata e violência semi-disciplinada. Já a clientela do nacionalismo de Estado tendia a ter educação superior, alguma experiência militar, e a trabalhar no serviço público, ou ser originária de setores religiosos e regionais específicos<sup>52</sup>.

A maioria dos recrutados entrava no movimento ainda jovem, solteiro e antes de finalizar sua formação, com pouca experiência civil como adulto. Para estes jovens o movimento e o partido representavam espaços de socialização. Nestes os militantes viviam em intensa camaradagem, que se tornava ainda mais forte nos casos de clandestinidades. Os envolvidos no paramilitarismo precisavam de muito tempo e dedicação, estes apreciavam a disciplina e o companheirismo na realização de atos de violência. Violência esta que se dava em meio à afirmação machista de masculinidade e consumo de excessivo álcool, liberando inibições<sup>53</sup>.

Para Mann a ideologia teve importante papel no fascismo. De acordo com o autor os precursores intelectuais do fascismo e os intelectuais em geral tiveram grande importância, embora o movimento não tivesse uma teoria sistemática, mas

---

<sup>50</sup> Ibid., p. 52-57.

<sup>51</sup> Ibid., p. 44.

<sup>52</sup> MANN, loc. cit.

<sup>53</sup> Ibid., p. 47-48.

sim um conjunto de “antis” — antiliberal, antissocialista, etc.<sup>54</sup> Discordando de Paxton, para quem o fascismo não teria recebido um embasamento ideológico coeso, pois rejeitava a base intelectual e se baseava na ação e emoção. Para Paxton elementos como oposição ao liberalismo, ao socialismo, à democracia e o racismo já eram presentes na Europa, estes em conjunto com os intelectuais que foram citados como criadores do fascismo explicam melhor o espaço deixado para o movimento do que o fascismo em si. Ainda, o fascismo e o nazismo chegavam a contradizer afirmações e propostas iniciais quando era conveniente, ou necessário<sup>55</sup>.

Tal habilidade de contradição não altera a posição de Mann. Para este, a ideologia fascista foi uma resposta à crise ideológica vivida pelas sociedades europeias. Esta enfatizava o nacionalismo, racismo, a violência, criticava o liberalismo, o socialismo e outros pensamentos considerados ameaças à nação. As instituições educativas teriam cumprido papel muito importante na transmissão dos valores fascistas. O número de estudantes universitários no fascismo quadruplicou entre 1900 e 1930, no pós-Primeira Guerra Mundial a explosão de políticas estudantis foi para a direita. As novas ideias desta estavam permeadas de idealismo jovem. O fascismo era moderno, futurista, atraindo jovens do sexo masculino. Ainda, na Europa a educação era fornecida pelo Estado, majoritariamente, sendo, portanto, um bastião do estatismo conservador. Na leitura de Mann a *intelligentsia* era mais atraída ao fascismo, pois esta habitava meios em que promessas de transcendência e nação orgânica pareciam plausíveis<sup>56</sup>.

O medo desempenhou grande papel no pensamento e ascensão fascista. A defesa da ordem, segurança e propriedade privada foram fortes substratos ideológicos e a revolução bolchevique trazia dois medos: o primeiro de expropriação da propriedade e privilégios, o segundo ameaça que pairava sobre uma revolução bem-sucedida, de que houvesse uma guerra de classes sem fim<sup>57</sup>:

O medo do risco em um contexto de preocupação ideológica com a ordem e a segurança podiam levar à investidas preventivas de repressão. A transferência de poderes soberanos aos adversários em casos de derrota eleitoral era rotineira no noroeste [da Europa], mas problemática em outras

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 23-123.

<sup>55</sup> PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 75-77.

<sup>56</sup> Ibid., p.124-127.

<sup>57</sup> Ibid., p. 94.

regiões, nas quais 'nós' cada vez mais significava moralidade, civilização e ação orgânica, e 'eles' os ameaçadores, traidores e 'estrangeiros'. [...] Quando um movimento acreditava que seus fins justificavam os meios estará mais disposto a recorrer à violência.<sup>58</sup>

Foi a este regime que Orwell reagiu e contra o qual lutou. A ascensão de regimes fascistas causou uma aproximação da intelectualidade, principalmente de esquerda (mas não exclusivamente), à luta política antifascista. A Guerra Civil Espanhola atraiu cidadãos de todo o mundo às brigadas internacionais e aos fronts dos partidos, dando forma a uma luta internacional contra o fascismo (ainda que não tenha sido somente isso). Hobsbawm, apontou alguns motivos possíveis para a atração dos intelectuais à luta antifascista, estes seriam: o fascismo ultrapassava as fronteiras da Itália e tornava-se a maior expressão internacional de direita; ao se impor contra Marx, Voltaire, John Stuart Mill, ao rejeitar tanto o liberalismo como o socialismo e toda a herança iluminista, os movimentos fascistas punham em jogo todo o futuro da civilização; ainda, o fascismo significava guerra e para os que lutaram na 1ª Guerra Mundial, os conflitos derivados destes regimes (putsch nazista na Áustria em 1934, a guerra na Etiópia em 1935 e etc.) eram uma séria ameaça à paz<sup>59</sup>.

Em 1932 aconteceu, em Amsterdã, o Congresso Mundial Contra Guerra e foi criada a Associação dos Escritores e Artistas Revolucionários na França. Em 1933 houve um Congresso Mundial da Juventude Contra a Guerra e o Fascismo em Paris, em 1935 ocorreu o Primeiro Congresso de Escritores para a Defesa da Cultura e no mesmo ano surgiu a Aliança de Intelectuais Antifascistas pela Defesa da Cultura na Espanha. Com a Guerra Civil Espanhola a Aliança Internacional de Intelectuais Antifascistas escolheu Madrid e Valência como sedes para o II Congresso Internacional de Escritores. Esta movimentação, segundo Cequeira, apresenta uma opção pela cultura como uma arma para a defesa da democracia, feita por diversos artistas<sup>60</sup>.

O fascismo despertou o terror na década de 1930, quando os exércitos alemães marchavam sobre a Europa. Parecia que Hitler conquistaria o mundo,

---

<sup>58</sup> Ibid., p. 128.

<sup>59</sup> HOBBSAWM apud COSTA, 2007, p.98.

<sup>60</sup> CEQUEIRA, João. Arte e literatura na guerra civil de Espanha. *Revista da Faculdade de Letra: Ciência e Técnica do Patrimônio*, Porto, série I, vol. V-VI, p.135-140, 2006-2007. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6623.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019, p.135.



apagando todo e qualquer vestígio de liberdade e democracia. O totalitarismo foi outro temor de Orwell, diferente do fascismo, que eventualmente desapareceu dos textos do autor, o totalitarismo foi uma sombra que pairou sobre o horizonte de expectativas do escritor até sua morte. J. Chansin observou que o conceito de totalitarismo, acima de tudo, traduziria a ideia do monopólio do poder, sendo uma oposição radical ao Estado liberal. Neste último predominam a lei, a razão e a liberdade, estas são garantidas pela difusão do poder e pelo pluripartidarismo. Já o Estado totalitário seria um sistema no qual prevalecem a violência extremada – o terror – e a dominação hipertrofiada pela concentração do poder e nutrida pelo monopólio político do partido único<sup>61</sup>. Cinco características deste tipo de Estado seriam:

1) transição de um estado de direito para um estado policial; 2) transição do poder difuso nos estados liberais para a sua concentração no regime totalitário; 3) a existência de um partido estatal monopolista; 4) transição dos controles sociais que passam de pluralistas para totalitários; 5) a presença decisiva do terror como ameaça constante contra o indivíduo.<sup>62</sup>

Para Hannah Arendt, depois da 1ª Guerra Mundial uma onda de movimentos totalitários e semi totalitários varreu a Europa, contudo nem Mussolini, usuário da expressão “Estado totalitário”, tentou estabelecer um regime totalmente totalitário (se contentando com uma ditadura unipartidária). Em diversos países assolados por ondas fascistas, o Estado totalitário não era atingido, isto se deveu à baixa quantidade de material humano disponível para a implantação de tal regime e as perdas populacionais decorrentes desta implementação, segundo a autora. Os únicos países que chegaram a esse regime foram a Alemanha e a União Soviética (por diferentes vias).

A ascensão totalitária está ligada, entre outras coisas, ao apelo às massas. Arendt observa que os movimentos nazista e comunista, depois de 1930, recrutaram os seus membros dentre as massas de pessoas aparentemente indiferentes, que aos outros partidos pareciam apáticas ou desinteressadas demais. Ao focar tais cidadãos estes movimentos arregimentavam indivíduos que nunca haviam

---

<sup>61</sup> CHASIN, J. Sobre o conceito de totalitarismo. *Verinotio*: revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, Ano VIII, n. 15, ago. 2012, p. 25. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/atual.php>>. Acesso em: 03 set. 2019.

<sup>62</sup> Ibid., p. 15.

participado da política, podendo, deste modo, moldar um grupo que nunca havia sido atingido por outros partidos através da propaganda política. O sucesso destes movimentos significava o fim da ilusão democrática de que o povo, majoritariamente, participava ativamente do governo e que todo o indivíduo simpatizava com algum partido. Assim sendo, a queda dos regimes liberais também se deveu às falhas dos seus próprios pressupostos<sup>63</sup>.

Para Arendt, as massas estariam fora de qualquer ramificação social e representação política normal, essas refletiriam os padrões e atitudes das classes dominantes em relação aos negócios públicos, mas os padrões dos homens de massas seriam determinados não apenas pela sua classe, mas, acima de tudo, por influências e convicções gerais. Para a autora o colapso do sistema partidário se relacionava com o colapso das classes (como sistema de participação e luta político partidária), pois, como já dito, grande parte dos membros de todas as classes ficavam de fora da política. Este caráter apolítico da grande maioria da população teria vindo à tona com o colapso da sociedade de classes, devido à massificação dos sujeitos. Tal quebra transformou os números adormecidos em grande massa desorganizada e desestruturada de indivíduos furiosos e desesperançosos com o contexto político e econômico (devido ao desemprego)<sup>64</sup>.

A transição do indivíduo em massa se deveu, segundo Hannah Arendt<sup>65</sup> e Marcuse<sup>66</sup>, à atomização social e individualização extremas que precederam os movimentos de massas. A principal característica do homem de massas é seu isolamento e falta de relações sociais normais. Este isolamento se originou na estrutura corporativa, a qual gera solidão e individualização extrema. Arendt narrou que na União Soviética repetidos expurgos destruíram as conexões sociais e familiares, pois outros membros da família eram ameaçados com o mesmo fim que o acusado, de maneira que, quando alguém era acusado, todos seus amigos e familiares se voltavam contra ele, tentando sobreviver. Estes entregavam provas e

---

<sup>63</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012, p.439-440.

<sup>64</sup> Ibid., p. 442-444.

<sup>65</sup> Ibid., p. 446.

<sup>66</sup> MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo, SP: Ed. da UNESP, 1999.

denúncias, além de buscar provar que sua amizade com o acusado não era nada senão uma tentativa de espioná-lo<sup>67</sup>.

As massas surgiram dos fragmentos das sociedades atomizadas, cuja estrutura competitiva, e concomitante solidão, só eram controladas quando o indivíduo era parte de uma classe. O isolamento e a falta de relações sociais normais é o que caracteriza o homem de massas, vindo da sociedade de Estado-nação, dominada por classes cujas fissuras haviam sido cimentadas por nacionalismos — adotados por estas massas<sup>68</sup>. Estes sujeitos eram, então, levados à lealdade extrema ao partido que os abarcava.

Os movimentos totalitários, contendo a ideia de que sua organização atingiria toda a humanidade, demandavam lealdade total, irrestrita, inalienável e inalterável de seus membros, o que só seria possível através do isolamento completo. Isso pois o homem desprovido de outros laços só tem sentido e lugar quando pertencem ao partido. Além disso, os totalitarismos criam a ideia de que tudo que não está dentro do movimento está morrendo, fazendo com que os membros não consigam conceber a vida fora deste grupo de homens, que “mesmo condenados, ainda se sentem superiores ao resto do mundo não iniciado<sup>69</sup>”. Essa lealdade se soma ao, ou se torna o, fanatismo, o qual atinge um nível em que o membro, quando condenado pelo regime, está disposto a tramar a própria sentença desde que não perca o status de membro<sup>70</sup>.

Para a Arendt é compreensível que as convicções de um nazista ou bolcheviquista não fossem abaladas por crimes cometidos contra os inimigos, mas a espantava que um membro não se abalasse nem quando ele mesmo se torna vítima da opressão. Pelo contrário: para assombro de todos, esse sujeito estava disposto a colaborar com a própria condenação e sentença de morte, contanto que o seu status como membro do movimento permanecesse intacto. Esse fanatismo seria inatingível pela experiência e argumento. Esse tipo de apoio das massas era o que sustentava

---

<sup>67</sup> Ibid., p. 554.

<sup>68</sup> Ibid., p. 444.

<sup>69</sup> Ibid., p. 518.

<sup>70</sup> Ibid., p. 454.

as lideranças totalitárias, nem Hitler nem Stalin teriam sobrevivido no poder por tantas crises sem este apoio<sup>71</sup>.

Na Rússia a ditadura unipartidária acrescentava apenas mais uma classe à estratificação do país já em curso (pois a burocracia criava uma classe separada que tudo possuía — já que possuía o Estado). A pluralidade de grupos e nacionalidades ficava no caminho de Stalin quando este começava a preparar o país para o totalitarismo. Com o objetivo de produzir uma massa amorfa atomizada, era necessário eliminar o resto do poder dos soviets. A classe média, composta de pequenos proprietários urbanos e rurais, foi eliminada por fomes, expurgos e migrações. A consciência de classe dos trabalhadores das fábricas foi eliminada pela concorrência feroz imposta entre eles pela solidificação de uma aristocracia operária. Stalin eliminou toda a administração de órgãos governamentais, fábricas e entidades econômicas ou culturais em dois anos (1936-1938). Nenhum destes grupos era hostil ao governo. Nem é provável que viesse a se tornar<sup>72</sup>.

Susan Buck-Morss observou que o modelo socialista soviético, em teoria ao menos, deveria fornecer uma alternativa ao Estado-nação. A descrição da soberania como uma “ditadura do proletariado” se opõe a toda concepção de Estado burguês. Na teoria soviética, o Estado socialista se funda sobre a soberania política dos trabalhadores e trabalhadoras, dos quais o partido é o legítimo representante. O partido e não o Estado. Esse primeiro reivindica o uso da força e da violência para combate do inimigo, que seria as forças contra-revolucionárias. Enquanto no Estado-nação os partidos competem pelo controle do aparato preexistente e, conseqüentemente para tornarem-se o Estado, no regime soviético o Partido Comunista (PC) constrói o Estado socialista. Este cria e usa as instituições estatais para administrar a política do partido, assim como purga as instituições engendrando a guerra de classes no seu interior. A futura estrutura política apresentada por Lênin em 1917 era baseada na Comuna de Paris, nesta os soviets, unidades auto-governantes que emergiram espontaneamente antes da revolução, deveriam se tornar unidades administrativas. Nesta visão bastante anarquista, Lênin pensava uma estrutura em que toda a população participasse do governo da sociedade através do sistema de soviets de fábricas, de marinheiros, soldados, cooperativas e

---

<sup>71</sup> Ibid., p. 435-436.

<sup>72</sup> Ibid., p. 448-451.

etc. em que seriam debatidas metas políticas por seus oficiais eleitos. Seria uma democracia construída desde baixo, sem oficialismo e polícia, sem exército permanente – em vez disso haveria milícias voluntárias e todos teriam direito a portar armas<sup>73</sup>.

Na Guerra Civil o serviço voluntário foi substituído por um exército permanente e o partido deu suporte às suas reivindicações soberanas com um novo instrumento de coerção, a Tcheka, polícia política do Estado. O contínuo Terror Vermelho foi declarado pelo Comitê Central para contrapor o Terror Branco, mais ainda: este deveria ser aplicado sem piedade não apenas contra traidores e sabotadores, mas contra covardes, egoístas, cúmplices e todos que ocultavam algo – de modo que o inimigo não mais era definido por sua classe. O inchaço estatal durante a NEP (Nova Política Econômica) produziu instituições poderosas de governança que aumentaram enormemente o alcance e escopo do regime bolchevique. Ao mesmo tempo, Estado e partido se separavam, cabendo ao primeiro a neutralidade e ao segundo a vanguarda da luta de classes. Ainda durante a gestão de Lênin, as organizações Estatais começavam a ser monitoradas internamente por facções do partido, encarregadas de garantir sua lealdade ao PC. O Estado não deveria ser político, só o partido deveria sê-lo. Lênin construiu as instituições estatais como zonas neutras e Stalin as expurgou ao atacar especialistas em nome de uma renovada guerra de classes. Apenas a vigilância extrema poderia salvar o partido do inimigo interno. O exercício legítimo da violência pela NKVD (polícia política) colocava os membros do partido sob pressão para acusar uns aos outros, pois, caso contrário, corriam o risco de serem acusados. Assim a dinâmica do terror alimentava a si mesma<sup>74</sup>.

Durante o governo de Stalin ocorreu a duplicação das funções. Os regimes totalitários não eram monolíticos, mas tinham funções e instituições duplicadas e paralelas, pressionando uma a outra, sem que os membros nestas funções soubessem qual função é a vigiada e qual é a vigilante. De forma que esses

---

<sup>73</sup> BUCK-MORSS, Susan. *Mundo de sonho e catástrofe: o desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e nos Estados Unidos*. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

<sup>74</sup> Ibid., p. 43-49.

mesmos estariam sob constante pressão e terror. O que segurava essa estrutura era o culto ao líder<sup>75</sup>.

O terror totalitário se diferenciava do terror autoritário, pois o último se direcionava aos inimigos do governo, enquanto o governo totalitário ameaçava também cidadãos inofensivos e carentes de opiniões políticas. O terror alcançou maior importância no nazismo que no comunismo. No primeiro regime, esse funcionava como “propaganda de força”, aumentou progressivamente conforme a população via os nazistas como mais poderosos que as autoridades. Os expurgos constituíam instituições dos governos e poderiam ser esperados em intervalos regulares. O terror atendia ao fim de derrotar o oponente e impossibilitar oposições futuras, mas só depois, quando o regime já não tem de recear a oposição, que o terror total é atingido. Hannah Arendt afirmou que processos como expurgos e campos de concentração visam destruir a psique humana, com destruição desta, do caráter e individualidade de um sujeito, restavam apenas seres inanimados que não mais poderiam ser compreendidos psicologicamente. Quando um governo totalitário detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e usa a violência não mais para assustar o povo, mas para dar realidade a suas doutrinas ideológicas<sup>76</sup>.

A outra face do terror era a propaganda. Para existir em um mundo não totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer à propaganda, a qual era dirigida às camadas não totalitárias do país. Essas propagandas enfocavam tudo que fosse oculto ou mantido em silêncio, o mistério era o primeiro critério de escolha do tópico. Para a autora a eficácia deste modelo de propaganda evidencia uma massa moderna que não acredita no visível ou em suas próprias experiências, apenas em sua imaginação, podendo ser seduzida por qualquer coisa universal e congruente. O que a convence não são fatos, mas a coerência com o sistema de que estes fatos fariam parte. A força da propaganda totalitária está na recepção dos conteúdos, os quais não devem ser recebidos como algo acerca do qual seja possível ter opiniões, mas como algo que se tornou parte real de suas vidas, como regras da matemática. As organizações visariam, segundo a filósofa, dar às mentiras propagandísticas do movimento, tecidas em torno de ficções centrais (como a

---

<sup>75</sup> ARENDT, op. cit., p. 424-425.

<sup>76</sup> Ibid., p. 432-585.

conspiração dos judeus ou trotskistas) a realidade operante, construindo uma sociedade cujos membros ajam segundo as regras desta criação ficcional<sup>77</sup>.

A propaganda totalitária prosperaria nesse clima de fuga da experiência para a ficção, contudo, esse anseio das massas por um mundo completamente coerente, compreensível e previsível colocava a propaganda em conflito com o bom senso. A coerência existente nas confissões dos inimigos políticos da União Soviética, por exemplo, apresenta essa absurda harmonia entre si, que evidencia sua falsidade. A revolta das massas com a apresentação plausível do mundo seria resultado de sua atomização, na qual as relações sociais, em que o bom senso faz sentido, foram perdidas. O conhecimento medido na relação entre o arbitrário e o planejado, entre accidental e necessário, já não produz efeito<sup>78</sup>.

Embora Arendt veja grande importância na propaganda e ideologia totalitárias, a autora nota que seus programas eram vazios de conteúdo concretos, herdados de estágio não totalitários de sua evolução. Este esvaziamento se fez simplesmente ao pararem de mencionar e discutir o antigo programa político no caso de Hitler, e pela constante alteração do programa e reinterpretação de Marx no caso de Stalin.

Por fim, os campos de concentração seriam o ápice da destruição da humanidade do indivíduo, sua própria existência eliminaria os direitos civis de toda a população, que se vê tão fora da lei quanto um apátrida. A destruição da pessoa jurídica seria condição primordial para que o sujeito seja inteiramente dominado. Esta destruição não se aplicava apenas aos inimigos políticos, judeus e homossexuais, mas todos os habitantes do Estado totalitário. A arbitrariedade das apreensões teria por fim eliminar o significado de qualquer consentimento ou oposição política<sup>79</sup>.

A pessoa moral também é eliminada, uma vez que não é possível criar mártires. Com o medo da polícia política, dos expurgos e da tortura os familiares e amigos se afastavam de um indivíduo quando este desaparecia ou era preso, desta maneira, não havia quem resguardasse a memória de um morto político. Além disso, no regime soviético havia a sistemática destruição de qualquer prova da existência

---

<sup>77</sup> Ibid., p. 452-515.

<sup>78</sup> Ibid., p. 486-498.

<sup>79</sup> Ibid., p. 345-599.



daquele indivíduo. Após a morte da pessoa moral, a autora ressalta que a única coisa que difere indivíduo e morto-vivo é a identidade, as maneiras de destruí-la seriam múltiplas: começando com as condições terríveis e transporte aos campos de concentração, em que seres humanos eram amontoados num vagão de gado, nus, colados uns nos outros e transportados; quando chegam ao campo seus cabelos são raspados, e uniformes recebidos, aumentando o choque; por fim vêm as torturas pensadas para não matar o corpo rapidamente. Em suas infinitas possibilidades de dor, esses procedimentos deveriam manipular o corpo humano e fazê-lo destruir a pessoa<sup>80</sup>.

O Holocausto foi, entre outras terríveis coisas, um procedimento para atingir a promessa do Reich de mil anos, o qual consistia uma projeção de um futuro ideal para o grupo ariano, que, para se realizar, demandava a completa eliminação de judeus, homossexuais, ciganos, entre outros. A promessa utópica do Reich de mil anos e o Holocausto, são fundamentalmente modernos, usando da ciência, racionalidade prática, planejamento e dos aparelhos burocráticos. O nazismo criou o contraste entre ariano e judeu afirmando que todos os infortúnios do ariano tinham origem no judeu. O ariano seria o criador de toda a civilização, pois seria idealista e capaz de sacrifício, colocando-se em segundo plano em prol da comunidade. O holismo aparece, então, como monopolizado pela raça ariana, e seu aparecimento na ideologia nazista ressaltava a importância do sacrifício pelo bem comum<sup>81</sup>.

O nacionalismo racista antissemita se apropriou do aparelho do Estado e o subordinou para atingir seus fins homicidas.<sup>82</sup> A partir desse o Holocausto foi executado — através de órgãos burocráticos modernos os quais o orquestraram racionalmente, como uma brutal tática de manipulação social e biológica. Este racionalismo e organização burocrática apresenta o caráter moderno do Holocausto, composto por elementos normais da civilização moderna, no sentido de que acompanham tudo o que sabemos sobre a civilização ocidental, sua visão de mundo, suas prioridades, suas formas de busca de uma sociedade perfeita. Alguns destes elementos seriam: o poderio industrial, a eficiência burocrática, o

---

<sup>80</sup> Ibid., p. 345-599.

<sup>81</sup> LACQUE-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito Nazista*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 157-158.

<sup>82</sup> Ibid., p. 160-165.

conhecimento e desenvolvimento tecnológico, etc. Portanto, o Holocausto revelou o lado mais terrível da civilização ocidental — mostrando que essa também significa guerra, escravidão, exploração e campos de execução — expondo que seria um erro imaginar que civilização e crueldade fossem opostas. Essa noção crua do Ocidente perpassa as discussões de Orwell, principalmente no que tange o imperialismo inglês<sup>83</sup>.

O poderio industrial e o conhecimento tecnológico moderno deram a Solução Final sua magnitude. A ciência moderna, moralmente desinteressada e voltada exclusivamente para a busca do conhecimento e da verdade, foi voluntariamente em direção ao nazismo. O culto institucionalizado à racionalidade da ciência moderna foi instrumental ao Holocausto. A melhora da vida do povo germânico justificava a engenharia social que dividia a vida humana em útil e inútil. Falava-se em reverter as tendências de natalidade declinante entre os habitantes mais ajustados e em desacelerar a reprodução dos incapazes e criminosos hereditários. O antissemitismo como uma medida de higiene pública, foi cuidadosamente calculado e racionalizado<sup>84</sup>.

Acerca do aparelho burocrático, este não apenas garantiu a eficiência do Holocausto, como ofereceu um afastamento e uma despersonalização a esse. Isso pois o trabalho nesse sistema é direcionado a um objetivo que é nada além de prático; seu fluxo de comando e informação e sua coordenação impessoal e sincronizada de ações autônomas complementares geraram afastamento entre a função e seu resultado, o funcionário foi alienado do assassinato que consistia no produto do trabalho. O bloqueio à crueldade proveniente da piedade animal humana era superado, nos homens que realizaram o Holocausto, pela violência autorizada e pela desumanização das vítimas. A violência autorizada seria ligada à demanda pela obediência às ordens, que se coloca acima de qualquer outro estímulo de ação. O sujeito, dentro do ideal da obediência, é identificado à organização e sua identidade pessoal é obliterada. Logo, os dilemas morais saem do campo de visão, tornando mais difícil o exame das escolhas feitas pelos indivíduos dentro do aparelho burocrático<sup>85</sup>.

---

<sup>83</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998, p. 24-28.

<sup>84</sup> Ibid., p. 90-135.

<sup>85</sup> Ibid., p. 28-45.

Muitas das análises aqui apresentadas não foram realizadas por Orwell em tal profundidade e não estavam disponíveis para sua leitura. Contudo, durante o período de atuação profissional do escritor, este teve contato com discussões acerca do tema do fascismo e totalitarismo como as realizadas por James Burnham. Suas reflexões acerca do totalitarismo o levam a ver em elementos como perseguições políticas, campos de concentração, censura, alteração do passado e presente pelo controle das mídias, tortura, execuções e culto ao líder, como coisas contras as quais lutar. Estes elementos passam a aparecer e ser discutidos em seus textos, culminando com a distopia *1984*, a qual visa alertar contra o futuro possível de domínio totalitário, o qual o autor dava como certo.

## 1. DE ERIC BLAIR A GEORGE ORWELL: EM BUSCA DA VOZ

Entre 1928 e 1940 George Orwell, então Eric Blair, deixou a polícia imperial, se tornou escritor, viveu nas ruas e entre os mineiros, foi lutar na Guerra Civil Espanhola e voltou. Aproximações políticas com grupos e partidos bem como relações intelectuais com revistas e editores, marcam o início da carreira de Orwell e sua formação enquanto persona literária. Neste capítulo visamos cobrir o período entre 1928 e 1936 (ano de ida à guerra). Buscando analisar as relações intelectuais e políticas do autor e a busca de sua voz, utilizando, para tanto, cartas, ensaios e testemunhos.

Nesse período Orwell publicou oito livros, estes foram: *Down and Out in Paris and London* (1933), *Burmese Days* (1934) e *A Clergyman's Daughter* (1935), *Keep the Aspidochelone Flying* (1936), *The Road to Wigan Pier* (1937), *Homage to Catalonia* (1938), *Coming Up for Air* (1939) e *Inside the Whale* (1940). Interessa-nos em especial *The Road to Wigan Pier*, o qual traz um relato da vivência entre os mineiros e da crise de moradias no norte da Inglaterra, assim como da condição de vida dos desempregados. Esse texto testemunhal apresenta a aproximação do autor ao socialismo, a uma compreensão pessoal e específica deste.

Além dos romances, o autor contribuiu em onze diferentes revistas: *The Adelphi*, *New English Weekly*, *New Writing*, *Fortnightly*, *New Statesman and Nation*, *Time and Tide*, *Listener*<sup>86</sup>, *New Leader*<sup>87</sup>, *Peace News*<sup>88</sup>, *Controversy*<sup>89</sup> que se tornou *Left Forum* em 1939, *Horizon*<sup>90</sup>. Entre essas, *The Adelphi* e *New English*

---

<sup>86</sup> *Listener* foi uma revista semanal da *British Broadcasting Corporation* (BBC) fundada em janeiro de 1929, sua última publicação foi em 1990. Foi criada como meio de registro e reprodução de programas para radiodifusão. Trabalhou com produções literárias e musicais, não era associado a nenhum partido político. Orwell começa a publicar nela em julho de 1938, com uma resenha do livro *The Civil War in Spain* de Fran Jellinek.

<sup>87</sup> *New Leader* foi um periódico semanal do Independent Labour Party, para o qual Orwell começa a contribuir em 1938, com o ensaio *Why I joined the Independent Labour Party*.

<sup>88</sup> *Peace News* foi uma revista pacifista, ligada ao movimento pacifista da Inglaterra e, posteriormente, ao Peace Pledge Union (PPU), publicada desde 1936 criada por Humphrey Moore, a primeira contribuição de Orwell foi em janeiro de 1939 com uma resenha do livro *Communism and Man* de F. J. Sheed.

<sup>89</sup> *Controversy* foi uma revista mensal Inglesa publicada pelo Independent Labour Party entre 1932 e 1950. Em 1936 Orwell começa a publicar nesta com o ensaio *Spilling Spanish Beans*.

<sup>90</sup> Revista literária inglesa criada e editada por Cyril Connolly, amigo de Orwell, publicada a cada quatro semanas a partir de 1939. Orwell contribuir para esta em março de 1940 com o ensaio *Boy's Weekly*.

*Weekly* se destacam pela frequência das publicações. Através do *The Adelphi* Orwell se conectou a pessoas, partidos e organizações, criando laços com intelectuais como Raynner Heppenstall, Richard Ress, Max Plowman e Jack Common.

Nas trocas epistolares Orwell foi contatado ou contatou periódicos, negociou publicações, vinculou-se a colaboradores e editores destes. Assim como travou um diálogo e barganhou publicações com Leonard Moore e Victor Gollancz. Além de contatar amigos, trocando informações banais, sentimentos, memórias, marcando encontros, informando sobre a publicação de novos livros e relatando as apreciações dos trabalhos de amigos, realizando diversos tipos de trocas intelectuais e, principalmente troca de favores em divulgação de obras de amigos. De modo que, dentro das redes intelectuais, havia um fortalecimento recíproco, buscando reconhecimento, e ampliação dos espaços disponíveis aos autores.

Por seu enfoque nas camadas populares e sua discussão de cunho sociológico Blair ganha oportunidades de publicação, mas foi através dos ensaios que o autor começou a ganhar notoriedade e encontrar a própria voz, permitindo-se um ponto de vista mais pessoal das experiências que narrava. Os primeiros livros de Orwell tentam mesclar essas narrativas de experiências em romances naturalistas, porém a Guerra Civil Espanhola e a inevitabilidade de tratar da política fizeram com que o autor estabelecesse uma nova relação com sua arte, a qual o leva a abandonar a busca por descrições detalhadas e, posteriormente, à publicação de *Animal Farm* e *1984*.

Entre os anos de 1928 e 1940, Blair adentrou redes intelectuais e encontrou espaços para expressar-se. A busca de sua própria voz e a criação da *persona literária* George Orwell, foram processos amplos e lentos, perpassados por conflitos e rupturas. As experiências e a forma como estas foram apreendidas fizeram com que Orwell vivesse o socialismo de maneiras diferentes e em frentes diferentes, mudando sua relação com a política e com a arte, essa mudança se expressa em suas ideias e relações.

#### 1.1. BUSCANDO ESPAÇOS: TROCAS EPISTOLARES E PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

George Orwell não existia, foi lentamente criado enquanto persona literária. Em 1932, numa troca de cartas entre Leonard Moore<sup>91</sup> e Eric Arthur Blair, o nome foi escolhido entre outros.<sup>92</sup> Já, como figura famosa, George Orwell passou a existir no final de sua vida com a publicação de *Animal Farm*. Orwell publicou apenas nove obras extensas, contudo seus romances lucraram duas vezes mais que toda a lista de obras da editora Secker and Warburg<sup>93</sup> (incluindo André Gide, Franz Kafka e Thomas Mann) e três dos seus livros foram tornados filmes (*Keep the Aspidistra Flying*, *Animal Farm* e *1984*). Tal reconhecimento se deveu aos posicionamentos anti-stalinistas assumidos por Orwell nos seus últimos romances. Ingle nota que muitos escritos de Orwell tangentes à União Soviética foram tirados de contexto e mal-interpretados, o que acabou por auxiliar que o autor se tornasse conhecido. Essa interpretação errônea foi, muitas vezes, incentivada por órgãos de propaganda anti-comunista durante a Guerra Fria, para os quais Orwell cedeu seu trabalho<sup>94</sup>.

Com o passar do tempo, as discussões de Orwell acerca do autoritarismo, da tecnologia — principalmente de supervisão dos cidadãos através de câmeras — da linguagem e do controle de informação, continuaram relevantes, sendo reatualizadas por aqueles que dela se apropriam, tendo sido continuamente renovadas e reconectadas à contemporaneidade. A fama dos escritos políticos de Orwell não se deve apenas ao conteúdo de suas obras, mas também à sua escrita. Tanto técnica quanto forma foram desenvolvidas por Orwell ao longo de sua trajetória intelectual.

Eric A. Blair era proveniente de uma família de classe média-alta, estudou em escolas de elite como St. Cyprian e Eton College<sup>95</sup> através de bolsas de estudo. Seu desempenho em Eton foi mediano, de modo que Blair não poderia conseguir uma bolsa de estudos em uma Universidade. Como resultado, se alistou na polícia

---

<sup>91</sup> Agente literário, sócio na Christy & Moore and the Lecture Agency Ltda. (ORWELL; ANGUS, 1968a, p.77).

<sup>92</sup> Kenneth Miles, H. Lewis Allways e P. S. Burton eram outros nomes possíveis (ORWELL; ANGUS, 1968a, p.106).

<sup>93</sup> Editora na qual Orwell publicou obras anti-autoritárias, tais como *Homage to Catalonia*, *Animal Farm* e *1984*.

<sup>94</sup> INGLE, Stephen. *The Social and Political Thought of George Orwell: A reassessment*. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2006, p.2-3.

<sup>95</sup> Na Inglaterra escolas públicas são instituições abertas à qualquer pessoa pública que puder pagar, independente da ocupação, religião ou endereço. Desde o século XIX ao menos sete escolas públicas ganharam independência da coroa e das igrejas, Eton entre estas. As escolas públicas são seletivas com seus estudantes, algumas até hoje aceitam apenas menino. Muitas são escolas de elite, como é o caso de Eton.

imperial britânica aos 19 anos. Em 1922 foi enviado à Burma<sup>96</sup>, onde trabalhou por cinco anos e seis meses<sup>97</sup>.

Depois de um episódio de dengue, Eric Blair deixou Burma, retornando a Inglaterra decidido a se tornar um escritor. De seu exercício como policial imperial, trouxe um forte sentimento de culpa e raiva da injustiça (principalmente de classe), daí sua necessidade de descer à realidade mais baixa e dura do Ocidente, indo viver nas ruas para expiar seus pecados<sup>98</sup>. No livro *The Road to Wigan Pier* afirmou:

Por cinco anos eu fui parte de um sistema opressivo, e isto me deixou com a consciência pesada. Inúmeras vezes lembrei das faces dos prisioneiros no banco dos réus, dos homens esperando nas celas de condenados, dos subordinados que eu hostilizei e dos velhos camponeses que eu repreendi, dos servos e coolies [trabalhadores indus] que eu bati com meus próprios punhos em momentos de ira (quase todos fazem isso no Leste, ao menos ocasionalmente: orientais podem ser muito irritantes) — me assombram insuportavelmente. Eu estava consciente de um peso imenso de culpas que eu tinha de expiar [...] eu senti que deveria escapar não apenas do imperialismo, mas de qualquer forma de domínio do homem sobre o homem. Eu queria submergir-me, descer entre os oprimidos, ser um deles e estar ao seu lado contra os tiranos.<sup>99</sup>

Blair intercalou sua vida nas ruas entre Londres e Paris. Ingle<sup>100</sup> conta que em Paris o escritor pôde viver como um jovem artista empobrecido, experimentando a boemia parisiense. Através de sua tia, Nellie Limouzin, conheceu membros da *intelligentsia* parisiense que iriam ajudá-lo, inclusive Henri Barbusse, editor do periódico de esquerda *Monde*, no qual publicou seu primeiro trabalho, *La Censure en Angleterre*, em outubro de 1928<sup>101</sup>.

---

<sup>96</sup> Burma, ou Birmânia era onde hoje fica é a República da União de Myanmar.

<sup>97</sup> INGLE, op. cit., p.28.

<sup>98</sup> Ibid., p.47.

<sup>99</sup> “For five years I had been part of an oppressive system, and it had left me with a bad conscience. Innumerable remembered faces—faces of prisoners in the dock, of men waiting in the condemned cells, of subordinates I had bullied and aged peasants I had snubbed, of servants and coolies I had hit with my fist in moments of rage (nearly everyone does these things in the East, at any rate occasionally: Orientals can be very provoking)—haunted me intolerably. I was conscious of an immense weight of guilt that I had got to expiate. [...] I felt that I had got to escape not merely from imperialism but from every form of man’s dominion over man. I wanted to submerge myself, to get right down among the oppressed, to be one of them and on their side against their tyrants.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online)

<sup>100</sup> INGLE, op. cit., p. 48.

<sup>101</sup> MARKS, Peter. *George Orwell the Essayist: Literature, politics and the periodical culture*. London: Bloomsbury Academy, 2012, p.19. O *Monde*, citado acima, foi criado para veicular publicações progressistas, de orientação marxista, mas independente de partidos. O jornal possuía importantes



Na França, Blair publicou também no jornal *Le Progrès Civique*, e escreveu poemas e ensaios sobre o romance inglês contemporâneo, mas esses escritos não sobreviveram até nós. No *Le Progrès Civique*, o autor publicou artigos sobre as condições de vida na Grã-Bretanha, tratando temas como desemprego, vida diária de um indigente, mendicância em Londres e sobre o império britânico em Burma. Em Paris, Blair publicava acerca de temas britânicos, na Inglaterra publicou sobre a França — o jornal *G.K.'s Weekly* publicou seu texto *A Farthing Newspaper* o qual tratava do jornal popular *Ami du Peuple*, observando vantagens de sua tiragem barata, mas criticando sua veiculação de ideias anti-socialistas e anti-radicais. G. K. Chesterton criou o semanário *G. K. 's Weekly* em 1925 e esse é descrito por Marks como reflexão de seu proprietário, que era um dos principais escritores católicos e conservadores<sup>102</sup>.

De volta a Londres, começa a publicar no *The New Adelphi*. Em 1929, enviou um ensaio à Max Plowman<sup>103</sup>, que o aceitou; supõe-se que este tenha se tornado *The Spike*, que narra uma noite sob a tutela de uma casa para pobres<sup>104</sup>. Através do *The New Adelphi*, Blair publicou a maior parte dos seus primeiros textos e conheceu autores e editores que abriram as portas para outras publicações, de modo que este jornal o inseriu em redes de sociabilidade intelectual essenciais para o início de sua carreira<sup>105</sup>.

Orwell viria a publicar em vários periódicos contemporâneos ao *The New Adelphi*, como: *Left Review*, *New Writing* e *New English Weekly*. No que tange ao

---

conexões internacionais, seu conselho de direção incluía Albert Einstein, Maxim Gorki e Upton Sinclair.

<sup>102</sup> Ibid., p.18-20.

<sup>103</sup> Escritor, na época empregado do *The New Adelphi*, passando a editor em 1930, se tornou amigo pessoal de Orwell o falecimento do último.

<sup>104</sup> INGLE, op. cit., p. 47; ORWELL, Sônia; ANGUS, Ian. *The Collected Essays, journalism & letters of George Orwell: An Age Like This*. London: Secker & Warburg, 1968a, p.15.

<sup>105</sup> Em 1930, uma amplitude de novos jornais surgiam, animando o debate público, dentre elas: *New English Weekly* (1932-1949), de Alfred Orage; *Scrutiny* (1953), de F. R. Leavis; *Cambridge Left* (1933-1934) — jornal de estudos literários de caráter radical, viveu pouco, contudo foi o mais influente dos jornais com este enfoque —; *Left Review* (1934-1938) — possuía uma base mais ampla em comparação aos outros —; *European Quarterly* (1933-1934); *New Verse* (1933-1939), de Geoffrey Grigson; *New Writing* (1936-1939), de John Lehmann; *Contemporary Poetry and Prose* (1936-1937), jornal surrealista. Em conjunto com outros jornais já existentes, eles sustentaram o debate cultural e político, sendo, muitos destes, veículos essenciais a discussões de esquerda. Alguns destes jornais, como o *Left Review*, promoviam o pensamento literário radical, outros; como *New Writing* e *New Verse*, se afastavam de debates políticos. A pluralidade de enfoques destes jornais permitia que os escritores escrevessem para uma audiência ao menos presumida. (MARKS, 2012, p. 22)

*The New Adelphi*, este foi criado por John Middleton Murry<sup>106</sup> em 1923. Em outubro de 1930 o jornal se chamava *The Adelphi*, e tinha periodicidade mensal, os editores passaram a ser Max Plowman e Richard Rees<sup>107</sup> e as publicações passaram a ter um cunho muito mais à esquerda. Também nessa década Plowman e Rees aproximaram o periódico do *Independent Labour Party* (ILP), partido radical de esquerda. Philip Bounds, analisando o jornal, afirmou que, na primeira metade dos anos 1930, esse periódico promovia as ideias de Murry, que combinavam marxismo anti-soviético e cristianismo humanitário, ideias que se aproximam dos posicionamentos de Orwell em seus primeiros livros. Tanto Murry quanto Orwell tratavam de como estabelecer relações entre as classes, enfatizando a necessidade de o militante ser incorporado ao proletariado para atingir identificação real com este, assim como da afirmação do valor da cultura das classes trabalhadoras e da virtude do socialismo em sua capacidade de tornar essa cultura universal. Sendo estes os primeiros posicionamentos defendidos por Orwell quando este se afirma como socialista pleno, Bounds observa influência do jornal sobre o escritor, assim como um início da formação política de Orwell em conexão com o periódico<sup>108</sup>.

O jornal foi constitutivo de laços sociais para Blair. Não só os editores acolheram os trabalhos do jovem autor, como se tornaram amigos dele. Rees também estudou no Eton College; posteriormente estes compartilharam a experiência da Guerra Civil Espanhola, ainda que não servindo juntos. O laço criado foi tão duradouro que Rees foi co-executor do testamento de Orwell. Além disso, o posicionamento mais radical do jornal permitiu que este publicasse textos de Orwell escritos depois Guerra Civil Espanhola, da qual este retorna extenuado<sup>109</sup>.

Em termos financeiros, foi Richard Rees que manteve *The Adelphi* existindo, em seus primeiros anos este vendia menos que 4500 cópias por mês. As dificuldades enfrentadas pelo periódico não eram incomuns entre os jornais literários do período. Todavia, apesar das pressões, *The Adelphi* foi um dos periódicos mais

---

<sup>106</sup> Escritor, ensaísta e crítico inglês com mais de 60 livros publicados e milhares de ensaios. Amigo de D.H. Lawrence e T.S. Eliot.

<sup>107</sup> Diplomata, escritor e pintor, bastante próximo a George Orwell. Participou da Guerra Civil Espanhola, dirigindo uma ambulância na Catalunha, e da 2ª Guerra Mundial. De modo que compartilhava com Orwell experiências e conhecidos do período nas milícias, assim como um passado no *Eton College*.

<sup>108</sup> BOUNDS, Philip. *Orwell and Marxism: The political and cultural thinking of George Orwell*. Londo: I. B. Taurus, 2009, p. 19.

<sup>109</sup> MARKS, op. cit., p. 22-23.

duradouros. Em torno do periódico formou-se uma rede de intelectuais com posicionamentos mais fluídos e menos ortodoxos, tendo entre estes alguns dedicados a literatura marxista, outros à teoria freudiana, outros ao surrealismo e ao dadaísmo, todos dispostos a discutir novas ideias livremente. A este grupo Blair foi conectado, se apresentando, então, como um Tory<sup>110</sup> Anarquista.

*The New Adelphi* inseriu Blair em uma rede intelectual.<sup>111</sup> Como periódico, *The New Adelphi* tinha a capacidade de organizar o meio intelectual através de forças antagônicas, de adesão e exclusão. A força de adesão consistiria nas amizades nela criada, as fidelidades arrebatadas e a influência que exerce, já a exclusão viria das posições tomadas, dos debates apresentados e das cisões provenientes destes mesmos.<sup>112</sup> Através da *New Adelphi*, Blair entrou em contato com T. S. Eliot,<sup>113</sup> John Middleton Murry, Rayner Heppenstall,<sup>114</sup> Michael Sayers<sup>115</sup> e Jack Common, com os quais criou laços de amizade e alianças, assim como se alinhou a posicionamentos do jornal sobre a entrada da Inglaterra na 2ª Guerra Mundial e o imperialismo britânico, envolvendo-se em um amplo debate nacional.

As amizades e rivalidades, assim como as rupturas, brigas e rancores, desempenham papel significativo nas relações intelectuais. Sirinelli dá a palavra sociabilidade uma dupla acepção: ao mesmo tempo trata de redes que estruturam esta vivência e de microclimas que caracterizam um microcosmos em particular. Para Sirinelli as redes intelectuais geram microclimas, às sombras destes os atos e comportamentos dos intelectuais envolvidos apresentam determinados traços, desse modo, as redes geram uma sensibilidade, uma coesão em torno de determinadas ideias dentro de um grupo ligado a uma revista, jornal ou pessoa.<sup>116</sup>

---

<sup>110</sup> Membro ou apoiador do Conservative Party. Para Marks, este título mostra o pensamento político ainda subdesenvolvido de Blair. (MARKS, 2012, p.23-24)

<sup>111</sup> Jean François Sirinelli apresentou que o "meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um "pequeno mundo estreito", onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo "redes" para definir tais estruturas" (2003, p.248)

<sup>112</sup> SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: F.G.V., 2003, p.249.

<sup>113</sup> Thomas Stearns Eliot, poeta modernista, dramaturgo e crítico literário inglês nascido nos Estados Unidos da América.

<sup>114</sup> John Rayner Heppenstall foi um romancista, poeta, diarista e produtor de rádio da BBC britânico.

<sup>115</sup> Escritor e roteirista irlandês.

<sup>116</sup> SIRINELLI, op.cit., p.252-253.

Os periódicos seriam, então, observatório de sociabilidades, assim como de movimentação de ideias. Afinal, como dito por Jacques Julliard<sup>117</sup> “é tempo de lembrar [...] que as idéias não passeiam nuas pela rua; que elas são levadas por homens que pertencem eles próprios a conjuntos sociais”. Orwell foi um destes homens, sua articulação com outros intelectuais foi intermediada por revistas e partidos, os quais tiveram grande papel sobre sua produção. Muito de sua inserção em redes intelectuais e o início de sua atuação profissional é registrada nas cartas e nos seus primeiros artigos e ensaios. Acerca das primeiras, enfocaremos a correspondência trocada entre 1928 e 1939, quando se inicia a 2ª Guerra Mundial. Pouco depois, o autor começa a publicar ensaios no *Partisan Review*, jornal americano que o fará conhecido nos Estados Unidos da América, sendo já outro momento da carreira do escritor. Trataremos da troca de cartas com colegas e periódicos; cartas pessoais ficam fora do escopo deste trabalho. A maior parte das cartas retidas são de correspondência ativa, pois pouco da correspondência passiva de Orwell sobreviveu.<sup>118</sup>

A correspondência é uma importante fonte para tratar de relações intelectuais e literárias. Nelas são compartilhadas ideias, que auxiliam na elaboração de projetos, carregam pactos, exibem polêmicas, consolidam rupturas; por meio delas ocorrem trocas de livros, opiniões e sentimentos.<sup>119</sup> Para Lúcia Maria Paschoal Guimarães e Valdei Lopes de Araújo<sup>120</sup> o “mundo das letras” é sempre marcado pela troca de textos, seja por correios ou e-mails, a análise da troca de correspondências de um intelectual permitiria enxergar a rede pessoal e profissional em que este está inserido e, através desta teia, seria possível buscar práticas de intercâmbio de ideias e livros, bem como de exposição de opiniões. A partir de suas redes de sociabilidade seria possível reinserir as ideias em seu ambiente sócio-cultural, assim como

---

<sup>117</sup> Jacques Julliard apud SIRINELLI, Jean-François. op. cit., p. 252-258.

<sup>118</sup> Os destinatários com os quais lidamos são: Jack Common (17 cartas), Leonard Moore (16 cartas), Cyrill Conolly (6 cartas), Geoffrey Gorer (6 cartas), Rayner Heppenstall (3 cartas), Max Plowman (3 cartas), Richard Ress (2 cartas), John Lehmann (2 cartas), Victor Gollancz (2 cartas), Stephen Spender (2 cartas) e Henry Miller (1 carta). Estes foram escolhidos por expor as estratégias de inserção e o início da produção de Orwell.

<sup>119</sup> MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora contexto, 2009, p. 208.

<sup>120</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; ARAÚJO, Valdei Lopes. O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner. In: GOMES, Ângela de Castro. *A escrita de si, a escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 110.

compreender os papéis das amizades, solidariedades e hostilidades na produção de determinado autor.

As correspondências são, ainda, um espaço de estiramento ou rompimento de vínculos entre indivíduos e grupos, pois quem escreve confia ao outro uma série de informações e sentimentos, e a decisão de preservar ou destruir a carta cabe a quem a lê. Nessa relação de confiança e reciprocidade se instala o pacto epistolar, que envolve receber, ler, responder, guardar ou destruir — conforme pedido pelo autor da missiva. As correspondências são produzidas tendo um destinatário definido, implica sempre uma interlocução, sendo um jogo interativo entre autor e destinatário, os quais se revezam nos mesmos papéis. O autor do texto se mostra ao destinatário, que está sendo visto, ao mesmo tempo, pelo remetente.<sup>121</sup>

Através das correspondências pessoas, mesmo distantes, podem trocar ideias, discutir projetos — conjuntos ou não — e organizar ações, essas definem e são definidas pela sociabilidade do indivíduo. Entre intelectuais é comum ver nas missivas a troca de favores, a qual, junto à regularidade das trocas epistolares, cultiva os laços entre indivíduos e grupos, (assim como se apresenta como moeda de troca). Seu efeito é também de reforço mútuo das posições institucionais e de poder. Quando Orwell publica resenhas de novos romances de seus amigos, promove as obras e, consecutivamente, seus amigos, o mesmo acontece em direção oposta. Outra moeda de troca eram as publicações em periódicos, que se apresenta na forma tanto de uma autoridade publicando na revista de um colega, quanto na possibilidade de publicar em uma revista mais conceituada — o mesmo vale para o jornal. O hábito da permuta sempre envolve pedir e ofertar algo em retorno, assim como um reconhecimento das hierarquias equilibrado com o agradecimento e a busca de cordialidade, tornando o início e conclusão das cartas algo complicado.<sup>122</sup>

Das cartas que chegaram até nós, a troca de correspondências de Blair se inicia em 1920, com uma carta enviada a Steven Runciman — historiador, amigo e antigo colega em Eton College — em agosto de 1920. Em setembro de 1929, Blair entra em contato com o jornal *The New Adelphi*, através de Max Plowman enviando a ele um artigo que pretendia publicar no periódico. As primeiras cartas trocadas

---

<sup>121</sup> GOMES, op. cit., p. 19.

<sup>122</sup> GUIMARÃES; ARAÚJO, op. cit., p.101-113.

entre Blair e Plowman discutiam livros a serem resenhados pelo primeiro. Contudo, elas ultrapassavam as formalidades, trazendo opiniões e discutindo materiais trocados. A carta enviada em novembro de 1930 foi aberta de forma bastante cordial “Muito obrigada pela cópia do *Adelphi*, a qual achei interessante<sup>123</sup>.” Toda a linguagem escolhida por Blair é polida, incluindo diversos agradecimentos. Além do jornal, agradeceu o envio de livros, os quais deveria ler para resenhar, e pelo envio de seu manuscrito (uma das primeiras versões do que viria a ser *Down and Out in Paris and London*, publicado por Victor Gollancz em 1933) para John Middleton Murry: “Obrigado por dar meu manuscrito ao Sr. Murry. Espero que ele entenda que não há pressa e eu não quero ser um incômodo para ele<sup>124</sup>”. Através de Max Plowman, Blair contata o fundador da revista lhe enviando uma das primeiras versões de seu primeiro livro, ficando em débito com Plowman.

Na carta enviada por Blair em janeiro do ano seguinte, 1931, os interlocutores tratavam dos temas pelos quais Blair tinha interesse para futuras resenhas, e discutiam trabalhos já feitos em vias de publicação. Falando de uma resenha já publicada, Blair afirmou “Com relação à resenha, eu não posso te deixar pagar por ela. Era um trabalho pobre, e isso deveria ser tudo<sup>125</sup>”. Seja por senso de justiça ou por uma relação de troca, Blair alinhavava um laço de lealdade para com Plowman e *The New Adelphi*.

Em 1931, Eric Blair publicou ao menos dois ensaios e uma resenha no *The New Adelphi* — que passa a ser *The Adelphi* nesse ano — dentre estes estão dois textos importantes: *The Spike* e *A Hanging*. *A Hanging* foi um ensaio escrito por Blair no qual este trata de um testemunho — com seus aspectos ficcionais — de um enforcamento na Birmânia. Já *The Spike* trata dos dias passados em um dos muitos abrigos para indigentes da Grã-Bretanha. Eric Blair passou boa parte de 1931 nas ruas ou colheita de lúpulo. Em outubro começou a se corresponder com T. S. Eliot, com o qual entrou em contato através de Richard Rees, editor do *Adelphi*. Em carta

---

<sup>123</sup>“Dear Mr. Plowman, Thank you very much for the copy of the *Adelphi* [Referente à novembro de 1930], which I found an interesting one” (tradução nossa, ORWELL, ANGUS, 1968a, p. 27).

<sup>124</sup> John Middleton Murry (1889-1957) foi um autor, crítico e polemista inglês, fundador da *The New Adelphi*. O original da citação dizia: “Thank you for giving my MS to Mr. Murry. I hope he understands that there is no hurry & I don’t want to be a nuisance to him”(tradução nossa, ORWELL, ANGUS, 1968a, p.29).

<sup>125</sup> “As to the review, I cannot of course let you pay for it. It was a poor piece of work, & that should be the end of it” (tradução nossa, ORWELL, ANGUS, 1968a, p. 33).



Orwell disse: “Estou escrevendo para você pessoalmente, pois Richard Rees me disse ter falado com você a meu respeito<sup>126</sup>”. A partir da introdução de Blair à T. S. Eliot por Rees, foi possível a Blair submeter sua proposta à empresa que T. S. Eliot dirigia, Faber & Faber<sup>127</sup>, de tradução do romance *A la Belle de Nuit*, de Jacques Roberti<sup>128</sup>. Posteriormente, em novembro de 1931, Blair enviou o romance a T. S. Eliot, contudo a tradução nunca foi publicada.

Em 1932 Blair inicia sua correspondência com Leonard Moore, agente literário e sócio da empresa Christy and Moore, que conheceu através de Mabel Sinclair Fierz. Esta última entregou o manuscrito de Blair à Moore: “Eu deixei o manuscrito que está com você, com a Sr.<sup>a</sup> Sinclair Fierz e a pedi que o jogasse fora, já que não pensei que se tratasse de um bom trabalho, mas suponho que, em vez disso, ela o enviou<sup>129</sup>”. Blair havia enviado trabalhos a um agente literário inglês antes, L. I. Bailey, nada do que enviou foi publicado ou sobreviveu. Acerca do manuscrito, esse havia sido enviado pelo autor à Jonathan Cape<sup>130</sup> e à T. S. Eliot — que era um dos responsáveis pelos trabalhos a serem publicados pela Faber & Faber — ambos rejeitaram o material dizendo que era muito curto. Blair não tinha muita esperança em publicar o texto, nem muito orgulho dele “Se você puder vendê-lo eu ficaria, é claro, muito contente, e é muito gentil de sua parte se dar ao trabalho de tentar. [...] Se, por acaso, ele for aceito, você poderia, por favor, ver que o publiquem pseudonimamente, pois eu não tenho muito orgulho dele<sup>131</sup>.” A troca de epístolas referentes ao manuscrito que se tornaria *Down and Out in Paris and London* continuou por vários meses, até a publicação deste em janeiro de 1933. No dia 6 do mesmo mês, Blair entra em contato novamente com Moore voltando ao

---

<sup>126</sup> “I am writing to you personally, as Richard Rees tells me that he has spoken to you on my behalf.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.72)

<sup>127</sup> Editora criada em 1929, em Londres, a qual T.S. Eliot se uniu em 1925, antes de sua fundação, estava sendo idealizada por Sir Maurice Linford Gwyer, Lady Gwyer e Geoffrey Faber.

<sup>128</sup> Romancista francês

<sup>129</sup> “I left the ms you have with Mrs Sinclair Fierz and ask her to throw it away, as I did not think it a good piece of work, but I suppose she sent it to you instead.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 77) Mabel Sinclair Fierz foi uma mulher nascida no Brasil, ela e seu marido, Francis Ernest Fiertz viveram na Inglaterra a partir de 1908. O casal conheceu Eric A. Blair em 1930 em um feriado em Southwold.

<sup>130</sup> Editora fundada em 1921 por Herbert Jonathan Cape, sediada em Londres.

<sup>131</sup> “I should of course be very pleased if you could sell it, and it is very kind of you to take the trouble of trying. [...] If, by any chance, you do get it accepted, will you please see that it is published pseudonymously, as I am not proud of it.” (tradução nossa, ORWELL, ANGUS, 1968a, p.77-78)



tema do pseudônimo, o qual parecia muito vantajoso ao autor, que poderia esconder seu nome em caso de fracasso e reutilizar o pseudônimo em caso de sucesso<sup>132</sup>.

Em novembro Blair já trabalhava no seu segundo romance, *Burmese days*, enquanto seguia em negociação com Gollancz e Moore sobre o pseudônimo a ser usado e o título a ser dado ao primeiro manuscrito entregue. Blair não tinha expectativas para o romance<sup>133</sup> e acreditava que este não tinha valor comercial<sup>134</sup>. Na carta de 19 de novembro de 1932, Blair propunha à Moore uma série de pseudônimos, e discutia o título do livro, assim como contava de sua experiência como professor. Sobre os pseudônimos, sua primeira ideia foi do nome que usava nas ruas, P. S. Burton, depois propôs: Kenneth Miles, George Orwell e H. Lewis Allways, sendo Orwell já seu preferido.

Em dezembro as cópias, ainda não lançadas para vendas, chegavam a Blair. Na carta de 23 de dezembro o escritor pedia à Moore que enviasse cópias do livro à *The Adelphi*, na esperança de que esta lançasse uma crítica positiva: “Gostaria de saber se poderia ser providenciado que uma cópia fosse enviada para ser resenha ao *Adelphi*. Eles me conhecem, eu escrevo para eles às vezes, então eles dariam uma crítica compreensiva, espero<sup>135</sup>.” A recepção de *Down and Out in Paris and London* foi bastante simpática ao jovem autor, no *Times Literary Supplement* a obra foi apresentada como “pintura vivida de um mundo aparentemente insano<sup>136</sup>”. No *Nation* o livro foi visto como um “documento interessante e bastante doloroso<sup>137</sup>”, mais vivo e cativante que trabalhos ficcionais feitos do mesmo material — ambas as críticas não tinham autoria publicada. Já no *The Adelphi*, C. Day-Lewis<sup>138</sup> escreveu uma crítica em que descreveu o trabalho como um “tour pelo submundo<sup>139</sup>” e afirmou que o livro aumentaria o número de reformadores ativistas da Inglaterra. Por

---

<sup>132</sup> Ibid., p.84-85; MARKS, op. cit., p. 18.

<sup>133</sup> Nesta mesma carta Blair afirmou “if this book doesn’t flop as I anticipated, it might be better to have a pseudonym I could also use for my next book.”(tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.104), ainda que vendo uma possibilidade de sucesso, a aposta do autor continuava no fracasso.

<sup>134</sup> Na carta de 1º de junho Orwell contou a Moore que “I did not say anything about the book having no commercial value as he seems to think fairly well of it” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.84).

<sup>135</sup> “I wonder if it could be arranged that one copy should be sent for review to the *Adelphi*? They know me and I write for them sometimes so they would give it a sympathetic review, I expect” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 109)

<sup>136</sup> “a vivid picture of an apparently mad world” (tradução nossa, MARKS, 2012, p. 36).

<sup>137</sup> “interesting and rather painful document” (tradução nossa, MARKS, 2012, p.36).

<sup>138</sup> Poeta e crítico literário anglo-irlandês.

<sup>139</sup> “tour of the under- world” (tradução nossa, MARKS, 2012, p.36).

fim, W. H. Davies publicou uma resenha do livro no periódico *New Statesman and Nation*, em que afirmou que o livro estava “repleto de informações únicas e estranhas. Este é verdadeiro para com a vida do começo ao fim<sup>140</sup>”, a resenha de Davies tem importância extra, pois este foi autor do livro *Autobiography of a Supertramp* (1908), considerado um clássico por Bounds<sup>141</sup>.

O livro *Down and Out in Paris and London* se tratava de um testemunho das experiências de Orwell nestas duas cidades entre as classes mais baixas. A narrativa busca, acima da simpatia do leitor pelos personagens, seu entendimento da precariedade social da vida nestes setores. O testemunho visa ainda mostrar os indigentes como vítimas, sem esperança de escapar de seus destinos, em vez de culpados por sua situação social. Algo típico dos trabalhos sobre a vida nas ruas e dos trabalhadores é que o autor opera como sociólogo, observando, enumerando, medindo, comparando e encaminhando o leitor às conclusões sobre a natureza da sociedade que empurra os grupos para a miséria, tendo forte inspiração em Jack London, lido pelo autor<sup>142</sup>. Um personagem importante deste texto é Bozo, um artista de rua que defendia que os homens sempre têm escolha enquanto puderem dizer a si mesmos: “sou um homem livre aqui [em sua mente]<sup>143</sup>”, este cativou a admiração de Orwell. Além disso, a experiência de ser tratado como camarada foi decisiva nas visões do autor de como o socialismo deveria ser. Esta fase do trabalho de Orwell é considerada pré-política. Bounds explica que “a perspectiva de Orwell nesta época era essencialmente pré-política, no sentido que sua perspectiva dos trabalhadores não tinha sido ainda traduzida em comprometimento político com a esquerda<sup>144</sup>”.

*Down and Out in Paris and London* foi o primeiro texto publicado por Blair como Orwell. Michael Shelden, o qual teve acesso a uma versão deste livro com anotações de Orwell, conclui que neste momento da sua carreira é possível ver a divisão entre Eric Blair e George Orwell, “George Orwell disse isto, mas eu Eric Blair

---

<sup>140</sup> “packed with unique and strange information. It is all true to life, from beginning to end” (tradução nossa, MARKS, 2012, p.36).

<sup>141</sup> MARKS, op. cit., p. 36.

<sup>142</sup> ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*. London: Penguin Books, 1974, online. Disponível em: <[http://orwell.ru/library/novels/The\\_Road\\_to\\_Wigan\\_Pier/english/e\\_rtwp](http://orwell.ru/library/novels/The_Road_to_Wigan_Pier/english/e_rtwp)>. Acesso em: 07 mai. 2019.

<sup>143</sup> “I’m a free man in here” (tradução nossa, Orwell, 1996, p. 146-147).

<sup>144</sup> “Orwell’s outlook at this time was essentially pre-political, in the sense that his respect for working people had not yet translated into a commitment to the left.” (tradução nossa, BOUNDS, 2009, p.19); INGLE, op. cit., p.48-50.

senti isto<sup>145</sup>”. A partir deste ponto, Blair começa a se esconder sob Orwell, que vai sendo criado e ganhando espaço. Eventualmente, Orwell surgiu com seu estilo simples, próximo ao homem comum. Através desta persona literária, Blair pode entrar nas experiências que narrava, auxiliando mesmo em seu desenvolvimento político. Esta criação gradual, longa e difícil teve efeito em sua abordagem na escrita<sup>146</sup>.

Ainda em 1932, algumas resenhas foram publicadas, pelo *Adelphi* e pelo *The New English Weekly*, este se tratava de um jovem jornal literário fundado por Alfred Richard Orage<sup>147</sup>. Em junho de 1932, Blair começou a publicar nesse periódico — uma resenha de *The spirit of Catholicism* de Karl Adams<sup>148</sup> não assinada — mas só depois de agosto de 1935 o autor começa a publicar regularmente no jornal. É também nesse ano que Blair publica um artigo sobre as casas de alojamento comum (casas de acomodação barata em que os habitantes dividiam os quartos, equivalente a um albergue).

Em janeiro de 1933 o primeiro livro de Orwell foi lançado, em fevereiro o autor já pedia a Moore suas opiniões em sua segunda obra, enviando a ele 100 páginas. Em novembro, Blair narrou a Moore que finalizou o romance, o qual totalizava então 375 páginas. Em dezembro o autor decidiu deixar seu emprego como professor e se dedicar exclusivamente a escrever. Nas cartas trocadas entre Moore e Blair durante boa parte de 1934, há uma constante preocupação com a publicação de *Burmese Days*, segundo romance de Orwell, o qual foi rejeitado por diversos editores por receio da censura. Na epístola de 8 de fevereiro de 1934, Blair conta à Moore como foi sua reunião com Saxton, nessa reunião o editor lhe pediu que cortasse as últimas duas ou três páginas do romance, alterando seu fim, algo que o escritor disse à Moore que só aceitaria em último caso, pois “Eu odeio um romance em que o personagem principal não é descartado no final<sup>149</sup>”, uma decisão que já aponta as

---

<sup>145</sup> “George Orwell said this, but I as Eric Blair felt this.” (tradução nossa, SHELDEN, Michael, 1989 apud INGLE, 2006, p. 15). Michael Shelden foi um biógrafo americano, conhecido por sua biografia de George Orwell, por sua história da revista Horizon e de seu proprietário Cyril Connolly, assim como por sua biografia de Graham Greene e de Mark Twain.

<sup>146</sup> INGLE, op. cit., p.5-50.

<sup>147</sup> Foi um intelectual britânico, ficou conhecido por editar a revista *The New Age*. Enquanto professor em Leeds, se dedicou a Platão, à teosofia e ao ILP.

<sup>148</sup> Teólogo católico alemão.

<sup>149</sup> “I hate a novel in which the principal character is not disposed of at the end.” (ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 134)

opções narrativas sombrias que caracterizam Orwell. Em outubro deste ano, o livro foi publicado por Gollancz, após cortes. Na missiva de 3 de outubro de 1935, Blair falava do envio à Moore de seu novo romance, *A Clergyman's Daughter*, em envelope separado e contava sobre um de seus poemas (*On ruined farm near the his master's voice gramophone factory*, 1935), publicado em uma antologia por Jonathan Cape. Acerca do novo romance, contava: “é o melhor que posso fazer no presente. Tem pedaços que eu não desgosto, mas temo que ele seja muito desconectado como um todo e que seja bastante irreal<sup>150</sup>.” A postura do escritor sobre suas primeiras publicações é sempre reticente em sua correspondência com Moore, Orwell indicava múltiplas falhas em seus trabalhos e não se satisfazia com os resultados, ainda que partes das obras lhe agradassem.

Um problema recorrentemente enfrentado pelo autor foi a censura. Seus primeiros livros levavam meses em negociações devido a essa, e cortes de trechos ofensivos (como palavrões) sempre eram necessários. Esse foi um ponto levantado pelo autor na carta de 14 de novembro de 1934, outro foi a recepção de *Burmese Days* — o livro havia recebido uma crítica negativa no *Herald Tribune*<sup>151</sup>. O segundo livro de George Orwell, e primeiro romance, conta a história do mercador e meia-idade, John Flory, e suas relações com a comunidade de um porto superior em Burma, chamado de Kyauktada. O protagonista é um *outsider* cujo *status* como tal é indicado por uma marca de nascença no rosto, a qual Ingle interpreta como manifestação física de sua alienação da sociedade (algo presente, também, em Winston Smith, protagonista de *1984*, marcado por uma úlcera no tornozelo). A partir dos laços com um médico indiano, Veraswami, a vida do protagonista vai sendo enredada numa trama de relações complicadas: os ingleses o desprezam por sua aproximação com Veraswami, e ambos os homens são envolvidos na busca de U Po Kyin por inserção social na elite colonizadora. U Po Kyin se trata de um magistrado local, conhecido por sua imparcialidade, mas que no fundo tem o hábito de aceitar suborno de ambos os lados. Desde a infância, o antagonista tinha decidido que seus interesses estariam mais assegurados se lutasse no lado britânico, tornando-se ferramenta útil à elite imperial. Seu plano era acumular

---

<sup>150</sup> “it’s as good as I can do for the present. There are bits of it that I don’t dislike, but I’m afraid it is very disconnected as a whole, and rather unreal.” (ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 141)

<sup>151</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a p. 143

riquezas e influência e, ao final de sua vida, fazer boas obras e doar aos pagodes<sup>152</sup> garantindo uma boa reencarnação. *Burmese Days* enfoca uma acusação moral da podridão do imperialismo britânico, é uma história sem heróis, perpassada por mentiras, hipocrisia, traições, discriminação racial e social. A crítica de Orwell toma forma nos atos dos personagens da elite, enfatizando sua corrupção<sup>153</sup>. Nesse momento da produção de Orwell, sua crítica ao imperialismo ainda era principalmente moral.

Em 1934, *Down and Out in Paris and London* foi publicado nos Estados Unidos e *Burmese Days* na Inglaterra. Os primeiros romances de Orwell, *Burmese Day* (1934), *The Clergyman's Daughter* (1935) e *Keep the Aspidistra Flying* (1936) se tratavam de obras naturalistas lentas que giravam em torno da banalidade da classe média<sup>154</sup>. Todavia, o autor permanecia amplamente desconhecido e, por muitos anos, continuou publicando resenhas e poesia como Eric Blair, principalmente nos jornais *The Adelphi* e *New English Weekly*.

Ainda em 1934, Orwell se mudou para Londres, possibilitando um estreitamento dos laços com Richard Rees, Jack Common e Max Plowman<sup>155</sup>. Durante os anos de 1933 a 1935, o escritor publicou três poemas no *The Adelphi*, uma resenha do livro *Caliban Shrieks* de Jack Hilton<sup>156</sup>, e uma outra resenha de *Tropic of Cancer*, de Henry Miller<sup>157</sup> no *New English Review*.

As trocas epistolares de 1935 foram voltadas à publicação de *A Clergyman's Daughter*, publicado por Gollancz em março de 1935. O romance tratava da história de Dorothy Hare, a filha de um reverendo que depois de anos de autopunição masoquista pelas suas falhas dentro do cristianismo e de um episódio de assédio de um vizinho, Warburton, passa um tempo na colheita de lúpulo e nas ruas — de modo que o romance re-aproveita muito de experiências e textos anteriores do escritor. Majoritariamente, o livro trata do declínio da fé da protagonista. Nas ruas, Dorothy imergiu numa cultura onde pré-requisitos ideológicos não existem. Nesse

---

<sup>152</sup> Pagode seria o termo em português para uma torre com múltiplos telhados e pontas geralmente ligado a usos religiosos. Originalmente esta construção está ligada com a estupa, que seria a torre construída sobre uma tumba ou para guardar a relíquia de uma figura importante para o budismo.

<sup>153</sup> INGLE, op. cit., p.30-34.

<sup>154</sup> MARKS, op. cit., p. 34-37; BOUNDS, op. cit., p.19.

<sup>155</sup> Ibid., p. 63.

<sup>156</sup> Romancista, ensaísta e autor de literatura de viagem focando a classe trabalhador.

<sup>157</sup> Escritor e ensaísta americano, caracterizado pela mistura da literatura autobiográfica e ficcional.

período de sua jornada a protagonista se vê perante à possibilidade de que a vida não tenha sentido algum<sup>158</sup>. Posteriormente no enredo o mesmo homem que a assediou é quem a escolta de volta a sua casa, onde esta recobrou sua memória (que havia sido perdida anteriormente). A preocupação de Orwell com o cristianismo nesse romance o enfoca como sistema de valores e código de conduta<sup>159</sup>.

Em geral, esse é considerado o romance menos bem-sucedido do escritor, sendo, para ele mesmo, uma fonte de vergonha, dizendo, em carta a Henry Miller, “O livro é uma porcaria, mas eu fiz experimentos nele que me foram úteis<sup>160</sup>”. A recepção crítica da obra não foi muito positiva. L. P. Hartley anotou, no *Observer* que a tese do romance não era nova nem convincente, mas seu mérito jazia no tratamento corajoso dado ao tema<sup>161</sup>. Apesar da recepção menos apreciativa, o romance vendeu razoavelmente bem<sup>162</sup>.

Nas trocas epistolares de 1936, entre Cyril Connolly e Blair, este último tratava de seu novo romance e de suas experiências nas minas. Eric Blair havia sido enviado por Victor Gollancz para o norte da Inglaterra, com o objetivo de escrever sobre as condições do proletariado na região. Connolly conhecia o jovem escritor de sua época tanto em St. Cyprian<sup>163</sup> quanto em Eton College, onde ambos estudaram. Connolly se tornou crítico literário e escritor, assim como, em 1939, editor da revista *Horizon*, em que Orwell publicaria posteriormente — foi através dessa revista que George Orwell conheceu Sônia Brownell, sua segunda esposa e organizadora da coletânea das obras do autor usada neste trabalho. Os laços pessoais entre Blair e Connolly também apresentavam a característica das redes intelectuais da troca de favores. Na carta de Blair enviada em 14 de fevereiro de 1936, o correspondente pergunta sobre o desenvolvimento do novo romance de Connolly (*The Rock Pool*), pede o endereço da editora pela qual o texto seria publicado, para pedir por uma cópia, e se prontifica em resenhar o livro:

---

<sup>158</sup> MARKS, op. cit., p. 12. BOUNDS, op. cit., p. 20-182.

<sup>159</sup> Ibid., p. 20-148.

<sup>160</sup> “The book is bollox, but I made some experiments in it that were useful to me” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.229.) carta de 26 de agosto de 1936.

<sup>161</sup> HARTLEY apud MARKS, op. cit., p. 133. L. P. Hartley foi um escritor e crítico literário britânico.

<sup>162</sup> MARKS, op. cit., p. 37-140.

<sup>163</sup> Escola pública (paga) preparatória (abarcando alunos de cerca de 13 anos) para meninos frequentada por Blair.



[...] espero ou resenhar ou arranjar que o resenhem para o *New English Weekly*. Não que seja um impulso muito grande à obra, mas toda ajuda é bem vinda. Possivelmente o *Adelphi* também, mas eu duvido, pois agora eles relutam para publicar qualquer coisa que não tenha implicações políticas<sup>164</sup>.

A resenha de *The Rock Pool* foi publicada por Blair em julho, na *New English Weekly*. Esse mesmo procedimento de trocas de favores aparece na carta de Blair à Connolly em 14 de março de 1938, na qual o primeiro observava que último tinha um livro a ser lançado em breve e se oferecia para escrever resenhas para o *New English Weekly* e *Time and Tide*<sup>165</sup> — com quem publicava desde outubro de 1936. Em troca Blair pediu a Fredric John Warburg<sup>166</sup> que enviasse uma cópia de *Homage to Catalonia* à Connolly, e finaliza o parágrafo dizendo: “uma mão lava a outra<sup>167</sup>”.

Na correspondência com Richard Rees, Blair dava notícias de sua jornada no norte. Rees tinha uma relação mais íntima com o caminho trilhado pelo escritor, sendo ele quem o apresentou a outros contribuidores do jornal, articulando Blair com as classes trabalhadoras do norte do país. Blair compartilhava suas experiências e o encaminhamento de suas pesquisas com Rees, assim como pedia que este participasse do diálogo com suas próprias vivências, engajando o editor numa conversa amistosa. Na carta enviada por Blair à Rees em abril de 1936, o jovem autor pergunta a Rees se este desejava que enviasse uma cópia de *Keep the Aspidistra Flying* para *The Adelphi*, e conta que enviaria uma cópia à Frank Mead (também ligado ao *The Adelphi*) a pedido deste<sup>168</sup>.

Outro correspondente frequente de Orwell foi Jack Common, as trocas epistolares desses foram extensivas. Common foi um escritor e editor proletário, que havia trabalhado como mecânico e em vendas de sapatos; sua contribuição para o *The Adelphi* começou em 1930 e pelo periódico conheceu Blair. Na missiva enviada por Blair em 17 de Março de 1936, o autor entrou em contato propondo uma resenha

---

<sup>164</sup> “I expect I can either review it or get it reviewed for the New English Weekly. Not that that gives much of a boost, but every little helps. Possibly also the Adelphi, but this I doubt, as they now fight shy of everything that hasn't a political implication.” (tradução nossa, ORWELL, ANGUS, 1968a, p.162-163)

<sup>165</sup> *Time and Tide* era um periódico semanal, originalmente feminista, que focava eventos políticos da semana, incluindo uma seção que tratava de livros e seus autores, chamada “Men and Books” (MARKS, 2012, p.35).

<sup>166</sup> Sócio da editora Secker & Warburg.

<sup>167</sup> “You scratch my back, I'll scratch yours” (tradução nossa, ORWELL, ANGUS, 1968a, p. 309)

<sup>168</sup> MARKS, op. cit., p. 168-169; ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 218.



e narrando um pouco de suas aventuras no norte, além de afirmar seu desejo de voltar para casa e escrever. Conta ainda de suas dificuldades com a censura à *Keep the Aspidistra Flying*, e aproveitando a entrada no tema, pergunta à Common se ele gostaria que uma cópia fosse enviada à *Adelphi* para ser resenhada<sup>169</sup>.

Inicialmente Blair tratava Common com certo distanciamento profissional, abrindo as cartas sempre com “Caro Common<sup>170</sup>” e tratando-o pelo sobrenome. Na carta enviada em março de 1936, a forma de tratamento mudou e não volta a ser a mesma. Nessa missiva Blair o saúda como “Caro camarada Common<sup>171</sup>”, uma espécie de piada, pois informou que odiava esse termo e acreditava que a palavra “camarada” afastava possíveis recrutas do movimento. Essa brincadeira expõe uma conexão mais profunda entre Orwell, Common e o socialismo, que passa a ser algo compartilhado pelos dois: “espero, aliás, que você compartilhe meu preconceito contra essa palavra amaldiçoada, ‘camarada’, que tem afastado tantos possíveis recrutas do movimento socialista<sup>172</sup>”. Depois dessa carta, as epístolas de Blair à Common passaram a se iniciar com “Caro Jack<sup>173</sup>”. Outro indicativo do estreitamento dos laços entre Common e Blair se apresenta na forma como o último encerra as cartas, antes da despedida. As primeiras cartas já apresentavam certa amizade, terminando com “Espero vê-lo algum tempo depois [de retornar à Londres] <sup>174</sup>”, ou “Ficaria feliz se você pudesse me visitar algum dia<sup>175</sup>”. Conforme os dois escritores se tornaram mais íntimos, as cartas tenderam a terminar com “Por favor, mande meus cumprimentos à sua esposa<sup>176</sup>”, ou “Por favor, mande meus cumprimentos à sua esposa e filho<sup>177</sup>”.

---

<sup>169</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., p. 168.

<sup>170</sup> “Dear Common” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 168-215).

<sup>171</sup> “Dear Comrade Common,” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 233).

<sup>172</sup> “I hope by the way share my prejudice against that accursed word ‘comrade’, which has kept many likely recruit away from the socialist movement” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 233). Embora não fosse filiado a algum partido ou diretamente ligado a algum movimento socialista, Common escrevia literatura marxista, fazia discursos públicos sobre o socialismo na Royal Arcade, em Newcastle. Foi ligado ao movimento pacifista Peace Pledge Union durante a 2ª Guerra Mundial.

<sup>173</sup> “Dear Jack,” (ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 290-393).

<sup>174</sup> “Hoping to see you some time after that,” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 169).

<sup>175</sup> “I would like it if you could come over here some time.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 215).

<sup>176</sup> “Please remember me to your wife.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 290) em carta de outubro de 1937.

<sup>177</sup> “Please remember me to your wife and kids.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 297), carta de fevereiro de 1938.

Ainda nessa mesma carta Blair pedia para escrever uma nota sobre Henry Miller para o *The Adelphi*. Miller foi um autor americano e amigo de Blair com quem trocou cartas. *Tropic of Cancer*, livro de Miller, foi tratado em diversos textos de Orwell e considerado por este como uma grande obra. Nesta época, Miller acabava de publicar *Black Spring*, resenhado por Orwell para o periódico *New English Weekly*. Blair buscava vizibilizar o trabalho do amigo. Em agosto de 1946, Blair enviou uma carta a Henry Miller, contando sobre suas publicações e discutindo o novo livro de Miller, *Black Spring*. Nessa correspondência, Blair expôs que gostou do livro e o resenharia, mas que acreditava que livros como *Tropic of Cancer* eram mais sua especialidade, pois eram mais realistas e lidavam com pessoas mais ordinárias – gostos que se expressam nas próprias escolhas criativas de Orwell. Três coisas agradam especialmente Blair nesse livro: a qualidade rítmica do inglês de Miller; o fato de que o trabalho deste último traz fatos conhecidos a todos, mas nunca mencionados na imprensa – o exemplo dado por Blair é o trecho em que um personagem está mantendo relações sexuais com uma mulher, mas sofrendo porque queria ir ao banheiro (esse desejo de trazer o banal e cru da sexualidade é muito presente na obra de Orwell); a maneira como Miller vaga em devaneios onde as leis da vida comum são parcialmente suspensas. Na carta, Blair enfatiza sua postura realista nas criações literárias: “Eu tenho uma certa atitude pé-no-chão e sempre me sinto desconfortável quando tenho que me afastar do mundo comum<sup>178</sup>”.

Voltando às cartas de Blair à Common, a preocupação com o amigo em comum, Richard Rees, é bastante recorrente. Originalmente a correspondência tinha como interesse em saber notícias, após Blair e Rees se voluntariarem à luta antifascista na Espanha, as cartas de Blair passam a tratar do tema com crescente preocupação, conforme a violência da guerra aumentava. Foi através de Common que Blair pode acompanhar o paradeiro de Rees. Possivelmente a dificuldade de correspondência entre os dois últimos se devia ao fato de que eram milicianos de partidos diferentes e em conflito ao final da guerra, sendo que Blair estava alistado no Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM) e Rees lutava ao lado dos comunistas no Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC).

---

<sup>178</sup> “I have a sort of belly to earth attitude and always feel uneasy when I get away from the ordinary world.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 228)

Na carta de 5 de outubro de 1936, Blair pergunta à Common se Rees ainda estava no *Adelphi Center*, um desdobramento do *The Adelphi* com o objetivo de ser uma comunidade auto-suficiente que manteria uma casa de hóspedes para cursos de verão e conferências, promovendo estudos socialistas. Nessa missiva, Blair contou ter conhecido “algumas pessoas interessantes” e ter acompanhado a palestra de E. C. Large, um químico que Blair convidou à sua casa. Nessa mesma sede, ocorreram palestras de John Strachey – político e escritor britânico pró-comunista ligado ao Labour Party e ao *Left Book Club* de Gollancz, pelo qual Orwell publicaria *The Road to Wigan Pier* – e de N. A. Holdaway – teórico marxista, membro do Independent Socialist Party, contribuidor do *The Adelphi* e diretor do *Adelphi Center* – as quais o escritor disse sentir ter perdido<sup>179</sup>. John Strachey foi considerado por Bounds<sup>180</sup> um dos autores marxistas mais importantes da Inglaterra do século XX, e está entre os que foram citados por Orwell, estando mesmo ligado à publicação de *The Road to Wigan Pier*.

A troca de cartas entre Common e Blair incluía também combinação de encontros e informações sobre livros que seriam publicados pelos autores e editoras. Na epístola de 16 de fevereiro de 1938, Blair combina com Common um chá que pretendia estender até o horário de abertura dos bares, indicando que esse era um dos espaços de sociabilidade que frequentava em suas trocas intelectuais. Aconselhava, também, Common a levar seu novo livro, provavelmente *Seven Shifts* (lançado neste mesmo ano) a Gollancz, pois seria possível que este não notasse a falta de ortodoxia marxista do texto. Em março do mesmo ano, uma missiva de Blair informa a chegada de uma cópia de *Seven Shifts*, enviada pelo editor em comum de ambos, Secker & Warburg (ao qual Orwell se conecta após dificuldade de publicar textos anti-stalinistas com Gollancz), que lhe pede para divulgar o texto de Common. Na carta, Blair conta que era comum que Warburg<sup>181</sup> lhe pedisse que divulgasse trabalhos. Apesar de escrever resenhas para divulgar trabalhos de amigos, as críticas de Orwell mantêm certo distanciamento profissional. Segundo Ingle, o escritor costumava dizer que gostaria de reter sua brutalidade intelectual nesses

---

<sup>179</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p.233.

<sup>180</sup> BOUNDS, op. cit., p.108.

<sup>181</sup> Fredric John Warburg, editor britânico.

trabalhos. Sua sensação com relação aos pedidos de Warburg era de desconforto por estar vendendo sua integridade<sup>182</sup>.

Outro elemento presente nas trocas epistolares de Common e Blair é o compartilhamento das expectativas sombrias com relação ao futuro e o medo da vitória do fascismo e totalitarismo sobre a Europa na guerra que pairava sobre o continente. Uma forma constante que esta angústia tomava era a certeza de Blair que seu fim seria em campos de concentração: “Ouso dizer que o terminarei [novo romance, *Inside the Whale*] em um campo de concentração<sup>183</sup>”. Na correspondência de Blair e na produção de Orwell experiências pessoais, política e relações intelectuais se misturavam.

Durante a produção de *The Road to Wigan Pier*, Blair vivenciou uma aproximação com o socialismo através do convívio com os trabalhadores do norte da Inglaterra. Enquanto miliciano do POUM, as experiências pessoais de Orwell e a política se tornaram inseparáveis e assim prosseguiram pelo resto de sua carreira. Essa inseparabilidade foi confessada com amargura em uma carta de 2 de abril de 1938 à Stephen Spender:

Estive com medo de que tendo lido aqueles dois capítulos [de *Homage to Catalonia*] você carregaria a impressão de que todo o livro é propaganda trotskista, quando na verdade apenas metade ou menos deste é controverso. Eu odeio escrever este tipo de coisa e sou muito mais interessado na minha própria experiência, mas infelizmente nessa droga de período [in this bloody period] que vivemos as experiências *estão* misturadas em controvérsias, intrigas etc. Às vezes eu sinto como se não estivesse propriamente vivo desde o começo de 1937. Eu me lembro de, em vigia nas trincheiras perto de Alcubierre<sup>184</sup>, recitar o poema ‘Felix Randal’, do Hopkins<sup>185</sup>, espero que você o conheça, de novo e de novo a mim mesmo para passar o tempo no frio, e esta foi mais ou menos a última vez que senti algo pela poesia<sup>186</sup>.

<sup>182</sup> BOUNDS, op. cit., p. 303; INGLE, op. cit., p.7.

<sup>183</sup> “I dare to say I’ll have finish it [novo romance] on the concentration camp” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968, p.330)

<sup>184</sup> Município localizado na província de Huesca, Espanha.

<sup>185</sup> Gerard Manley Hopkins foi um padre jesuíta e poeta, considerado um dos maiores poetas da literatura inglesa.

<sup>186</sup> “I have been afraid that having read those two chapters [de *Homage to Catalonia*] you would carry away the impression that the whole book was Trotskyist propaganda, whereas actually only about half of it or less is controversial. I hate writing that kind of stuff and am much more interested on my own experiences, but unfortunately in this bloody period we are living in one’s only experiences *are* being mixed up in controversies, intrigues, etc. I sometimes feel as if I hadn’t being properly alive since abt the beginning of 1937. I remember on setry-go in the trenches near Alcubierre I used to do Hopkins’s poem ‘Felix Randal’, I expect you to know it, over and over to myself to pass the time away in that bloody cold, & that was abt the last occasion when I had any feeling for poetry.” (grifo do autor, tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 311)

A experiência da guerra e a vivência da ascensão do fascismo e do totalitarismo mergulharam a intelectualidade de esquerda, e Orwell juntamente, em uma outra relação com a arte. A literatura para o escritor passa a ser espaço de discussão e análise política, sua relação com o belo mudou a partir das milícias, de um modo quase radical. Em *Why I Write?* (1946), o autor analisou retrospectivamente as mudanças nos seus motivos de escrita e observou que originalmente ele “queria escrever romances naturalistas enormes com finais infelizes, cheios de descrições detalhadas e similaridades arrebatadoras, também cheios de passagens rebuscadas em que as palavras seriam usadas parcialmente pelo seu som. E de fato meu primeiro romance completo, *Burmese Days* [...] é este tipo de livro<sup>187</sup>”. Contudo, a Guerra Civil Espanhola, junto a outros eventos de 1936 e 1937, funcionaram como divisor de águas, a partir deste momento sua produção foi vinculada ao seu posicionamento como socialista antitotalitário.

Ainda, antes da Guerra Civil Espanhola, Orwell publicou *Keep the Aspidistra Flying* (1936), em que narra a história de um jovem autor que desiste de seu emprego lucrativo para se dedicar à poesia. O protagonista crê ter dado as costas a uma sociedade corrompida e falida em seus princípios, mas, no fim do romance, o protagonista é tomado pelo senso de fracasso e destrói todos seus poemas, volta ao seu emprego na agência de publicidade e se casa com a noiva que insistia que retornasse ao velho emprego. Gordon Comstock, o protagonista, e Rosemary Waterlow, sua esposa, se casam e vão viver confortavelmente, mas é uma questão de tempo até Comstock ser tomado por amargura<sup>188</sup>.

No período entre 1928 e 1940, Blair tornou-se escritor e a persona literária George Orwell foi criada. Tratou-se de um processo lento, cheio de atritos e rupturas, bem como perpassado pelas diversas relações estabelecidas pelo escritor. Neste recorte Orwell publicou resenhas, ensaios, artigos e romances, estabelecendo relações com diversas revistas e editores. Pelo cunho sociológico de sua escrita, Blair recebeu oportunidades de publicação e mesmo a possibilidade de vivenciar as

---

<sup>187</sup> “I wanted to write enormous naturalistic novels with unhappy endings, full of detailed descriptions and arresting similes, and also full of purple passages in which words were used partly for the sake of their sound. And in fact my first completed novel, *Burmese Days* [...] is rather that kind of book.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 3)

<sup>188</sup> BOUNDS, op. cit., p. 185; INGLE, op. cit., p.52.

minas de carvão e o desemprego massivo no Norte da Inglaterra, onde viveu entre a classe trabalhadora. Os ensaios foram grande parte da sua produção nesse período, através desses Orwell buscou sua própria voz, experimentando um afastamento dos dados pesados dos artigos e se aproximando de narrativas mais pessoais. Já na literatura, os primeiros livros do autor mesclaram naturalismo com experiências pessoais, porém, com a Guerra Civil Espanhola esse padrão se modificou, pois o conflito o forçou a abordar política de maneira mais pessoal e o afastou das descrições detalhistas.

## 1.2. ENSAIOS E A INSERÇÃO NO DEBATE PÚBLICO

Os ensaios de Orwell são grande parte de sua produção literária, contribuindo significativamente para seu desenvolvimento cultural e político, enquanto transmitia seus argumentos e observações a uma ampla variedade de leitores. Apesar de conhecidos e apreciados individualmente nos países anglófonos, esses textos, como um todo, são extensivamente menos considerados e estudados do que romances e produções testemunhais do autor.<sup>189</sup> Neste trecho do trabalho, enfocamos os primeiros ensaios do autor, tendo em vista uma inserção de Orwell em debates políticos e sociais públicos numa imprensa de esquerda, assim como levando em consideração seu desenvolvimento como escritor em seus textos ensaísticos.

Os ensaios quase sempre apareciam em periódicos políticos e literários antes de serem reunidos em antologias. Alguns desses periódicos eram quase desconhecidos, como o *Gangrel*, *Now*, *New English Weekly*, *The Highway* e *Fortnightly Review*, cuja circulação era menor que 5 mil cópias por número. Já outros tinham uma reputação mais substancial, como é o caso do *The Adelphi*, *Horizon* e *Partisan Review*, mas, mesmo assim seu público leitor era reduzido; *Horizon*, por exemplo, nunca vendeu mais de 10 mil cópias. Embora esses jornais não possuíssem circulação tão alta, cumulativamente foram cruciais na movimentação intelectual e crítica do debate público de esquerda entre os anos de 1930 e 1940, segundo Peter Marks<sup>190</sup>.

---

<sup>189</sup> MARKS, op. cit., p. 1.

<sup>190</sup> Ibid., p. 4-5.



A literatura ensaística de George Orwell respondeu a tumultos e eventos nacionais e globais, participando de debates culturais e políticos, valorizando tendências e inovações literárias, buscando moldar a cultura e a política futura. Muitas destas tentativas de talhar o futuro falharam, muitas das especulações do escritor erraram, o que é normal em uma cultura de periódico que opera em tempo real com os acontecimentos<sup>191</sup>.

Para Marks, a cultura de periódicos britânica remonta, ao menos, aos primeiros volumes de *The Tatler*, publicado em 1709, o qual promoveu um marco para a imprensa britânica e para o uso do ensaio. Junto ao *The Spectator*, *The Tatler* era um jornal focado na reforma moral. A partir do século XVIII os periódicos tendiam a se unir aos partidos, assim como a serem criados por estes. Inevitavelmente os periódicos atacavam as posições dos oponentes e defendiam as de seu próprio partido<sup>192</sup>.

A imprensa é considerada, por Habermas, uma das instituições da esfera pública, a qual, em sua forma idealizada, media a relação dos indivíduos privados com o Estado. Os indivíduos na esfera pública, idealmente, teriam total liberdade de associação e expressão<sup>193</sup>. A esfera pública pôde, inicialmente, ser entendida como a esfera das pessoas privadas reunidas em público, dirigidas contra a autoridade do Estado. O meio dessa discussão seria a racionalidade pública, derivada da racionalidade e consciência subjetiva, mas partilhada dialogicamente<sup>194</sup>.

A esfera pública pertence à sociedade burguesa, sendo, para Habermas, advinda do setor de trocas de mercadorias e do trabalho social. Para o autor, no século XVIII as corporações profissionais urbanas teriam evoluído para a esfera da sociedade burguesa que se contrapôs ao Estado. A troca de mercadorias trouxe consigo a de informações. Com a expansão do comércio, o cálculo comercial orientado pelo mercado precisava de um fluxo de informações frequente e exato, e este se deu pela troca de cartas comerciais. A partir do momento em que essa troca foi tornada acessível ao público, a imprensa passou a existir. A troca de informações presente na imprensa cresceu para além das necessidades do intercâmbio de

---

<sup>191</sup> Ibid., p. 5.

<sup>192</sup> Ibid., p. 10.

<sup>193</sup> MARKS, loc. cit.

<sup>194</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984, p. 42.



mercadorias. Os primeiros jornais impressos frequentemente se desenvolveram a partir dos mesmos escritórios de correspondência que promoviam os jornais manuscritos. Com o aumento da tiragem, a informação impressa, que era comprada, se tornou mais barata, causando um aumento do público leitor<sup>195</sup>.

A camada burguesa assumiu posição central nessa esfera. Em reação às intervenções públicas na economia doméstica privada — taxas e impostos, falta de trigo, proibição de consumo de pão em datas religiosas — a burguesia transformou a esfera pública principalmente em esfera crítica. A participação dos sujeitos nos debates travados nesta esfera se deu por meio da imprensa. No último terço do século XVII, as revistas começaram a complementar os jornais, não contendo informações, mas sim instruções pedagógicas e resenhas<sup>196</sup>.

Com o avanço da imprensa, os leitores adquiriram o suporte necessário para o exercício de uma opinião crítica, e a esfera pública assume-se como verdadeira instância política que começa por exigir a mudança na base de legitimação da dominação para, depois, questionar a própria dominação<sup>197</sup>. A opinião pública politicamente participativa dependia da publicidade da racionalidade e partilhamento desta com grupos e sujeitos<sup>198</sup>.

Essa esfera se organizou através de suas instituições, e inicialmente os cafés tiveram grande importância na Inglaterra. Na primeira década do século XVIII já existiam três mil cafés em Londres, cada um com seu círculo íntimo de fregueses habituais. Nesses espaços, só eram admitidos homens. No século XVIII esses eram numerosos e o seu círculo de frequentadores era tão amplo e multiforme que sua coesão só poderia ser mantida através dos jornais e revistas. Tais periódicos eram intimamente ligados a vida nos cafés, havendo uma proximidade entre a palavra escrita e falada. Muitos textos publicados mantinham diálogos, transportando para a imprensa a conversação e a discussão cotidiana<sup>199</sup>.

Influenciado pelo positivismo e pelo seu surgimento como indústria, o jornalismo funcionava sob uma fórmula que presumia a possibilidade de um relato

---

<sup>195</sup> Ibid., p. 15-30.

<sup>196</sup> Ibid., p. 35-39.

<sup>197</sup> Ibid., p.26.

<sup>198</sup> KOSELLECK, Reinhard. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.

<sup>199</sup> HABERMAS, op. cit., p. 48-59.

exato e objetivo da realidade. De modo que ele contribuiu para a construção da realidade, para a rotinização da dinâmica social em acontecimentos-tipo, erupções controladas e comportamentos previsíveis. A linguagem jornalística seria uma forma de estabilização da experiência; como *bricoleurs*, os jornalistas apagavam a fragmentariedade da realidade. Essa estabilização resultaria das normas de composição e dos esquemas pré-determinados. Normas e hábitos estruturam o campo jornalístico e os jornais como instituição. Essas regras definem a rotina de seleção e confecção de seu produto, a notícia, assim como as relações entre os profissionais e com a fonte<sup>200</sup>.

No início do século XX, os jornais já haviam se transformado num bem de consumo corrente, comportando diversos investimentos. Os editores e proprietários buscavam formas e conteúdos que proporcionassem maiores tiragens e trouxessem mais anunciantes e suporte publicitário. Os jornais deixavam de ser suporte de cruzadas político ideológicas e passavam a incluir seções destinadas ao entretenimento. Esse suporte foi mais raro para os movimentos trabalhistas e socialistas, pois os anunciantes, predominantemente conservadores, recebavam suportar economicamente jornais com tendências que conflitavam seus próprios interesses<sup>201</sup>.

O jornalismo do século XX seria, para Correia e Habermas, um jornalismo de massas, articulado por uma indústria cultural. A dissolução dos públicos na sociedade de massa representou o triunfo da racionalidade burocrática instrumental e gerando a crise da cidadania e da opinião pública. O público quando dissolvido em massa, isto é, em formas de sociabilidade apáticas e submissas, dispostas a interiorizarem a autoridade das instituições, implica a falência da opinião pública enquanto instância crítica. Para a escola de Frankfurt a opinião pública estaria à mercê das tendências irracionais e consumistas da sociedade de massas<sup>202</sup>. O jornalismo de massa e a indústria cultural se opõe e corrompem a ideia de uma instituição de exercício da racionalidade crítica.

---

<sup>200</sup> CORREIA, João Carlos (1998) *Jornalismo e Espaço Público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1998, p. 86-109.

<sup>201</sup> Ibid., p. 91-97.

<sup>202</sup> Ibid., p. 44-52.

Em oposição a esta concepção haveria, segundo Correia, a noção do jornalismo como espaço de confronto de opiniões, levando em consideração, claro, sua relação com o mercado e com o consumo irrefletido, onde é possível que se exerçam embriões de espaços de resistências caracterizados pela publicidade crítica<sup>203</sup>.

O autor aponta que o produto jornalístico se constitui como resultado de um conjunto de tarefas organizadas industrialmente e sua fabricação visa o lucro. Mas a questão seria saber se isso é a regra da catástrofe — no sentido de uma destruição total das características críticas da imprensa e sua função de movimentação do debate público, assumindo exclusivamente funções de manipulação e massificação da sociedade civil — ou se podemos olhar para o panorama da indústria jornalística tendo em conta diferenças e especificidades, assim como diferentes níveis de abertura e fechamento, de apelo à razão ou ao consumismo<sup>204</sup>. No caso dos jornais onde Orwell publicava, suas tiragens eram pequenas ou médias, atendiam especificamente a um público interessado em literatura, de esquerda e/ou partidário e seus textos sempre pretendiam promover o escrutínio e o debate. Em específico, as publicações de Orwell traziam informações e posicionamentos que chamavam atenção a debates políticos, sociais e culturais britânicos agitados (como a entrada ou não na 2ª Guerra Mundial, a luta anti-fascista na Espanha, a condição de trabalho nas minas ou de vida nas ruas de Londres), buscando publicizar questões consideradas relevantes por ele e pelos periódicos em que publicava, assim como visando defender ou criticar uma determinada posição política acerca de uma questão vigente.

A relevância do conceito de esfera pública na análise dos ensaios de Orwell se encontra no modelo de discussão e contestação pública em que a cultura de periódicos se move. Um ponto importante para pensar a participação de Orwell numa esfera pública é a existência de uma imprensa alternativa, havia, neste período, uma pluralidade de jornais e revistas com cunhos políticos e escopos dos mais variados. No século XX, alguns jornais se tornaram manifestos pela liberdade artística, assim como por alguns movimentos em especial. As revistas, no início do

---

<sup>203</sup> Ibid., p. 110-117.

<sup>204</sup> Ibid., p. 117-118.

século, passavam por um aumento do dogmatismo e um estreitamento de seus temas, assumindo um estilo mais militante e conflituoso<sup>205</sup>.

A cultura de periódicos britânica dos anos 1930 se afastava do debate estético dos anos 1920 em direção a um maior engajamento político. O momento em que autor escrevia favorecia uma aproximação com o ativismo. A Europa vivia situações políticas — como a ascensão do Nazismo, a guerra na Espanha, discussões sobre desarmamento, pacifismo, isolacionismo, etc. — que demandavam espaço na imprensa<sup>206</sup>.

O editor de *New Statesman and Nation* na época, Kingsley Martin, observou que, de certo modo, os anos 1930 foram uma grande era de semanários. Todos os jovens escritores que buscavam reputação literária, ou a construção de uma figura política, buscavam estes espaços para se estabelecerem. Neste sentido, os ensaios cumprem importante papel, sendo comum ponto de partida entre escritores que ainda não testaram suas habilidades publicamente<sup>207</sup>.

Nos anos de 1940 quase todos os jornais já citados haviam sido substituídos por novos periódicos — como *Horizon*, *Polemic*, *Windmill*, *Politics and Letters* e *Gangrel* —, a versão ou área da esfera pública em que Orwell publicava, continuou a ser repaginada e reconfigurada como força cultural e política durante a 2ª Guerra Mundial e no pós-guerra. Muitos autores deste período substituiriam seu engajamento por uma atitude apocalíptica (a esperança em mudanças sociais profundas foi abandonada, o futuro deixava de ser lugar de luta e revolução para se apresentar como horizonte sombrio, possivelmente dominado por regimes autoritários e pelo capitalismo) a perspectiva de aniquilação global pressionou o romance e os contribuidores dos periódicos em outros sentidos<sup>208</sup>.

No que tange à Orwell, suas origens de classe média e educação em Eton o proveram valiosas conexões literárias, seus laços com aqueles que estavam em posição de controle de certos periódicos foram cruciais para seu desenvolvimento literário. A contribuição de Orwell em periódicos<sup>209</sup> consistiu, majoritariamente, em

---

<sup>205</sup> MARKS, op. cit., p. 11-13.

<sup>206</sup> Ibid., p. 14.

<sup>207</sup> Ibid., p. 12-14.

<sup>208</sup> Ibid., p. 15-16.

<sup>209</sup> Para Richard Rees, quatro foram os periódicos que mais tiveram influência na vida do escritor de 1984, estes foram: *The Adelphi*, o qual o ajudou a começar a escrever e publicar; *Horizon*, onde este

resenhas e ensaios. Essa última forma foi utilizada em muitos dos mais importantes trabalhos do escritor. A flexibilidade de forma dava a esse a possibilidade de debater o tema e expor seus argumentos sem alongar muito o texto ou aprofundá-lo. A incompletude liberta o ensaio das necessidades de sequência e estrutura, de modo que os ensaístas possam se mover rápida e habilmente ao centro do tema, assim como podem fazer observações provisórias, especulativas, comentários e declarações que não demandam justificativa ou muita substância. Esta mobilidade e liberdade foram úteis a um polemista como Orwell, pois o ensaio poderia fornecer ferramentas para a comunicação de opiniões pouco ortodoxas ou provocativas, as quais poderiam ceder sob o escrutínio aprofundado. Além disso, o ensaio auxilia no objetivo de respostas e reações rápidas aos posicionamentos, ajudando a levantar o debate. No ensaio é possível, ainda, traçar argumentos vívidos, seu tom pode ser mais pessoal, o que ajuda a expressar a visão do próprio autor sobre o mundo<sup>210</sup>.

Esta liberdade estilística fraturada, desprendida de método ou de submissão a um conceito, foi utilizada por Orwell com o objetivo de trazer temas e posições para o debate público, sem criar nos textos um aprofundamento teórico que o afastasse de um público mais geral. O ponto de vista pessoal também foi muito usado por Orwell, criando narrativas envolventes, que flertavam com os limites entre ensaio e conto. Como já dito, neste momento trataremos dos primeiros ensaios de Orwell, através dos quais o escritor se inseriu no debate público entre os anos de 1930 e 1940, deixando de lado ensaios referentes à Guerra Civil Espanhola e 2ª Guerra Mundial, os quais serão tratados no terceiro capítulo deste trabalho. Dentre os ensaios tratados aqui, veremos *The Spike*, *Hop Picking*, *On Kipling's Death*, *A Hanging* e *Not Counting Niggers*. Os temas abordados por esses textos são: a condição da vida nas ruas e a crueldade do imperialismo britânico. O autor havia deixado há pouco a Birmânia e vivido nas ruas, tais experiências não só forneceram material de escrita, mas também desenvolveram nele críticas sociais e desejo de luta.

---

pode se estabelecer como um ensaísta, principalmente durante a 2ª Guerra Mundial; *Partisan Review*, que o fez conhecido nos Estados Unidos como um dos principais representantes da intelectualidade de esquerda britânica, através de suas *Letters from London*, publicadas durante a 2ª Guerra Mundial; e o *Polemic*, onde o escritor publicou muitos de seus textos mais sóbrios escritos ao fim de sua vida, tocantes à política e culturas. (REES apud MARKS, 2012, p. 13-16)

<sup>210</sup> Ibid., p. 10.

*The Spike* foi um dos primeiros textos submetidos por Orwell ao *The Adelphi*, e publicado vinte meses após seu aceite por Plowman. Seu tema é a vida dos indigentes em uma casa de trabalho (chamada de coloquialmente de *spike*) em Londres. Seu material se assemelha muito ao das publicações de Blair na França, no *Le Progrès Civique*, mas esses primeiros textos buscavam uma objetividade e distanciamento, trazendo informação aos leitores franceses, diferente do ensaio em questão, em que o autor adota uma perspectiva em primeira pessoa do singular, tornando o texto mais vivido e engajado.<sup>211</sup> Philip Bounds afirma que o texto transmite a “aflição diária, monotonia e humilhação da vida de um indigente para o público britânico predominantemente de classe média do *The Adelphi*. Cria uma tensão central com os leitores do *Adelphi* entre seu interesse e sua potencial repulsa”.<sup>212</sup> Assim como a audiência, o narrador também é de classe média, seu testemunho é empático, mas ele nunca faz, realmente, parte do ambiente, passa pela história como *outsider*. Essa posição ressurge no seu horror ao banheiro sujo e a sua negação de se banhar na mesma água em que os pedintes se banhavam. Também está presente em outros trechos, por exemplo: para Blair homens que não tiveram educação enfrentavam o confinamento sem nenhum recurso, tendo só o tédio consigo, e eram menos capazes de significar a própria experiência, “Apenas homens educados, que podem encontrar consolo em si mesmos, podem suportar o confinamento. *Indigentes, quase todos iletrados, encaram sua pobreza com mentes vazias e sem recursos.*”<sup>213</sup>

Ainda que enfatizando a humanidade dos personagens e buscando sensibilizar o leitor para a condição destes, Orwell ainda as olha de uma posição de superioridade, a mesma com que olha para os burmeses. Blair se vestia com roupas gastas e rumava ao mundo noturno das ruas, *spikes*, abrigos e prisões, com alegria. Esta obsessão em descer ao mais baixo da sociedade não era só uma busca de redenção, mas também um prazer, advindo de um romantismo que acreditava que entre as classes mais baixas havia companheirismo e decência ausentes na

---

<sup>211</sup> MARKS, op.cit. p. 25-26.

<sup>212</sup> “daily squalor, monotony and humiliation of a tramp’s life for The Adelphi’s predominantly middle-class British audience. It sets up a central tension with Adelphi readers between their interest and their potential repulsion.” (tradução nossa, BOUNDS, 2012, p. 25)

<sup>213</sup> “Only an educated man, who has consolation within himself can endure confinement. *Tramps, unlettered types as nearly all of them are, face their poverty with blank, resorseless minds.*” (grifo nosso, tradução nossa ORWELL; ANGUS, 1968a, p.40)

burguesia<sup>214</sup>. A experiência nas ruas foi prazerosa para Blair: “lá embaixo, no esqualido e tedioso mundo dos indigentes, eu sentia libertação e aventura, o que parece absurdo quando eu olho para trás, mas era um sentimento suficientemente vivido então.”<sup>215</sup>

*The Spike*, *Common Lodging Houses* e *Hop Picking* foram três ensaios publicados por Blair a partir de sua vivência nas ruas. *Common Lodging Houses* tratava das condições num albergue do governo e *Hop Picking* abordou as condições de trabalho na colheita do Lúpulo. O *Hop Picking* foi um ensaio publicado em 1931 no jornal *The New Statesman and Nation*.<sup>216</sup> Esse texto se baseou nos diários escritos pelo autor no período em que trabalhou nas colheitas. O texto apresenta um testemunho breve, cobrindo o período entre agosto e outubro de 1931. Como em *The Spike*, o escritor deixou claro que era novo nesse trabalho e boa parte do texto explica o processo da colheita e as condições de trabalho dos homens, mulheres e crianças que desempenhavam esta função temporariamente. De modo que o texto, antes de mais nada, leva aos leitores conhecimento de primeira mão acerca desse processo, portanto, *Hop Picking* também tem bastante em comum com os escritos que Blair publicou na França, diferindo destes por também assumir o ponto de vista centralizado, dando sua perspectiva e tom para o trabalho.

Para os trabalhadores que Blair descreve no ensaio, a atividade rural, ainda que mal paga e longa, era uma alternativa aos trabalhos penosos da cidade. O posicionamento de Orwell sobre o trabalho é intermediário, alegando que este não era agradável, mas também não era o pior emprego do mundo. Devido às ondas de fome e às regras do labor, esses trabalhadores estariam em condições análogas à

---

<sup>214</sup> BOUNDS, op. cit., p. 30.

<sup>215</sup> “down there in the squalid and, as a matter of fact, horribly boring sub-world of the tramp I had a feeling of release, of adventure, which seems absurd when I look back, but which was sufficiently vivid at the time.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online)

<sup>216</sup> A fusão do *The New Statesman* e do *The Nation* era recente ainda, assinalando uma reestruturação do periódico. *The New Statesman* foi criado em 1913 para veicular as ideias da sociedade fabiana, competindo com os jornais *New Age* (de inclinações socialistas) e *The Nation* (liberal). Em 1922 *New Age* cedeu e *The Nation* foi fundido com o *The Athenaeum*, de Middleton Murry (que criaria *The Adelphi* no ano seguinte). No início de 1930 *The New Statesman* encalhou sob a direção de Clifford Smith, fazendo com que John Maynard Keynes, um dos banqueiros que subsidiaram *The Nation*, organizasse a fusão do que era então *The Nation and Athenaeum* e *The New Statesman*, gerando o *The New Statesman and Nation*, sob direção de Kingsley Martin. (MARKS, 2012, p. 32)



escravidão, mas o emprego oferecia vantagens que faziam com que os trabalhadores sazonais sempre voltassem: a atividade em si era divertida olhando retrospectivamente, e como não faltavam desempregados dispostos a realizá-la, os empregados não deveriam reclamar muito alto, para evitar que mesmo isso lhes faltasse. Diferente das figuras envolventes e sombrias que aparecem em *The Spike*, as figuras de *Hop Picking* são mais alegres e coloridas, o grupo retratado não se sente desprezado, oprimido ou politicamente rebelde, apesar de explorado<sup>217</sup>.

*A Hanging* foi publicado pelo *The Adelphi* em 1931, assim como *The Spike*, *Common Lodging House* e *Hop Picking*, trata-se de um texto testemunhal em que o autor conta a história de um enforcamento que teria assistido, e no qual teria participado como policial, em Burma. Este texto é conhecido por borrar as fronteiras entre ficção e testemunho — divisão esta que é porosa, havendo trocas e contato entre ambos — pois contém elementos os quais diversos intérpretes analisam como ficcionais, que teriam por função completar a mensagem de um relato que, em si mesmo, pode ou não ser verdade, pois nada confirma que Blair presenciou um enforcamento.

A narrativa começa com a busca do condenado em sua cela, passa pelo enforcamento e termina com os policiais bebendo e rindo, enfatizando a crueldade do império e a desumanização daqueles que o servem. *A Hanging*, bem como *The Spike*, tocava pontos em comum com as preocupações políticas do *The Adelphi*. Posteriormente foi considerado um clássico, mas durante a vida de Blair só foi republicado uma vez, em 1946, no pequeno jornal *The New Savoy*. O ensaio em questão foi mais bem refinado e construído que *The Spike*<sup>218</sup>. A narrativa fecha em si mesma, sem excessos ou lacunas, e traz mensagens complexas e delicadas na linguagem simples e clara que ficou caracterizada como a de Orwell.

Esse texto pode também ser lido como conto. A narrativa é coerente, as descrições são vívidas, têm poucos personagens, um narrador, gira em torno de um acontecimento, além disso, apresenta um dilema ético e paradoxos acerca do imperialismo e da violência que é tirar uma vida. Há, também, quem chame o texto simplesmente de esboço<sup>219</sup>.

---

<sup>217</sup> MARKS, op. cit., p. 32-33.

<sup>218</sup> Ibid., p. 28.

<sup>219</sup> Ibid., p. 28.

O enredo começa a ser tecido quando o narrador se encaminha até a cela do condenado. Cada cela, conta Blair, media cerca de três metros (10 pés), e não tinha nada dentro com exceção da cama de prancha e de um pote com água potável, “Em algumas delas homens morenos silenciosos estavam agachados, para dentro das barras, enrolados em cobertores. Esses homens eram condenados, devendo ser enforcados dentro das próximas semanas<sup>220</sup>”. Chegando à cela do homem que seria enforcado, cujo crime não nos é informado, o narrador o descreve como fraco e franzino, careca, de olhos líquidos e vazios, com um bigode absurdamente grande para seu corpo<sup>221</sup>.

A caminho da própria execução o condenado segue sendo assistido pelo narrador, que observou “as costas pardas nuas do prisioneiro marchando na minha frente. Ele andou desajeitadamente com os braços amarrados, mas com firmeza [...]. Uma hora, apesar dos homens que o seguravam em cada ombro, ele se afastou um pouco para evitar uma poça no caminho<sup>222</sup>.” Essa ação desperta a análise do narrador, fazendo-o refletir sobre o significado de tirar uma vida:

É curioso, mas até aquele momento eu nunca havia percebido o que significa destruir um homem saudável e consciente. Quando vi o prisioneiro se afastar para evitar a poça, vi o mistério, o indescritível erro, de cortar uma vida curta quando está em seu auge. Esse homem não estava morrendo, ele estava vivo como nós estávamos vivos. Todos os órgãos de seu corpo estavam trabalhando — intestinos digerindo comida, pele se renovando, unhas crescendo, tecidos se formando — todos trabalhando em solene tolice. Suas unhas ainda estariam crescendo quando ele estivesse sobre o alçapão, quando ele estivesse caindo no ar com um décimo de segundo para viver. Seus olhos viam o cascalho amarelo e as paredes cinzentas, e seu cérebro ainda se lembrava, previa, raciocinava — raciocinava até sobre poças d'água. Ele e nós éramos um grupo de homens caminhando juntos, vendo, ouvindo, sentindo, entendendo o mesmo mundo; e em dois minutos, com um estalo repentino, um de nós desapareceria — uma mente a menos, um mundo a menos<sup>223</sup>.

---

<sup>220</sup> “In some of them brown silent men were squatting at the inner bars, with their blankets draped round them. These were the condemned men, due to be hanged within the next week or two.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.44).

<sup>221</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p.44

<sup>222</sup> “the bare brown back of the prisoner marching in front of me. He walked clumsily with his bound arms, but quite steadily[...]. And once, in spite of the men who gripped him by each shoulder, he stepped slightly aside to avoid a puddle on the path.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.45).

<sup>223</sup> “It is curious, but till that moment I had never realized what it means to destroy a healthy, conscious man. When I saw the prisoner step aside to avoid the puddle, I saw the mystery, the unspeakable wrongness, of cutting a life short when it is in full tide. This man was not dying, he was alive just as we were alive. All the organs of his body were working — bowels digesting food, skin renewing itself, nails growing, tissues forming — all toiling away in solemn foolery. His nails would still

Orwell usa a banalidade do ato de desviar de uma poça para nos levar à reflexão do sentido da pena capital aplicada pelo império britânico. Não importa o crime do sujeito, ele caminha junto aos outros homens, tão vivo quanto, sentindo, pensando, vendo. Entretanto em alguns minutos, tudo que este homem é e representa é apagado; como a coisa mais corriqueira, a vida é rompida de seu fluxo. Isso é feito pelos colonizadores simplesmente porque estes podiam fazê-lo, podiam decidir matar: sua cor de pele e a nacionalidade britânica os permitia.

O que Blair fez nesse texto foi obrigar o leitor a encarar as realidades duras do império. O homem que desvia da poça era dotado de inteligência. A chamada justiça era sempre a prerrogativa para que o poder imperial agisse e explorasse. A receptora das leis imperiais era uma nação explorada, que teve de encarar as implicações sociais dessas leis.<sup>224</sup> A justiça imperial era parte de um sistema de manutenção da dominação política e econômica sobre o território, como Orwell mesmo afirma em textos subsequentes como *The Road to Wigan Pier*. O condenado aparece no enredo como desprovido de poder, é apresentado de modo a ganhar a simpatia do leitor. Apesar de fraco e amarrado, ele se dirige à própria morte com dignidade.

O narrador nos conta que, ao chegar à forca, o condenado rogou ao divino, suas súplicas se estenderam até a morte. Quando o corpo já estava suspenso no ar estas se tornaram apenas barulho, mas continuaram:

E então, quando o laço foi fixado, o prisioneiro começou a gritar por seu deus. Foi um grito alto e reiterado de 'Ram! Ram! Ram! Ram!', Não urgente e temeroso como uma oração ou um pedido de ajuda, mas constante, rítmico, quase como o toque de um sino. Um cachorro respondeu ao som com um gemido. O carrasco, ainda de pé na forca, tirou uma pequena sacola de algodão como um saco de farinha e colocou sobre o rosto do prisioneiro. Mas o som, abafado pelo tecido, ainda persistia, repetidamente: 'Ram! Ram! Ram! Ram! [...]. Nós olhamos o homem amarrado e encapuzado cair e ouvimos seus gritos — cada súplica, mais um segundo da vida; o mesmo pensamento estava em todas as nossas mentes: oh,

---

be growing when he stood on the drop, when he was falling through the air with a tenth of a second to live. His eyes saw the yellow gravel and the grey walls, and his brain still remembered, foresaw, reasoned — reasoned even about puddles. He and we were a party of men walking together, seeing, hearing, feeling, understanding the same world; and in two minutes, with a sudden snap, one of us would be gone — one mind less, one world less." (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.45-46).

<sup>224</sup> MARKS, op. cit., p. 35.

mate-o rapidamente, acabe com isso, pare com esse barulho abominável!  
<sup>225</sup>

Os gritos do prisioneiro, ainda que representassem mais um segundo de vida, fizeram com que o narrador pedisse por sua morte. Pouco antes do enforcamento, o local foi invadido por um cão amigável que tentou lamber o rosto do prisioneiro, ao que todos reagiram com choque, e o cão foi perseguido, levando vários minutos até que alguém pegasse o cachorro, que brincava feliz. Depois do enforcamento o animal foi solto e correu para trás da forca, intimidado pelo que viu e “consciente de ter se comportado mal”.<sup>226</sup> O cão amarra a história, seu aparecimento nos momentos apropriados é um argumento usado por Ingle para ver o texto como ficcional ou, ao menos, semi-ficcional. A reação do cão perante ao corpo dá a entender ao leitor que esse tinha alguma ideia, pouca que seja, do que ocorria, do significado da violência fria de uma execução. Logo o cão deixou a cena, já tendo performado o ato de recuar ao ver a destruição de um corpo e uma consciência. O cão aparece como ser quase natural, ingênuo e brincalhão, que se choca e recua perante a face agressiva e inexorável da força imperial<sup>227</sup>.

Francis (carcereiro principal) e um magistrado chegam ao narrador. Francis contou ao narrador que a execução correu bem, mas não era sempre assim, pois às vezes era necessário chamar o médico, que tinha de ir “para baixo da forca e puxar as pernas do prisioneiro para garantir a morte. Coisa mais desagradável!”<sup>228</sup>. Depois disso o superintendente convidou a todos, inclusive aos policiais, que o acompanhassem em uma garrafa de whiskey. O convite é aceito. Francis ainda conta de um condenado que se prendeu às barras, tentando escapar; foram precisos seis policiais, três puxando cada perna, para soltá-lo: “Nós raciocinamos com ele. ‘Meu caro amigo’, dissemos, ‘pense em toda a dor e problemas que você

---

<sup>225</sup> “And then, when the noose was fixed, the prisoner began crying out on his god. It was a high, reiterated cry of ‘Ram! Ram! Ram! Ram!’, not urgent and fearful like a prayer or a cry for help, but steady, rhythmical, almost like the tolling of a bell. The dog answered the sound with a whine. The hangman, still standing on the gallows, produced a small cotton bag like a flour bag and drew it down over the prisoner’s face. But the sound, muffled by the cloth, still persisted, over and over again: ‘Ram! Ram! Ram! Ram! Ram!’ [...] We looked at the lashed, hooded man on the drop, and listened to his cries — each cry another second of life; the same thought was in all our minds: oh, kill him quickly, get it over, stop that abominable noise!” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 46)

<sup>226</sup> “conscious of having misbehaved itself” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 47).

<sup>227</sup> INGLE, op. cit., p. 36; MARKS, op. cit., p. 29.

<sup>228</sup> “to go beneath the gallows and pull the prisoner’s legs to ensure decease. Most disagreeable!” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 47)

está causando a nós!’ Contudo não, ele não quis ouvir! Ach, ele foi muito problemático!”.<sup>229</sup> Todos riram da história. Além disso, seguiram rindo: “Todos nós tomamos uma bebida juntos, nativos e europeus, muito amigavelmente. O morto estava a cem metros de distância.”<sup>230</sup>. Assim termina o texto, com a violência tida como engraçada e banal por uma política imperial dessensibilizada.

A violência sob justificativa racial, que foi excepcionalmente característica nazista, não era incomum nas políticas Europeias, assim como a ideologia racial não foi uma invenção alemã. Segundo Hannah Arendt a variante nazista da ideologia racial exerceu tamanha atração intereuropeia, pois o racismo, embora promovido a doutrina estatal só na Alemanha, refletia a opinião pública de todos os países europeus, os quais já o aplicavam como ideologia política desde o imperialismo. Durante a corrida para a África, pensadores europeus viram nas ideologias raciais uma ferramenta de dominação política, a qual justificava o uso da violência descrita por Orwell. A autora conta que, antes da empreitada imperialista, o racismo competia com diversas ideias pela aceitação da opinião pública, poucas destas chegaram a tornar-se ideologias plenamente desenvolvidas.<sup>231</sup> Assim sendo, a ideologia racista interpretava a história como luta natural das raças. Esta ideologia foi lentamente criada enquanto tal a partir da Revolução Francesa, com autores como o conde de Boulainvilliers, o conde de Rémusat, Augustin Thierry, Arthur Gobineau, Benjamin Disraeli, entre outros; estes associaram direitos, genialidade e nobreza à hereditariedade e à raça<sup>232</sup>.

Benjamin Disraeli foi o primeiro estadista inglês a acentuar a crença na superioridade racial como fator determinante na história e na política. Sua política estabelecia uma casta num país estrangeiro, cuja única função era o domínio, para tanto o racismo seria um instrumento indispensável. O racismo, em conjunto com a burocracia, foram os dois mecanismos de organização política do imperialismo e

---

<sup>229</sup> “We reasoned with him. ‘My dear fellow,’ we said, ‘think of all the pain and trouble you are causing to us!’ But no, he would not listen! Ach, he was very troublesome!” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 47)

<sup>230</sup> “We all had a drink together, native and European alike, quite amicably. The dead man was a hundred yards away.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 47)

<sup>231</sup> Segundo Arendt (2012, p. 233-250), uma ideologia plenamente desenvolvida seria um sistema baseado em uma única opinião suficientemente forte para atrair e persuadir um grupo de pessoas e ampla o bastante para orientá-lo, prometendo-se chave para os enigmas do universo, conhecedora das leis ocultas que regem os homens.

<sup>232</sup> ARENDT, Hannah, op. cit., p. 233-250.

subjugação de povos. No discurso que legitimava e organizava a dominação imperial, os nativos eram desumanizados enquanto os brancos eram mais que humanos, eram escolhidos por Deus para ocupar a posição de deus dos homens negros e asiáticos. O europeu que se dirigia à África ou à Índia descobria a “virtude” que a pele branca poderia ser. Lá, como administrador, não acreditava na validade universal da lei, mas na sua própria capacidade de dominar, garantida pela sua superioridade racial. Este cenário já parecia à Hannah Arendt, pronto para todos os horrores possíveis, nele burocratas indianos já propunham “massacres administrativos” enquanto funcionários africanos declaravam que nenhuma consideração ética poderia se opor ao domínio do homem branco. Para a filósofa o imperialismo foi terreno fértil para a ascensão da elite nazista, que ali vira como era possível transformar povos em raças e, pelo simples fato de tomar a iniciativa, poderiam levar seu próprio povo à posição de raça dominante<sup>233</sup>.

Esse sistema foi denunciado por Orwell, mas também foi reproduzido por ele, que foi membro da polícia imperial e confessou diversas brutalidades, assim como ecoou a erotização dos orientais e a visão destes como massa sem voz, como veremos à frente. Com relação ao ensaio *A Hanging*, a participação da figura simbólica do cachorro questiona uma leitura puramente autobiográfica. O texto de Blair funcionou como um ensaio estilizado, adaptado incluindo elementos da ficção, enquanto mantinha a plausibilidade e a facticidade<sup>234</sup>. Acerca do enforcamento, em *The Road to Wigan Pier*, o autor escreveu: “Uma vez eu assisti um homem ser enforcado; me pareceu pior que mil assassinatos”<sup>235</sup>, E ainda:

Diga o que quiser, pura lei criminal [...] é uma coisa horrível. Precisa de pessoas muito insensíveis para administrá-la. Os infelizes prisioneiros acocoravam-se nas jaulas fedorentas das prisões, os rostos cinzentos e covardes dos condenados a longo prazo, as nádegas marcadas dos homens que tinham sido açoitados com bambus, as mulheres e crianças uivando quando seus homens eram levados para a prisão — coisas como estas estão além de serem suportadas quando você é diretamente responsável por elas<sup>236</sup>.

---

<sup>233</sup> ARENDT, loc. cit.

<sup>234</sup> MARKS, op. cit., p. 31.

<sup>235</sup> “I watched a man hanged once; it seemed to me worse than a thousand murders” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>236</sup> “Say what you will, pur criminal law [...] is a horrible thing. It needs very insensitive people to administer it. The wretched prisoners squatting in the reeking cages of the lock-ups, the grey cowed faces of the long-term convicts, the scarred buttocks of the men who had been flogged with bamboos,



Por fim, Orwell alegou que “o pior criminoso que já andou entre nós é moralmente superior a um juiz”<sup>237</sup>. Orwell via a justiça como um sistema opressivo e desumanizador, sua experiência como participante deste o deixou com um sentimento de culpa, com o qual o autor lidou através de suas críticas ao imperialismo, assim como a confrontou através de sua jornada de redenção pelas ruas de Londres<sup>238</sup>.

A veracidade ou não do relato tem pouca ou nenhuma importância no texto, pois a função deste é comunicar uma experiência do que há de destrutivo na natureza do imperialismo. A história pode ser vista como os dois, autêntica e forjada, pois fictício e testemunhal são, sempre, criação e seleção. Isto é, o testemunho, segundo Ricoeur,<sup>239</sup> é uma organização narrativa das memórias, as quais partem sempre da percepção, que já é, para Iser,<sup>240</sup> perpassada por elementos ficcionais, os quais, assim como o testemunho, selecionam elementos do real e os constituem em narrativa. De modo que a divisão entre testemunho e ficção não é sólida, mas porosa. No que tange à experiência humana narrada por Orwell, esta era verdadeira, partilhada, experimentada, independente da existência ou não do cachorro e da presença ou não de Orwell no enforcamento. Por fim, *A Hanging* demonstra que já em 1931, Orwell podia escrever ensaios envolventes e lúcidos, ainda que neste momento fosse um escritor quase desconhecido, mesmo para os leitores de jornais<sup>241</sup>.

No início de 1936, Blair publicou um texto acerca da morte de Rudyard Kipling no *New English Weekly*<sup>242</sup>. A importância deste texto está em seu tema: o próprio Kipling, escritor relacionado ao imperialismo. Um texto tematizando esse autor torna

---

the women and children howling when their menfolk were led away under arrest—things like these are beyond bearing when you are in any way directly responsible for them.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online)

<sup>237</sup> “that the worst criminal who ever walked is morally superior to a hanging judge” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>238</sup> INGLE, op. cit., p. 36.

<sup>239</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2007.

<sup>240</sup> ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

<sup>241</sup> INGLE, op. cit., p. 174-175; MARKS, op. cit., p. 31.

<sup>242</sup> Nesta época o *New English Weekly* estava sob a direção de Alfred Orage (desde 1932), que o organizava para promover reformas econômicas. O texto sobre Rudyard Kipling não foi um ensaio, nem artigo, mas foi seu primeiro trabalho para o periódico que não se tratava de uma resenha e um dos primeiros textos assinados por George Orwell que não eram livros.



possível averiguar as características do anti-imperialismo de Orwell. Seu texto sobre Kipling é dividido em três parágrafos, o primeiro reconhecendo seu impacto e popularidade, o segundo trata da atitude desse escritor sobre o imperialismo — tendo sido ele um defensor do imperialismo e autor do poema *O fardo do homem branco* —, e o terceiro observa que nos anos 1930 Kipling era visto como inimigo, um homem de talento perverso<sup>243</sup>. Apesar de seu anti-imperialismo, Orwell olhava para Kipling com admiração. No texto afirma:

Eu adorava Kipling aos treze anos, abominava aos dezessete, gostava dele aos vinte, desprezava aos vinte e cinco, e agora, novamente, eu o admiro. Uma coisa que nunca é possível àqueles que o leram, é esquecê-lo. [...] agora que ele morreu, não posso deixar de desejar que eu possa oferecer algum tipo de tributo — uma salva de tiros, se algo assim estivesse disponível — ao contador de histórias mais importante para minha infância<sup>244</sup>.

Ainda que Orwell reconheça vulgaridades no estilo de escrita de Kipling, ele admirava sua construção narrativa e economia, assim como sua capacidade de continuar na memória do leitor. Apesar de ser crítico ao imperialismo, Orwell defendeu Kipling, dizendo que o imperialismo de 1880 e 1890 era sentimental, ignorante e perigoso, mas não era completamente desprezível. Esse posicionamento de Orwell derivou do tipo de crítica ele tecia ao império britânico, a qual parte de um ponto de vista anglocêntrico, observando o mal do império sobre aqueles que o geriam. Embora veja a dominação como inaceitável, ela não está em foco nos seus textos, nem os povos sujeitados aparecem como agentes capazes de fala e autodeterminação. Orwell defende que: “Ainda era possível ser um imperialista e um cavalheiro, e da decência *pessoal* de Kipling não poderia haver dúvida.”<sup>245</sup> Decência é um adjetivo muito usado por Orwell para falar dos trabalhadores.

---

<sup>243</sup> MARKS, op. cit., p. 37-38.

<sup>244</sup> “I worshipped Kipling at thirteen, loathed him at seventeen, enjoyed him at twenty-five and now again rather admire him. The one thing that was never possible, if one had read him at all, was to forget him. [...] now that he is dead, I for one cannot help wishing that I could offer some kind of tribute - a salute of guns, if such thing was available - to the storyteller who was so important to my childhood.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 159-160)

<sup>245</sup> “It was still possible to be an imperialist and a gentleman, and of Kipling's *personal* decency there can be no doubt.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 159)

Embora fosse imperialista, Kipling continuaria sendo parte do que Orwell compreendia como pessoas decentes<sup>246</sup>.

Outras interpretações da obra de Kipling foram bem menos apreciativas. Mulk Raj Anand, escritor indiano que, no mesmo ano (1936), escreveu *Coolie*, argumentou na revista *Left Review*, também em ocasião da morte do escritor, que o trabalho de Kipling e de seus seguidores pede por um imperialismo agressivo, sendo a contrapartida fictícia dos atos brutais forjados pelos exércitos do capitalismo monopolista. Anand acusa Kipling de aceitar e promover princípios imperialistas, não só de emprestar seu gênio ao Estado, como interpretou Orwell. Para Anand, Kipling criou uma doutrina racial em que um homem branco é superior a dez nativos qualquer dia, e em que o Império Britânico é o mais sagrado dos reinos de Deus na Terra. A interpretação de Anand foi publicada no mesmo ano que a de Orwell e mostra que a última não era unânime na imprensa britânica de esquerda, e que Kipling recebia duras críticas por seu trabalho já nos anos 1930<sup>247</sup>.

Alguns anos depois, em 1942, Orwell publicou um texto na revista *Horizon* intitulado *Rudyard Kipling*. Nesse o autor tratava das circunstâncias culturais em que o totalitarismo emergiu, defendendo Kipling das acusações de que seu suporte ao imperialismo britânico era proto-fascista. Para Orwell, o totalitarismo não era possível no mesmo período em que Kipling escreveu sua literatura defensora do imperialismo, segundo o autor isso se devia às restrições religiosas que se impunham sobre os homens. Nesse texto, o ensaísta reconheceu que a visão de Kipling sobre a vida, como um todo, não poderia ser aceita por nenhuma “pessoa civilizada”<sup>248</sup>, mas também defendeu que Kipling foi muito mal citado e que o imperialismo de seu tempo não era nada comparado ao fascismo e totalitarismo, pois imperialistas como o escritor ao menos tinham senso de responsabilidade, algo que fascistas raramente possuíam<sup>249</sup>.

*Shooting an Elephant*, também foi um texto que tratou o momento em que Orwell trabalhava para a polícia imperial britânica, sendo o ensaio um curto relato testemunhal. A história narrada é a de um elefante que invade a região destruindo

---

<sup>246</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 159; MARKS, op. cit., p. 38.

<sup>247</sup> MARKS, op. cit., p. 39.

<sup>248</sup> “civilized person” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1970, p.120).

<sup>249</sup> BOUNDS, op. cit., p. 71; INGLE, op. cit., p. 42.

propriedades e ferindo habitantes. Blair, mandado de encontro ao animal, foi seguido pela população local, cabendo, então, a ele decidir entre matá-lo ou não. O ensaio foi publicado em 1936 no periódico *New Writing*, depois de Orwell receber uma carta do editor, John Lehmann, o convidando a contribuir. Orwell respondeu com a proposta de *Shooting an Elephant*, o qual viria a ser considerado um dos maiores ensaios de Orwell<sup>250</sup>.

Para Lehmann, o *New Writing* seria um espaço para a novidade, em que o espírito da nova geração poderia produzir sua própria imagem. O periódico buscou colaboradores não por sua formação ou histórico literário, mas por sua experiência e competência como observador das mudanças contemporâneas. Orwell apareceu no jornal tanto falando do imperialismo britânico, como ex-oficial, quanto da Guerra Civil Espanhola, como ex-miliciano. Ou seja, o escritor foi valorizado por suas experiências em áreas as quais estavam sendo debatidas devido a sua importância política contemporânea. Participando desses debates através de relatos onde moralidade e política se misturavam<sup>251</sup>.

Orwell começa o texto contando que na época do incidente “já tinha me decidido que o imperialismo era uma coisa ruim e que quanto mais cedo eu largasse meu emprego melhor”.<sup>252</sup> O autor contou que realizava uma tarefa que odiava mais amargamente do que poderia expressar, pois num trabalho como aquele, via a sujeira do império de perto.

Eu era jovem e mal-educado, tive que pensar nos meus problemas no silêncio absoluto que é imposto a todos os ingleses do Oriente. [...] Tudo o que sabia era que estava preso entre o meu ódio ao império que eu servia e a minha raiva contra as *bestas malignas* que tentavam tornar o meu trabalho impossível.<sup>253</sup>

Nas críticas anti-imperialistas de Orwell, seu posicionamento sobre os nativos, ainda que simpático a sua causa, nunca os vê como iguais, mas como massa

---

<sup>250</sup> MARKS, op. cit., p. 40-41.

<sup>251</sup> Ibid., p. 41-42.

<sup>252</sup> “had already made up my mind that imperialism was an evil thing and the sooner I chucked up my job and got out of it the better.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 236).

<sup>253</sup> “I was young and ill-educated and I had had to think out my problems in the utter silence that is imposed on every Englishman in the East.[...] All I knew was that I was stuck between my hatred of the empire I served and my rage against the *evil-spirited little beasts* who tried to make my job impossible.” (grifo nosso, tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 236).

amorfa, multidão de olhos, bestas ou corpos que excitavam desejos sexuais. Edward Said observa a presença de tais características na figuração do oriental na literatura, antropologia e na filologia. Para Said, essas figurações seriam típicas do que chamou de “orientalismo”, que funcionaria como uma instituição autorizada a lidar com o Oriente, descrevendo-o, ensinando-o, governando-o, compondo um estilo ocidental de dominação reestruturação e manutenção da autoridade do ocidente sobre o oriente. Esse discurso autorizado remetia a figurações específicas, que mantinham a noção de inferioridade oriental. O arranjo de ideias sobre o oriente incluía desde o esplendor oriental ao despotismo, passando pela crueldade e sensualidade. A mente do oriental era apresentada nestes textos como carente de simetria, exercendo um raciocínio descuidado. Em oposição ao europeu, que seria racional, virtuoso e maduro, o oriental seria infantil, depravado e irracional. Tal tipo superaria o sujeito, transcendendo-o, abarcando-o em uma massa hegemônica, sem individualidade e subjetividade, até porque estas são características ligadas à racionalidade masculina<sup>254</sup>.

Said observou que o oriental era associado a elementos ocidentais, ao delinquente, insano, pobre e a mulher, de modo que o Oriente aparecia ao Ocidente como feminino. O autor observou que o Orientalismo, o qual criou o imaginário de que Blair bebeu desde a infância, era uma província masculina, que via a si e aos outros por vendas sexistas. As mulheres orientais emergiram na literatura orientalista como providas de uma sexualidade ilimitada e o próprio Oriente figurava como espaço livre para o sexo licencioso, ao qual os homens se direcionam em busca de experiências diferentes das que poderia ter na Europa<sup>255</sup>.

Acerca dos corpos, Orwell discutiu longamente em *The Road to Wigan Pier* a superioridade física dos Birmaneses e Orientais de modo geral. Esse observou que, diferente dos ingleses de classes mais baixas, os orientais não o repugnavam, ao contrário, ele se sentia “pronto para ser fisicamente íntimo com eles”<sup>256</sup>, em geral o autor se sentia, “com relação a um birmanês quase como sentia por uma mulher”<sup>257</sup>,

---

<sup>254</sup> SAID, Edward. *Orientalismo*: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 29-146.

<sup>255</sup> SAID, op. cit., p. 260-282.

<sup>256</sup> “quite ready to be physically intimate with them” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>257</sup> “towards a Burman almost as I felt towards a woman” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

apesar do cheiro característico dos birmaneses<sup>258</sup>. Em defesa de sua erotização e feminização desse povo, Orwell se justificou dizendo que “é preciso admitir que a maioria dos mongóis têm corpos muito melhores do que a maioria dos homens brancos”<sup>259</sup>. O autor afirmou que a pele do oriental seria mais sedosa e firme do que a branca, o homem branco ficaria careca com mais frequência que o oriental, seus dentes apodrecem, enquanto os dos orientais são perfeitos, e enquanto os corpos brancos são gordos e inchados, o “mongól tem belos ossos e na velhice ele é quase tão bonito quanto na juventude”<sup>260</sup>.

Ainda em *Shooting an Elephant*, Orwell também confessa que uma parte dele via o império sobre a Índia como uma tirania inquebrável, já outra “pensava que minha maior alegria no mundo seria atravessar as entranhas de um monge budista com uma baioneta. Sentimentos assim seriam subproduto normal do imperialismo; pergunte a qualquer policial anglo-indiano”<sup>261</sup>. Essa admissão chocante reforçava o ataque ao imperialismo, apresentando a brutalização tendo efeito no próprio autor, mostrando os efeitos de um condicionamento sócio-cultural sobre os sujeitos. A honestidade do autor também tem o efeito de apresentá-lo como uma testemunha confiável, reforçando o contrato de credibilidade entre testemunha e leitor. O narrador foi construído sobre uma figura autoconsciente e honesta<sup>262</sup>.

Como já dito, a questão que interessava mais a Orwell era a humanidade das nações colonizadoras, e este é o principal ponto em *Shooting an Elephant*. Um dia Blair foi chamado para lidar com um elefante no bazar, mas o ataque deste estava passando, ele já não representava nenhuma ameaça. Não havia justificativa para atirar nele, a não ser a multidão de burmeses o incentivando a fazê-lo. Para manter a imagem de coragem e não parecer tolo perante os burmeses, Blair teria de matar o animal<sup>263</sup>. Orwell conta que “era um pequeno incidente em si mesmo, mas me deu melhor vislumbre do que eu tinha antes da real natureza do imperialismo — o real

---

<sup>258</sup> ORWELL, 1974, online.

<sup>259</sup> “the fact one must admit that most Mongolians have much nicer bodies than most white men. say what you will, they are far less comely than Orientals” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>260</sup> “the Mongol has beautiful bones and in old age he is almost as shapely as in youth.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>261</sup> “I thought that the greatest joy in the world would be to drive a bayonet into a Buddhist priest's guts. Feelings like these are the normal by-products of imperialism; ask any Anglo-Indian official” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 236).

<sup>262</sup> MARKS, op. cit., p. 43.

<sup>263</sup> BOUNDS, op. cit., p. 17.

motivo por que governos despóticos agem.”<sup>264</sup> Este motivo seria a manutenção da autoridade pela imagem:

E de repente eu percebi que eu teria que atirar no elefante afinal de contas. As pessoas esperavam isso de mim e eu tinha de fazê-lo; eu podia sentir suas duas mil vontades me pressionando para frente, irresistivelmente. E foi nesse momento, enquanto eu estava lá com o rifle em mãos, que compreendi pela primeira vez o vazio, a futilidade do domínio do homem branco no Oriente. Aqui estava eu, o homem branco com sua arma, em pé na frente da multidão nativa desarmada — aparentemente o ator principal da peça; mas na realidade eu era apenas um fantoche absurdo empurrado para lá e para cá pela vontade daqueles rostos amarelos atrás de mim. Percebi nesse momento que quando o homem branco se transforma em tirano é sua própria liberdade que ele destrói. Ele se torna um tipo de manequim oco, a figura convencionalizada de um *sahib*.<sup>265</sup> [...] Ele usa uma máscara e seu rosto cresce para se encaixar. Eu tinha que atirar no elefante [...]. Um *sahib* tem que agir como um *sahib*; ele tem que parecer resoluto, conhecer sua própria mente e fazer coisas definidas. [...] seguir para longe, sem ter feito nada — não, isso era impossível. A multidão ria de mim. E toda a minha vida, a vida de todo homem branco no Oriente, foi uma longa luta para não ser ridicularizado.<sup>266</sup>

A manutenção da máscara da autoridade seria essencial para que o homem branco não fosse motivo de riso, e não ser motivo de riso mantinha a relação de dominação, tirando também a liberdade do homem branco, que se torna um vazio atrás de uma máscara. Essa relação de aparências seria, para Orwell, a real natureza do imperialismo. A grande revelação do texto é como o imperialismo aprisiona o próprio homem branco. Este é o problema para o escritor, não a dominação e violação da liberdade e cultura de um povo, até mesmo por que os

---

<sup>264</sup> “It was a tiny incident in itself, but it gave me a better glimpse than I had had before of the real nature of imperialism — the real motives for which despotic governments act.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 236).

<sup>265</sup> *Sahib* significa senhor, era especialmente usado por habitantes da Índia, se dirigindo aos europeus.

<sup>266</sup> “And suddenly I realized that I should have to shoot the elephant after all. The people expected it of me and I had got to do it; I could feel their two thousand wills pressing me forward, irresistibly. And it was at this moment, as I stood there with the rifle in my hands, that I first grasped the hollowness, the futility of the white man's dominion in the East. Here was I, the white man with his gun, standing in front of the unarmed native crowd — seemingly the leading actor of the piece; but in reality I was only an absurd puppet pushed to and fro by the will of those yellow faces behind. I perceived in this moment that when the white man turns tyrant it is his own freedom that he destroys. He becomes a sort of hollow, posing dummy, the conventionalized figure of a *sahib*. For it is the condition of his rule that he shall spend his life in trying to impress the ‘natives’, and so in every crisis he has got to do what the ‘natives’ expect of him. He wears a mask, and his face grows to fit it. I had got to shoot the elephant. I had committed myself to doing it when I sent for the rifle. A *sahib* has got to act like a *sahib*; he has got to appear resolute, to know his own mind and do definite things. [...] having done nothing — no, that was impossible. The crowd would laugh at me. And my whole life, every white man's life in the East, was one long struggle not to be laughed at.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 239).



nativos aparecem apenas como massa de rostos amarelos, olhos em silêncio, nunca vozes.

A oposição entre o sujeito e o grupo é fundamental na narrativa, mostrando a impotência do primeiro em suas escolhas perante o segundo. Quando o narrador cede a vontade da multidão, torna-se um fantoche sem senso de si mesmo; o grupo triunfa sobre o indivíduo. A crise apresentada por Orwell é, portanto, do indivíduo: ainda que afirmando a maldade do imperialismo, o narrador não expõe uma crítica a este como processo ou sistema de governo que afeta os habitantes locais<sup>267</sup>.

Dentre os melhores ensaios de Orwell, *Shooting an Elephant* manifesta qualidades claras, tanto na descrição de cenário, quanto na complexidade psicológica da figura central, em seu envolvimento político criado por circunstâncias gerais e por um dilema ético específico, assim como na bela construção dos eventos levando ao tiro e a morte agonizante do animal<sup>268</sup>:

Quando eu puxei o gatilho eu não ouvi o estrondo ou senti o soco [...]. Naquele instante, em um tempo muito curto, alguém poderia pensar, mesmo para que a bala chegasse lá, uma misteriosa e terrível mudança havia ocorrido ao elefante. Ele não se mexeu nem caiu, mas cada linha de seu corpo havia se alterado. Ele parecia subitamente aflito, encolhido, imensamente velho, como se o impacto terrível da bala o tivesse paralisado sem derrubá-lo. Finalmente, depois do que pareceu um longo tempo — poderia ter sido cinco segundos, ousar dizer — ele caiu flacidamente de joelhos. Sua boca babava. Uma enorme senilidade parecia ter se instalado nele. Alguém poderia imaginá-lo com milhares de anos de idade. Eu atirei novamente no mesmo lugar. No segundo tiro ele não entrou em colapso, mas subiu com lentidão desesperada a seus pés e ficou fracamente ereto, com as pernas flácidas e a cabeça caída. Eu disparei uma terceira vez. Esse foi o tiro que o matou. Você podia ver a agonia sacudir todo o seu corpo e levar o último remanescente de força de suas pernas. Mas, ao cair, pareceu levantar-se por um momento, pois, quando suas pernas traseiras se desmoronaram sob ele, ele pareceu erguer-se como uma enorme pedra caindo, seu tronco se estendendo para o céu como uma árvore. Ele trombeteava pela primeira e única vez. E então ele veio a baixo [...] <sup>269</sup>.

---

<sup>267</sup> MARKS, op. cit., p. 43.

<sup>268</sup> Ibid., p. 43. Lehmann incluiu o texto no primeiro número da *New Writing* e na coleção publicada pela *Penguin* (1940), este também apareceu em *Modern Essays* (1942) e foi transmitido oralmente pela *BBC Home Service*, em outubro de 1948.

<sup>269</sup> “When I pulled the trigger I did not hear the bang or feel the kick [...]. In that instant, in too short a time, one would have thought, even for the bullet to get there, a mysterious, terrible change had come over the elephant. He neither stirred nor fell, but every line of his body had altered. He looked suddenly stricken, shrunken, immensely old, as though the frightful impact of the bullet had paralysed him without knocking him down. At last, after what seemed a long time — it might have been five seconds, I dare say — he sagged flabbily to his knees. His mouth slobbered. An enormous senility seemed to have settled upon him. One could have imagined him thousands of years old. I fired again into the same spot. At the second shot he did not collapse but climbed with desperate slowness to his feet and stood weakly upright, with legs sagging and head drooping. I fired a third time. That was the



*Not Counting Niggers* foi um ensaio publicado em 1939, no *The Adelphi*, tratando da hipocrisia de uma esquerda que se defendia contra o fascismo, ignorando o imperialismo das democracias europeias, ou fingindo confrontá-lo, mas só quando não havia real risco de derrubá-lo. O texto reage ao livro *Union Now*, de Clarence K. Streit<sup>270</sup>, o qual defende a formação de um bloco antifascista composto por 15 países das democracias ocidentais. A lista de países nomeada por Streit inclui os Estados Unidos da América, países livres que compõem a Grã-Bretanha e democracias europeias apenas. Para este, os países elencados deveriam formar uma união, como a americana, com moeda comum, governo comum, comércio interno livre de taxas de câmbio. Posteriormente, outros países iriam ser admitidos se e quando se provassem merecedores. Indicando que a paz e prosperidade da união seria tanta que logo outro desejariam entrar<sup>271</sup>.

Para Orwell tais posições cheiravam a hipocrisia e auto-justiça. O ensaísta nos pede que olhemos para sua lista de “bons” e “maus”, sendo que entre os segundo estão Alemanha, Itália e Japão, o que não é contestado pelo ensaísta, mas:

Olhe para as ovelhas! Talvez os EUA passassem pela inspeção se não fossem olhados de muito perto. Mas e a França? E a Inglaterra? E a Bélgica e Holanda? Como todos de sua escola de pensamento e o Sr. Streit tem agrupado os impérios Francês e Inglês — em essência nada além de mecanismos de exploração do trabalho de pessoas de cor — sob o signo de democracias!<sup>272</sup>.

Orwell questionou como a Europa poderia se opor a Hitler quando, simultaneamente, as suas bases estão enfraquecidas. Ainda, como lutar contra o

---

shot that did for him. You could see the agony of it jolt his whole body and knock the last remnant of strength from his legs. But in falling he seemed for a moment to rise, for as his hind legs collapsed beneath him he seemed to tower upward like a huge rock toppling, his trunk reaching skyward like a tree. He trumpeted, for the first and only time. And then down he came[...].” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 241).

<sup>270</sup> Ibid., p. 75-76.

<sup>271</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p.396.

<sup>272</sup> “Perhaps the USA will pass inspection if you don’t look too closely. But What about France? What about England? What about Belgium and Holland? Like everyone of his school of thought, Mr Streit has colly lumped the huge British and French empire — in essence nothing but mechanisms of exploiting chet coloured labour — under the heading of democracies!” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 396)

fascismo sem acabar com um sistema mais vasto de injustiça: o imperialismo.<sup>273</sup> O escritor, continuou seu argumento observando que a Inglaterra e a Índia tem uma grande diferença de renda *per capita* anual, sendo que a primeira possuía uma renda que girava em torno de £80 enquanto a renda da segunda se tratava de, aproximadamente, £7. Ainda, Orwell expôs que a perna de um *coolie*<sup>274</sup> comumente era mais magra que a média do braço de um inglês, “Este é o sistema em que vivemos[...]. Recentemente, contudo, parece ser o primeiro dever de um ‘bom antifascista’ mentir sobre ele e ajudar a mantê-lo do jeito que está.”<sup>275</sup>

Nesse texto, Orwell aproveita o espaço para atacar a esquerda britânica, expondo que em um país imperialista os políticos de esquerda sempre são uma farsa, pois não poderia haver uma mudança no imperialismo que não resultasse, ao menos temporariamente, na queda da qualidade de vida inglesa, algo que esses políticos não desejam:

Não pode haver uma reconstrução real que não leve a uma queda temporária no padrão de vida inglês, o que significa que a maioria dos políticos e publicitários de esquerda são pessoas que ganham a vida exigindo algo que eles não querem genuinamente. Eles são revolucionários em brasa, desde que tudo corra bem, mas toda emergência real revela instantaneamente que eles estão fingindo. Uma ameaça ao Canal de Suez, e ‘antifascismo’ e ‘defesa dos interesses britânicos’ são descobertos como idênticos<sup>276</sup>.

Ignorar que o poder e riqueza britânica foram construídos nas costas daqueles que foram sujeitados pelo imperialismo e racismo da Grã-Bretanha seria, para Orwell, zombar da ideia de destruição do sistema econômico vigente. A derrocada do capitalismo envolvia, necessariamente, a quebra do Império Britânico

---

<sup>273</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 397.

<sup>274</sup> Trabalhador indiano, que pode significar um diarista, carregador, ou trabalhador indiano enviado voluntariamente para fora do país na expectativa de uma vida melhor. No sul da Ásia de modo geral pode significar um trabalhador em regime de servidão.

<sup>275</sup> “This is the system which we all live and which we denounce when there seems to be no danger of being altered. Of late, however, it has been the first duty of a ‘good anti-Fascist’ to lie about it and help to keep it in being.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 397)

<sup>276</sup> “There can be no real reconstruction that would not lead to at least a temporary drop in the English standard of life, which is another way of saying that the majority of left-wing politicians and publicists are people who earn their living by demanding something that they don't genuinely want. They are red-hot revolutionaries as long as all goes well, but every real emergency reveals instantly that they are shaming. One threat to the Suez Canal, and ‘anti-Fascism’ and ‘defence of British interests’ are discovered to be identical.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p.394)

e a inevitável perda de poder econômico — em que se apoiavam as esperanças de uma nação socialista próspera<sup>277</sup>.

Nesse mesmo texto, o escritor mirou suas críticas ao *New Statesman and Nation* e ao *The Left Book Club*, dois grupos aos quais foi associado por um curto período. O principal ponto do texto é que a maior parte do proletariado do Império Britânico não está na Grã-Bretanha, mas na Ásia e África, não é por culpa do fascismo que estas pessoas ganham mal<sup>278</sup>. O texto de Orwell visava desincentivar a entrada da Inglaterra em uma guerra mundial, de maneira que sua ênfase foi dada em como os problemas do Império Britânico deveriam ser tratados antes desse tipo de envolvimento bélico que arrastaria milhares de trabalhadores para campos de batalha. Esse ponto, controverso para os leitores do *The Adelphi*, era bastante ortodoxo para o ILP ao qual Orwell estava ligado neste momento. Um ano antes da publicação de *Not Counting Niggers*, James Maxton<sup>279</sup> publicou um artigo na *New Leader* intitulado *So This Is Empire!*, o qual aponta para a mesma contradição, chegara a afirmar: “Eu diria que a pobreza deliberada e negação da liberdade no Império Britânico são piores que o Estado Fascista na Alemanha e Itália”<sup>280</sup>.

Também nas páginas do *New Leader*, Fenner Brockway<sup>281</sup> afirmou, no texto *Has Hitler Anything to Teach Our Ruling Class?*, que os britânicos podem estar livres das piores tiranias do Fascismo, mas estas existem no Império Britânico, e nem mesmo Hitler poderia ensinar algo às classes dominantes britânicas em termos de

---

<sup>277</sup> MARKS, op. cit., p. 77.

<sup>278</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 397.

<sup>279</sup> James Maxton, político de esquerda britânico, pacifista (se opôs as duas guerras mundiais) e líder da ala de extrema-esquerda do ILP.

<sup>280</sup> “I say deliberately that the poverty conditions and denial of freedom in the Empire are worse than in the Fascist States of Germany and Italy.” (tradução nosa, MAXTON, 1938, apud MARKS, 2012, p.206)

<sup>281</sup> Archibald Fenner Brockway ou Baron Brockway foi um ativista anti-guerra britânico e primeiro presidente da War Resisters' International. Foi membro da Liga Contra o Imperialismo, criada em Bruxelas em 1927. Em 1929 foi eleito como membro do Parlamento para Leyton East como candidato do Labour Party. Logo após a eleição, o candidato liberal anunciou-se Brockway socialista. Em 1931 Brockway perdeu sua cadeira no parlamento e desafiou seu partido, se juntando ao ILP. A Guerra Civil Espanhola fez com que o político mudasse seu posicionamento contra a guerra, sendo, para este, necessário lutar para preservar a paz a longo prazo, de modo que este se demitiu da War Resisters' International. Brockway ajudou a recrutar britânicos para combater o fascismo na Espanha através do Contingente ILP, foi ele quem escreveu a carta de recomendação para Blair apresentar aos representantes do ILP em Barcelona. Com o fim da guerra, este se posicionou a favor da compreensão pública do conflito, escrevendo artigos que foram influentes para a publicação de *Homage to Catalonia*. Foi presidente do ILP entre 1931 e 1933, assim como entre 1933 e 1939, posição que também foi ocupada por James Maxton.

opressão. Também na revista foi publicada uma conversa com Jawaharlal Nehru, em que Brockway propôs que o ILP desse suporte aos indianos que lutavam contra o Império Britânico, seja em circunstâncias de guerra ou paz. Para os padrões de posicionamentos do ILP, os argumentos de Orwell eram leves<sup>282</sup>.

O ensaio foi publicado na *The Adelphi* que, neste momento, era pacifista. Logo, o texto atingia um público mais amplo e majoritariamente de centro-esquerda, aumentando o impacto e a agudeza das críticas ao *The New Statesman and Nation* e ao *Left Book Club*. Ademais, diferente de *Shooting an Elephant*, que discute o imperialismo numa perspectiva moral e psicológica, *Not Counting Niggers* explora a perspectiva econômica, a partir da qual o escritor enfatiza a crítica àqueles que defendem a Grã-Bretanha sem considerar suas bases econômicas sangrentas<sup>283</sup>.

Os ensaios desta primeira fase de Orwell testam os limites dessa forma e são, na maior parte das vezes, engajados em argumentos e debates políticos contemporâneos. Os textos criativos de Orwell costumeiramente apresentavam uma perspectiva subjetiva, frequentemente testemunhal, expondo compreensões e posicionamentos possíveis a uma testemunha, reconhecendo a possibilidade de limitações e noções enviesadas. Em *A Hanging* e *Shooting an Elephant* o limite entre ensaio e conto é borrado, elementos da narrativa testemunhal e ficcional são misturados mais claramente (mesmo que todo relato testemunhal empregue estratégias narrativas ficcionais). Por mais intensos que sejam os textos e seus argumentos, é importante lembrar que Orwell entrava nesses debates a partir de jornais obscuros como um autor quase desconhecido. Seus textos foram lidos por uma parcela pequena da população, e principalmente por uma parcela de esquerda, devido ao posicionamento dos periódicos em que publicava<sup>284</sup>.

---

<sup>282</sup> BROCKWAY, 1938 apud ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 77; MARKS, op. cit., p. 77.

<sup>283</sup> MARKS, op. cit., p. 78.

<sup>284</sup> Ibid., p. 80-81.

## 2. A DECÊNCIA DOS MINEIROS

Em 1936, George Orwell viajou para o norte da Inglaterra, comissionado por Victor Gollancz. O objetivo de Orwell era escrever sobre a crise de moradia e as condições de trabalho na região, assim como a onda de desemprego. Para tanto, o escritor foi viver entre os mineiros através de contatos da Adelphi. Além disso, o autor visava analisar as piores faces do capitalismo antes de se decidir socialista ou não. O resultado da experiência foi uma profunda apreciação pela classe trabalhadora e sua cultura, criando o mito da decência, segundo o qual os trabalhadores possuiriam certo caráter, certa moralidade e companheirismo que poderia servir de base cultural para a criação de uma sociedade socialista. A partir desta leitura ética e social das vivências em Wigan o ensaísta se definiu como socialista, mas sua posição anti-intelectual e desalinhada já se apresenta neste texto. Sua noção de socialismo é emocionalmente envolvida, romântica e levemente utópica.

Além disso, neste capítulo traçamos um brevíssimo panorama do romance inglês no século XX, enfatizando a preocupação com fatores sociais, o socialismo e o engajamento, com o objetivo de inserir Orwell em uma contextualização artística que permite-nos entender certas oposições em que o autor se envolveu.

### 2.1. BREVE PANORAMA DA LITERATURA INGLESA NO SÉCULO XX

Além de inserido em redes de relações intelectuais envolvendo revistas, jornais partidos e movimentos políticos, George Orwell escrevia dentro de panorama complexo da literatura inglesa no século XX. Durante esse século questões sobre o papel da literatura, sua relação com o sujeito, com a massa e seu lugar na sociedade da época foram levantadas por diversos pensadores.

Ao fim do século XIX foi formada a Sociedade Fabiana na Inglaterra, dentre seus primeiros membros estava Beatrice Potter, uma cientista social que, refletindo sobre as possibilidades de uma ciência da sociedade, começou a estudar o movimento sindical inglês. Quatro anos depois da fundação da Sociedade Fabiana por um grupo de jovens socialistas radicais, a pesquisadora se uniu ao grupo. Dentre seus membros estava Sidney Webb (futuro marido de Beatrice, tornando-se

Beatrice Webb) e G. B. Shaw. Para Sidney Webb o desenvolvimento da sociedade industrial moderna parecia uma inelutável história do progresso, tudo nesta sociedade conduzia à urbanização, à democracia, ao estudo da economia política e ao socialismo. Esse autor não era admirador de Marx, bem como boa parte da sociedade fabiana. O casal Webb, em alinhamento com o pensamento deste grupo, acreditava mais nas forças dos números e palavras do que na política institucional. Esse casal buscava mostrar ao público que, para a reforma da sociedade, não bastava o envolvimento e as convicções políticas, pois os fundamentos da política estavam no trabalho científico, no rastreamento e sistematização de fatos sociais. Seu enfoque estava na pesquisa social empírica em vez de em teorias sociológicas, na melhora gradual das condições de vida materiais, em vez de propaganda política e realização de metas revolucionárias. Tais perspectivas guiavam o reformismo científico e político dos Webb, para os quais a literatura era uma espécie de experimento social<sup>285</sup>.

A Sociedade Fabiana derivava seu nome de Quintus Fabius Maximus, um general romano que optou por esperar até que a chance de vitória na guerra estivesse madura. O socialismo defendido pelos fabianos era pragmático e constitucionalista em vez de revolucionário, seu objetivo era induzir a nacionalização onde fosse possível. A Sociedade Fabiana nunca criou um partido, seu objetivo era a tradução de princípios da economia e das doutrinas coletivistas para a prosa dos representantes comunitários e das câmaras de representantes. Seu corpo era composto por cientistas e intelectuais, mas este era profundamente hostil a teoria, evitando se ocupar mais intensamente com Marx e, quando o fazia, era com o objetivo de refutá-lo<sup>286</sup>.

Outro autor importante e membro da Sociedade Fabiana foi George Bernard Shaw, um teatrólogo que veiculou, em peças e ensaios, uma defesa do indivíduo. Shaw fez parte do movimento chamado Celtic Revival. Esse movimento surgiu da efervescência do nacionalismo irlandês no final do século XIX, iniciado por W. B. Yeats<sup>287</sup> e Lady Gregory,<sup>288</sup> sua proposta era retirar inspirações das tradições celtas

---

<sup>285</sup> LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Ed. USP, 1996, p. 119-149.

<sup>286</sup> LEPENIES, loc. cit.

<sup>287</sup> William Butler Yeats foi um poeta, dramaturgo e místico irlandês.

<sup>288</sup> Lady Gregory, ou Isabella Augusta, dramaturga e folclorista anglo-irlandesa.

conservadas no país. Como socialista, Shaw era um reformista que, na Sociedade Fabiana, nadava contra a corrente, chegando muito perto do marxismo ao explicar que o grupo devia menos à dialética hegeliana do que à massa de dados e fatos levantada por Marx<sup>289</sup>.

H. G. Wells foi outro escritor socialista ligado a Sociedade Fabiana e um dos criadores da ficção científica. Esse autor também se dedicou a crítica social, a escrita da história e a utopias. A relação deste autor com outros membros da Sociedade Fabiana não foi sempre harmônica. Em 1906 Wells publicou um ensaio intitulado *The Fault of the Fabian*, em que defendia a abertura da sociedade para uma atitude mais ofensiva de propaganda e propunha tornar o socialismo respeitável dos fabianos em um movimento militante. Além disso, o autor criticava o desperdício de energia da sociedade em pesquisas político-sociológicas. Essas propostas foram bem recebidas por jovens socialistas, mas o autor não soube tornar suas ideias viáveis e convertê-las em ação. Ainda, o autor estava convencido de que a civilidade das instituições estabelecidas era prejudicial à criatividade e, portanto, a literatura, um estado de anarquia seria mais apropriado. No mesmo ano este deixou a Sociedade Fabiana e ridicularizou a falta de imaginação dos Webb<sup>290</sup>.

Incomodava a Wells o comodismo burguês de muitos fabianos mais velhos e seu desejo de acomodação política, que impedia uma atitude analítica experimentalista. Além disso, o incomodava que o socialismo na Inglaterra fosse formado por aventureiros intelectuais, professores, religiosos e funcionários públicos, mas faltavam socialistas com formação nas ciências duras, como ele, de modo que o socialismo inglês estava em estágio pré-científico<sup>291</sup>.

Como outros escritores com interesse pelas ciências da virada do século, Wells se aproximou da sociologia e foi membro fundador da Sociological Society em 1903. Contudo, Wells contestava a pretensão da sociologia de ser uma ciência e sua busca de métodos nas ciências naturais, bem como defendia a queda de ídolos como Auguste Comte e Herbert Spencer, pois para pensar sociologicamente era necessário voltar à Platão. Ainda, para o autor a verdade objetiva estava apenas na

---

<sup>289</sup> Ibid., p. 132; CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Walter Lellis. Rumos da Literatura Inglesa. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 66.

<sup>290</sup> Ibid., p. 148-151; Ibid., p. 70-71.

<sup>291</sup> LEPENIES, op. cit., p. 151.



singularidade do indivíduo, portanto o método científico, que era apenas um meio pelo qual ignorar individualidades, deveria ser abandonado. Para o escritor, no espécime individual da humanidade está toda a história, toda a antropologia e todo o mundo flutuante dos homens, para tratar da humanidade era necessário um procedimento que consistia numa combinação entre ciência e arte. A busca pela forma da literatura seria mais adequada aos objetivos sociológicos. Dois gêneros poderiam dar conta desse objetivo: a historiografia e a utopia. Nessa última decidia-se o destino futuro da sociologia concebida como literatura<sup>292</sup>.

No final do século XIX e começo do XX ocorreram diversas mudanças. A guerra dos Bôeres e agitações da Índia contribuíram para destruir a mística do Império Britânico. Dentro desse, as reformas deram voz e voto às classes médias. O Education Act de 1870 tornou a escolaridade compulsória e resultou na ampliação e diversificação do público leitor. Mulheres exigiam o direito de voto e no campo das ideias, velhas ordens eram abaladas com a proliferação de ideias de Marx, Darwin e Freud<sup>293</sup>.

Após a 1ª Guerra Mundial a Europa tenta se recompor. Começava, então, um processo de mudanças profundas nas sensibilidades. O espaço para certezas se reduzia. A solidão do homem na terra devastada e a morte dos deuses começavam a ser temas para a literatura, como notado por Cevasco e Siqueira<sup>294</sup>.

Em 1932 F. R. Leavis fundou a revista *Scrutiny*, revista literária. Leavis acreditava que a formação literária seria necessária para possibilitar a reflexão sobre problemas sociais, e que apenas o comunismo poderia salvar a sociedade moderna. Essa afirmação de Leavis tinha menos a ver com uma filiação à teoria marxista do que com a nostalgia por uma época na qual o homem estava em harmonia com a natureza e a propriedade conjunta existia. O círculo da *Scrutiny* compartilhava com seu fundador essa imagem de decadência. A civilização tecnológica e científica havia destruído a base agrária da vida e com ela a possibilidade de satisfação das necessidades humanas. A revista atacava com severidade a cultura de massas e a indústria cultural<sup>295</sup>.

---

<sup>292</sup> Ibid., p. 151-153.

<sup>293</sup> CEVASCO; SIQUEIRA, op. cit., p. 73-74.

<sup>294</sup> Ibid., p. 71-72.

<sup>295</sup> LEPENIES, op. cit., p. 85-88.

John Carey<sup>296</sup> notou que boa parte da intelectualidade inglesa recebeu a sociedade e a cultura de massas com hostilidade. A multidão não apenas superlotava os espaços, mas se apossava de lugares criados pela cultura ocidental para “os melhores”. A massa provocava pânico, discussões sobre eugenia, esterilização coletiva e impedimento da educação estiveram presentes em autores como Nietzsche, Yeats e mesmo, em certa medida, T. S. Eliot. Não podendo impedir alfabetização da multidão, certos intelectuais buscaram impedir seu acesso à literatura, tornando-a demasiado difícil para que a entendessem. Neste sentido, para Carey, o modernismo foi uma resposta a multidão, tendo o objetivo de dificultar o acesso geral a literatura. Abandonando o realismo, que se supunha apreciado pelas massas, cultivava-se agora a irracionalidade e a obscuridade. Na análise de Carey, parte da arte moderna visava demonstrar que os homens não eram iguais, dividindo o público em duas classes: os ilustres e os vulgares, capazes e incapazes de compreender sua arte. Seu enfoque puramente estético vai neste sentido, afastando massas que buscavam o interesse humano, a paixão por trás da arte, a dor do homem. Para este grupo, a massa estava sempre errada. Dentro dos romances, personagens de Virginia Woolf e E. M. Forster também encarnaram essa inabilidade do humano de massas de compreender literatura e artes, sendo irremediavelmente vulgares.

Além disso, havia, desde o século anterior, uma preocupação com a ameaça biológica da degeneração na Europa e nos Estados Unidos. O aspecto retrógrado do processo evolucionário preocupava autores como Francis Galton e Thomas Huxley. Galton receava que talentos intelectuais e habilidades que contribuíram para o progresso da civilização estivessem ameaçados pelo crescimento populacional. O aumento da massa humana era visto por Jacob Burckhardt como triunfo da mediocridade cultural e como risco de mediocridade biológica para Galton, pois tudo o levava a crer que quem estava se multiplicando não eram os melhores, mas sim os piores. Para Edwin Lankester, eram os inconsequentes, desesperados, incapacitados e mais pobres, os membros mais indesejáveis da sociedade, que estavam se reproduzindo. Para eliminar o risco de degeneração e atavismo, a eugenia surgia como saída. As preocupações geradas pelas pesquisas da

---

<sup>296</sup> CAREY, John. *Os intelectuais e as massas: Orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária, 1880-1939*. São Paulo: Ars Poética, 1993, p. 7-26.

degeneração criaram forte apoio para a eugenia, proposta por Galton, entre radicais e socialistas, incluindo George Bernard Shaw, H. G. Wells, Sidney e Beatrice Webb e mesmo a feminista americana Margaret Sanger. Parte do apelo de Galton à esquerda estava no fato de que este não identificava os mais talentosos aos bem-nascidos. Para ele posições de riqueza herdadas com conforto e segurança, tendiam a produzir descendentes enfraquecidos e ignorantes. Durante seu apogeu, a eugenia conquistou diversos adeptos poderosos e chegou a tomar forma em medidas como a esterilização compulsória de deficientes e doentes mentais na Europa e Estados Unidos<sup>297</sup>.

T. S. Eliot, dramaturgo e poeta nascido nos EUA, mas que publicava na Inglaterra, definiu o homem moderno como oco, recheado de palha, existindo num mundo estéril. Como poeta, Eliot criou imagens complexas em poemas com tom de conversação, reforçado pelo uso da linguagem comum. Sua poesia, para Cevasco e Siqueira, reflete a fragmentação, complexidade e falta de sentido da modernidade, em que o sujeito perdeu o sentimento de unidade com o mundo. Politicamente T. S. Eliot era um royalista<sup>298</sup>. Com relação ao papel do poeta, ele acreditava que estes eram os legisladores não reconhecidos da humanidade, a poesia tinha relação com a política, ética e religião, assim como exercia ação sobre a sociedade. A poesia não deveria se intrometer na sociologia, mas não cabia a esta última interpretar a primeira (a poesia). Em sua preocupação com a crítica social, Eliot se aproximou das discussões sobre os princípios absolutos e eternos da verdadeira sociologia, levadas pelo grupo *Chandos*. Daí surgiu o tema de uma sociologia cristã, que passava a ser o centro de interesse de Eliot. Entre 1938 e 1947 esse autor participou do *The Moot*, grupo de religiosos, escritores, políticos e cientistas preocupados discutir planejamentos social e formação de uma elite na Inglaterra<sup>299</sup>.

Para Siqueira e Cevasco, a poesia de Eliot representava uma ruptura com as tradições do século XIX e a mesma quebra aparece no romance com autores como James Joyce, Virginia Woolf e D. H. Lawrence, que romperam com uma compreensão unificada do mundo, com uma forma de narração em que o

---

<sup>297</sup> HERMAN, Arthur. *A idéia de decadência na história ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001, p. 142-145

<sup>298</sup> Apoiador de certa casa real.

<sup>299</sup> CEVASCO, SIQUEIRA, op. cit., p. 75-77; LEPENIES, op. cit., p. 191-193.

romancista transmitia o conhecimento seguro do mundo criado em sua obra e indicava ao leitor como este deveria interpretar ações e pensamentos do personagem. A realidade passa a ser vista de modo mais complexo e ambíguo. Virginia Woolf substitui a voz autoritativa do narrador pelo registro dos pensamentos e emoções dos personagens. A autora utilizou do fluxo de consciência, técnica narrativa que consiste na apresentação de padrões ilógicos de pensamento humano, não gramaticais e associativos. Dessa maneira, grande parte da ação se dá dentro da mente dos personagens. As preocupações da escritora estão no sentido da vida e no fluir do tempo – o passado coexiste com o presente na consciência dos personagens<sup>300</sup>.

Woolf dividia os escritores ingleses em dois grupos em oposição um ao outro: os *edwardians* e os *georgians*. Entre os primeiros encontravam-se H. G. Wells, Arnold Bennett e John Galsworthy. Entre os *georgians* estava E. M. Forster, D. H. Lawrence, Lytton Strachey, James Joyce e T.S. Eliot. Para a escritora, o caráter humano se modificou em 1910 e com este as relações humanas, a religião, a política e a literatura. Os *georgians* tomaram conhecimento dessa mudança e reagiram a ela. Os *edwardians* não, estes olhavam para fora, descreviam as fábricas, utopias e mobílias, mas não lhes interessava, segundo a autora, a natureza humana e seu caráter. Para Woolf, o erro dos *edwardians* era aceitar o mundo como dado. Em oposição, os *georgians* se perguntavam o que seria a realidade. Nessa terminologia, os *edwardians* seriam os representantes do romance sociológico e da literatura de crítica social<sup>301</sup>.

Para Carey, como já dito, estas opções narrativas tinham o objetivo de tornar a literatura ilegível para as massas. Estando correto ou não o pesquisador, a literatura de Woolf não era preocupada com o socialismo ou a condição de vida dos pobres e esta não tinha particular predileção por estes ou pelas massas. Como exceção do desprezo modernista às massas, Carey apresenta *Ulysses*, obra de James Joyce protagonizada por um homem comum, Leopold Bloom, o qual não era representado com desprezo, mas como um humano com virtudes e vícios, com quem qualquer leitor poderia se identificar. Por outro lado, pela complexidade do

---

<sup>300</sup> Ibid., p. 78.

<sup>301</sup> LEPENIES, op. cit., p. 147-148.

romance, sua técnica e obscuridade, este não era acessível às camadas populares, havendo uma duplicidade na obra do autor<sup>302</sup>.

Benoît Denis observou que a partir dos anos de 1920 e 1930, ocorreu uma politização dos campos literários da Europa. Para o pesquisador poderíamos pensar a literatura engajada como um fenômeno historicamente situado partido das gerações de escritores que sucederam a Grande Guerra. O engajamento teria sido configurado pela conjunção de três fatores: o surgimento de um campo literário autônomo, o aparecimento da figura do intelectual e a Revolução de Outubro. A partir de 1850 o campo literário foi se tornando autônomo, independente da sociedade em geral e das instâncias de poder que a regem, neste campo os escritores não se submeteriam à jurisdição que não à dos pares. Essa distância foi afirmada através do afastamento da atualidade política, assim como pelo enfoque na forma<sup>303</sup>.

Já o intelectual surgiu às margens da literatura e das universidades. Como agente este utiliza e coloca em jogo o prestígio e a competência adquiridos num domínio de atividades específico (como a literatura e a ciência) para emitir opiniões sobre algo e intervir no debate sócio-político. O escritor que procede como intelectual permanece escritor, mas coloca seu reconhecimento em jogo por sua intervenção. Diferente deste intelectual que deixa o domínio da literatura ao envolver-se com o atual, o escritor engajado faz aparecer seu engajamento na literatura, ele deseja que a literatura seja parte do debate sócio-político. Por fim, no que tange à Revolução de Outubro, esta se tornou um acontecimento de forte poder de atração sobre as camadas literária e intelectual do entre-guerras, sendo portadora de uma nova universalidade utópica da qual os escritores querem assenhorar-se, bem como carregando uma nova sociedade na qual estes escritores buscam um lugar e papel<sup>304</sup>.

A politização dos anos de 1920 e 1930 dividiu o campo literário em escritores engajados e não-engajados. Diversos nomes compuseram a literatura engajada inglesa, dentre estes está D. H. Lawrence o qual trouxe para sua produção diversos ataques à civilização industrial. Filho de um trabalhador de minas de carvão,

---

<sup>302</sup> Ibid., p. 26-43.

<sup>303</sup> DENIS, op. cit., p. 17-20.

<sup>304</sup> Ibid., p. 21-23.

Lawrence trazia uma perspectiva quase proletária para seus textos. Para esse autor, a ênfase dada à eficiência e racionalidade da era das máquinas destruiria o que há de melhor no homem, que seria seu instinto e sua união com a natureza. Outra figura marcante nesse sentido foi Aldous Huxley, que foi um crítico minucioso do mundo moderno. Huxley figurou em suas obras um mundo entre-guerras onde se rompiam a estabilidade e o otimismo vitorianos. O progresso científico, saudado anteriormente como redenção da humanidade, foi apresentado corrosivamente pelo autor, o qual via a ciência como incapaz de eliminar a tolice humana. Em *Brave New World* (1932), o escritor apresentou um retrato assustador do futuro em que a tecnologia acabou com os sofrimentos, mas também com habilidades subjetivantes, artísticas e espirituais do homem. Na mesma linha dessa obra está George Orwell<sup>305</sup>.

A partir de Huxley e Orwell, o experiencialismo das primeiras duas décadas do século XX ficou para trás, a literatura politizada dos anos 1930 fica marcada. Neste sentido, o poeta mais representativo, para Siqueira e Cevasco,<sup>306</sup> foi W. H. Auden (1907-1973). Este foi simpatizante do comunismo, lutou contra as forças fascistas na Guerra Civil Espanhola, e se preocupou bastante com a inter-relação de contexto e arte. Auden fazia uso da linguagem coloquial na poesia e construía imagens a partir de detalhes da vida urbana.

O universo literário em que Orwell escrevia, estava carregado de embates políticos, preocupações com o papel da literatura na sociedade, com sua relação com a política e com o próprio futuro da sociedade. Muitos dos autores mencionados acima foram, também, tratados por Orwell em seus textos, como inspirações (T. S. Eliot e Bernard Shaw são mencionados positivamente em termos de técnica admirada pelo autor) ou como intelectuais dos quais Orwell discordava (H. G. Wells foi criticado por sua visão positiva da tecnologia, por exemplo).

## 2.2. O SOCIALISMO ROMÂNTICO EM *THE ROAD TO WIGAN PIER*

Em 1936, Orwell embarcou em uma viagem ao norte da Inglaterra a pedido de Victor Gollancz para escrever um livro sobre o desemprego maciço na região.

---

<sup>305</sup> CEVASCO; SIQUEIRA, op. cit., p. 81-82.

<sup>306</sup> Ibid., p. 82-83.

Gollancz comissionou Orwell para essa viagem, com o objetivo que este escrevesse sobre a vida dos pobres e desempregados para o *The Left Book Club* do editor, em que escritores de esquerda publicavam livros mensalmente. O ensaísta era uma escolha lógica para esse trabalho, já que estava escrevendo sobre a vida dos pobres há cerca de oito anos e, ainda, caminhava em direção a uma atividade que interessava ao movimento socialista, que era a descrição das condições de trabalho, desemprego e moradia precária<sup>307</sup>.

*The Road to Wigan Pier*, livro que foi produto dessa viagem, foi publicado em 1936, quando Orwell já estava no barracão Lenin na Espanha, alistado nas fileiras do Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM). O livro foi um sucesso, vendendo cerca de 44.500 exemplares na sessão mensal dedicada a este no *The Left Book Club*, excedendo tudo que o autor havia publicado e tudo que publicaria até *Animal Farm*, com exceção de uma edição de *Down and Out in Paris and London*, de 1940, pela *Penguin*<sup>308</sup>.

Em maio de 1936, *The Left Book Club* tinha nove mil membros, um ano depois tinha cerca de quarenta e cinco mil, em 1939 chegou a cinquenta e sete mil, sendo uma força política crescente na Inglaterra em 1937, ainda que comandando apenas uma porção do pensamento progressista. A quantia de membros do *The Left Book Club* supera a do Communist Party of Great Britain (CPGB), que estava abaixo de 10 mil. Por outro lado, em 1936 o British Union of Fascists chegava a ter 22 mil membros (em 1934 chegou a ter entre 45 mil, número que caiu para cinco mil em 1935). Os fascistas também participavam da esfera pública através de periódicos, possuindo o *Fascist Quarterly*, assim como o *The Blackshirt and Action*, ambos com circulação acima de 20 mil (exemplares vendidos em média e membros)<sup>309</sup>.

Apesar de ter cunho socialista, *The Road to Wigan Pier* não tem uma postura ortodoxa, diferindo um pouco do esperado por Gollancz que, junto a publicação do livro, afirmou que fazia tempo que não lia algo tão vivo, tão cheio de indignação contra a pobreza e opressão. Mas fez mais de cem marcações de pequenas passagens que gostaria de discutir, e segue por oito páginas criticando o socialismo emocional (ou romântico, dependendo do autor, como veremos) de Orwell na

---

<sup>307</sup> Ibid., p. 39; INGLE, op. cit., p. 52.

<sup>308</sup> MARKS, op. cit., p. 47-51.

<sup>309</sup> Ibid., p. 51-52.



segunda parte do texto. Contudo, o editor conclui dizendo que este livro elucidava, talvez mais que qualquer outro publicado pelo *The Left Book Club*, o propósito das publicações. O objetivo de Gollancz era que o livro facilitasse a conversão dos leitores ao socialismo. Harold Laski, no *Left News* chamou a primeira parte do livro de admirável propaganda para nossas ideias, mas criticou a ignorância de Orwell do antagonismo de classes, de processos econômicos e movimentos históricos — elementos realmente ignorados pelo livro<sup>310</sup>.

Como já dito, o livro é dividido em duas partes, enquanto a primeira trata das descrições do que Orwell viu em sua viagem e de dados coletados acerca do desemprego e da crise de falta de moradias, baseando-se nos diários escritos pelo autor no período; a segunda parte consiste nas compreensões e críticas ao socialismo na perspectiva de Orwell. Para Bounds<sup>311</sup>, neste momento já era claro que o radicalismo dos posicionamentos do escritor não era ortodoxo. O autor definiu sua compreensão do socialismo em oposição a de outros — assim como partindo de percepções afetivas do socialismo e da classe trabalhadora — principalmente em oposição aos intelectuais de esquerda, os quais o ensaísta critica. O ponto fundamental de Orwell era que a essência do socialismo consistia em liberdade e justiça, as quais só poderia ser atingível numa sociedade totalmente democrática e descentralizada. Nessa sociedade a decência e criatividade da classe trabalhadora viriam à tona. Nesse mesmo texto, o escritor também lançou críticas diversas à tecnologia apoiada amplamente por socialistas. Apesar de reconhecer que uma sociedade socialista seria pesadamente industrial, o autor insistiu que civilizações mecanizadas tem a tendência de criar culturas em que o heroísmo é impossível, pois a vida diária se torna sedentária e toda forma de trabalho perde seu significado estético, sendo o trabalho da esquerda proteger o socialismo dos perigos da tecnologia<sup>312</sup>.

Da mesma forma, Orwell repreende seus colegas por seu desprezo à classe média, afirmando que, se a esquerda tem alguma chance de sucesso, ela precisa recrutar pessoas que, como ele, são originárias dessa classe, preferencialmente pessoas cuja estabilidade foi destruída pela crise do capital. Tanto este argumento,

---

<sup>310</sup> Ibid., p. 52.

<sup>311</sup> BOUNDS, op. cit., p. 21.

<sup>312</sup> ORWELL, 1974, online; BOUNDS, op. cit., p. 21.

quando seu receio com a tecnologia, continuaram presentes em seus trabalhos pelo resto de sua vida. Em contraste com esses debates, partes do livro foram totalmente eliminadas das produções posteriores do autor. Dentre as partes eliminadas, o principal elemento seria sua posição calorosa com relação aos comunistas — embora o escritor tivesse suspeitas com relação ao CPGB, que lhe parecia uma organização pró-soviética excessivamente centralizada —, cujo papel para o movimento trabalhista foi reconhecido por Orwell. Além disso, o escritor fez um chamado apaixonado por unidade entre os socialistas, o que indica uma compreensão dos comunistas como aliados<sup>313</sup> em uma luta contra a desigualdade e o fascismo:

Estamos em um momento no qual é desesperadamente necessário que os esquerdistas de todas as complexões esqueçam suas diferenças e se unam. De fato, isso já está acontecendo em pequena escala. Obviamente, então, o tipo de socialista mais intransigente tem agora de se aliar com pessoas que não estão em perfeito acordo com ele. [...] diferença não é importante em comparação com salvar os vinte milhões de ingleses cujos ossos estão apodrecendo de desnutrição — o tempo para discutir sobre estas é depois<sup>314</sup>.

Poucos meses depois, a experiência na Guerra Civil Espanhola mudaria o posicionamento de Orwell com relação ao comunismo, levando-o ao confronto com a esquerda comunista, a qual o rotulou como trotskista. Mas na recepção de *The Road to Wigan Pier*, Harry Pollitt publicou no *Daily Worker* uma crítica que descrevia Orwell como um garoto de classe média desiludido, que teria de entender a si mesmo antes de assumir o papel de mentor ou professor socialista<sup>315</sup>.

\*\*\*\*\*

---

<sup>313</sup> BOUNDS, op. cit., p. 22.

<sup>314</sup> “We are at a moment when it is desperately necessary for left-wingers of all complexions to drop their differences and hang together. Indeed this is already happening to a small extent. Obviously, then, the more intransigent kind of Socialist has now got to ally himself with people who are not in perfect agreement with him. [...] difference is unimportant compared with saving the twenty million Englishmen whose bones are rotting from malnutrition — the time to argue about them is afterwards.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>315</sup> BOUNDS, op. cit., p. 6.

Ben Clarke<sup>316</sup> observou que há uma longa história de relatos de viajantes na Inglaterra, os quais tratam das condições de vida no país, desde *A Tour Through the Whole Island of Great Britain* (1724), de Daniel Defoe<sup>317</sup>. Muitos destes textos exploram as condições econômicas e diferenças sociais, assim como informações sobre as privações urbanas no século XIX, como *London Labour* (1851), de Henry Mayhew<sup>318</sup> e *The Condition of the Working Class in England* (1845) de Friedrich Engels. Todas estas narrativas incorporam observações pessoais que suplementam a pesquisa. No caso de Engels, há um desejo de aproximação pessoal com os sujeitos da pesquisa, manifesto na vontade de conhecer a rotina e as casas dos trabalhadores, assim como testemunhar pessoalmente sua opressão.

Peter Keating<sup>319</sup> descreveu a junção de métodos de pesquisa estatísticos com narrativos acerca da opressão como exploração social, a qual seria um tipo distinto de literatura moderna em que o representante de uma classe conscientemente se afasta para explorar, analisar e reportar a vida de uma outra, abaixo da sua. Esse gênero teria se desenvolvido rápido e, quando Jack London chegou a Inglaterra em busca de materiais para *People of the Abyss* (1903), esse autor já agia segundo uma fórmula estabelecida. Nos anos 1930, esse tipo de livro estava popular. Em concordância com a observação das massas e os avanços do socialismo, os testemunhos da pobreza e da vida dos trabalhadores estavam em alta. Alguns destes testemunhos eram produzidos por trabalhadores mesmo, mas a maioria foi escrita por intelectuais de classe média, ainda dominantes na produção escrita de esquerda como a própria composição das revistas e jornais mostra. *The Road to Wigan Pier* foi herdeiro dessa mesma fórmula, sua diferença está na segunda parte, em que o escritor discute com uma cultura intelectual específica<sup>320</sup>.

Era um momento, também, em que pesquisadores de Oxford, Cambridge e Londres iam às comunidades proletárias para desenvolver seus trabalhos, fazendo perguntas, inspecionando os locais, descendo às minas, de modo que a população local começava a ficar desconfortável. Isso realça a importância dos contatos de Orwell para permitir que este se locomovesse e buscasse informações com menor

---

<sup>316</sup> CLARKE, Ben. *Orwell in context: communities, myths, values*. UK: Palgrave, 2007, p. 13-14.

<sup>317</sup> Escritor inglês, famoso por seu livro *Robinson Crusoe*.

<sup>318</sup> Dramaturgo, pesquisador social e jornalista inglês.

<sup>319</sup> KEATING, 1976 apud CLARKE, op. cit., p. 14.

<sup>320</sup> CLARKE, op. cit., p. 14.

resistência. Muitos desses pesquisadores buscavam suporte a posições políticas, outros buscavam traduzir a pobreza e o desemprego para uma ampla audiência não só socialista. Para Clarke, o composto resultante de todos esses trabalhos criava formas, imagens e mitos sobre a classe trabalhadora que já envolviam à Orwell antes mesmo que este partisse, e que teriam influído sobre seu socialismo e sua obra. Para o autor, entre o fim do século XIX e o começo do século XX, ocorreu uma lenta mudança nas visões da classe trabalhadora, principalmente atingindo a esquerda, que foi transitando de uma interpretação dos empobrecidos como ralés selvagens, passando por um grupo que poderia ser civilizado, chegando a visões positivas sobre os valores e comunidades trabalhadoras. Essa transição teria impacto sobre o imaginário de Orwell acerca dessa população e sobre sua posterior figuração nas narrativas testemunhais em que os trabalhadores aparecem como comunidade cuja decência deveria ser a base de uma nova sociedade, a qual chegaria através do socialismo (nada foi dito sobre uma revolução)<sup>321</sup>.

Ainda, *The Road to Wigan Pier* tem muito em comum com *Down and Out in Paris and London*, sendo ambos relatos da pobreza a partir de uma perspectiva pessoal. Contudo, o último realizou uma análise mais sistemática da pobreza e focou no proletariado como estrato social, em vez de indivíduos isolados. Além disso, expõe a análise da perspectiva de um autor de classe-média, discutindo o próprio pano de fundo do autor e sua relação com as classes trabalhadoras ao longo de sua vida, expandindo o texto para além dos limites do gênero<sup>322</sup>.

A primeira metade de *The Road to Wigan Pier* consiste no relato de Orwell de suas vivências entre os mineiros e desempregados do norte da Inglaterra. Enquanto testemunho, o texto se inscreve uma interlocução com o leitor, o testemunha inicia uma autodesignação, verbalizada ou pressuposta, em que expõe acontecimentos para alguém, a quem narra atestando a veracidade da cena relatada. A primeira questão feita ao testemunho é acerca de sua confiabilidade, a qual deve sempre ser atestada por outros que não o narrador.

A estrutura dialogal do testemunho expõe sua relação com a promessa feita pelo narrador, o qual afirma uma veracidade e pede crédito ao ouvinte — ou leitor. A promessa é um dos veículos da ipseidade (manutenção de si perante o outro,

---

<sup>321</sup> Ibid., p. 14-15.

<sup>322</sup> Ibid., p. 15.

também manifesta na lealdade). Quando o escritor narra as condições de vida dos desempregados, as características das residências improvisadas para sobreviver às crises de moradia, o trabalho nas minas e a vida das famílias de trabalhadores, esse promete veracidade, assim como presume que o leitor creia em seu testemunho, caso contrário sua análise e seu livro não teriam função. O testemunho, desse modo, assegura vínculos sociais devido às relações de confiança, as quais repousam na palavra de outrem. Essa mesma confiança se estende às trocas e pactos, firmando laços e *habitus* em comunidades, tornando o mundo social algo intersubjetivamente compartilhado<sup>323</sup>.

Constantemente a memória se apresenta como imagem visual ou auditiva de um acontecimento passado. Em *The Road to Wigan Pier*, diversos relatos são imagéticos, o mais icônico deste é a visão de Orwell de uma mulher cutucando um cano num dia frio, visando desentupi-lo, presumidamente:

O trem me levou para longe, através do cenário monstruoso de aterros, chaminés, pilhas de ferro-velho, canais sujos, caminhos de lama entalhada, atravessados pelas marcas de tamancos. Era março, mas o tempo estava terrivelmente frio e em toda parte havia montes de neve enegrecida. Enquanto nos movíamos devagar pelos arredores da cidade, passamos filas e filas de pequenas casas de favela cinzenta correndo em ângulo reto até o aterro. Na parte de trás de uma das casas, uma jovem estava ajoelhada nas pedras, enfiando um graveto no cano de chumbo que escorria da pia para dentro e que, suponho, estava bloqueado. Eu tive tempo para ver tudo sobre ela — seu avental [...], seus tamancos desajeitados, os braços vermelhos pelo frio. Ela olhou para cima quando o trem passou e eu estava quase perto o suficiente para chamar sua atenção. Ela tinha um rosto redondo e pálido, o habitual rosto exausto da garota da favela que tem vinte e cinco anos e parece ter quarenta, graças a abortos e trabalho penoso; e carregava, no segundo em que a vi, a expressão mais desoladora e desesperada que já vi<sup>324</sup>.

---

<sup>323</sup> RICOEUR. op. cit., p. 170-175.

<sup>324</sup> “The train bore me away, through the monstrous scenery of slag-heaps, chimneys, piled scrap-iron, foul canals, paths of cindery mud criss-crossed by the prints of clogs. This was March, but the weather had been horribly cold and everywhere there were mounds of blackened snow. As we moved slowly through the outskirts of the town we passed row after row of little grey slum houses running at right angles to the embankment. At the back of one of the houses a young woman was kneeling on the stones, poking a stick up the leaden waste-pipe which ran from the sink inside and which I suppose was blocked. I had time to see everything about her — her sacking apron, her clumsy clogs, her arms reddened by the cold. She looked up as the train passed, and I was almost near enough to catch her eye. She had a round pale face, the usual exhausted face of the slum girl who is twenty-five and looks forty, thanks to miscarriages and drudgery; and it wore, for the second in which I saw it, the most desolate, hopeless expression I have ever seen.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online)

A memória é um quadro ou uma sequência de quadros, na mente do narrador, evocada por associação de ideias, logo, ligada à imaginação — a associação de ideias da memória evoca a imaginação. A rememoração, busca ativa da memória, opera, para Ricoeur<sup>325</sup>, na esteira da imaginação.

Quando Orwell relatou a experiência de Wigan — seja em seus diários, para nós ou para seus leitores de 1937 — estas já não estavam mais presentes, são acontecimentos que o autor busca na memória, os quais acessa, pois, um dia teriam o impactado. A impressão, causada por algo que é externo ao sujeito, deixa uma marca atrelada a um significado, como um signo.<sup>326</sup> A partir das impressões originais, todas as memórias são medidas, de modo que o relato do escritor é determinado, antes de mais nada, por sua percepção. Esta recebe, também, sua forma de seu posicionamento político e dos grupos com que entrou em contato, através de indicações de pessoas ligadas ao *The Adelphi* e ao ILP.

O acesso voluntário à memória na recordação consiste em uma busca ativa que percorre a distância temporal entre o ato de rememorar e o ocorrido, funcionando como um trabalho de evocação — o qual pode fracassar ou ser bem-sucedido. Essa busca seria uma espécie de raciocínio, assim como uma capacidade humana. Como processo, a rememoração funciona por associação, reconstruindo parte da imagem percebida, para tanto a imaginação é utilizada. O passado retido se divide, então, na polaridade da lembrança primária e lembrança secundária, sendo a primária a lembrança retida e a secundária, a lembrança reproduzida<sup>327</sup>. A memória na forma de testemunho é uma lembrança secundária, conectada às condições contemporâneas à sua escrita ou narração oral.

Em livros como *Down and Out in Paris and London* e *The Road to Wigan Pier* pouco das experiências do autor aparece, de modo que a narrativa autobiográfica tem função retórica e política. Quando Orwell traz a sua vivência subjetiva o faz por motivos políticos, visando ilustrar algum ponto — como o desprezo da classe-média pelo proletariado<sup>328</sup>. Ainda, no próprio prefácio de *Down and Out in Paris and London*, o autor enfatiza que, no que tange à veracidade de sua obra, ele:

---

<sup>325</sup> RICOEUR, op. cit., p. 25-175.

<sup>326</sup> Ibid., p. 37.

<sup>327</sup> Ibid., p. 37-72.

<sup>328</sup> CLARKE, op. cit., p. 25.

[...] exagerou um pouquinho, nada que outros autores não exagerem selecionando [o que iria ou não ser contado]. Não senti que deveria descrever os eventos na exata ordem em que aconteceram. Mas tudo que descrevi aconteceu em um momento ou em outro. [...] Todos os personagens que descrevi nas duas partes do livro foram planejados para serem tipos representativos de parisienses e londrinos nas classes a que pertencem<sup>329</sup>.

Presume-se que o mesmo foi feito com seus livros testemunhais posteriores — *The Road to Wigan Pier* e *Homage to Catalonia*. De qualquer modo o relato de uma memória sempre é perpassado por escolhas narrativas, seleção de elementos, rearranjos, os quais aumentam ou reduzem o impacto em partes consideradas importantes pela testemunha. Além disso, Orwell se apresenta como indivíduo de classe média vivendo entre pobres e escreve presumindo um leitor de classe média, cujas visões e preconceitos desafia com seus elogios ao proletariado, assim como apresenta a estes o efeito da fome em alguém da mesma classe que eles — apesar de focar na pobreza que não é uma escolha, mas uma imposição de um sistema de dominação<sup>330</sup>.

Orwell apresenta visões da população pobre as quais, assim como em outros autores de 1930, diferem-se da noção de que os pobres desconhecem sua própria miséria, são selvagens e precisam ser civilizados na cultura burguesa. O escritor valorizou a cultura desse grupo, criando o que Samuel Hynes<sup>331</sup> chamou de “mito do proletariado”, o qual se mistura com visões românticas de uma vida mais natural e comunitária, com noções éticas de decência e justiça e noções de masculinidade corajosa e forte<sup>332</sup>. Na descrição imagética supracitada da jovem no frio cutucando um cano, Orwell finaliza dizendo que, ao ver sua expressão de desamparo e desesperança, o ocorreu que:

[...] nós estamos errados quando dizemos que ‘não é o mesmo para eles como seria para nós’ e que pessoas criadas nas favelas não podem

---

<sup>329</sup> “I have exaggerated nothing except in so far as all writers exaggerate by selecting. I did not feel I had to describe events in the exact order in which they happened, but everything I have described did take place at one time or another. [...] All the characters I have described in both parts of the book are intended more as representative types of the Parisian or Londoner of the class to which they belong than as individuals.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 114)

<sup>330</sup> CLARKE op. cit., p. 25-26.

<sup>331</sup> HYNES, 1971, apud CLARKE, op. cit., p. 1.

<sup>332</sup> CLARKE, op. cit., p. 40-41.



imaginar nada além das favelas. O que eu vi em seu rosto não era o sofrimento de um animal ignorante. Ela sabia muito bem o que estava acontecendo a ela — entendia tão bem quanto eu que destino terrível era o de estar ajoelhada no frio, nas pedras escorregadias de um quintal de favela, cutucando um bastão por um cano de escoamento<sup>333</sup>.

Orwell, assim, impõe-se contra a minimização do sofrimento proletário, que supõe uma população acostumada com a pobreza e anestesiada a seus efeitos. Além disso, o escritor criava uma figura racional e autoconsciente em um quadro passageiro que se esvai na velocidade do trem. A imagem dessa jovem, como notou Clarke<sup>334</sup>, é bastante parecida com a Katie, em *Coming Up for Air*, a qual é descrita como uma bruxa enrugada parecendo ter no mínimo cinquenta anos<sup>335</sup>. O pesquisador<sup>336</sup> nota que essa percepção das mulheres trabalhadoras envelhecidas era bastante comum no período; as justificativas eram o trabalho cansativo, má alimentação e moradia, assim como o excesso de partos em más condições. Tais imagens que são problemáticas, pois reduzem a experiência da pobreza nas mulheres apenas em termos de atratividade.

Posteriormente, Orwell voltou a falar das mulheres, tratando das esposas dos mineiros que viviam sob a pobreza no norte. Elas são descritas como meros burros-de-carga confusos, já que havia algo a ser feito literalmente todo o tempo, pois assim que se termina de limpar a cozinha após uma refeição, há outra a ser feita, assim que se limpa uma criança, outra está suja. Ainda que elas mantivessem o ânimo, “não conseguem manter seus padrões de limpeza e arrumação”<sup>337</sup>. Novamente, a experiência da pobreza feminina é enfatizada por sua inabilidade de manter um padrão estético com a casa limpa.

---

<sup>333</sup> “we are mistaken when we say that ‘It isn’t the same for them as it would be for us,’ and that people bred in the slums can imagine nothing but the slums. For what I saw in her face was not the ignorant suffering of an animal. She knew well enough what was happening to her — understood as well as I did how dreadful a destiny it was to be kneeling there in the bitter cold” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1974, online)

<sup>334</sup> CLARKE, op. cit., p. 40.

<sup>335</sup> ORWELL, George. *Coming Up for Air*. Austrália: A Project Gutenberg of Australia Etext [19--], online. Disponível em: <[http://www.orwell.ru/library/novels/Coming\\_up\\_for\\_Air/english/0200031.txt](http://www.orwell.ru/library/novels/Coming_up_for_Air/english/0200031.txt)>. Acesso em 09 mai. 2019.

<sup>336</sup> CLARKE, op. cit., p. 40.

<sup>337</sup> “but she cannot keep up her standards of cleanliness and tidiness” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

Descrevendo a vida nas caravanas, compostas por desempregados sem-teto, o escritor apresenta novamente uma ideia de consciência da própria miséria entre pessoas que pareciam sequer ter a perspectiva de voltar a ter uma habitação decente algum dia. Algumas destas pessoas: “Difícilmente se importavam, outras percebiam claramente a miséria em que estavam vivendo. O rosto de uma mulher ficou na minha memória, um rosto desgastado, parecido com uma caveira, com um olhar de miséria e degradação intolerável”<sup>338</sup>. O autor supôs que ela se sentia como ele também se sentiria vivendo num chiqueiro, lutando para manter sua ninhada de crianças limpas. Critica também aqueles que crêem que estas pessoas vivem assim por escolha, dizendo que “Hoje em dia eu não discuto com esse tipo de pessoa. Entretanto, vale a pena notar que os habitantes das caravanas nem economizam dinheiro morando lá, pois estão pagando as mesmas rendas que pagariam pelas casas”<sup>339</sup>, sendo que estas pessoas são colocadas nesta situação devido à crise de moradias. A mulher citada emerge, então, como figuração da autoconsciência da miséria e racional, assim como outra expressão da pobreza feminina definida pela ausência de atratividade.

Acerca dos mineiros e de uma visão elogiosa dos trabalhadores, Orwell teceu uma descrição física destes, dizendo:

A maioria deles é pequeno (homens grandes estão em desvantagem neste trabalho), mas quase todos eles têm corpos dos mais nobres; ombros largos, afinando para uma cintura flexível e delgada, nádegas pequenas e pronunciadas e coxas musculosas, sem nem um grama de gordura em lugar algum. Nas minas mais quentes, usam apenas um par de cuecas finas, tamancos e joelheiras; nas minas mais quentes de todas, apenas os tamancos e joelheiras. Você dificilmente pode dizer olhando para eles se são jovens ou velhos. Eles podem ter qualquer idade até sessenta ou até sessenta e cinco anos, mas quando estão negros [do carvão] e nus, todos são parecidos. [...] Você nunca pode esquecer esse espetáculo depois de tê-lo visto — a linha de figuras ajoelhadas, fuliginosa toda preta, dirigindo suas enormes pás sob o carvão com força e velocidade estupendas<sup>340</sup>.

---

<sup>338</sup> “Some hardly seemed to care; others realized quite clearly in what misery they were living. One woman’s face stays by me, a worn skull-like face on which was a look of intolerable misery and degradation” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>339</sup> “I never argue nowadays with that kind of person. But it is worth noticing that the caravan-dwellers don’t even save money by living there, for they are paying about the same rents as they would for houses.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>340</sup> “Most of them are small (big men are at a disadvantage in that job) but nearly all of them have the most noble bodies; wide shoulders tapering to slender supple waists, and small pronounced buttocks and sinewy thighs, with not an ounce of waste flesh anywhere. In the hotter mines they wear only a pair of thin drawers, clogs and knee-pads; in the hottest mines of all, only the clogs and knee-pads.

A descrição quase erótica dos corpos dos mineiros se alinha com uma exaltação do proletariado, dentro dos mitos citados por Clarke: do proletariado e da masculinidade. Nesses mitos, a imagem da classe trabalhadora seria valorizada e, junto a noções de masculinidade (apresentada na força, nos músculos e demais capacidades físicas) e identidade inglesa, formam a base de muitos posicionamentos políticos do autor. Clarke enfatiza que essas três categorias não têm significado inerente ou coerência, mas cobrem uma multitude de mitos distintos e, muitas vezes, competindo entre si. A masculinidade, por exemplo, cobre figuras que vão do cavalheiro aristocrata, ao trabalhador e ao chefe de família. O desenvolvimento destes mitos em Orwell não seria, portanto, simples repetição de formas dadas, mas um processo ativo de seleção de elementos de um imaginário ligado a eles, a uma multitude de estereótipos narrativos, assim como adaptação e desenvolvimento destes elementos selecionados. As imagens masculinas em *The Road to Wigan Pier* se baseariam, então, em uma rede de imagens estabelecida e associadas com solidariedade, coragem, responsabilidade e heterossexualidade — dessa maneira, a imagem do pai de família provedor é bastante forte. Essa seleção elimina aspectos negativos, valorizando a coragem, por exemplo, e ignorando a violência também associada a este recorte social<sup>341</sup>.

O autor estava, então, alinhado com um movimento de escritores de esquerda, os quais buscavam reconhecer a complexidade e os valores da cultura dos trabalhadores, assim como suas conquistas. Buscava-se, também, uma valorização das conquistas passadas desta classe<sup>342</sup> enquanto era travada uma batalha contra visões preconceituosas da classe média. Acerca da higiene dos mineiros, por exemplo, este observou que: “pessoas de classe média são fãs de dizer que mineiros não se banhariam apropriadamente mesmo se pudessem, mas isso é bobagem, como é mostrado pelo fato que onde há banheiras nas saídas das

---

You can hardly tell by the look of them whether they are young or old. They may be any age up to sixty or even sixty-five, but when they are black and naked they all look alike. No one could do their work who had not a young man's body[...] You can never forget that spectacle once you have seen it — the line of bowed, kneeling figures, sooty black all over, driving their, huge shovels under the coal with stupendous force and speed.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online)

<sup>341</sup> CLARKE, op. cit., p. 1.

<sup>342</sup> Ibid., p. 41.

minas, praticamente todos os homens as usam”<sup>343</sup>. Além disso, onde há banhos, eles são pagos pelos próprios mineiros. Mesmo assim, Orwell aponta que as velhas senhoras burguesas continuam a dizer que “se você der banheiras aos mineiros, eles as usam para guardar carvão”<sup>344</sup>.

Enfatizando a força de vontade e senso de responsabilidade dos trabalhadores, Orwell prossegue se impressionando com o fato de que os trabalhadores se banhem regularmente, levando em consideração quão pouco tempo estes têm entre o trabalho e as horas de sono, sendo boa parte deste tempo gasto em locomoção, principalmente de ônibus. Ele conta que um dos mineiros, um menino de 15 anos, trabalhava no turno da noite, saía às 21: 00 e voltava 8: 00. Chegando em casa, tomava café-da-manhã e ia dormir prontamente. Desse modo, o tempo livre de um mineiro era de cerca de quatro horas por dia<sup>345</sup>.

O esforço de Orwell na humanização e dignificação dos trabalhadores confronta compreensões destes enquanto massa, vista como indigna, repugnante e nojenta por parte da geração de escritores anteriores. Desejos de eugenia, esterilizações coletiva e de impedir a educação das massas eram comuns, como já dito. Além disso, enquanto a cidade era poluída e comprometida pelas multidões, apresentada como negativa, o campo seria positivo e daria espaço ao desenvolvimento humano adequado. Logo, se os sujeitos das massas fossem camponeses, seriam mais atraentes; o povo inglês havia perdido sua vida nos bosques e se tornado uma multidão adoecida. A busca de beleza nas massas levou diversos intelectuais ao campo, inclusive Orwell, que, em *The Road to Wigan Pier*, criticou a vida urbana e a confiança nas máquinas, procurando por valor na vida campestre, mesmo que admitisse a impossibilidade de um retorno a esta<sup>346</sup>.

O autor foi um porta voz da esquerda que suspeitava da retórica intelectual acerca das massas e *The Road to Wigan Pier* contém uma reação contra diversos desses discursos. Contudo, ao mesmo tempo o escritor identificou massas com a liberdade, as associou à sujeira. Orwell acreditava na liberdade encerrada nas

---

<sup>343</sup> “Middle-class people are fond of saying that the miners would not wash themselves properly even if they could, but this is nonsense, as is shown by the fact that where pithead baths exist practically all the men use them.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online)

<sup>344</sup> “if you give those miners baths they only use them to keep coal in it.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>345</sup> Ibid., online.

<sup>346</sup> Ibid., online.

massas, mas repugnava sua sujeira. Seu desprezo e repulsa pelas massas estão presentes nesse mesmo livro, em que explica como sua criação e classe social o incultaram tais sentimentos, com os quais afirma duelar. Devido a este ensinamento da brutalidade e sujeira popular, o autor criou pavor dos corpos das classes operárias e muitas vezes de suas moradias, como veremos. Para o autor, essa falta de higiene proletária limitava a quantidade de intimidade possível para com essa classe: “Pode-se sentir afeto por um assassino ou um sodomita, mas não se pode sentir afeto por um homem cujo hálito fede”<sup>347</sup>.

Ao mesmo tempo o autor associou sujeira ao mérito, afirmando que “Penso que às vezes o preço da eterna liberdade é a eterna sujeira”<sup>348</sup>. Por fim, quando vai à Catalunha lutar na Guerra Civil Espanhola, Orwell escreve que a sujeira nunca o preocupou. Deste modo, em 1984 a sujeira dos proles é apresentada como meritória, símbolo de sua decência. Mas em Wigan a sujeira ainda o irritava, apesar de ser meritória e redentora<sup>349</sup>.

Orwell enfatiza principalmente a decadência nas condições de vida que descreve na obra em questão. O autor contou que alguns lugares que visitou eram decentes considerando as circunstâncias, outros tão terríveis que eram indescritíveis. Odores fétidos se misturavam à confusão e a miséria. Banheiras cheias de água imunda, bacias com jarras sujas, jornais rasgados espalhados, cobertores oleosos, panelas, ferros, meias, pedaços de pão amanhecidos com queijo enrolado em jornais engordurados compõe o ambiente da casa de um mineiro, cada qual exalando seu devido odor. Já na vida em caravanas, as casas são simples vagões cobertos por ripas semicirculares e lonas. Cada vagão teria aproximadamente um metro e meio de largura e um metro e oitenta de comprimento, nenhum vagão tinha menos de dois habitantes, alguns continham famílias grandes. Sua sujeira e congestionamento seria inimaginável. As famílias dividem uma cama e é impossível dormir no chão, pois a umidade passa por ele, deixando os colchões úmidos. O frio entra pelas paredes dos vagões, de modo que o fogo tem que ficar

---

<sup>347</sup> ORWELL apud CAREY, op. cit., p. 45; CAREY, op. cit., p. 44-49.

<sup>348</sup> ORWELL, loc. cit.

<sup>349</sup> CAREY, op. cit., p. 45-46

aceso o dia todo e as janelas não podem ser abertas — o que tem óbvios efeitos de disseminação de doenças<sup>350</sup>.

Ainda sobre as más condições, Orwell perguntou a um mineiro quando a falta de moradias começou na sua região. Este respondeu: “Quando nos contaram sobre”<sup>351</sup>, de modo que até há pouco, o padrão de vida era tão baixo que qualquer nível de superpopulação era dado como garantido. O mesmo mineiro ainda contou que, quando criança, sua família tinha de dormir em onze num quarto<sup>352</sup>.

Este modelo narrativo enfatiza a experiência individual de pobreza e reage a ela, diferenciando-se de uma exposição meramente estatística, por exemplo. A figuração do empobrecimento e de territórios afastados ressalta a ignorância sobre a vida dos trabalhadores e é usada ironicamente para repreender o leitor por sua falta de conhecimento e interesse, pois mesmo não conhecendo a Índia ou Taiti, deveria saber como é a vida em Manchester ou Drury Lane. Essa mesma técnica vista em Orwell é presente em autores como Engels, que escreveu seu relato um século antes<sup>353</sup>.

A visão de decadência e pobreza do norte, em comparação com a vida abundante do sul afetou o autor. As experiências vividas por este foram o suficiente para convencê-lo de que a sociedade capitalista tinha atingido seu fim. Também, partindo dessa vivência, Orwell observou as qualidades da cultura trabalhadora, sua humanidade, tolerância, coragem, camaradagem e o compartilhamento que dava uma sensação de que uma “simetria perfeita”<sup>354</sup> tomava a vida das famílias proletárias. Nesta experiência, Orwell compreendeu não só o preço pago pelos proletários, mas o valor do trabalho que realizavam em oposição ao trabalho intelectual<sup>355</sup>.

A pesquisa e escrita do livro ampliou o horizonte político do escritor, colocando-o em contato direto com as condições de setores chave da classe trabalhadora. Esse contato deveu muito às suas conexões pelo *Adelphi* e por Richard Rees, que o ajudaram a conhecer trabalhadores e ativistas políticos. Em

---

<sup>350</sup> ORWELL, op. cit., online.

<sup>351</sup> “When we were told about it.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>352</sup> ORWELL, op. cit., online.

<sup>353</sup> CLARKE, op. cit., p. 18.

<sup>354</sup> “perfect symmetry” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>355</sup> BOUNDS, op. cit., p. 20-21.

*The Road to Wigan Pier*, Orwell conta que viu o suficiente da classe trabalhadora para não a idealizar, por outro lado elogiava sua fala clara, gentileza, cortesia extraordinária e boa natureza<sup>356</sup>. Esta mesma boa e gentil natureza aparece, também, nos *proles* em 1984. Os códigos compartilhados, valores e coesão da classe trabalhadora, contudo, deixavam claro seu não pertencimento, e este é enfatizado em um trecho do texto em que o autor reafirma sua origem de classe-média e analisa os preconceitos que herdou e as barreiras que separam as duas classes, defendendo uma união destas contra a burguesia — orquestrada pelos movimentos de esquerda<sup>357</sup>.

Neste texto, Orwell nota identidades de classe inflexíveis e constitutivas das identidades individuais. Como um sujeito de classe-média, o autor não pode escrever como um proletário. *The Road to Wigan Pier* é um trabalho auto-reflexivo, trazendo à tona relação entre observador e observado. Além disso, o escritor desenvolve a imagem de classe tanto constitutiva quanto restritiva, produzindo valor e estabelecendo divisões. As comunidades apresentadas no livro não são definidas apenas pela pobreza, mas por valores partilhados. Ao integrar a sua pesquisa, seus comentários pessoais e uma crítica econômica e social, o escritor foi capaz de produzir uma imagem da classe trabalhadora estável, integrada, combinando valores tradicionais com radicalismo político. De modo que *The Road to Wigan Pier* apresenta uma visão romantizada do proletariado, assim como estabelece as fundações do socialismo de Orwell: liberdade e justiça<sup>358</sup>.

Explicando seu motivo de ida a Wigan, e ao norte em geral, Orwell conta que foi, parcialmente, para ver o desemprego em sua pior face, e porque queria ver o setor mais típico da classe trabalhadora inglesa de perto. Isso era necessário como parte de uma aproximação ao socialismo. O escritor acreditava que, antes de decidir-se socialista ou não, uma pessoa deveria averiguar “se as coisas como são hoje são toleráveis ou intoleráveis”<sup>359</sup>. Assim, a viagem deu ao autor a certeza da intolerabilidade da condição dos trabalhadores sob o capitalismo.

---

<sup>356</sup> ORWELL, loc. cit.

<sup>357</sup> CLARKE, op. cit., p. 16.

<sup>358</sup> Ibid., p. 41-43.

<sup>359</sup> “whether things at present are tolerable or not tolerable” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).



Orwell defende que a abolição da distinção de classes envolve mudanças desconfortáveis nos próprios hábitos. Diversas atividades nesse sentido estavam sendo desenvolvidas na Inglaterra, por exemplo, as escolas de verão, onde proletários e burgueses deveriam criar laços e se tornar irmãos — das quais os burgueses saem dizendo como foi maravilhoso e inspirador. O problema destas políticas, para o autor, é que, numa pose messiânica, os burgueses se perguntam “Por que nivelar por baixo? Por que não nivelar para cima?” e propõe ‘elevar’ o nível dos trabalhadores<sup>360</sup>. Ainda que inspiradora, a vivência da classe trabalhadora deve ser elevada, estes devem ser aburguesados pela esquerda salvadora. Já o autor via que o movimento de aproximação deveria ser na direção oposta.

Acerca da própria experiência, nota que, aos seus dezessete ou dezoito anos, Orwell era, ao mesmo tempo, um revolucionário e um esnobe. Contrário à toda autoridade, o jovem Blair já havia lido toda a bibliografia publicada por Shaw, Wells e Galsworthy, assim como *The People of the Abyss*, de Jack London,<sup>361</sup> os quais, nos conta o autor, eram considerados autores perigosamente progressistas. O escritor se compreendia socialista, mesmo não tendo muita noção do significado de socialismo, apenas crendo que os trabalhadores eram seres humanos. Contudo, seu contato com estes era à distância e pelo intermédio dos livros: “eu continuava odiando-os e desprezando-os quando chegava perto deles. Eu ainda era revoltado com sua pronúncia e enraivecido com sua rudeza natural”<sup>362</sup>. Orwell conta, ainda, que se livrou de seu preconceito de classe indiretamente, por um processo ligado à compreensão e vivência da exploração imperialista, de que voltou com uma “teoria anarquista de que todo o governo é mal, que toda a forma de punição faz mais mal que o crime, e que pessoas podem ser confiadas à se comportar decentemente se deixadas em paz”<sup>363</sup>. Neste momento, Orwell vê essa teoria como “bobagem

---

<sup>360</sup> “Why must we level down? Why not level up?” and proposes to level the working class ‘up’ (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>361</sup> John Griffith Chaney, conhecido como Jack London, foi um escritor, jornalista e ativista norte-americano.

<sup>362</sup> “I still hated them and despised them when I came anywhere near them. I was still revolted by their accents and infuriated by their habitual rudeness.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>363</sup> “I worked out an anarchistic theory that all government is evil, that the punishment always does more harm than the crime and that people can be trusted to behave decently if only you will let them alone.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

sentimental”,<sup>364</sup> pois este via agora, como não via antes: “que é sempre necessário proteger as pessoas pacíficas da violência.”<sup>365</sup>

Para Orwell, todos que usassem seus cérebros saberiam que o socialismo como sistema mundial seria uma saída para a miséria, garantindo, no mínimo, que todos pudessem comer. “De fato, de um ponto de vista, socialismo é um senso comum tão elementar que eu, às vezes, fico impressionado que não tenha sido estabelecido ainda”<sup>366</sup>. Afinal, para o autor, apenas alguém com motivos corruptos preferiria o sistema capitalista a um sistema que garantisse que todos fizessem sua parte dos trabalhos e ganhassem sua parte em provisões. Ainda assim, o socialismo enfrentava grande resistência, o que, para o autor, explica-se em muito pelos socialistas e pelo problema em comunicar o significado do socialismo à população. Haveria falhas nas propagandas, algo na forma como este é apresentado parecia desagradável<sup>367</sup>.

Para compreender a falha do socialismo em apelar à população, não ajuda pensar no afastamento do socialismo apenas como produto da estupidez e do corrompimento moral, sendo essencial compreender o desprezo ao socialismo entrando “na mente do objetor ordinário do socialismo, ou ao menos pensar no seu ponto de vista empaticamente”<sup>368</sup>. Logo, para o escritor, “paradoxalmente, a fim de defender o socialismo, devemos começar atacando-o”<sup>369</sup>. O ataque de Orwell ao socialismo foi, na verdade, um ataque aos socialistas. Os socialistas de classe-média, apesar de pedirem por uma sociedade sem classe, se prendem com todas as forças aos seus fragmentos de prestígio social:

Lembro-me de minha sensação de horror quando fui a minha primeira reunião de um ramo do I.L.P. em Londres [...]. São estas pequenas bestas sovinas, eu pensei, os campeões dos trabalhadores? [...] Se um trabalhador real, um mineiro sujo do poço das minas, por exemplo, tivesse subitamente

---

<sup>364</sup> “sentimental nonsense” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>365</sup> “that it is always necessary to protect peaceful people from violence. In any state of society where crime can be profitable you have got to have a harsh criminal law and administer it ruthlessly; the alternative is Al Capone.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>366</sup> “Indeed, from one point of view, Socialism is such elementary common sense that I am sometimes amazed that it has not established itself already.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>367</sup> ORWELL, op. cit., online.

<sup>368</sup> “getting inside the mind of the ordinary objector to Socialism, or at least regarding his viewpoint sympathetically” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>369</sup> “paradoxically, in order to defend Socialism it is necessary to start by attacking it” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

entrado em seu meio, eles ficariam embaraçados, bravos, e enojados; alguns, eu devo pensar, iriam fugir segurando seus narizes<sup>370</sup>.

Para Orwell, esse predomínio de uma intelectualidade de classe-média, também estava presente na literatura socialista, que é escrita fora da maneira de pensar e de falar da classe trabalhadora, enquanto a linguagem que Orwell defende é simples e clara, com o objetivo de atingir o maior público possível (crítica também válida para os oradores dos partidos). O apelo do autor aos trabalhadores se ligava a posicionamentos anti-intelectuais. A intelectualidade era burguesa e só servia para afastar o proletariado do movimento<sup>371</sup>.

Ao mesmo tempo, Orwell notou que um trabalhador “genuíno”, quase nunca ou nunca é um socialista completo, pois sua compreensão do socialismo é muito diferente daquela de um socialista teoricamente embasado. Para o trabalhador, socialismo não significa muito mais que melhores salários, menos horas de trabalho e “ninguém mandando em você”<sup>372</sup>. Já aos trabalhadores mais revolucionários, nas listas negras dos patrões, a palavra funciona como um grito de guerra contra as forças opressoras e uma vaga ameaça de violência por vir. Mas, para o escritor, seria o trabalhador comum que veria as implicações profundas do socialismo: “em minha opinião, ele é um socialista mais verdadeiro do que o marxista ortodoxo, porque ele lembra o que outros com frequência esquecem, que socialismo significa justiça e decência comum”<sup>373</sup>. A estes fundamentos básicos Orwell se prenderá profundamente, enfatizando mais estas raízes do que um pensamento tático de aproximação com os trabalhadores ou um projeto revolucionário<sup>374</sup>.

A compreensão dos que se afastam do socialismo é necessária para entender aqueles que se aproximam do fascismo. Ainda, é necessário compreender o fascismo para combatê-lo. Entender o fascismo envolve compreender que existe

---

<sup>370</sup> “I remember my sensations of horror on first attending an I.L.P. branch meeting in London.[...] Are these mingy little beasts, I thought, the champions of the working class?[...] If a real working man, a miner dirty from the pit, for instance, had suddenly walked into their midst, they would have been embarrassed, angry, and disgusted; some, I should think, would have fled holding their noses.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online)

<sup>371</sup> ORWELL, op. cit., online.

<sup>372</sup> “nobody bossing you about” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>373</sup> “in my opinion, he is a truer Socialist than the orthodox Marxist, because he does remember, what the other so often forgets, that Socialism means justice and common decency” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>374</sup> ORWELL, 1974, online.

algo de atraente neste, “Na prática, claro, é meramente uma tirania infame, e seus métodos de obtenção e manutenção do poder são tais que mesmo o mais ardente apologista prefere falar de alguma outra coisa”<sup>375</sup>. Contudo, os soldados rasos do fascismo são, para Orwell, pessoas bem intencionadas, ansiosas por melhorias, como uma redução do desemprego. O fascismo, segundo o escritor, empresta forças das várias vertentes do conservadorismo, usando os desejos por tradição, e disciplina<sup>376</sup>.

Para Orwell essa aproximação das camadas populares, que nada tem a ganhar com o fascismo, se explica por um interesse ideológico. Enquanto o comunismo e o socialismo atacam coisas como patriotismo e religiosidade, cujas raízes são mais profundas que as das motivações econômicas, o fascismo reitera seu valor, atraindo certos grupos. Essa noção da importância de valores e fatores ideológicos no momento de ascensão do fascismo pode ser interpretada como uma razão do destaque dado pelo autor à justiça e decência como bases do socialismo, compreendendo essas noções como mais atrativas a um público amplo que a esquerda não consegue alcançar e conquistar. O autor observa que o enfoque econômico do discurso marxista “em um sentido, isto revela a verdade, mas com sua penalidade, a maior parte de sua propaganda não alcança o alvo”<sup>377</sup>. Preocupa Orwell o distanciamento sentimental da população com relação ao socialismo, pois esta compreensão seria uma ferramenta de resistência ao fascismo, o qual avançava, preocupando o autor: “Fascismo agora é um movimento internacional, o que significa não apenas que as nações fascistas podem se combinar para saquear, mas que eles estão tateando, talvez apenas meio conscientes, o caminho para um sistema global”<sup>378</sup>.

A crítica ao socialismo e o medo da expansão do fascismo e do totalitarismo estão ligadas em Orwell. Para o autor o socialismo era o único caminho que uma

---

<sup>375</sup> “In practice, of course, it is merely an infamous tyranny, and its methods of attaining and holding power are such that even its most ardent apologists prefer to talk about something else.” (ORWELL, 1974, online).

<sup>376</sup> ORWELL, 1974, online.

<sup>377</sup> “it does in one sense reveal the truth, but with this penalty, that most of their propaganda misses its mark.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>378</sup> “Fascism is now an international movement, which means not only that the Fascist nations can combine for purposes of loot, but that they are groping, perhaps only half consciously as yet, towards a world-system.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

pessoa decente, ainda que “de temperamento Tory ou anarquista”,<sup>379</sup> poderia seguir, pois nada mais poderia nos salvar da miséria presente e do pesadelo futuro, “Se opor ao socialismo agora, que vinte milhões de ingleses estão subnutridos e o fascismo conquistou metade da Europa, é suicídio. É como começar uma guerra civil com os Góticos cruzando a fronteira”<sup>380</sup>.

O socialismo, como único caminho para a Europa ameaçada pelo fascismo, deveria apostar em propaganda e literatura numa linguagem popular, acessível, enfatizando os significados mais fundamentais e éticos do socialismo para atrair mais adeptos, assim como seria necessário desassociar a imagem do socialismo dos socialistas: “Às vezes, tem-se a impressão de que as meras palavras ‘socialismo’ e ‘comunismo’ chamam com força magnética cada bebedor de suco de frutas, nudista, vestidor de sandálias, maníaco sexual, Quaker, charlatão da ‘Cura Natural’, pacifista e feminista<sup>381</sup> da Inglaterra”<sup>382</sup>.

A noção de socialismo apresentada pelo escritor no texto foi apenas uma das múltiplas interpretações que o autor manifestou ao longo de sua carreira, sendo que seus posicionamentos dialogaram com diversos grupos, revistas e partidos, bem como responderam à diversas preocupações provenientes da política externa. Assim sendo, é importante compreender que o socialismo defendido por Orwell não é algo bem definido e imóvel: além disso, o autor não deve ser teleologicamente harmonizado numa figura fixa<sup>383</sup>.

Segundo Richard White, o objetivo de Orwell era humanizar o socialismo, não teorizá-lo, principalmente em *The Road to Wigan Pier*, apelando aos mais básicos e auto-evidentes valores, os quais seriam oriundos das classes trabalhadoras: “numa casa da classe trabalhadora – não estou pensando em desempregados, mas em casas comparativamente prósperas – você pode respirar uma atmosfera calorosa,

---

<sup>379</sup> “a Tory or an anarchist by temperament” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>380</sup> “To oppose Socialism now, when twenty million Englishmen are underfed and Fascism has conquered half Europe, is suicidal. It is like starting a civil war when the Goths are crossing the frontier.” (tradução nossa, ORWELL, 1974, online).

<sup>381</sup> Vemos, também, que para o autor a imagem do feminismo é, no mínimo, desinteressante politicamente e rechaçada.

<sup>382</sup> “One sometimes gets the impression that the mere words ‘Socialism’ and ‘Communism’ draw towards them with magnetic force every fruit-juice drinker, nudist, sandal-wearer, sex-maniac, Quaker, ‘Nature Cure’ quack, pacifist, and feminist in England.” (ORWELL, 1974, online).

<sup>383</sup> NEWSINGER, John. The American connection: George Orwell, literary Trotskyism’ and the New York intellectuals. *Labour History Review*, v. 64, p. 23-43, 1999, p. 24. Disponível em: <<https://online.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/abs/10.3828/lhr.64.1.23>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

decente e profundamente humana, a qual não é fácil de encontrar em outro lugar”<sup>384</sup>. De acordo com White, Orwell era um “socialista ético”, devido ao enfoque nos valores básicos e na decência do trabalhador comum – decência esta que seria a chave para o sucesso do socialismo<sup>385</sup>. Esta visão das classes trabalhadoras na obra *The Road to Wigan Pier*, levou Anna Vanyskaya a ver em Orwell um socialista romântico, que defendia uma vida mais simples, perto da natureza e do modo de vida dos trabalhadores<sup>386</sup>.

Estas compreensões do socialismo de Orwell também são próximas da noção de George Woodcock, colaborador ao *Partisan Review* contemporaneamente às contribuições de Orwell, os quais foram amigos, trocando cartas por anos a fio. Para Woodcock, Orwell não era um grande adepto da discussão política em termos de planejamento social ou definição de plataformas partidárias, mas o que o preocupava mais eram princípios gerais de conduta<sup>387</sup>. No livro em questão, Orwell tangencia um pensamento em termos de plataforma, afirmando a necessidade tática de expor as bases éticas do socialismo para atrair o público. Mesmo traçando críticas e discutindo problemas, Orwell não propõe um plano de ação. As compreensões do socialismo e críticas apresentadas são gerais, voltadas às emoções despertadas por determinados discursos, imagens e experiências.

De acordo com Anna Vanyskaya, o socialismo do escritor seria romântico, este têm quatro bases: a reincorporação do passado na comunidade do futuro (presente na busca de Orwell por uma comunidade mais próxima da natureza e menos tecnológica, e na valorização do passado de revoltas da Inglaterra para pensar uma revolução); a simbiose dos ambientes naturais e humanos; a desmecanização da sociedade em todos os níveis e a reunificação dos tipos de trabalho antes especializados; e a presença de uma nação responsável por direcionar estas aspirações<sup>388</sup>. Ainda que o autor tenha defendido discursos

---

<sup>384</sup>“In a working-class *home*—I am not thinking at the moment of the unemployed, but of comparatively prosperous homes—you breathe a warm, decent, deeply human atmosphere which it is not so easy to find elsewhere” (ORWELL, 1974, online).

<sup>385</sup> WHITE, Richard. George Orwell: Socialism and Utopia. *Utopian Studies*, v.19, n.º 1, Pennsylvania, p. 73–95, 2008, p. 74.

<sup>386</sup> VANYSKAYA, op. cit., p. 15.

<sup>387</sup> THOMAS, Paul. Mixed Feelings: Raymond Williams and George Orwell. *Theory & Society*, v. 14 n.º 4, p. 419- 443, 1985, p. 422.

<sup>388</sup> VANYSKAYA op. cit., p. 8.

patrióticos e feito duras críticas à tecnologia, este compreende que a sociedade socialista teria de ser industrial. Ele deseja que a tecnologia seja controlada e vista como intrinsecamente arriscada e ruim aos homens<sup>389</sup>.

Vanyskaya<sup>390</sup> defende que ninguém que tenha lido *The Road to Wigan Pier* poderia negar a aversão de Orwell ao culto progressista às máquinas, nem sua valorização do passado, em que os homens eram mais próximos à natureza. Mas, a desmecanização não é um elemento particularmente importante na concepção da sociedade justa defendida pelo autor. Para a estudiosa, Orwell também se aproximou do socialismo romântico em seu patriotismo, que defendia que a história do povo inglês seria uma história de luta contra a opressão e abusos do poder, logo, o sentimento patriótico inglês carregaria proximidades com o socialismo. Há elementos de um socialismo romântico em Orwell, assim como de um socialismo ético e utópico. Acerca deste último, inicialmente, é necessário expor que o utopismo é um movimento pacífico que acredita num modelo social único, capaz de transformar a realidade presente. Para Martin Buber, o socialismo utópico seria, antes e mais nada, o desejo de um mundo como “deveria ser”, a utopia seria a imagem deste mundo. O que predomina neste movimento é o anseio pelo justo, que se experimenta na visão religiosa ou filosófica como revelação ou ideia, e que só pode se realizar na comunidade humana, não no sujeito. Este mundo justo se conjuga na imagem de um tempo e espaço perfeitos. A utopia, quando filosófica, possui caráter realista<sup>391</sup>.

Os socialistas utópicos, ainda não com este nome, são chamados por Engels como homens que propõe grandiosos sistemas de reforma e que, a pretexto de reorganizar a sociedade, pretendem conservar as bases da sociedade atual, sem revolucioná-la. Anteriores ao autor, esses socialistas seriam incapazes de compreender e dominar o problema do proletariado, já que, então, a diferença de classes que estava ainda começando a ser analisada, dando azo ao aparecimento desses sistemas imaginários, fantásticos e utópicos que propunham a abolição desta diferença ainda incompreendida. O conceito de socialismo utópico foi, posteriormente, aplicado a todos aqueles que não queriam ou não poderiam levar

---

<sup>389</sup> ORWELL, 1974, online.

<sup>390</sup> VANYSKAYA, op. cit., p. 15-16.

<sup>391</sup> BUBER, Martin. *O socialismo Utópico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, p. 17-19.



em conta o proletariado e a luta de classes, segundo Marx, e desde então o termo tem sido usado como ferramenta de invalidação contra socialistas não-marxistas. O rótulo de socialista utópico foi suficiente para silenciar posições alternativas<sup>392</sup>.

Durante o século XIX, o movimento operário conheceu sua grande fase de organização, voltando-se para doutrinas mais concretas e menos idealistas. A luta de classes, a política sindical, os avanços do cientificismo e positivismo (de que o marxismo é expressão), afastaram-se do discurso utópico reservado e menos gerador de forças que o discurso científico.<sup>393</sup> Embora rechaçasse o pensamento utópico, o marxismo não era ausente deste: após a revolução, em que ocorreria a mudança de todas as coisas, o Estado criado seria extinto e a humanidade iria do reino da necessidade ao reino da liberdade. A utopia marxista é pós-revolucionária. O marxismo jamais pôde se subtrair da fé utópica. Mas entre a revolução e o reino da liberdade, há um período de centralismo total, em que, misteriosamente, a uniformidade leva à diversidade como meta final e a coação leva à liberdade, havendo uma descontinuidade entre o caminho e a meta final – diferente do socialismo utópico, que apresenta uma continuidade. Este último se nega a crer que um dia será dado um salto e que se deva preparar o oposto daquilo a que se quer chegar, acreditando que é preciso criar a atmosfera possível e necessária para transformações futuras. Acredita na continuidade revolucionária, em que a revolução significa somente o cumprimento da libertação, a ampliação daquilo que já se desenrolou<sup>394</sup>.

O socialismo utópico, portanto, luta pelo máximo de autonomia comunitária possível dentro de uma restauração da comunidade. Ele não busca retornar ao comunismo agrário e primitivo, nem ao estado corporativo do cristianismo medieval. Esse socialismo é consciente de seu tempo e busca edificar uma autêntica comunidade com os materiais renitentes do seu momento histórico. Buber defende o renascimento das comunas ou cooperativas, em que os meios de produção estejam nas mãos dos trabalhadores. A quantidade de autonomia política nestas comunidades é uma questão técnica, a qual deverá ser formulada e reformulada constantemente. A relação entre centralismo e descentralização é um problema que

---

<sup>392</sup> Ibid., p. 10-14.

<sup>393</sup> BUBER, op. cit., p. 14-16; PETITFILS, op. cit., p. 146.

<sup>394</sup> BUBER, op. cit., p. 22-24.

deveria ser tratado com tato, incansavelmente. A centralização é necessária, mas nunca deve ultrapassar a barreira do necessário em determinado lugar e tempo, para tanto os esquemas de representação devem ser diferentes, as relações entre representantes e representados deve ser mais próxima, através da atuação e experiência comum. Neste sentido, quanto maior for a autonomia dada às comunidades locais, maior o espaço livre para o desenvolvimento dos poderes sociais, tal descentralização deve ser calculada partindo das disposições sociais já existentes em dada área. Essa questão deve ser respondida constantemente, tendo em vista que as condições que baseiam a resposta são cambiantes<sup>395</sup>.

William Morris, também citado como socialista ético, seria um exemplo da penetração de ideias utópicas no marxismo na Inglaterra. O poeta se converteu ao socialismo aos 49 anos por seu ódio ao capitalismo e à civilização moderna. A paixão pela igualdade e o sonho de fraternidade revolucionária se conjugam em uma nítida inclinação pelos devaneios bucólicos. Em *News from Nowhere* (1891), Morris descreve a Inglaterra dali a 200 anos. Alterada pela revolução proletária, a Inglaterra seria livre da feiúra das cidades mineiras, o céu azul do país estaria coberto pelas flores e por cidades-jardins<sup>396</sup>.

A aproximação de Orwell com o próprio socialismo neste momento de sua carreira é envolta por uma reação ética à injustiça e contra a tirania, levando à busca de uma sociedade organizada em torno de camaradagem, liberdade e justiça – termos cujos significados Orwell não define – a qual é pensada muito mais utópica e romanticamente do que em termos de um programa revolucionário, socialista científico ou mesmo reformista. Interessam-lhe os fins, não os meios, a sociedade socialista futura deve ser espaço para o desenvolvimento da decência humana. Por fim, tanto o envolvimento com a classe trabalhadora, quanto às noções de socialismo que figuram no texto de Orwell, têm cunho emocional, do mesmo modo, seu apelo é por um discurso socialista que enfatize valores e sentimentos. Para Orwell, estas noções vagas funcionariam para angariar interesse dos trabalhadores e o fariam com mais efetividade do que discursos e plataformas teóricas.

---

<sup>395</sup> Ibid., p. 26-197.

<sup>396</sup> PETITFILS, op. cit., p. 150.

### 3. GUERRA, RADICALIZAÇÃO E MEMÓRIAS

*Através de mim muitas vozes longamente mudas,  
Vozes das gerações intermináveis de prisioneiros e escravos,  
Vozes dos doentes e desesperados e de ladrões e anões,  
Vozes de ciclos de preparação e acreção,  
E dos fios que conectam as estrelas, e de ventres e da matéria paterna,  
E dos direitos daqueles que estão por baixo,  
Dos deformados, triviais, molengas, tolos, desprezados,  
Névoa no ar, besouros rolam bolas de bosta.*

*Através de mim vozes proibidas,  
Vozes de sexos e luxúrias, vozes veladas e removo o véu,  
Vozes indecentes por mim clareadas e transfiguradas.*

*(Walt Whitman)*

Entre 1936 e 1945 George Orwell vivenciou, direta ou indiretamente, conflitos que assolaram a Europa. Através de seus textos o escritor se posicionou acerca da Guerra Civil Espanhola e buscou interferir na figuração de sua memória. Seu trabalho buscou gerar reflexões nos leitores e confrontar outros autores e jornais, debatendo tópicos como as ações comunistas na Guerra Civil Espanhola. Neste capítulo, observaremos o modo como o escritor se apropriou de suas experiências desse conflito e como moldou sua produção aos seus objetivos.

Durante a Guerra Civil Espanhola, a produção de Orwell passou por uma radicalização política. As experiências nas barricadas, somadas ao contato com o POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), à visão da Catalunha sob uma revolução anarquista, à perseguição política e à dificuldade de publicação de seus relatos (por motivos que serão vistos em breve), levaram o autor a tomar posições mais extremas e revolucionárias. Foi, também, após esse conflito, que o escritor assumiu as posições anti-stalinistas que manteve pelo resto de sua vida. Sua concepção da luta antifascista também foi alterada, passando a defender a revolução como único meio de combate aos regimes fascistas, pois estes seriam fruto do capitalismo em crise.

De volta à Inglaterra, Orwell publicou o livro intitulado *Homage to Catalonia* (1938), no qual narrava suas experiências como miliciano voluntário nas linhas do POUM. O relato foi escrito conscientemente como uma narrativa alternativa da guerra, disputando pela memória histórica do conflito com a esquerda comunista, que costumava reduzir o confronto à luta contra o fascismo, mascarando os embates entre os partidos de esquerda que compunham a Aliança Republicana.

Ainda, a Guerra Civil Espanhola aproximou mais o autor das classes trabalhadoras, a medida em que se envolveu com políticas revolucionárias socialistas e anarquistas, sua fé na classe trabalhadora evoluiu e este passou a vê-la como o verdadeiro inimigo do fascismo. Já durante suas análises dos efeitos do imperialismo e capitalismo, o escritor criou o mito da decência, que consistia em uma idealização dos valores populares centrados na noção de igualdade e decência comum. A experiência de camaradagem na Espanha reforçou sua empatia com essa classe. A milícia, em sua igualdade anti-hierárquica, foi vista pelo autor como um modelo temporário de sociedade sem classes.

Os posicionamentos apurados por Orwell durante o conflito causaram alterações em suas relações com editoras e revistas, bem como rompimento de amizades e estabelecimento de novos laços. Suas disputas e causas o aproximaram de outros grupos e partidos, redefinindo suas relações sociais e radicalizando seu texto.

### 3.1. EXPERIÊNCIA NAS BARRICADAS E LITERATURA TESTEMUNHAL EM *HOMAGE TO CATALONIA*

A primeira metade do século XX, na Europa, foi um período de diversos confrontos. De maneiras diferentes, a percepção de Orwell destes eventos impactou sua obra, a qual reagiu aos contextos políticos e econômicos, internacionais e nacionais vivenciados pelo autor. De modo que seus trabalhos visavam gerar reflexões nos leitores, assim como buscavam confrontar outros autores e jornais, debatendo tópicos polêmicos como as ações comunistas na Guerra Civil Espanhola. Neste capítulo, trataremos da relação de Orwell com este conflito e da disputa por sua memória.

Traçando um breve panorama acerca da Guerra Civil Espanhola, esta foi o confronto entre a Frente Popular (composta por republicanos, socialistas, comunistas e anarquistas) e a Falange Espanhola Tradicionalista (militares fascistas que se revoltaram contra o governo de esquerda), ocorrido entre os anos de 1936 e 1939. Em 1936, foi eleito um governo de esquerda da Frente Popular na jovem república espanhola. A Frente Popular era composta pela Esquerda Republicana, União Republicana, UGT (União Geral dos Trabalhadores), Juventude Socialista, POUM (Partido Obrero da Unificação Marxista) – de orientação trotskista –, Partido Socialista de Pستانha e Esquerda Catalã, contando com o apoio dos anarquistas da CNT (Confederação Geral dos Trabalhadores). Tal coligação teve de enfrentar a insurreição dos generais, os quais, com o apoio de Mussolini e Hitler, levantaram-se contra o governo eleito<sup>397</sup>.

Em 1934, as organizações fascistas espanholas assinaram um acordo com Mussolini, no qual o ditador italiano prometia armas e capital para a derrubada da República. Com a eleição da frente popular em 1936, os falangistas irromperam as ruas. O terrorismo de extrema-direita se espalhou pelo espaço público, tendo ocorrido ataques a jornais e universidades. Enquanto isso, lideranças fascistas buscavam apoio da direita hitlerista e inglesa. Na noite de 17 para 18 de julho de 1936, começaram as sublevações militares: as oligarquias davam início à Guerra Civil Espanhola com o objetivo de esmagar uma revolução de esquerda que não tinha sido iniciada<sup>398</sup>.

Em reação à sublevação dos generais, os operários se armaram e iniciaram o conflito, essa movimentação desencadeou o processo da Revolução Espanhola, efetivada pela CNT-FAI. Pierre Broué notou que para os trabalhadores a situação logo começou a se clarear, havia dois futuros possíveis: 1) os militares venceriam e as organizações operárias e camponesas seriam proibidas, seus militantes aprisionados e abatidos, e a população trabalhadora submetida ao terror branco; 2) se a sublevação dos generais fosse sufocada e as autoridades do Estado varridas pelos operários (que travavam o combate sob a direção de suas organizações reagrupadas nos comitês que se atribuíam todo o poder), estes poderiam lutar por

---

<sup>397</sup> BROUÉ, op. cit., p. 63.

<sup>398</sup> Ibid., p. 63-71.

uma grande transformação da sociedade – a contra-revolução desencadeou a revolução<sup>399</sup>.

Iniciou-se, então, uma redistribuição do poder político e econômico, na qual a massa operária e camponesa se organizava localmente através dos comitês. Apesar de haver, aos comitês, apenas a opção entre aliar-se à legalidade republicana ou criar uma legalidade baseada na representação direta dos trabalhadores, nenhum partido operário considerou seriamente a última opção. Os partidos optaram pela manutenção da república, isso se deveu à pressões da guerra, que forçavam uma aliança insustentável e contraditória entre partidos com anseios e necessidades opostas. Enquanto isso, a coalizão mundial se armava contra a Revolução Espanhola, pois esta ameaçava os interesses capitalistas, fazendo ressurgir o risco de revoluções na Europa<sup>400</sup>.

A inconsistência da aliança dos anarquistas com os republicanos, comunistas e socialistas era palpável. Os social-democratas republicanos, assim como os comunistas, lutavam pela manutenção de uma ordem que precedia o golpe, enquanto os anarquistas visavam uma nova forma de organização da sociedade e, para tanto, o Estado burguês deveria cair. A guerra civil dentro da Guerra Civil era um risco constante, real e inevitável<sup>401</sup>.

Em dado momento, sob ordens de Stalin, os comunistas começaram a perseguir os partidos revolucionários (CNT-FAI e POUM) visando evitar a continuidade da Revolução Espanhola. Para Pierre Broué<sup>402</sup>, Stalin desejava manter boas relações com os países capitalistas cujo capital estava investido na Espanha, assim como eliminar qualquer tipo de experiência revolucionária desalinhada com o governo soviético. Com a eliminação da revolução em mente, o CNT-FAI e o POUM foram postos na ilegalidade, justificando a perseguição a seus líderes, assim como o aprisionamento, tortura e execução de alguns de seus milicianos, os quais estavam sob a acusação de serem agentes do fascismo.<sup>403</sup> Em junho de 1937 a perseguição política dos partidos citados foi iniciada. Cerca de um ano e meio depois, a Guerra

---

<sup>399</sup> Ibid., p. 63; ENZENSBERGER, Hans Magnus. *O curto Verão da Anarquia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 186.

<sup>400</sup> Ibid., p.73-84.

<sup>401</sup> ENZENSBERGER, op.cit., p. 195-226.

<sup>402</sup> BROUÉ, op. cit., p. 93.

<sup>403</sup> ENZENSBERGER, op. cit., p. 253-254; BROUÉ, op. cit., p. 99-102.

Civil Espanhola foi vencida pelas forças fascistas, tendo sido instalada uma ditadura que durou 38 anos.

Orwell foi à Espanha ainda em 1936, no mês de dezembro, chegando ao país com a vaga intenção de escrever artigos para publicação na Inglaterra narrando a guerra. Contudo, Orwell acabou indo ao fronte de batalha, pois “naquela época, naquela atmosfera, parecia a única coisa concebível a se fazer”<sup>404</sup>. Logo que chegou, o autor se deparou com a Catalunha anarquista; a classe trabalhadora havia tomado o poder, os edifícios públicos haviam sido ocupados, igrejas haviam sido destruídas e imagens queimadas, propriedades privadas foram coletivizadas, bandeiras vermelhas e negras foram espalhadas, assim como foices e martelos e as iniciais de partidos revolucionários. A esperança despertada pela visão idílica da revolução em andamento foi seguida pela experiência da perseguição política. Como membro do POUM, Orwell vivenciou a política soviética de eliminação da revolução, tendo de fugir da Espanha perseguido pela própria Frente Popular<sup>405</sup>.

Entre 1937 e 1939, a produção de Orwell experimentou uma radicalização política<sup>406</sup>. Isso se deveu, em grande parte, à experiência do autor nas barricadas, ao contato com o POUM, à visão da Barcelona revolucionária e à posterior perseguição política perpetrada pelos comunistas, assim como a sua dificuldade de publicar testemunhos da guerra na perspectiva do POUM e consequente afastamento de certos grupos de esquerda e aproximação de outros. Em sua jornada na Espanha, Orwell observou os efeitos do controle da linguagem e manipulação da história que, mais tarde, apareceriam em *Animal Farm* e *1984*. Em Barcelona o autor vivenciou o conflito entre o POUM e seus aliados comunistas e, logo depois, voltou ao fronte, onde foi baleado na garganta, retornando à cidade e vivendo a perseguição política perpetrada pelos comunistas<sup>407</sup>. Tal experiência foi componente do posicionamento anti-stalinista do autor, assim como o fez notar que o antifascismo por si só não bastava, sendo necessária a defesa de uma posição positiva, nesse caso, a revolução socialista.

---

<sup>404</sup>“at that time and in that atmosphere it seemed the only conceivable thing to do.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, p. 1).

<sup>405</sup>ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. London: 1938, p. 39. Disponível em: <[http://orwell.ru/library/novels/Homage\\_to\\_Catalonia/english/e\\_etc](http://orwell.ru/library/novels/Homage_to_Catalonia/english/e_etc)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>406</sup>MARKS, op. cit., p.49.

<sup>407</sup>Ibid., p.52-53.



De acordo com Bounds<sup>408</sup>, a experiência de Orwell na Guerra Civil Espanhola afetou seus posicionamentos políticos de duas formas: primeiro, tornou sua suspeita vaga do movimento comunista em hostilidade direcionada; segundo, após seu retorno à Inglaterra, Orwell se dedicou à políticas de extrema esquerda. Nos anos que antecederam a 2ª Guerra Mundial, o autor esteve sob influência do Independent Labour Party (ILP) que, após seu desligamento do Labour Party, aproximou-se do trotskismo. No período em que Orwell foi filiado ao partido, seu principal programa era a oposição ao Fronte Popular do Communist Party of Great-Britain (CPGB), pois o fascismo era considerado pelo ILP e pelo escritor como uma consequência do declínio do capitalismo, de modo que a única defesa possível contra esse seria o estabelecimento de uma sociedade socialista. Logo, não havia sentido em buscar uma aliança temporária com social-democratas, liberais e conservadores progressistas, já que estes grupos desejavam sustentar o sistema capitalista, criador do fascismo.

Orwell se alistou como Eric Blair no Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM) através do ILP na Grã-Bretanha. Antes disso, o autor havia tentado se alistar na Brigada Internacional (a qual recebeu intelectuais de esquerda do mundo todo) através do CPGB, contudo foi visto como politicamente não confiável. Já no começo de janeiro de 1937, Orwell estava morando no barracão Lenin em Barcelona, a seguir foi para o fronte de Alcubierre, perto de Huesca<sup>409</sup>. Em abril de 1937, Orwell tentou se unir a Brigada Internacional em Madrid, mas isto nunca se efetivou, pois em maio do mesmo ano, o conflito dentro das forças republicanas culminou em uma batalha em Barcelona, da qual Orwell participou, seguida pela ilegalização do POUM e perseguição de seus membros<sup>410</sup>.

De volta à Inglaterra, publicou *Homage to Catalonia* (1938), no qual narrava suas experiências como miliciano voluntário nas linhas do POUM. O texto apresentou vívidas descrições de Barcelona anarquista, do cotidiano dos soldados e da luta contra o fascismo e contra as condições do fronte — desde frio a piolhos, ratos, falta de alimentos e armas. A narrativa de Orwell trazia críticas às decisões da própria resistência e à cobertura britânica do evento, denunciava notícias falsas e

---

<sup>408</sup> BOUNDS, op.cit., p. 25-26.

<sup>409</sup> Província ao norte da comunidade autônoma de Aragão.

<sup>410</sup> MARKS, op. cit., p. 50-51.

ações tomadas pelos comunistas e republicanos contra a revolução<sup>411</sup>. Devido a estes posicionamentos, o texto de Orwell encarou dificuldades de publicação, já que seu editor até esse ponto, Victor Gollancz, era simpatizante do comunismo soviético, e portanto, não quis publicar a obra. Meses mais tarde a editora *Secker & Warburg*, de posicionamento antifascista e anti-comunista, aceitou publicar o livro. Contudo, as vendas foram baixas, chegando apenas à 683 cópias nos primeiros 6 meses. Para o escritor, a causa do insucesso foi o próprio Victor Gollancz, que estaria mancomunado com outros comunistas para suprimir a mensagem do testemunho de Orwell<sup>412</sup>.

Em sua troca de correspondências com Leonard Moore, Orwell observou que ainda que a *Secker and Warburg* fosse uma editora pequena, seu público receberia positivamente um livro como *Homage to Catalonia*. Em 1937, *Secker and Warburg* tinha sido cooptada pelo ILP. Em uma reunião do Conselho Administrativo Nacional foi observado que o partido estava em grande desvantagem devido a falta de livros que pregassem sua filosofia e política; faltava ao ILP algo como o *The Left Book Club*, que visibilizava os posicionamentos do CPGB. Neste sentido, a *Secker and Warburg* foi sugerida, e um dos livros listados entre obras a serem publicadas era o *Barcelona Tragedy*, que seria escrito por George Orwell, posteriormente intitulado *Homage to Catalonia*<sup>413</sup>.

Para Maria Cristina Ferreira dos Santos<sup>414</sup>, *Homage to Catalonia* foi escrito, conscientemente, como uma narrativa alternativa através da qual seria possível disputar a memória histórica, em oposição à mídia comunista inglesa que, reduzindo o conflito a apenas uma luta contra o fascismo, ignorava a revolução anarquista bem como as especificidades e complexidades presentes na luta entre os partidos que formavam a aliança de resistência. Orwell, então, assumiu a responsabilidade de legar ao mundo um testemunho da guerra, refletindo uma preocupação com a construção de um conhecimento histórico veritativo que esteve presente em diversas

---

<sup>411</sup> SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos. A Guerra Civil Espanhola narrada pelos vencidos: George Orwell e soldados voluntários brasileiros. *História Unicap*, v. 4, n. 7, jan./jun. de 2017, p. 122.

<sup>412</sup> QUINN, Edward. *Critical companion to George Orwell: a literary reference to his life and Work*. New York: Facts on File, 2009, p. 17; ORWELL, 1938 apud ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 330.

<sup>413</sup> MARKS, op. cit., p. 55.

<sup>414</sup> SANTOS, loc. cit.

obras do autor, tanto ficcionais quanto jornalísticas<sup>415</sup>. *Homage to Catalonia*, como testemunho, trata-se de uma narrativa de memórias. Narrativas deste tipo têm sido recebidas com desconfiança por disciplinas como história e psicologia pelo potencial de esquecimento da memória, de cisma pelo trauma, de alteração por filtro ideológico e por sua proximidade com a imaginação<sup>416</sup>.

Seligmann-Silva nos conta que desde a antiguidade a testemunha, o testemunho e a visão têm sido associadas. A testemunha, no sentido de a que vê, se aproxima dos paradigmas da historiografia como da cena do tribunal, e daí a busca da verdade na sua narrativa. O autor nota que a crítica ao testemunho que ocorre, também, na psicologia forense, parte desse paradigma que põe em questão a capacidade de percepção da cena por parte da testemunha. Essa maneira de pensar a testemunha, para o autor, retorna a uma noção de *testis* como terceiro, instância de decisão em um julgamento; o testemunho como *testis* deve atestar a verdade pelo que foi visto. Nesse sentido, o testemunho implica uma proximidade e uma capacidade de julgar o que foi visto. O século XX, com seus acontecimentos traumáticos e horrores, fez emergir outra forma do testemunho, que o autor chama por *superstes*, esse último se refere não apenas àqueles que sobreviveram a uma desgraça ou à morte, mas também àquele que passou por qualquer acontecimento e subsistiu muito além deste ocorrido. O sentido de testemunha para o “mártir moderno” está mais próximo ao sobrevivente como alguém que habita um acontecimento extremo, que o aproximou da morte, do que o testemunho como *testis*<sup>417</sup>.

O *superstes* tem uma audição e não uma visão como centro. Pensar a história a partir dos *superstes* significa aprender a diminuir o papel desta terceira pessoa, que vê e possibilita julgar a veracidade, e pensar uma história mais auricular, aberta aos testemunhos e ao evento do testemunhar, sem reduzir o testemunho a um meio de obtenção de dados acerca do contexto. O modelo de testemunho como *testis* é, como dito, visual, e corresponde ao modelo de um saber representacionista e positivista, com sua concepção instrumental da linguagem que acredita ser possível

---

<sup>415</sup> Ibid., p. 54.

<sup>416</sup> Ibid., p. 64.

<sup>417</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do Testemunho. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 03, n. 01. p. 3-20, jan./jul. 2010, p. 4-5.

transitar entre o tempo da cena histórica e tempo da escrita da história. Assim, a supracitada suspeita do testemunho. Ao nos voltarmos ao paradigma do *superstes*, os valores se alteram, neste pressupõe-se a incomensurabilidade entre palavras e experiências da morte<sup>418</sup>.

Para Seligmann-Silva não se trataria de simplesmente trocar um modelo por outro, valorizar o paradigma *superstes* não deveria significar a negação da possibilidade do testemunho como *testis*, mas seria essencial ter claro que não é possível separar os dois sentidos do testemunho, bem como não se deveria separar de modo rígido memória e historiografia. Para o autor, devemos aceitar o testemunho com o seu sentido aporético de singularidade que nega a universalidade da linguagem e remete à lei, da qual cobra e exige. O autor se propõe a entender o testemunho em sua complexidade enquanto um misto de visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar. Cada elemento complementaria o outro, assim como entraria em conflito com outros. Ainda, o testemunho revelaria a linguagem como constructo dinâmico que carregaria a marca da passagem constante e entre o impossível, o "real" e o simbólico, entre passado e presente<sup>419</sup>.

O paradigma do *superstes* assume a parcialidade, fragmentariedade e limites do testemunho. Neste sentido, é relevante notar que essa mesma fragmentação, limites e parcialidade é presente, e mesmo admitida, na narrativa de Orwell. Além disso, a proximidade com a cena traumática e a tentativa de narrá-la borra fronteiras, já porosas, entre arte e história. Por conta da imaginação, muitas acusações são feitas contra o testemunho, como já observamos. O pesquisador propõe que, invés de negarmos ao testemunho a possibilidade de ver na imaginação um aliado, devemos ver nessa aproximação a possibilidade de repensar a literatura, o testemunho e mesmo os registros da escrita. Seligmann-Silva explica que, o "real" pode ser pensado como desencontro, no sentido de algo que nos escapa, como o sobrevivente demonstra em sua situação radical, e que a linguagem e, principalmente, a literatura buscam realizar esse encontro impossível. Partindo do testemunho como vértice entre história e memória, entre os fatos e as narrativas,

---

<sup>418</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e as políticas da memória: o tempo depois das catástrofes. *Proj. História*, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005, p. 81.

<sup>419</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., 2010, p. 5.

entre simbólico e sujeito, faz-se necessário um pensamento aberto para a linguagem da poesia<sup>420</sup>.

O discurso testemunhal das catástrofes tem como principais características a literalização e a fragmentação, a literalização consiste na incapacidade de traduzir o vivido em imagens ou metáforas, já a fragmentação também, de certa maneira, literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor. O testemunho após a 2ª Guerra Mundial, foi pensado como uma tentativa de reunir os fragmentos do passado que não passa e dar nexos a um contexto. O testemunho do Holocausto foi pensado em primeiro lugar como um tribunal, cumprindo o papel de justiça histórica, em segundo lugar estes testemunhos foram pensados como trabalho de análise terapêutica de um passado traumático. Ainda, o testemunho possui papel de aglutinador de um grupo de pessoas que constroem sua identidade a partir desta memória coletiva de perseguição, mortes e sobreviventes. As identidades coletivas, desta maneira, na "era das catástrofes" tende a se articular menos com base em grandes narrativas e mais com derrotas e rupturas. Portanto, o testemunho que articula o ponto de vista dos vencidos funciona como guardião desta memória<sup>421</sup>.

Nesse sentido, *Homage to Catalonia* pode ser pensado como o relato dos vencidos, duplamente, cujo propósito é guardar a memória do POUM, e lutar pela validação desta memória como componente da história da Guerra Civil Espanhola; esse também é fragmentário, particular e partidário, e se sabe como tal. A obra relata experiências do passado, ausente, buscado na memória do autor, nas marcas deixadas no escritor pelos eventos ocorridos na Espanha<sup>422</sup>. Esta impressão original é a medida pela qual as memórias serão comparadas para testar sua veracidade, de modo que a narrativa de Orwell é, antes de mais nada, determinada pela sua percepção dos eventos vividos, perpassada pelo ponto de vista pessoal, por seu posicionamento político e de onde este viveu a guerra.

A narrativa testemunhal, como já dito no capítulo anterior, inscreve-se numa troca dialogal entre autor e leitor, em que o primeiro se auto designa testemunha e expõe acontecimentos para alguém, nesse caso o leitor, atestando a veracidade da

---

<sup>420</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.65 – 82, 2008, p.68-82.

<sup>421</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., 2005, p. 87-88.

<sup>422</sup> RICOEUR, op. cit., p. 37.

sua narrativa. Essa estrutura dialogal se relaciona com a promessa feita pelo narrador e pelo crédito dado pelo leitor. Na narrativa testemunhal, é reconstruída parte da imagem percebida pela testemunha. Busca-se, na marca deixada na memória, aquilo que a causou, e a imaginação participa desse ato. A lembrança secundária, reproduzida pelo ato de rememoração que apresenta um objeto temporal que desapareceu e voltou é, então, narrada, sendo conectada às condições contemporâneas à sua narrativa e ao ato ficcionalizante<sup>423</sup>.

Quando Orwell narra suas memórias, performa atos ficcionalizantes. Com isso queremos dizer que o autor seleciona elementos do contexto vivido, e os coloca em jogo uns com os outros, na produção da narrativa, e com elementos imaginários (que, como já dito, participam do ato de rememoração), gerando significados. Esses significados são gerados tendo por objetivo interferir no debate presente acerca da memória da Guerra Civil Espanhola<sup>424</sup>. O testemunho de Orwell decompõe as experiências vivenciadas pelo autor e suas referências na imprensa espanhola e inglesa e as compõe, através do jogo com elementos imaginários, em um relato com o potencial de influenciar no debate e posturas da esquerda inglesa sobre a Guerra Civil Espanhola.

Segundo Iser o mundo artificial (ficcional ou, no caso, testemunhal) é lido com os olhos do mundo sociopolítico e este com os olhos do mundo artificial, de modo que nossa compreensão de um se conecta à nossa experiência do outro. O mundo artificial projeta significações, revela algo oculto, contesta algo dado, imagina algo, entre outras interações que esse pode ter com o mundo sociopolítico<sup>425</sup>. Nesse sentido, o testemunho de Orwell visa impor-se como uma leitura do mundo sociopolítico espanhol e incentivar uma reflexão acerca de outras narrativas dos mesmos eventos. É através da produção de uma lente, a partir da qual ler os eventos sociopolíticos, que Orwell busca participar desta luta pela memória do conflito.

Muito desse desejo pode ser interpretado como dever de memória. A ficção, como comunicação, possibilita, ao leitor, um mergulho no mundo ao qual o texto

---

<sup>423</sup> Ibid., p. 25-175.

<sup>424</sup> Ver: Iser, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

<sup>425</sup> RICOEUR, op. cit., p. 299.

reagiu.<sup>426</sup> Nesse caso um mergulho nas memórias de Orwell, na experiência deste da guerra e na lembrança daqueles que nela pereceram, através da qual o autor contesta as injustiças sofridas por estes sujeitos e as mentiras sobre eles contadas. Esse dever, então, configura-se como de testemunho.

Para Ricoeur, o dever de memória se impõe como uma coerção sentida subjetivamente como obrigação, proveniente da ideia de justiça. A justiça transforma a memória em projeto ao extrair das lembranças traumáticas um valor exemplar. Este imperativo de justiça se projeta no ponto de junção entre o trabalho de memória e o trabalho de luto: a justiça é voltada para o outro, o dever de memória é o dever de fazer justiça a alguém pela lembrança. Este imperativo remete à dívida, sentida pelo narrador a este outro<sup>427</sup>. George Orwell, ao fim da Guerra Civil Espanhola assistiu à perseguição, apreensão e desaparecimento de diversos companheiros de luta. As perdas de colegas e a sensação de injustiça perante a difamação destes homens estão presentes nas páginas de *Homage to Catalonia* e se relacionam com um sentimento de dever de justiça, ou ao menos de denúncia. Este mesmo sentimento moveu diversos textos jornalísticos publicados pelo autor, que se dedicou a este projeto até o início da 2ª Guerra Mundial.

A ideia de fazer justiça ao narrar a história dos vencidos já está presente em Walter Benjamin. Em suas teses sobre a história este observou que articular historicamente o passado não significa recuperá-lo tal como ele se deu, mas sim apropriar-se de reminiscências, que relampejam em um momento de perigo. Ou seja, recuperá-lo na forma como ele ressurgiu no presente em seus antagonismos e tensões. O presente está carregado das tensões do passado, de lutas, sofrimentos, esperanças e frustrações, portanto, o historiador materialista deveria descobrir estas correspondências e ligações entre o passado e o presente. Ainda, “Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico”<sup>428</sup>. O perigo é o de se entregar às classes dominantes como seu instrumento: é um perigo de conformismo. Caberia ao historiador despertar as centelhas de esperança que existem no passado, já que os

---

<sup>426</sup> Ibid., p. 58.

<sup>427</sup> Ibid., p. 100-101.

<sup>428</sup> BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história.140, p. 2. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3957253/mod\\_resource/content/1/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3957253/mod_resource/content/1/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria%20%281%29.pdf)>. Acesso em: 05 de jan. 2019.



mortos também não estão em segurança se o inimigo (as classes superiores) continuar a vencer, e o inimigo não cessa de vencer<sup>429</sup>.

O historiador materialista deveria dar voz aos indivíduos que não puderam falar, descobrindo a história, revelando-a. Para Benjamin nada do que aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Através da rememoração o passado seria redimido, a rememoração teria um poder messiânico que não se reduziria a mera contemplação do passado, mas seria a ação de transformação do presente pelo passado. Redenção, para Marcelo Andrade Pereira, teria o sentido de que as injustiças do passado seriam reparadas e o sentido de reparação messiânica, de restauração do paraíso perdido, o qual se cristalizaria na sociedade sem classes. Nesta dimensão utópico-revolucionária do pensamento benjaminiano todas as experiências vividas pelos indivíduos e todos os sonhos seriam acolhidos para realizar as aspirações libertárias das gerações passadas no presente. A humanidade redimida poderia se apropriar totalmente de seu passado<sup>430</sup>.

Narrar o passado seria, então, um exercício de busca por justiça, de dar voz aos vencidos. Para Eduardo Pellejero, persiste em nós um sentimento de injustiça, de dívida não acertada e mesmo não acertável, mas que exige justiça para além da lei – ou, no caso de Orwell, quando a lei não foi e não será aplicada. Essa injustiça não deve ser esquecida nem perdoada. Por vezes a literatura tenta responder a esta exigência, às vezes sem sequer ter em conta o direito. Sua resistência é precária e elusiva, tentando elevar figuras por cima do umbral do silêncio e da invisibilidade, oferecendo um tipo de continuidade às demandas da justiça. A literatura resiste à injustiça, ainda que incapaz de ditar algo, mesmo que seus juízos não tenham força de lei<sup>431</sup>.

A justiça poética não tem nada a ver com o juízo ou com a aplicação da lei (seja ela moral ou racional, consuetudinária ou natural). Não há lei que possa responder completamente às exigências da justiça poética, ou seja, às demandas de

---

<sup>429</sup> BENJAMIN, loc. cit.; PEREIRA, Marcelo de Andrade. Repensar o passado – recobrar o futuro: história, memória e redenção em Walter Benjamin. *História Unisinos*, v. 1, n. 2, Maio/Agosto 2008. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5425/2661>>. Acesso em: 05 de jan. 2019.

<sup>430</sup> Ibid., p. 1; Ibid., p. 151-155.

<sup>431</sup> PELLEREJO, Eduardo. Justiça poética: a literatura além do ponto final. *Caderno de leituras*, n. 29, março de 2017, p. 4. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/03/cad59.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

uma justiça sem compromisso e nem determinação. A literatura, que não tem ponto final, e a arte, que não admite a decisão de não inovar, não consentem a possibilidade de uma palavra última. As feridas abertas não deixam de sangrar. A literatura reconhece os limites da representação e a opacidade do real, por isso ela não consente a existência de formas adequadas de dar conta da realidade. A inadequação da representação e do direito aos imperativos de fidelidade e justiça incitam a busca de outras formas de testemunho de outras representações daquilo para o qual faltam palavras, e que é imperdoável. A forma do direito de fazer justiça é insuficiente para ocultar a pergunta, feita por cada geração, sobre a razão de ser e o modo em que se forjam representações e a lei. Essa pergunta continua aberta<sup>432</sup>.

A justiça poética é, nesse sentido, o nome impróprio do procedimento não específico (já que sempre singular) através do qual o impossível da experiência é proposto pela literatura. Essa última batalha, redefine, contraria e contesta formas sob as quais a injustiça se inscreve na história. A justiça poética age, então, ao nível da administração da verdade e da memória, da determinação de responsabilidades, de reparação de penas. Seu caráter metafórico, fora de lugar e do tempo, lhe permite funcionar como improvável suplemento da lei. A literatura contribui com o direito pela incorporação do não dito, ou do desconsiderado (testemunha extrajudicial). Além disso, seu caráter incalculável e sua constante exposição à redefinição poderiam, para Pellejero, fazer com que a literatura contribuisse com a transformação da justiça, com a mudança ou refundação do direito e das instâncias políticas e para a rearticulação das relações sociais, econômicas e culturais<sup>433</sup>.

Ainda, para Martha Nussbaum a literatura tornaria a justiça mais hábil ao desenvolver empatia nos seus aplicadores, o que possibilita pensar o sujeito, compreendê-lo em sua subjetividade, fora dos dados frios do total. A imaginação metafórica, desenvolvida na e pela literatura, seria a capacidade de ver uma coisa como outra, ver formas no fogo, atribuir significado as formas que não estão presentes. A criança imagina que a forma, apresentada pelos sentidos como objeto físico, possui uma vida interior complexa, misteriosa em certo sentido, em outros semelhante à dela. Para Nussbaum, em diálogo com Dickens, ver vida na figura humana a nossa frente consiste em transcender dados coletados pelos sentidos, e

---

<sup>432</sup> Ibid., p. 4-6.

<sup>433</sup> Ibid., p. 6.

projetar nossos sentimentos e atividades internas sobre a forma que percebemos, consiste em abraçar formas de imaginação fansasiosas<sup>434</sup>.

A própria leitura de um romance demandaria imaginação metafórica, já que este nos pede que imaginemos o mundo de uma forma e não de outra, que reajamos às coisas como se fossem essas histórias – que interpretemos o mundo com os olhos da literatura. A literatura se propõe, neste sentido, como um marco intelectual que podemos usar para compreender nosso mundo mesmo<sup>435</sup>.

Os romances instigam o leitor a ver valor nas especificidades históricas, sociais e econômicas de cada sujeito. Ao mesmo tempo, faz com que o leitor veja nos personagens paixões, esperanças e temores comuns às diferentes esferas. Além disso, convida o leitor a críticas filosóficas ou teóricas mais profundas, instiga a análise. O romance aborda o humano de maneira particular e induz o leitor a experimentar piedade e medo pelo herói e por si mesmo. O romance que dá voz aos emudecidos, então, torna possível ao leitor empatizar com eles, ver suas causas<sup>436</sup>.

Pellejero observa que nem literatura nem arte são as únicas formas de fazer justiça. Também não são as mais efetivas. Nas ruas e nas selvas, nas cidades e no campo, os sujeitos históricos não deixam de se debater por justiça, uma justiça instituível de forma perfeita, sem rosto. A arte e a literatura, nesse sentido, poderiam ajudar a nos orientarmos na confusão que comporta qualquer luta concreta, oferecendo um corretivo para a dispersão, dando lugar as derrotas e aos compromissos contraídos com o objetivo de assegurar vitórias provisórias. A arte tem uma relação imanente, aberta e indeterminada com as lutas concretas do seu tempo. Ela sonha sonhos que não podem ser realizados senão traindo-se<sup>437</sup>.

Orwell buscou, pela literatura, fazer justiça à memória, representar, falar de seus camaradas caídos, falar da injustiça. Não buscava reviver os mortos, ou mudar o rumo da guerra, mas apenas lutar por justiça à memória. Sua narrativa dá uma espécie de lugar a essa experiência, busca sentido no próprio narrar. Ainda assim, sua narrativa não é heroica e não glorifica o POUM. Sua perspectiva é irônica, pragmática e desesperançosa (no geral), trazendo traços do realismo ácido pelo

---

<sup>434</sup> NUSSBAUM, Martha. *Justicia Poetica*: La imaginación literaria y la vida pública. Barcelona: Editorial Andrés Bello, 1997, p. 65-67.

<sup>435</sup> Ibid., p. 73-74.

<sup>436</sup> Ibid., p. 74-161.

<sup>437</sup> PELLEJERO, op. cit., p. 6-7.

qual o autor seria caracterizado posteriormente. No texto, o escritor apresentou diversas críticas referentes às práticas da Frente Popular: falta de treinamento, de armamento, má administração dos alimentos, infestações de piolho e o frio compõem o quadro pintado pelo narrador. A descrição do cheiro da guerra resume a impressão geral do autor sobre as trincheiras: “Estávamos perto o bastante da linha de frente agora, perto o bastante para sentir o característico cheiro de guerra — na minha experiência esse era um cheiro de excremento e comida apodrecida”<sup>438</sup>.

Outro ponto levantado pelo autor é que metade dos soldados eram adolescentes de no máximo dezesseis anos, pois era comum que garotos de quinze anos fossem trazidos pelos pais para alistamento devido ao soldo e ao pão. Um dos problemas do alistamento de adolescentes, além do óbvio risco que estes corriam, era sua indisciplina. O escritor contou que, quando foi promovido à cabo, um dos jovens soldados jogou uma granada de mão no fogo de brincadeira. Orwell sentia pesar e assombro com a idade desses milicianos: “Parecia assustador que os defensores da República fossem essa turba de crianças maltrapilhas, carregando rifles gastos que não sabiam usar”<sup>439</sup>.

O texto de Orwell enfatiza a precariedade da resistência antifascista, assim como sua desorganização e fragilidade. Contudo, ainda que as probabilidades de sucesso fossem baixas, a empreitada era necessária, havia uma atmosfera de esperança cercando o autor, que dava ao sofrimento um significado maior. Para este a Guerra Civil Espanhola deu esperança a todos os antifascistas da Europa, pois finalmente uma democracia parecia estar se levantando contra o fascismo: “quando Franco tentou tomar um governo medianamente de esquerda, o povo espanhol, contra todas as expectativas, levantou-se contra ele. Parecia – e possivelmente era – uma virada da maré”<sup>440</sup>.

Orwell chegou a Espanha através de Barcelona, deparando-se com uma cidade anarquista que marcaria seu ideal político revolucionário. Ricoeur observou que a memória frequentemente aparece como imagem ou representação auditiva,

---

<sup>438</sup> “We were near the front line now, near enough to smell the characteristic smell of war — in my experience a smell of excrement and decaying food.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

<sup>439</sup> “It seemed dreadful that the defenders of the Republic should be this mob of ragged children carrying worn-out rifles which they did not know how to use” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online).

<sup>440</sup> “But when Franco tried to overthrow a mildly Left-wing Government the Spanish people, against all expectation, had risen against him. It seemed — possibly it was — the turning of the tide”. (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

de um acontecimento passado. No caso de Orwell diversos relatos são imagéticos, por exemplo: “o amanhecer nas montanhas, se estendendo por distâncias inconcebíveis, o crepitar gelado de balas, o rugido e o brilho de bombas; a luz fria e clara das manhãs de Barcelona [...] e os rostos dos milicianos espanhóis; acima de tudo os rostos dos milicianos”<sup>441</sup>. Já acerca da Revolução Espanhola é interessante trazer um trecho um tanto longo, mas o qual apresenta sua figuração visual e idílica da experiência que ficou marcada para o autor como algo pelo qual lutar:

Os anarquistas ainda estavam no controle virtual da Catalunha e a revolução ainda estava em pleno andamento. [...] para alguém que chegava direto da Inglaterra, o aspecto de Barcelona era algo surpreendente e esmagador. Foi a primeira vez que eu estive em uma cidade onde a classe trabalhadora encontra-se no poder. Praticamente todos os prédios de qualquer tamanho foram tomados pelos trabalhadores e cobertos com bandeiras vermelhas ou com a bandeira vermelha e preta dos anarquistas; cada parede estava rabiscada com o martelo e a foice e com as iniciais dos partidos revolucionários; quase todas as igrejas haviam sido destruídas e suas imagens queimadas. [...] Cada loja e café tinha uma inscrição dizendo que havia sido coletivizada; [...] Garçons e vendedores ambulantes encaravam as pessoas frente a frente e as tratavam como iguais. Formas de discurso servis e até cerimoniais tinham desaparecido temporariamente. Ninguém dizia "Señior" ou "Don" ou mesmo "Usted"; todos chamavam todo mundo de "Camarada" e "Tu" e diziam "Salud!" em vez de "Buenos días". [...] Não havia carros particulares, todos haviam sido recrutados, e todos os bondes e táxis e grande parte do transporte eram pintados de vermelho e preto. Os cartazes revolucionários estavam por toda parte, flamejantes nas paredes em tons de vermelho e azul que faziam com que os poucos anúncios restantes parecessem manchas de lama [...], os alto-falantes cantavam músicas revolucionárias o dia todo e até tarde da noite. Em aparência exterior, era uma cidade em que as classes abastadas tinham praticamente deixado de existir. [...] Praticamente todos usavam roupas ásperas da classe trabalhadora, ou macacões azuis, ou alguma variante do uniforme da milícia. Tudo isso era estranho e comovente. Havia muita coisa que eu não entendia e, de certa forma, eu nem gostava, mas *reconheci imediatamente como um estado de coisas pelo qual vale a pena lutar*. [...] Não havia desemprego, e o custo de vida ainda era extremamente baixo; vi muito poucas pessoas visivelmente destituídas, e não vi mendigos, exceto os ciganos. Acima de tudo, havia uma crença na revolução e no futuro, um sentimento de ter emergido subitamente em uma era de igualdade e liberdade. Os seres humanos estavam tentando se comportar como seres humanos e não como engrenagens na máquina capitalista<sup>442</sup>.

---

<sup>441</sup> “the mountain dawns stretching away into inconceivable distances, the frosty crackle of bullets, the roar and glare of bombs; the clear cold light of the Barcelona mornings, [...] and the faces of Spanish militiamen; above all the faces of militiamen” (tradução nossa, ORWELL, 1938, p. 84-85).

<sup>442</sup> “The Anarchists were still in virtual control of Catalonia and the revolution was still in full swing. [...] when one came straight from England the aspect of Barcelona was something startling and overwhelming. It was the first time that I had ever been in a town where the working class was in the saddle. Practically every building of any size had been seized by the workers and was draped with red flags or with the red and black flag of the Anarchists; every wall was scrawled with the hammer and sickle and with the initials of the revolutionary parties; almost every church had been gutted and its images burnt. Churches here and there were being systematically demolished by gangs of workmen.

Vendo a nascente sociedade pós-revolucionária de Barcelona, Orwell decidiu que, ainda que imperfeito, o socialismo revolucionário era algo pelo que valeria a pena lutar. Para Ingle,<sup>443</sup> a revolução apela até mesmo ao militante a quem desagrada à violência, pois esta não admite evasão e demanda ao militante que tome partido com os explorados. A imagem dos trabalhadores lutando contra seu opressor arrebatou o ativista, como arrebatou a Orwell: “quando vejo um trabalhador de carne e osso em conflito com seu inimigo natural, um policial, não é necessário que me perguntem de que lado estou”<sup>444</sup>.

A vivência na Espanha, ainda que envolva uma derrota imensa, deu a Orwell esperanças na revolução. Em uma carta escrita para Cyril Connolly em 8 de junho de 1937 o autor expôs: “Eu vi coisas incríveis e finalmente realmente acredito no socialismo, coisa que nunca fiz antes”<sup>445</sup>. Para Ingle, a ideia de “believe” usada por Orwell nessa carta tem um apelo quase religioso, expressando uma completa aceitação, emocional, espiritual e intelectual, de uma verdade<sup>446</sup>. Barcelona teve impacto sobre o autor, a imagem dessa cidade foi agregada a sua defesa do socialismo, o tornando revolucionário, dando continuidade a um processo iniciado

---

Every shop and café had an inscription saying that it had been collectivized; even the bootblacks had been collectivized and their boxes painted red and black. Waiters and shop-walkers looked you in the face and treated you as an equal. Servile and even ceremonial forms of speech had temporarily disappeared. Nobody said ‘Señior’ or ‘Don’ or even ‘Usted’; everyone called everyone else ‘Comrade’ and ‘Thou’, and said ‘Salud!’ instead of ‘Buenos días’. Tipping was forbidden by law; almost my first experience was receiving a lecture from a hotel manager for trying to tip a lift-boy. There were no private motor-cars, they had all been commandeered, and all the trams and taxis and much of the other transport were painted red and black. The revolutionary posters were everywhere, flaming from the walls in clean reds and blues that made the few remaining advertisements look like daubs of mud.[...], the loudspeakers were bellowing revolutionary songs all day and far into the night.[...] In outward appearance it was a town in which the wealthy classes had practically ceased to exist.[...] Practically everyone wore rough working-class clothes, or blue overalls, or some variant of the militia uniform. All this was queer and moving. There was much in it that I did not understand, in some ways I did not even like it, but *I recognized it immediately as a state of affairs worth fighting for*. [...] There was no unemployment, and the price of living was still extremely low; you saw very few conspicuously destitute people, and no beggars except the gipsies. Above all, there was a belief in the revolution and the future, a feeling of having suddenly emerged into an era of equality and freedom. Human beings were trying to behave as human beings and not as cogs in the capitalist machine.” (grifo nosso, tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

<sup>443</sup> INGLE, op. cit., p. 69-70.

<sup>444</sup> “when I see an actual flesh-and-blood worker in conflict with his natural enemy, the policeman, I do not have to ask myself which side I am on.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

<sup>445</sup> “I have seen wonderful things & at last I believe in socialismo, which I never did before.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968, p.269)

<sup>446</sup> INGLE, op. cit., p. 77.



em *The Road to Wigan Pier*. Orwell mesmo observou que o período teve grande importância no desenvolvimento de sua consciência política<sup>447</sup>. A atmosfera da Catalunha não só lhe garantiu a certeza do valor da luta revolucionária, mas também construiu uma imagem de como o socialismo deveria ser:

Estivera em uma comunidade onde a esperança era mais normal do que a apatia ou o cinismo, onde a palavra "camarada" representava camaradagem e não, como na maioria dos países, a farsa. Respirei o ar da igualdade. Estou bem ciente de que agora é moda negar que o socialismo tenha algo a ver com igualdade. Em todos os países do mundo, uma enorme tribo de invasores de partidos e professores pequenos e elegantes estão ocupados 'provando' que o socialismo significa nada mais do que um capitalismo de Estado[...]. Mas felizmente também existe uma visão do socialismo bem diferente disso. O que atrai os homens comuns para o socialismo e os faz dispostos a arriscar suas peles por ele, a 'mística' do socialismo, é a idéia de igualdade; para a grande maioria das pessoas o socialismo significa uma sociedade sem classes, ou não significa absolutamente nada. E foi aqui que aqueles poucos meses na milícia foram valiosos para mim. Pois as milícias espanholas, enquanto duraram, eram uma espécie de microcosmo de uma sociedade sem classes. Naquela comunidade em que ninguém estava em busca de dinheiro ou poder, onde havia escassez de tudo, mas nenhum privilégio e nenhum puxa-saquismo, talvez se chegasse a uma previsão grosseira de como seriam os estágios iniciais do socialismo. E, afinal, em vez de me desiludir, me atraiu profundamente<sup>448</sup>.

A concepção de uma sociedade fraterna, marcada pela comunhão entre camaradas, desprovida de hierarquias e divisão de classes é uma meta política socialista que, em Orwell, ganhou forma e cor durante a revolução e permaneceu em sua produção como objetivo final ao menos até o final da 2ª Guerra Mundial. Nesse momento de sua carreira, suas noções de socialismo são bastante gerais, mas expõe um sentimento do que seria, idealmente, o socialismo orwelliano.

---

<sup>447</sup> ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. London: 1938, p. 39. Disponível em: <[http://orwell.ru/library/novels/Homage\\_to\\_Catalonia/english/e\\_etc](http://orwell.ru/library/novels/Homage_to_Catalonia/english/e_etc)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>448</sup> "One had been in a community where hope was more normal than apathy or cynicism, where the word 'comrade' stood for comradeship and not, as in most countries, for humbug. One had breathed the air of equality. I am well aware that it is now the fashion to deny that Socialism has anything to do with equality. In every country in the world a huge tribe of party-hacks and sleek little professors are busy 'proving' that Socialism means no more than a planned state-capitalism with the grab-motive left intact. But fortunately there also exists a vision of Socialism quite different from this. The thing that attracts ordinary men to Socialism and makes them willing to risk their skins for it, the 'mystique' of Socialism, is the idea of equality; to the vast majority of people Socialism means a classless society, or it means nothing at all. And it was here that those few months in the militia were valuable to me. For the Spanish militias, while they lasted, were a sort of microcosm of a classless society. In that community where no one was on the make, where there was a shortage of everything but no privilege and no boot-licking, one got, perhaps, a crude forecast of what the opening stages of Socialism might be like. And, after all, instead of disillusioning me it deeply attracted me." (tradução nossa, ORWELL, 1938, p. 38-39).



A revolução seria o caminho para atingir a sociedade igualitária sonhada. Na medida em que o escritor se envolveu com políticas revolucionárias socialistas e anarquistas, sua crença na classe trabalhadora evoluiu e este passou a vê-la como o verdadeiro inimigo do fascismo. O autor retornou acreditando que a revolução era possível e que, mais que isso, essa era o caminho para impedir o fascismo. Essa esperança sobreviveu até a 2ª Guerra Mundial, quando Orwell apostou em uma revolução eclodindo na Inglaterra durante o conflito mundial, crendo que a classe trabalhadora inglesa poderia derrotar Hitler assim como sua classe dominante local e estabelecer uma sociedade igualitária<sup>449</sup>.

*Homage to Catalonia* começa com o encontro de Orwell com um miliciano italiano, descrito como um jovem de 25 ou 26 anos, de cabelos loiro-acobreados, usando um boné de couro pontudo puxado sobre os olhos, dando-lhe uma aparência de ferocidade, “algo no rosto dele me emocionou profundamente. Era o rosto de um Homem que cometeria assassinato e jogaria fora sua vida por um companheiro — o tipo de rosto que se esperaria encontrar em um anarquista, embora fosse provável que ele fosse comunista”<sup>450</sup>. O escritor conta que gostou automaticamente do italiano com quem trocou pouquíssimas palavras e que, ao se despedirem, o miliciano “segurou minha mão com força. É estranho este carinho que se pode sentir por um desconhecido! Era como se o seu espírito e o meu tivessem momentaneamente conseguido transpor o abismo da linguagem e tradução e se reunido totalmente”<sup>451</sup>.

A imagem do miliciano também foi lembrada pelo autor por anos. Em 1943 Orwell publicou o texto *Looking Back on the Spanish War* no periódico *New Road*. Nesse texto, o autor observava que “apesar da política do poder e da mentira jornalística, a questão central da guerra foi a tentativa de pessoas assim ganharem uma vida decente, a qual sabiam ser seu direito”<sup>452</sup>. A imagem do miliciano

---

<sup>449</sup> INGLE, op. cit., p. 77.

<sup>450</sup> “Something in his face deeply moved me. It was the face of a man who would commit murder and throw away his life for a friend — the kind efface you would expect in an Anarchist, though as likely as not he was a Communist.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

<sup>451</sup> “he stepped across the room and gripped my hand very hard. Queer, the affection you can feel for a stranger! It was as though his spirit and mine had momentarily succeeded in bridging the gulf of language and tradition and meeting in utter intimacy.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

<sup>452</sup> “In spite of power politics and journalistic lying, the central issue of the war was the attempt of people like this to win the decent life which they knew to be their birthright.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)

funcionou como um lembrete para o escritor daquilo que significava a guerra e a revolução. A noção de socialismo do autor parte de uma percepção do sujeito trabalhador ou indigente vivendo entre seus iguais; a experiência de camaradagem e decência vistas neste espaço deveria ser expandida para toda a sociedade através de mudanças sociais que eliminassem a pobreza e a divisão de classes.

Orwell afirmou, ainda, em *Looking Back on the Spanish War*, que este homem “simboliza para mim a flor da classe trabalhadora europeia, atormentada pela polícia de todos os países, as pessoas que enchem as valas comuns dos campos de batalha espanhóis e estão agora, na casa de milhões, apodrecendo em campos de trabalhos forçados”<sup>453</sup>. Ao fim do texto o autor adicionou um pequeno poema em escreveu que:

Mas aquilo que vi em seu rosto  
Nenhum poder é capaz de deserdar  
Nenhuma bomba que explodiu  
Pode seu espírito cristalino quebrar.<sup>454</sup>

Ainda que quebrantado e sob terríveis circunstâncias, havia esperança para Orwell nestes sujeitos, nos trabalhadores. A representação de Orwell do italiano remete ao rústico e bondoso mito da decência comum dos trabalhadores, ligado ao socialismo do autor. Ingle<sup>455</sup> afirmou que, ao longo de sua carreira, Orwell foi sempre o campeão dos oprimidos e inimigo dos opressores. A experiência de camaradagem na Espanha reforçou sua empatia com as classes trabalhadoras, assim como o confronto incitou uma desconfiança ainda maior em Orwell dos poderosos. Ainda, a milícia, em sua igualdade e ausência de autoritarismo, foi vista pelo autor como um modelo temporário de sociedade sem classes<sup>456</sup>. Apesar de falha, a disciplina

---

<sup>453</sup> “He symbolizes for me the flower of the European working class, harried by the police of all countries, the people who fill the mass graves of the Spanish battlefields and are now, to the tune of several millions, rotting in forced-labour camps.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)

<sup>454</sup> “But the thing that I saw in your face  
No power can disinherit:  
No bomb that ever burst  
Shatters the crystal spirit.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)

<sup>455</sup> INGLE, op. cit., p.158.

<sup>456</sup> ORWELL, op. cit., 1938, online.

baseada em consciência política seria admirável em sua noção de que a obediência deveria vir da compreensão dos motivos por trás das ordens<sup>457</sup>.

A desconfiança dos ideólogos e intelectuais, bem como a crença no mito da decência foram pólos do pensamento do autor, chegando à 1984: “se há esperança”, escreveu Winston, “está com os proles”<sup>458</sup>. A esperança de Orwell consistia em dar poder aos oprimidos, pois apenas estes poderiam construir uma sociedade decente. Ingle nota que a noção de decência tem menos ressonância política do que moral, trazendo um forte peso de valores cristãos. O pesquisador apresenta diversas conexões que Orwell teve com o anglicanismo em sua vida adulta, desde a participação em serviços religiosos, até seu casamento e pedido de enterro segundo ritos tradicionais anglicanos. A recusa de Orwell de reconhecer qualquer conexão com a cristandade não significa a ausência deste laço, pois o autor não deixou de trazer em seus textos as perdas do homem moderno com a decadência do cristianismo e sua necessidade de percebê-las caso queira construir um futuro melhor. Uma questão que incomodava Orwell era como sustentar uma sensibilidade moral e comprometimento com a liberdade e justiça na sociedade moderna após a decadência do cristianismo. De acordo com Ingle, o que o escritor tomava do cristianismo era seu código de conduta social, entendendo este como uma crença baseada em altruísmo e amor ao próximo. Assim, o mito da decência teria buscado conteúdos em uma moralidade judaico-cristã, conectando-os a uma noção de fraternidade e compondo bases para o pensamento socialista de Orwell<sup>459</sup>.

O socialismo seria, para o autor, a única alternativa de longo prazo à sociedade totalitária. A sociedade socialista deveria, para Orwell, ter seu fundamento no comprometimento dos membros uns com outros, na decência e no ódio da desigualdade e injustiça. Ingle observou que o socialismo cristão parte do pressuposto de que a natureza humana é decente e capaz de desenvolvimento infinito e o socialismo seria capaz de retirar a corrupção causada pelo capitalismo e ceder espaço ao desenvolvimento humano. Dentro desta base há uma proximidade entre o pensamento de Orwell e esta corrente socialista, assim como a corrente

---

<sup>457</sup> INGLE, op. cit., p. 77.

<sup>458</sup> “If there is hope,” wrote Winston, “it lies in the proles.” (tradução nossa, ORWELL, 2018?, p. 89)

<sup>459</sup> Ibid., p. 146-149.

ética, a qual preza os valores do homem comum, enfatizando principalmente a fraternidade e a comunhão como bases de uma futura sociedade socialista<sup>460</sup>.

William Morris, ligado ao socialismo ético para certos autores, e ao utópico para outros, acreditava que o capitalismo estava condenado e, ainda que fosse necessário uma revolução violenta e um período de governo forte e centralizado para reorganizar a nação, a humanidade chegaria a um tempo de comunidades pequenas e autogovernadas. Morris defendia a igualdade de poder em conjunto com a econômica, advogando por um governo descentralizado e, como Orwell, a raiz do pensamento do autor estava nos valores populares e sua crença na capacidade do proletariado de estabelecer uma sociedade baseada na comunhão fraterna. Morris criou o semanário *The Clarion*,<sup>461</sup> o qual foi muito bem-sucedido até a 1ª Guerra Mundial. Deste saiu o The Clarion Movement; o socialismo proclamado pelo periódico e pelo movimento foi considerado por Ingle como socialismo ético. Esse movimento em conjunto com o socialismo cristão do Labour Church,<sup>462</sup> fundado por John Trevor — o qual acreditava que o movimento trabalhista deveria visar estabelecer o reino de Deus na terra — incentivaram o início de outros pequenos movimentos socialistas como o ILP, que teve suas primeiras reuniões no prédio do Labour Movement de Bradford<sup>463</sup>.

Com o tempo esses movimentos foram perdendo números enquanto o socialismo voltado para o trabalho sindical ou parlamentar aumentava. Ainda assim, os movimentos cristão e ético tiveram grande influência no desenvolvimento de outras correntes, principalmente no norte da Inglaterra, onde foi mais forte. Deste modo, autores lidos por Orwell e o partido a que foi filiado tiveram ligações com esses movimentos, sendo provável que o escritor tenha herdado ideias e sensibilidades<sup>464</sup>.

É necessário lembrar que quando Orwell se alistou nas milícias do POUM seu socialismo ainda tinha contornos muito indefinidos, defendendo uma sociedade nova, regida pela justiça, igualdade e decência, sem divisão de classes e

---

<sup>460</sup> Houve, ainda, fortes vínculos destas correntes socialistas com a formação do ILP, único partido a que Orwell se filiou. Ibid., p. 147-170.

<sup>461</sup> Semanário socialista.

<sup>462</sup> Organização socialista cristã, cuja proposta era dar expressão religiosa ao movimento operário. INGLE, op. cit., p. 166-167.

<sup>463</sup> Ibid., p. 166.

<sup>464</sup> Ibid., p. 164-167.

propriedade privada e, preferencialmente, distante das tecnologias modernas. Ao experienciar Barcelona, o escritor deu à sua noção de sociedade socialista uma imagem mais dinâmica, assim como passou a valorizar e tratar da revolução.

O anti-stalinismo de Orwell também se define com a Guerra Civil Espanhola. Quando chegou na Espanha, Orwell estava desinteressado na situação política interpartidária, seu objetivo era lutar contra o fascismo e pela “decência comum”, buscando a defesa da civilização contra o ataque de coronéis maníacos pagos por Hitler. Por ter se alistado no POUM, Orwell viveu a perseguição política, assim como assistiu ao desaparecimento de seus companheiros e a deturpação da imagem de trotskistas na imprensa comunista britânica. A partir dessas experiências, começou a notar as relações entre grupos de esquerda e a se posicionar nelas, assim como passou a estabelecer uma relação mais crítica com a imprensa de esquerda, principalmente comunista.

Durante sua vivência nas barricadas, começou a notar que os trabalhadores espanhóis não resistiam à Franco em nome da democracia e do *status quo*, mas em nome de uma revolução. Ele começa a ver, na guerra, três lados: a defesa da democracia capitalista, a luta pela revolução e o fascismo. Orwell passa, então, a analisar a Guerra Civil Espanhola da seguinte maneira: os comunistas espanhóis não eram fortes entre a classe trabalhadora espanhola, contudo, ao proclamar uma política não-revolucionária os Comunistas foram capazes de reunir todos aqueles que os partidos socialistas e anarquistas assustaram – como os republicanos de classe média –, havendo um grande crescimento do partido. Os comunistas se alinhavam à política da URSS, formando uma aliança com os republicanos no combate aos fascistas e a revolução, concomitantemente. A “guerra contra Franco continuava, mas, simultaneamente, o objetivo do governo era recuperar o poder que estava nas mãos dos sindicatos”<sup>465</sup>.

A compreensão de Orwell da situação política na Espanha é a de que a principal força de resistência a Franco estava nos sindicatos e na classe trabalhadora, pois foram os trabalhadores que reagiram com greves e armamento assim que a reação dos generais eclodiu. Orwell nota que se esses não tivessem

---

<sup>465</sup> “The fight against Franco had to continue, but the simultaneous aim of the Government was to recover such power as remained in the hands of the trade unions.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

reagido espontaneamente e independentemente é concebível que Franco nunca tivesse encontrado resistência. Orwell vê no proletário o protagonista de lutas antifascistas e revolucionárias concomitantemente<sup>466</sup>.

A valorização de uma revolução concomitantemente à luta contra o fascismo, e, mais que isso, a revolução como única saída contra fascismo, não foram posicionamentos sempre defendidos pelo autor. Quando o autor chegou à Espanha alguns dos seus camaradas lhe contaram que a guerra não poderia ser interpretada apenas do ponto de vista militar e que se tratava de uma escolha entre revolução e Fascismo. Orwell os desacreditava: “eu estava inclinado a rir deles”<sup>467</sup>. Neste momento, o autor assumia o ponto de vista comunista de guerra primeiro, revolução depois. Já o partido em que se alistou defendia a revolução imediata, de modo que, inicialmente, Orwell discordava profundamente das políticas do POUM.

Ao longo da campanha contra o POUM, levada a cabo pelo partido comunista, Orwell notou a importância do aspecto político da Guerra Civil Espanhola e como este poderia interferir no desfecho do conflito, o que de fato aconteceu<sup>468</sup>. Essa campanha comunista teve implicações na vida prática do autor, o envolvendo mesmo num aspecto emocional. Por exemplo, acerca da campanha na imprensa contra o POUM, dez mil soldados do partido que congelavam nas trincheiras e centenas de estrangeiros que haviam sacrificado seu sustento e nacionalidades para lutar contra o fascismo estavam sendo chamados de traidores sem que sequer soubessem disso. Para Orwell “esse tipo de coisa é um pouco difícil de perdoar”<sup>469</sup>. Pouco antes o autor expôs:

Eu admito que não era prazeroso [ler panfletos difamando os militantes do POUM]. Especialmente quando se pensava sobre as pessoas responsáveis por isto. Não é agradável ver um garoto espanhol de quinze anos sendo carregado através da linha numa maca, com dezenas de rostos pálidos olhando-no de seus cobertores e pensar na elegante pessoa em Paris ou Londres que está escrevendo panfletos para provar que este menino é um fascista disfarçado. Um dos mais horríveis aspectos da guerra é que toda a propaganda de guerra, todas as mentiras gritantes e todo o ódio, vem de pessoas que não estão lutando<sup>470</sup>.

---

<sup>466</sup> ORWELL, op. cit., online.

<sup>467</sup> “I was inclined to laugh at them.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online).

<sup>468</sup> ORWELL, op. cit., online.

<sup>469</sup> “This kind of thing is a little difficult to forgive.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, p. 77).

<sup>470</sup> “I admit it was not pleasant, especially when one thought of some of the people who were responsible for it. It is not a nice thing to see a Spanish boy of fifteen carried down the line on a

Moralmente, a crítica à imprensa internacional, particularmente inglesa, encheu as páginas de *Homage to Catalonia*. Orwell não esperava pela cobertura seletiva dos eventos na Espanha. Ainda na Espanha, o autor leu notícias completamente diferentes dos acontecimentos que assistiu, viu comoção ser gerada sobre eventos que não lhe pareciam possíveis, assim como viu conflitos sangrentos serem completamente apagados. Para o escritor, era profundamente sinistro esse tipo de cobertura que fazia desaparecer o conceito de “verdade objetiva”. Esse foi um dos motivos que o levou a defender o POUM quando voltou à Inglaterra<sup>471</sup>.

É importante observar que a ideia de distorção dos fatos pela mídia está presente em *1984* no próprio trabalho do protagonista Winston Smith, que consiste em alterar manchetes passadas para que elas condigam com as notícias atuais, para que pareça que o Partido é infalível<sup>472</sup>. Assim como era necessário apagar as atrocidades cometidas pelos comunistas e republicanos para que a imagem do Fronte Popular não perdesse apoio.

Além de apresentados como fascistas na imprensa internacional, os militantes do POUM enfrentaram perseguições políticas por grupos comunistas espanhóis e soviéticos. Durante a supressão do partido, muitos dos seus militantes foram presos e começaram a desaparecer. Nas Jornadas de Maio de 1937, um ataque da Guarda Civil aos anarquistas do CNT-FAI sob ordens das forças comunistas e republicanas, o conflito chegou ao POUM. Orwell estava entre o grupo responsável por defender a sede do partido no Hotel Ramblas. Neste conflito, lutou lado a lado com George Kopp e Bob Smile, ambos foram apreendidos não muito tempo depois, assim como o líder do POUM, Andrés Nin<sup>473</sup>.

As esposas dos militantes estavam sendo apreendidas para servir de isca. Foi de maneira parecida que o autor soube das perseguições políticas contra o POUM e

---

stretcher, with a dazed white face looking out from among the blankets, and to think of the sleek persons in London and Paris who are writing pamphlets to prove that this boy is a Fascist in disguise. One of the most horrible features of war is that all the war-propaganda, all the screaming and lies and hatred, comes invariably from people who are not fighting” (tradução nossa, ORWELL, 1938, p. 23)

<sup>471</sup> INGLE, op cit., p.77.

<sup>472</sup> ORWELL, George. 1984. Austrália: Planet e-books, 2018. Disponível em: <<https://www.planetebook.com/free-ebooks/1984.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

<sup>473</sup> BROUÉ, op. cit., p. 100-101. Andrés Nin foi encerrado numa prisão privada em Alcalá de Henares, onde foi torturado. Após resistir à tortura o líder socialista foi assassinado e desmembrado, seu corpo nunca foi encontrado.



do mandado de prisão que tinha sobre sua cabeça. Nesta época, Orwell se tratava em Barcelona de um tiro tomado no fronte. Em uma das noites no hotel em que o casal estava hospedado, Eileen esperava no saguão e disfarçadamente o avisou para ir embora. Ela o contou que o POUM estava sendo suprimido e seus membros presos. Orwell se escondeu pelas ruas, vivendo como pedinte. Em uma manhã a polícia invadiu seu quarto de hotel e tomou todos os papéis que estes possuíam, com exceção do passaporte e do talão de cheques, levando livros, diários, recortes de jornal, souvenirs e cartas.

Orwell contou que, chegando à França, o casal não conseguiu parar de pensar, falar e sonhar com a Espanha. Suas memórias da experiência não recuaram, mas voltaram a eles muito mais vívidas. A sensação descrita por Orwell e Eileen após a fuga foi de culpa, seu desejo era retornar à Espanha para sofrer com seus companheiros. O autor afirmou: “Soa como loucura, mas a coisa que nós dois mais queríamos era retornar à Espanha. Apesar disso não poder fazer nenhum bem a ninguém, poderia fazer muito mal, nós dois desejávamos que tivéssemos ficado para sermos presos com os outros”<sup>474</sup>.

*Homage to Catalonia* pode ser, portanto, compreendido como resultado de um sentimento de dever de justiça sentido por Orwell com relação aos seus companheiros. Retornando à Inglaterra, Orwell entrou em conflito com periódicos e editoras pela memória de seus antigos companheiros, lutando para visibilizar uma perspectiva poumista do conflito. George Orwell, ao fim da Guerra Civil Espanhola assistiu à perseguição, apreensão e desaparecimento de diversos companheiros de luta. As perdas de colegas e a sensação de injustiça perante a difamação destes homens estão presentes nas páginas de *Homage to Catalonia* e se relacionam com esse sentimento de dever de memória.

\*\*\*\*\*

Quando Orwell deixou a Espanha, o fez identificado como trotskista radical com um mandado de prisão pendendo sobre si. O escritor observou que, na

---

<sup>474</sup> “It sounds like lunacy, but the thing that both of us wanted was to be back in Spain. Though it could have done no good to anybody, might indeed have done serious harm, both of us wished that we had stayed to be imprisoned along with the others.” (ORWELL, 1938, p.84)

Espanha, e até certo ponto na Inglaterra, qualquer um que defendesse o socialismo revolucionário estaria sob suspeita de ser trotskista e estar sob ordens de Franco e Hitler<sup>475</sup>. Segundo Marks a conexão entre fascismo e trotskismo foi estimulada pelos processos de Moscou contra supostos trotskistas como Kamenev<sup>476</sup> e Zinoviev<sup>477</sup>, cujas confissões alegavam a associação entre trotskismo e fascismo. Na imprensa inglesa de esquerda tais confissões levaram a intenso debate, principalmente entre o *Controversy* do ILP e membros do *The Left Book Club*, ligado ao CPGB. Um dos membros do CPGB, Ivor Montagu, declarou, em outubro de 1936, ao *Left News*, que era correto chamar Trotsky de contra-revolucionário e fascista, pois este falava da URSS nos mesmos termos que Hitler. Orwell foi rotulado de fascista e trotskista pela imprensa comunista, principalmente pelo *Daily Worker*. Os ataques do periódico ao autor chegaram a tal ponto que foi necessária a intervenção de Gollancz, a pedido de Orwell<sup>478</sup>.

A partir desta rotulação, Orwell teve de se aproximar ainda mais de jornais, revistas e editoras de extrema esquerda, locais onde seu socialismo anti-stalinista era aceito, o que o associou gradualmente ao ILP e, posteriormente, ao *Partisan Review*, jornal trotskista nova-iorquino através do qual começou a publicar textos nos Estados Unidos.

Após grandes dificuldades, Orwell publicou *Homage to Catalonia*. A influência desta experiência foi considerada positiva pelo autor: “Curiosamente a experiência como um todo me deixou com ainda mais crença na decência humana”<sup>479</sup>. No que tange ao seu posicionamento político, além de radicalizado por sua fé na revolução e no anti-stalinismo, *Homage to Catalonia* reitera sua admiração pelo proletariado e

---

<sup>475</sup> ORWELL, 1938, online.

<sup>476</sup> Lev Borisovich Kamenev foi um revolucionário soviético. Inicialmente foi um dos líderes da facção bolchevique do Partido Social-democrata Obreiro Russo (PSDOR), que se tornou o PCUS, Partido Comunista da União Soviética. Kamenev foi um dos dirigentes da Revolução Russa de 1917. No início do século XX este se casou com se casou com uma colega marxista, Olga Kameneva, irmã de Leon Trotsky. Em 1936 Kamenev foi executado em 1936, após ser considerado culpado em um dos julgamentos de Moscou, em que 16 pessoas foram julgadas por crimes como terrorismo, tentativa de assassinato de Stalin e assassinato de Kirov. Tais julgamentos deram início ao que seria uma sequência de perseguições políticas e condenações por crimes cada vez mais hediondos e elaborados.

<sup>477</sup> Grigori Evséievitch Zinoviev foi um político soviético, membro Partido Comunista da União Soviética, executado em 1936 sob o regime stalinista.

<sup>478</sup> MARKS, op. cit., p. 60-61.

<sup>479</sup> “Curiously enough the whole experience has left me with not less but more belief in the decency of human beings.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, p. 84).

desejo de construção de uma sociedade baseada na igualdade e camaradagem. Em *Down and Out in Paris and London* e *The Road to Wigan Pier*, o escritor visou retratar o trabalhador comum e o submundo dos pedintes, focalizando seus valores e fraternidade. Embora glorificasse os oprimidos, *The Road to Wigan Pier* trouxe a descrição de áreas afligidas pela pobreza e crise de moradias no norte da Inglaterra, evocando horror perante a pobreza causada pela crise. *Homage to Catalonia*, por sua vez, refletiu o comprometimento de Orwell com o proletariado de maneira mais positiva, retratando sua luta e revolução.

Contudo, nenhum desses livros tratava tanto dos trabalhadores em si: enquanto *The Road to Wigan Pier* detalhou a situação de moradia nas favelas, as más condições de trabalho e a espoliação ambiental, trouxe pouco dos esforços dos trabalhadores para resistir à crise; em *Homage to Catalonia*, com exceção da narrativa acerca de Barcelona revolucionária, sua principal preocupação foi a atmosfera negativa da guerra e divisão política na esquerda espanhola. O trabalhador em si só apareceu na produção de Orwell em seus textos patrióticos durante a 2ª Guerra Mundial<sup>480</sup>.

### 3.2. ENSAIOS E CRÍTICAS: A ATUAÇÃO DE ORWELL NO DEBATE INGLÊS ACERCA DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Como já dito, durante os anos entre o retorno de Orwell à Inglaterra e a 2ª Guerra Mundial, o autor publicou diversos textos tratando da Guerra Civil Espanhola. Estes foram publicados majoritariamente em periódicos de extrema esquerda, com os quais os posicionamentos do autor estavam em consonância. Tais textos poderiam ser claramente acerca da guerra, como é o caso de *Spilling Spanish Beans*, ou resenhas de textos que tratassem dela, dando ao escritor a possibilidade de adentrar o tema, como na resenha de *The Spanish Cockpit*, de Franz Borkenau.

Após ter recebido respostas negativas ao ofertar seus textos ao *New Statesman and Nation* e à Gollancz, Orwell escreve à Geoffrey Gorer, em agosto de 1937, dizendo que o jornal citado receberia uma “sacudida desagradável quando meu novo livro sobre a Espanha sair, eu pretendo fazer um apêndice com todas as

---

<sup>480</sup> BOUNDS, op, cit., p. 39-40.

mentiras e supressões da imprensa inglesa. Seja lá o que você faça, não acredite em uma palavra do que lê no *News Chronicle*<sup>481</sup> ou *Daily Worker*<sup>482</sup>. A cruzada pessoal de Orwell pela memória do POUM não tomou um apêndice em *Homage to Catalonia*, mas um capítulo inteiro, dedicado a desmentir histórias contadas sobre o POUM. Tecendo críticas a diversos periódicos britânicos, principalmente ao *Daily Worker*, mas também ao *Inprecor*<sup>483</sup> e ao *New Republic*<sup>484</sup>, Orwell<sup>485</sup> observou que imprensa inglesa dificilmente publicava qualquer texto favorável aos anarquistas e trotskistas, os quais eram sistematicamente difamados. O autor afirmou que “como eu sei por minha própria experiência, é quase impossível publicar qualquer coisa em sua defesa”<sup>486</sup>.

No *Daily Worker* foi dito que agentes italianos e alemães tinham a tarefa de causar desordem e situações sangrentas em conjunto com trotskistas, pois, durante estas situações, seria possível aos governos italianos e alemães desembarcar tropas na Catalunha. Os anarquistas e poumistas foram constantemente apresentados como vilões neste jornal de ampla circulação. No *Inprecor* foi dito que o conflito entre a Guarda Civil e a CNT-FAI foi organizado e efetuado pelo POUM. O *New Republic* alegou que militantes do POUM e fascistas estavam jogando futebol juntos na terra de ninguém, entre as trincheiras. Orwell dedicou um capítulo inteiro para contra-argumentar cada uma dessas reportagens e outras, afirmando que, enquanto eram acusados de jogar futebol com fascistas, “as tropas do POUM estavam, na verdade, sofrendo pesadas baixas e um número de meus amigos foram mortos ou feridos.”<sup>487</sup>.

Por fim, quando o POUM foi posto na ilegalidade, sua organização suprimida e seus líderes presos, a imprensa comunista publicou as acusações de que o POUM

---

<sup>481</sup> Jornal britânico criado em 1872 e absorvido pelo Daily Mail em 1960. Durante a Guerra Civil Espanhola este fez parte da oposição ao Franco.

<sup>482</sup> “they will get a nasty jar when my book on Spain comes out, as I intend to do an appendix on the lies and suppressions in the English press. Whatever do don't believe a word you read in the *New Chronicle* or *Daily Worker*.” (grifo do autor, tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968, p. 281)

<sup>483</sup> Periódico mensal marxista publicado internacionalmente, traduzindo artigos de revolucionários de todo o mundo. Sua criação se deu durante a Quarta Internacional e seu nome é uma contração de International Press Correspondence.

<sup>484</sup> Revista americana liberal criada em 1914.

<sup>485</sup> ORWELL, op. cit., 1938, online.

<sup>486</sup> “as I know by my own experience, it is almost impossible to get anyone to print anything in their defence.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

<sup>487</sup> “as a matter of fact, the P.O.U.M. troops were suffering heavy casualties and a number of my personal friends were killed and wounded.” (tradução nossa, ORWELL, 1938, online)

era, na verdade, parte de uma grande conspiração fascista. Um exemplo de manchete trazida por Orwell foi a publicada no *Daily Worker* em 21 de junho de 1938, dizendo: “Trotskistas espanhóis conspiram com Franco”<sup>488</sup>.

Também no *Daily Worker* foi publicado um texto de Frank Frankford, o qual lutou na Espanha com o POUM e foi preso na perseguição ao partido. Contudo, no *Daily Worker* Frankford fez diversas alegações sugerindo que o POUM e os fascistas estavam colaborando, que o partido escondia armas (evitando que fossem usadas nos fronts) e que havia uma carreta passando a noite entre o fronte do POUM e o fascista — sugerindo comunicação ilícita. Orwell, já na Inglaterra, escreveu um relato publicado sob o título de *That Mysterious Cart* (1937), refutando a afirmação de Frankford e acusando o mesmo de ter assentido com o discurso dos jornais comunistas de Barcelona (que já teriam falado dessa carreta noturna) com o objetivo de se salvar. O relato de Orwell foi assinado por mais catorze outros membros do contingente do POUM e publicado no jornal *New Leader*, do ILP<sup>489</sup>.

Gollancz e o *New Statesman* recusaram-se a imprimir os pontos de vista de Orwell, de maneira que o escritor precisaria usar outras plataformas como artigos, resenhas e ensaios. Em uma carta a Jack Common, Orwell contou que não conseguia voltar a escrever ficções naquele momento, pois “esse negócio da Espanha tem me desconsertado de um jeito que eu realmente não posso escrever sobre mais nada”<sup>490</sup>. Assim, a relação do escritor com o tema era sentida na forma de obrigação e imposição.

Ao tentar publicar o texto intitulado *Eye-Witness In Barcelona* no *New Statesman and Nation*, o escritor teve seu trabalho rejeitado pelo editor Kingsley Martin. O mesmo se deu com a resenha de *The Spanish Cockpit*, de Franz Borkenau, publicada posteriormente pelo *Time and Tide*. Martin explicou que, sendo a imprensa britânica majoritariamente opositora à propaganda republicana, publicar o testemunho de Orwell seria disfuncional. Justificou, ainda, sua decisão dizendo que já, que as posições de Orwell eram violentamente anti-Negrin (presidente que, ao assumir o cargo, ilegalizou o POUM e a CNT-FAI, legitimando a posterior

---

<sup>488</sup> ORWELL, op. cit., 1938, online.

<sup>489</sup> MARKS, op cit., p.67.

<sup>490</sup> “This Spain Business has upset me so that I really can’t write about anything else” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 289)

perseguição política) e anticomunistas<sup>491</sup>, “eu não teria considerado publicar estes [textos de Orwell] mais do que consideraria publicar um artigo do Goebbels durante a guerra com a Alemanha”<sup>492</sup>. Tal comparação não só colocou Orwell no mesmo patamar que um fascista, tendo proximidade com o discurso proferido contra o POUM, mas também apresenta a agressividade do conflito travado entre os diversos discursos sobre a guerra. Ainda que o público inglês manifestasse pouco interesse pelo confronto, aqueles engajados com determinado lado da disputa concorreram por sua descrição e memória através da imprensa, “a guerra — como todas as guerras modernas são em algum nível — era um confronto de percepções, assim como de implacáveis e violentas batalhas de tinta bem como de sangue”<sup>493</sup>.

*New Leader*, *Daily Worker* e *New Statesman and Nation* eram alguns dos jornais de esquerda envolvidos nessa disputa, contudo, a imprensa britânica como um todo sofria com a escassez de informações sobre o confronto. Em 1936, Kingsley Martin realizou uma pesquisa acerca da cobertura de imprensa no periódico *The Political Quarterly*<sup>494</sup>, na qual concluiu que desde o princípio as notícias da Espanha eram curiosamente contraditórias. *Time and Tide* publicou um texto afirmando as dificuldades da cobertura da guerra, tendo em vista que as informações eram fragmentárias, além de pouco confiáveis. Restava aos jornais publicarem relatos de segunda mão, recebendo cartas de militantes e outras testemunhas<sup>495</sup>.

*Spilling the Spanish Beans* foi publicado na revista *New English Weekly*, cujos focos eram literatura, artes e assuntos públicos, com um posicionamento levemente de esquerda. Marks<sup>496</sup> analisa que Orwell esperava dos leitores deste periódico uma audiência simpática ao texto, e que poderia precisar ser convencida de que as reportagens de jornais difamando o POUM eram falsas. No texto, Orwell enfatizou a perseguição ao POUM e a complicitade da imprensa britânica com a supressão do partido. O autor afirmou claramente: “Mas o ponto a ser notado é que as pessoas

---

<sup>491</sup> MARKS, op. cit., p. 53-55.

<sup>492</sup> MARTIN, apud MARKS, op. cit., p. 55.

<sup>493</sup> “the war – as all modern wars are to some degree – was one of perceptions as well as of relentless, violent battles, of ink as well as of blood.” (tradução nossa, MARKS, 2012, p. 54).

<sup>494</sup> *The Political Quarterly* é um jornal acadêmico e político fundado em 1930, na Grã-Bretanha.

<sup>495</sup> MARKS, op. cit., p. 54.

<sup>496</sup> Ibid., p. 16.



que estão na prisão agora não são fascistas, mas revolucionários; eles estão muito à esquerda”<sup>497</sup>.

Orwell notou, nesse ensaio, que enquanto a perseguição ocorria, a guerra contra Franco continuava, mas ninguém no governo a via como a guerra real: “A luta real é entre revolucionários e contrarrevolucionários; [...] É uma pena que a Inglaterra não tenha percebido que os comunistas são, agora, uma força contra-revolucionária”<sup>498</sup>. Para o escritor o comunismo, por todo o mundo, estava colaborando com a burguesia reformista, usando todas as ferramentas para “esmagar e desacreditar qualquer partido que mostrasse sinais de tendências revolucionárias”<sup>499</sup>.

Para manter a aliança com a burguesia e a democracia capitalista, vencendo o fascismo, seria necessário ao comunismo a eliminação dos indivíduos problemáticos, os quais associam o fascismo à burguesia. Para Orwell isso foi feito, inicialmente, chamando o sujeito de visionário, mas com ideias pouco práticas, que dividem as forças antifascistas, dizendo que ainda não é hora para dizeres revolucionários, “que por agora nós temos de lutar contra o fascismo sem investigar muito de perto *pelo que* lutamos”.<sup>500</sup> Caso esse indivíduo não se calasse, o tom mudava e ele começava a ser chamado de traidor e de trotskista. De modo que trotskista passa a significar três coisas, segundo Orwell: adepto à revolução global; membro de uma organização trotskista ou fascista disfarçado. Ser rotulado “trotskista”, na Espanha, era o suficiente para ser preso por tempo indeterminado, sem julgamento<sup>501</sup>.

Orwell via no movimento comunista internacional um grande poder. Para o autor a interferência estrangeira na Guerra Civil Espanhola aumentou ainda mais o poder soviético no país, mas mesmo em países onde o partido comunista era menor e menos poderoso, seria importante analisar como sua propaganda anti-

---

<sup>497</sup> “But the point to notice is that the people who are in prison now are not fascist but revolutionaries; they are too much to the Left.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 270)

<sup>498</sup> “The real struggle is between revolutionaries and counter-revolutionaries; [...] It’s unfortunate that in England have yet caught up with the fact that Communism is now a counter-revolutionary force;” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 270)

<sup>499</sup> “to crush or discredit any party that shows signs of revolutionary tendencies.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 270)

<sup>500</sup> “that for the moment we have got to fight against Fascism without inquiring too closely what we are fighting *for*.” (grifo do autor, tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 274)

<sup>501</sup> MARKS, op. cit., p. 60; ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 274.



revolucionária funcionava. O escritor suspeitava dos usos da linguagem entre os comunistas, sendo o controle desta uma política útil de neutralização ideológica dos oponentes, os quais poderiam, se não neutralizados, utilizá-la como uma ferramenta de crítica. Essas análises não só expõe o antagonismo de Orwell ao comunismo, mas sua preocupação com a linguagem e suas implicações, algo que foi desenvolvido com mais profundidade na “novilíngua”, a qual, em 1984, impossibilita o pensamento crítico e naturaliza a contradição lógica, docilizando os habitantes da Oceania<sup>502</sup>.

O escritor finalizou *Spilling the Spanish Beans* atacando a inabilidade da esquerda britânica de representar propriamente os eventos na Espanha. A justificativa dada por essa era de que se a verdade sobre a guerra fosse contada, seria usada na propaganda fascista. Após expor essa justificativa, o autor acusou essa mesma imprensa de covardia, e alegou que deixar de contar a verdade sobre o conflito impediria o público britânico de entender a natureza do fascismo e de refletir acerca de como combatê-lo. O fascismo, segundo Orwell, seria uma reação à perda de poder do capitalismo tradicional, logo, compreender o fascismo também envolveria compreender as ações dos capitalistas associados ao PSUC.

As críticas à imprensa presentes nesse ensaio reiteram a importância dada pelo autor ao jornalismo em sua função de informar o debate público. Também nesse texto, é visível a relevância dada à Guerra Civil Espanhola como ferramenta de compreensão do fascismo enquanto movimento internacional. O escritor ignorava a variação entre fascismos em diferentes países, bem como a variação entre partidos comunistas: para ele, todo o movimento comunista estava sob direto controle da União Soviética, além disso, a imprensa soviética lhe parecia monolítica. Para Orwell, os comunistas, sua imprensa e a União Soviética estavam utilizando sua crescente influência na luta contra a revolução, de modo que, nesse momento, recém-saído da guerra, o ensaísta via no movimento comunista uma conspiração internacional de direita<sup>503</sup>.

Para Marks,<sup>504</sup> o que possibilitou essas afirmações genéricas foi a estrutura de ensaio, a qual não requer evidências ou verificações. Tais verificações

---

<sup>502</sup> Ibid., p. 60; Ibid., 1968a, p. 272-273.

<sup>503</sup> Ibid., p. 58-60.

<sup>504</sup> Ibid., p. 59.

demandariam um texto muito mais longo, algo que não era do desejo de Orwell, tendo em vista que seu interesse era chamar a atenção do leitor às narrativas da guerra, e não apresentar uma longa análise sobre estas (algo mais próximo ao que foi realizado em *Homage to Catalonia*).

*Eye-witness in Barcelona* foi publicado no mês seguinte, agosto de 1937, na revista *Controversy*, do ILP, que posteriormente se tornaria a *New Leader*. O texto tratou do conflito entre POUM e CNT-FAI de um lado, e Guarda Civil do outro, enfatizando a falsidade da acusação de que o POUM teria iniciado o conflito, assim como abordou a supressão do partido. Orwell tratou da injustiça com os militantes, da condição das prisões e da apreensão de Andrés Nin, observando sua transferência para outra prisão, assim como o surgimento de provas duvidosas, como cartas escritas em tinta invisível<sup>505</sup>.

Acerca das prisões, Orwell observou que essas foram feitas com uso de uma aplicação retrospectiva da lei. A partir da ilegalização do POUM, seus militantes foram presos por ter pertencido ao partido em algum momento. Mesmo homens feridos, que já não lutavam mais, foram levados, como foi o caso de dois militantes com pernas amputadas e uma criança de cerca de doze anos que o escritor conta ter visto na prisão. Após presos, os poumistas ficavam majoritariamente sem julgamento, em prisões superpovoadas, com baixa iluminação, ventilação e em péssimas condições de higiene. Ainda, segundo Orwell:

[...] há uma total falta de qualquer coisa que possamos chamar de legalidade. Não há, por exemplo, esta bobagem de Habeas Corpus. De acordo com a lei atual, ou qualquer coisa em prática agora, você pode ser preso indefinidamente sem ter sido condenado e sem sequer ser acusado; e até você ser acusado as autoridades podem te manter incomunicável — ou seja, sem o direito de se comunicar com advogados ou qualquer um fora da prisão. É fácil ver quanto as ‘confissões’ obtidas nestas circunstâncias valem<sup>506</sup>.

---

<sup>505</sup> ORWELL, George. *Eye-witness in Barcelona*. London: Controversy, 1937. Disponível em: <<https://www.workersliberty.org/story/2010/01/08/eyewitness-barcelona-george-orwell>>. Acesso em 09 jul. 2019.

<sup>506</sup> “[...] there is the complete absence of anything that we should regard as legality. There is, for instance, no nonsense about Habeas Corpus. According to the present law, or at any rate the present practice, you can be imprisoned for an indefinite time not merely without being tried but even without being charged; and until you have been charged the authorities can, if they choose, keep you “incommunicado” — that is, without the right to communicate with a lawyer or anyone else in the outside world. It is easy to see how much the “confessions” obtained in such circumstances are worth.” (tradução nossa, ORWELL, 1937, online)

O escritor publicisava e questionava os métodos do governo espanhol, chamava atenção aos colegas presos e desaparecidos e colocava em xeque a narrativa comunista acerca destes personagens.

A resenha ao livro de Franz Borkenau (um dos primeiros historiadores a tratar da Guerra Civil Espanhola), *The Spanish Cockpit*, foi publicada em julho de 1937 pelo *Time and Tide*. Nesse texto Orwell apresentou o autor como um sociólogo desconectado de partidos políticos, que foi à Espanha para realizar uma pesquisa de campo sobre países em revolução<sup>507</sup>. *The Spanish Cockpit* agradou bastante o autor, que chegou a afirmar que, “ainda que eu esteja sendo precipitado ao dizer que este é o melhor livro escrito sobre o assunto, acredito que qualquer um que tenha estado recentemente na Espanha concordará comigo”<sup>508</sup>.

A medida da concordância de Orwell com Borkenau foi sua própria experiência. Em uma carta a Geoffrey Gorer, o autor conta que Borkenau o enviou uma missiva agradecendo a resenha e dizendo que Orwell foi o único que compreendeu um dos pontos centrais de seu texto, que era chamar a atenção para o real papel do PSUC na guerra<sup>509</sup>. Ambos os autores trataram da perseguição efetuada pelos comunistas sobre os partidos revolucionários e a supressão da revolução. Borkenau foi preso por motivos que não lhe foram informados, de modo que há uma consonância entre ambos.

Em resposta à essa resenha, Raymond Mortimer<sup>510</sup> enviou uma carta na qual acusou Orwell de usar a publicação meramente como forma de apresentar suas posições e mostrar aos leitores partes do livro com as quais concordava, motivo que teria levado o texto a ser rejeitado pelo *New Statesman and Nation*, no que Mortimer tem certa razão. Em 9 de fevereiro de 1938, Orwell respondeu à missiva dizendo que: “Eu certamente admiti e admito que a resenha que escrevi foi tendenciosa e talvez injusta, mas não foi por isso que foi recusada”<sup>511</sup>. Afirmou, ainda, que odiava se misturar nestas controvérsias contra pessoas e jornais que

---

<sup>507</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 276.

<sup>508</sup> “Dr Borkenau has lam rash in saying that it is the best book yet written on the subject, but I believe that anyone who has recently come from Spain will agree with me” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 276.)

<sup>509</sup> MARKS, op. cit., p. 67.

<sup>510</sup> Charles Raymond Bell Mortimer, crítico e editor britânico cujos trabalhos se voltavam à arte e literatura.

<sup>511</sup> “I certainly did and do admit that the review I gave is tendentious and perhaps unfair, but it was not returned to me on those grounds” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 299).

sempre respeitou, mas era necessário notar a dificuldade de expor “a verdade” na imprensa inglesa e fazer algo para mudar essa situação.

O escritor contou que, até onde sabia, havia cerca de trezentos presos políticos na Espanha, a maioria estava de três a seis meses sem julgamento e em terríveis condições. Além disso, vários membros do governo espanhol haviam dito que não conseguiam libertar os presos por pressão comunista, de modo que, para o autor, o governo espanhol estava sendo amplamente direcionado pela opinião internacional, portanto, se houvesse uma pressão socialista grande o bastante, os prisioneiros poderiam ser liberados. Assim, o resenhista estava, assumidamente, usando todas as ferramentas que tinha nas mãos para apresentar uma narrativa alternativa com o objetivo de libertar os antigos companheiros<sup>512</sup>. Mais ao fim da carta, afirmou: “eu tenho que fazer o pouco que posso para buscar justiça pelas pessoas que estão presas sem julgamento e uma forma de fazê-lo é chamando atenção para a censura pró-comunista que indubitavelmente existe.”<sup>513</sup>.

A resenha de *The Spanish Notebook*, de Mary Low<sup>514</sup> e Juan Brea<sup>515</sup>, e de *Heroes of the Alcazar*, de R. Timmermans, foi muito mais posicionada. Publicado pelo *Time and Tide* em outubro de 1937, o texto de Orwell elogia o trabalho de Low, o qual expõe experiências mais próximas das do resenhista, tratando do POUM e da atmosfera de igualdade e liberdade da revolução. Orwell afirmou que “é um livro admitidamente partidário, e provavelmente não é pior por isso. Os autores foram trabalhar para o POUM, o mais extremista dos partidos revolucionários”<sup>516</sup>.

Chama a atenção do resenhista que os autores do livro se dedicaram a tentar evocar a experiência de viver em uma região revolucionária a partir de uma série de descrições de detalhes cotidianos, como engraxates recusando gorjetas e placas dizendo “Por favor, trate as mulheres como camaradas”<sup>517</sup>. Essas descrições, para Orwell, apresentaram a forma como pessoas se comportam quando não são

---

<sup>512</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 300.

<sup>513</sup> “I have got to do what little I can to get justice in the press, and one way of doing so is to draw attention to the pro-Communist censorship that undoubtedly exists.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 301).

<sup>514</sup> Revolucionária trotskista anglo-australiana, poeta e escritora surrealista.

<sup>515</sup> Poeta e revolucionário trotskista.

<sup>516</sup> “It is admittedly a partisan book, but probably it is none the worse for that. The joint authors were working for the POUM, the most extreme of the revolutionary parties”. (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 287)

<sup>517</sup> “Please, treat the women as comrades” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 287)

engrenagens na máquina capitalista. Por fim, o autor observou que “ninguém que esteve na Espanha nos meses em que as pessoas realmente acreditavam na revolução, irá esquecer aquela estranha e emocionante experiência. Essa deixou algo para trás que nenhum ditador, nem mesmo Franco, será capaz de apagar”<sup>518</sup>.

Em sua resenha sobre *Spanish Testament*, de Arthur Koestler,<sup>519</sup> Orwell também apresentou pontos em comum entre seu posicionamento e o do escritor acerca da impossibilidade de neutralidade na guerra. O autor trouxe uma citação de Koestler dizendo que não pode mais fingir objetividade, pois qualquer um que tenha vivido o inferno de Madrid e finge ser objetivo está mentindo “Se aqueles que têm impressoras a seu comando para a expressão de suas opiniões se mantiverem neutros e objetivos perante tal bestialidade, então a Europa está perdida”<sup>520</sup>. Para Orwell, ainda mais que utilizar meios midiáticos por uma causa, seria necessário lutar e sujar as mãos com sangue ou ser escravizado por aqueles que estão prontos para fazê-lo. O conflito é inerente e inevitável, a luta contra o fascismo (e pelo socialismo) seria, necessariamente, sangrenta, terrível e desumanizante<sup>521</sup>.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o autor observou o mesmo afastamento moral nos soldados nazistas. A guerra tornava necessário matar, e mesmo o homem mais íntegro tornava-se assassino durante um confronto bélico:

Enquanto escrevo, seres humanos altamente civilizados estão sobrevoando, tentando matar-me. Não sentem qualquer inimizade por mim como indivíduo, nem eu por eles. Estão apenas ‘cumprindo o seu dever’, como se diz. Na maioria, não tenho dúvida, são homens bondosos e cumpridores das leis, que na vida privada nunca sonhariam em cometer assassinato. Por outro lado, se um deles conseguir me fazer em pedaços com uma bomba bem lançada, não vai dormir mal por causa disso. Está servindo ao seu país, que tem o poder de absolvê-lo do mal<sup>522</sup>.

---

<sup>518</sup> “No one who was in Spain during the months when people still believed in the revolution will ever forget that strange and moving experience it has left something behind that no dictatorship, not even Franco’s, will be able to efface” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 287)

<sup>519</sup> Arthur Koestler foi um escritor e jornalista húngaro britânico o qual foi a Guerra Civil Espanhola como correspondente do New Chronicle. Posteriormente se tornou amigo de Orwell, com quem realizaria longas trocas epistolares.

<sup>520</sup> “If those who have at their command printing machines and printing machines and printer’s ink for the expression of their opinions, remain neutral and objective in face of such bestiality then Europe is lost.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 287)

<sup>521</sup> ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 296.

<sup>522</sup> “As I write, highly civilized human beings are flying overhead, trying to kill me. They do not feel any enmity against me as an individual, nor I against them. They are ‘only doing their duty’, as the saying goes. Most of them, I have no doubt, are kind-hearted law-abiding men who would never dream of committing murder in private life. On the other hand, if one of them succeeds in blowing me to pieces

Para o autor, esse distanciamento moral é resultado inevitável da guerra em ambos os lados e, neste momento, o escritor via a guerra como única saída contra o fascismo. Restava abraçar esse afastamento e lutar. Posteriormente, ele muda de ideia, luta ao lado dos pacifistas e do ILP, mas com a chegada da guerra Orwell volta a apoiar o confronto e sai do ILP.

Orwell também resenhou o livro *Workers Front*, de Fenner Brockway<sup>523</sup>. *Workers Front* foi escrito do ponto de vista trotskista, de maneira que deu a Orwell a oportunidade de discutir diversas políticas comunistas de que discordava. Publicada no *New English Weekly* em 17 de fevereiro de 1938, a resenha discutiu a necessidade de combate ao capitalismo se o desejo for de derrocada do fascismo e, ainda, a necessidade de ver a classe média como parte da classe trabalhadora e abarcá-la na propaganda socialista para que esta não se una mais ao lado da burguesia. O resenhista enfatizou diversas vezes a associação entre fascismo e capitalismo que “são, no fim das contas, a mesma coisa”,<sup>524</sup> logo, confrontar o primeiro significa confrontar o segundo também em sua forma não fascista, de modo que o real inimigo do movimento fascista seria a classe que não se beneficia do capitalismo, a classe trabalhadora em sentido amplo<sup>525</sup>. Portanto, segundo a lógica aplicada por Orwell, a tática do Fronte Popular, em que partidos de diversas correntes ideológicas do espectro político se unem para enfrentar o inimigo em comum seria inútil, pois resultaria na manutenção do sistema econômico que cria o fascismo em momentos de perda de força.

A oposição de Orwell ao Fronte Popular, organizado pelo CPGB, começou a ser pautada quando o autor retornou da Catalunha. Ao retornar da guerra, o escritor não só tratou da defesa do POUM, mas aderiu a diversas posições do partido, inclusive aquela segundo a qual o fascismo apenas poderia ser derrotado por uma revolução socialista. Ao adotar essa ideia, o autor passou a atacar posições comunistas de defesa da democracia burguesa, assim como a interpretação do fascismo como loucura ou a associação deste com atividades criminosas. Contudo,

---

with a well-placed bomb, he will never sleep any the worse for it. He is serving his country, which has the power to absolve him from evil.” (tradução nossa, ORWELL, 1941, n. p.)

<sup>523</sup> Político pacifista britânico ligado ao ILP.

<sup>524</sup> “are at the bottom the same thing.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 305)

<sup>525</sup> ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 305.



Bounds<sup>526</sup> observa que essas narrativas acerca do fascismo divergiam da definição dada por Georgi Dimitrov durante o VII Internacional Comunista, em 1935, a qual chegava a descrever o fascismo como ditadura terrorista das mais reacionárias, chauvinistas e repleta de elementos imperialistas do capitalismo.

Ainda que o comunismo, como movimento internacional, compreendesse o fascismo como repleto de elementos capitalistas, isto não significa que os autores comunistas dos jornais de esquerda de ampla circulação propagassem ou aderissem a essa compreensão. Nas notas do autor acerca da cobertura de imprensa da Guerra Civil Espanhola, este observou que o Secretário Geral do CPGB, Harry Pollitt, havia descrito os fascistas como uma gangue de parasitas, pervertidos morais e assassinos, assim como afirmou que a Legião Estrangeira Espanhola, movimento pró-Franco, era composta de assassinos, escravagistas e viciados em drogas<sup>527</sup>. A oposição de Orwell aos comunistas reagia aos jornais de ampla circulação, através dos quais o autor via o movimento comunista e o interpretava como algo monolítico com domínio sobre a imprensa de esquerda britânica.

A experiência na Espanha legou à Orwell, por um lado, esperanças revolucionárias e aprofundamentos políticos — o POUM lhe propiciou uma compreensão do antifascismo como uma luta contra o capitalismo e pelo socialismo — e por outro, a perda e prisão dos companheiros marcou o escritor com um sentimento de dever que não lhe permitia escrever sobre outros temas. A obrigação de apresentar uma contra-narrativa à versão comunista da supressão do partido, disputando com jornais e revistas pela memória da Guerra Civil Espanhola, somou-se à obrigação de tocar o público, na esperança de construir a pressão necessária para pedir pela libertação dos poumistas ainda presos. Para tanto, Orwell usou de todos os meios disponíveis, escrevendo ensaios, críticas e um livro abertamente enviesados com o objetivo de combater a imprensa comunista. Neste momento de sua carreira, o escritor rompeu laços com jornais, principalmente o *New Statesman and Nation*, periódico muito admirado pelo autor, bem como sua relação com seu editor Victor Gollancz, e o *The Left Book Club* mudou de forma. Como resultado, o escritor se aproximou mais de editoras, jornais e revistas de extrema esquerda,

---

<sup>526</sup> BOUNDS, op. cit., p.143.

<sup>527</sup> ORWELL, George 193x apud BOUNDS, op cit., p 143.



avizinhandose gradualmente do ILP e de grupos de influência trotskista, chegando a assinar um manifesto de autoria de Trotski. Esse movimento de radicalização resultou do rearranjo de suas relações para poder publicar e se posicionar como desejado em reação aos eventos vivenciados, de maneira que este se apropriou de suas vivências e as transformou em textos com objetivos políticos, os quais lhe demandaram novos laços intelectuais e políticos.

## 4. 2ª GUERRA MUNDIAL: ENTRE ESPERANÇAS E ANGÚSTIAS

Após o retorno da Guerra Civil Espanhola, Orwell se envolveu em lutas pela memória do conflito, causando o afastamento do autor de certos grupos e sua aproximação com a extrema esquerda. Nessa fase radicalizada e revolucionária o escritor se filiou ao Independent Labour Party e se alinhou aos posicionamentos do partido, se opondo a política de Frente Popular do Communist Party of Great-Britain e à entrada da Inglaterra na 2ª Guerra Mundial.

Com o início do conflito, o patriotismo de Orwell o impede de continuar defendendo discursos pacifistas, contra os quais o autor se volta violentamente, principalmente através da publicação das London Letter na revista Partisan Review – de alinhamento trotskista. Para o autor, a guerra poderia ser transformada em uma oportunidade revolucionária. Os sentimentos patrióticos do proletariado poderiam ser usados no sentido revolucionário, pois o povo inglês teria um passado de revolta e resistência como componente de sua identidade. A partir desta interpretação Orwell escreveu *The Lion and the Unicorn*, no qual defendeu o socialismo patriótico como caminho para uma revolução, cujas linhas gerais o autor traça no texto. Este foi o mais próximo que o autor chegou de pensar uma política socialista estruturada.

Sob bombardeios e com o real risco de vitória de Hitler, os textos pessoais de Orwell tornam-se instáveis. O horizonte de expectativas do autor começa a se fechar e a se tornar fonte de angústia. O futuro da humanidade e de si mesmo em caso de vitória nazista preocupam seriamente o autor, medo dos campos de concentração e esperanças revolucionárias dividem o palco nos seus escritos.

Nos interessa observar, neste capítulo, como o autor se apropria dessas experiências e sentimentos, moldando sua produção e pensamento político visando a expansão do socialismo e o combate ao autoritarismo. Bem como discorrer sobre o impacto do alinhamento do autor com a extrema esquerda nesse momento de sua produção.

### 4.1. WHY I JOINED THE ILP: ORWELL NA EXTREMA ESQUERDA

Nos anos que antecederam a 2ª Guerra Mundial, Orwell se aproximou do Independent Labour Party (ILP), único partido ao qual o autor se vinculou. O ILP,

criado em 1893, teve considerável influência política na Grã-Bretanha dos anos de 1920 sob liderança de James Maxton,<sup>528</sup> A. J. Cook<sup>529</sup> e Oswald Mosley<sup>530</sup>. Depois disso, viveu um declínio devido a sua desarticulação do Labour Party em 1932, ao qual foi filiado. Deste ponto em diante o ILP seguiu um caminho muito próximo do trotskismo. No período em que Orwell se uniu ao ILP o ponto mais saliente do programa do partido era sua oposição à estratégia de uma Frente Popular organizada pelo Communist Party of Great Britain (CPGB), pois, uma vez que o fascismo era compreendido como uma consequência natural do declínio do capitalismo, a única escapatória a este seria o estabelecimento de uma sociedade socialista. Deste modo, não havia sentido em construir uma aliança temporária com social democratas, liberais e conservadores progressistas, os quais desejavam manter o sistema capitalista. Em extremo, no partido havia o posicionamento de que o socialismo deveria se opor aos poderes fascistas que entrariam em guerra por suas pretensões imperialistas, de modo que o ILP deveria se opor à 2ª Guerra Mundial. Orwell foi leal às linhas do ILP, partilhando e defendendo estes mesmos posicionamentos no ensaio *Why I Join the Independent Labour Party*, publicado em junho de 1938 pelo *New Leader* — jornal do ILP — assim como em outros textos da época, como *Political Reflections on the Crisis* (dezembro 1938) e *Not Counting Niggers* (julho 1939)<sup>531</sup>.

---

<sup>528</sup> Líder político escocês da ala de extrema esquerda do ILP, foi visto pelo partido como símbolo por muito tempo devido ao seu rompimento com o Labour Party. Como pacifista, Maxton se opôs às duas guerras mundiais. Ficou conhecido pela sua participação na Red Clayside, período de radicalismo político em Glasgow entre 1910 e 1930, que contou com forte manifestação de posicionamentos e greves, sendo uma importante época para todo o movimento trabalhista britânico.

<sup>529</sup> Líder sindicalista britânico da Miners' Federation of Great Britain entre 1924 e 1931, cobrindo o período da greve geral de. Apesar de membro do ILP desde muito jovem, Cook era muito próximo ao CPGB desde sua formação em 1920, tendo atuado com o National Minority Movement entre 1924 e 1929. O objetivo deste movimento era organizar e aumentar a presença do CPGB nos sindicatos existentes, aumentar o número dos trabalhadores de esquerda e aproximar estas organizações das políticas do Comintern.

<sup>530</sup> Oswald Mosley foi um dos principais líderes fascistas da Grã-Bretanha. Entre 1918 e 1922 este foi filiado ao Conservative Party e foi eleito ao Parlamento pelo condado de Harrow, durante seu período no Parlamento deixou o partido e se uniu ao ILP, de quem foi filiado entre 1922 e 1924, saindo deste para se unir ao Labour Party (1924-1931), pelo qual foi representante no parlamento de Smethwick, em seguida criando o New Party, e o British Union of Fascists, em que atuou entre 1932 e 1940. Depois do partido ser banido em 1940, Mosley retornou ao ILP ao que foi filiado até 1948, quando criou o Union Movement, partido de extrema-direita em que Mosley atuou até 1973, sete anos antes de sua morte aos 84 anos.

<sup>531</sup> BOUNDS, op. cit., p. 24-25.

Diversos eram os laços que aproximavam Orwell do partido, desde seu vínculo com o *The Adelphi*, logo, com Richard Rees e Max Plowman, até sua militância no POUM e conexão com *Secker and Warburg*. Mesmo a livraria em que Orwell trabalhou era propriedade de filiados ao ILP, de modo que sua filiação resultou de uma cadeia de relações pessoais e intelectuais somadas à suas idéias já heterodoxas que o afastaram do CPGB e, consecutivamente, do PSUC. Antes de lutar na Guerra Civil Espanhola como poumista, ainda que de modo muito vago, os posicionamentos socialistas de Orwell já eram desalinhados, como visto em *The Road to Wigan Pier*. Contudo, a radicalização resultante de sua experiência como militante do POUM foi definidora na sua aproximação com a extrema esquerda e o ILP.

O ensaio intitulado *Why I Join the I.L.P.*, publicado no *New Leader* em 24 de junho de 1938, anunciou a decisão do autor de se unir ao partido, marcando a radicalização de Orwell. O propósito deste texto não era divulgar as ideias do ILP, mas sim oficializar e registrar a ligação do autor com um partido marcado como trotskista pelos comunistas. Portanto, clamar filiação significava assumir inimizades. A associação de Orwell com o ILP não só lhe abria espaços de luta política e o alinhava a um grupo, mas ressaltava sua radicalização, assim como sua alcunha de trotskista<sup>532</sup>.

Em termos de influência política, o ILP tinha pouca; após seu desligamento do Labour Party, o número de seus membros caiu de 16 mil para menos de 5 mil em 1934. Na eleição geral (em que são votados os deputados para compor a Câmara dos Comuns) de 1935 o partido conseguiu apenas 0,7% dos votos. Dos 600 assentos disponíveis, o ILP conseguiu 4. Ainda assim, Orwell abraçou ideias do partido até a chegada da 2ª Guerra Mundial, defendendo que a guerra se tratava de um conjunto de países imperialistas competindo e por isso era preciso resistir a ela, afinal só a revolução seria capaz de destruir o fascismo<sup>533</sup>.

No ensaio *Why I joined the Independent Labour Party*, o escritor argumentou que todos já haviam visto o que havia acontecido com a liberdade de expressão na Itália e Alemanha, e o mesmo ocorreria, cedo ou tarde, à Inglaterra:

---

<sup>532</sup> MARKS, op. cit., p. 69.

<sup>533</sup> MARKS, loc. cit.

O tempo está chegando — não ano que vem, talvez não por dez ou vinte anos, mas está chegando — em que todo escritor terá de escolher entre ser silenciado ou escrever a droga que algum milionário privilegiado demanda [...]. Eu tenho que lutar contra isso, assim como tenho que lutar contra óleo de rícino, cassetetes de borracha e campos de concentração. E o único regime que, a longo prazo, ousará permitir liberdade de expressão será o regime socialista<sup>534</sup>.

Tais passagens apontam não só a crença de Orwell no partido e a concordância entre as ideias de ambos, mas também um envolvimento apaixonado com uma identidade ativista socialista, a qual apareceu em muitos escritos do autor e nos próprios conflitos que criou. O texto de Orwell apresentou uma tensão entre a certeza e incerteza acerca do futuro, a crise iminente gerava uma expectativa sombria e pesada sobre o autor, para quem restava a luta política organizada<sup>535</sup>.

No texto, ele afirmou “Se o fascismo vencer eu estou acabado como escritor — o que significa acabado na única capacidade efetiva que tenho. Só isso já seria motivo o bastante para me unir a um partido socialista”<sup>536</sup>. Mas mais que isso, o ensaísta desejava que a realidade britânica democrática também mudasse. O autor conta que esteve em Burma e viu o império britânico trabalhar lá, assim como viu os efeitos da pobreza e do desemprego na própria Grã-Bretanha. Devido a essas injustiças, Blair já lutava contra o sistema capitalista, principalmente através da escrita de livros, os quais “esperei que influenciassem o público leitor. Eu devo continuar a fazer isso, claro, mas num momento como esse escrever livros não é suficiente. Deve-se ser ativamente socialista, não simplesmente simpático ao socialismo, para lutar contra os inimigos sempre ativos”<sup>537</sup>. Após a vivência da

---

<sup>534</sup> “The time is coming - not next year, perhaps not for ten or twenty, but it is coming - when every writer will have the choice of being silenced altogether or of producing the dope that a privileged millionaire demands.[...] I have got to struggle against that, just as I have got to struggle against castor oil, rubber truncheons and concentrations camps. And the only régime which, in the long run, will dare to permit freedom of speech is a socialist régime.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 337)

<sup>535</sup> MARKS, op. cit., p. 60.

<sup>536</sup> “If fascism triumphs I am finished as a writer - that is to say, finished in my only effective capacity. That of itself, would be a sufficient reason to join a Socialist party.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 337)

<sup>537</sup> “I hoped would influence the reading public. I shall continue to do that, of course, but at a moment like the present writing books is not enough. [...] One got to be actively a socialist, not merely sympathetic to socialism, or one plays into the hands of always active enemies.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 337)

Espanha, Orwell passou a se comprometer com a luta física, não mais exclusivamente textual<sup>538</sup>.

Mas, dentre os partidos socialistas, por que o ILP? A esta pergunta o escritor responde dizendo que era o único partido que, excetuando partidos pequenos, objetivava algo que ele chamaria por socialismo: ou seja, o ILP tem em suas linhas muito do que Orwell iria chamar de socialismo democrático anos depois<sup>539</sup>. Além disso, para o escritor o ILP era o único que provavelmente “tomaria posição certa contra a guerra imperialista e contra o fascismo quando este aparecer na forma britânica”<sup>540</sup>.

Além disso, Orwell lutou na Espanha nas fileiras do POUM, vinculado ao ILP, “A coisa que vi na Espanha e trouxe para casa comigo foi o perigo fatal do ‘antifascismo’ negativo. [...] eu percebi que o ILP era o único partido ao qual eu tinha vontade de me unir”<sup>541</sup>. Na Guerra Civil Espanhola, Orwell lutou ao lado dos socialistas que, juntamente com os anarquistas, seriam perseguidos como traidores trotskistas pelos comunistas e liberais, principalmente porque os socialistas e anarquistas não pretendiam criar uma sociedade burguesa ao final do conflito com o fascismo, mas miravam a revolução. Essa experiência foi definidora do socialismo antistalinista de Orwell, de maneira que, sendo o ILP associado ao POUM, nada seria mais lógico para o autor do que se unir ao partido<sup>542</sup>. Nos anos que antecederam a 2ª Guerra Mundial, o autor foi bastante leal às políticas do partido. Contudo, com a chegada do conflito na Inglaterra, o patriota que o habitava despertou, afastando-o dessas políticas, embora não quebrando por completo seu laço com o partido.

#### 4.2. *THE LION AND THE UNICORN*: AS INTERPRETAÇÕES DE ORWELL DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

---

<sup>538</sup> MARKS, op. cit., p. 70.

<sup>539</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p.337-338.

<sup>540</sup> “to take the right line either against imperialist war or against Fascism when it appears in its British form” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 338); MARKS, op. cit., p. 70.

<sup>541</sup> “The thing I saw in Spain brought home with me the fatal danger of mere negative ‘anti-fascism’. Once I had grasped the essentials of the situation in Spain I realised that the ILP was the only british I felt like joining” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 338)

<sup>542</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a p. 338; INGLE, op. cit., p. 153.

Em consonância com o discurso do ILP, ao início da 2ª Guerra Mundial Orwell foi contrário ao conflito. O autor defendeu posicionamentos pacifistas, pois acreditava que a guerra poderia levar à ascensão do fascismo na Inglaterra, devido ao aumento da autoridade do Estado, e ainda, que o confronto representaria um desperdício de vidas. Contudo, no início da guerra Orwell mudou radicalmente de posição, vendo na 2ª Guerra Mundial uma oportunidade revolucionária, pois os ingleses enfrentariam privações e situações combativas que poderiam gerar união, assim como levar ao questionamento daquilo pelo que lutavam. O conflito permitiu a ele acreditar que o proletariado britânico derrubaria Hitler e destruiria o próprio potencial fascista presente na burguesia, estabelecendo uma sociedade igualitária. Ingle observou que muito dos planos de Orwell se aproximavam dos sonhos revolucionários da Guerra Civil Espanhola e neste sentido a 2ª Guerra Mundial emergia como uma oportunidade nova de trazer o triunfo da revolução<sup>543</sup>.

Em 1939, Orwell publicou o ensaio *Not Counting Nigger*, em que se opunha ao conflito, apontando a hipocrisia do posicionamento anti-fascista dentro, e em defesa do, Império inglês. Em setembro desse mesmo ano, Orwell publicou *Democracy in the British Army*, pela *Left Forum*, novo nome da antiga *Controversy*, em que o autor já havia publicado antes seu *Eye-Witness in Barcelona*. Os alvos desse texto são aqueles que acreditavam que haveria uma democratização do exército britânico. Boa parte do ensaio foca o passado distante, o século XVIII, em uma retrospectiva que enfatizava a estratificação de classe no exército. O ponto central do argumento é que o exército continua a ser como era cinquenta anos antes. Essa permanência teria sido assumida pelos socialistas poucos anos antes, mas na tentativa de incentivar a guerra, efetuada por líderes e publicitários, essa continuidade foi esquecida<sup>544</sup>.

Em *Democracy in the British Army*, Orwell não cita nomes nem dirige uma crítica direta. Contudo, *Left Forum* teve contribuições e leitores do Labour Party e do Communist Party, cujos dirigentes se encaixam no rótulo de “líderes oficiais da esquerda”<sup>545</sup>. Não nomeando indivíduos, Orwell conseguiu garantir a publicação. Seus alvos nesse texto são aqueles que creem que a guerra vindoura faria com que

---

<sup>543</sup> INGLE, op. cit., p. 77-79.

<sup>544</sup> MARKS, op. cit., p. 78; ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a p. 403.

<sup>545</sup> “official leaders of the Left” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 403).



a organização reacionária classista fosse diferente dessa vez, que “Militarização não vai significar militarização. Que Colonel Blimp não é mais Colonel Blimp”<sup>546</sup>. Nesse ensaio, como em textos anteriores, Orwell destaca a habilidade da imprensa de esquerda na manipulação da opinião de seu público<sup>547</sup>. Alinhado aos temores do ILP, Orwell previa uma expansão do exército, aumentando a militarização da burguesia e sua vantagem sobre o proletariado.

No mesmo mês, a 2ª Guerra Mundial se iniciou. Independentemente dos apelos de Orwell e outros escritores, os trabalhadores tomaram armas em defesa do capitalismo britânico. Quando, perto do final de 1940, a Inglaterra sofria com ataques aéreos e a falta de diversos produtos, Orwell publicou *The Lion and The Unicorn: Socialism and the English Genius*, no qual defendia uma tendência cultural inglesa de afastamento dos autoritarismos, de modo que o país não se tornaria fascista e tinha propensão ao socialismo. Para o escritor, a revolução era totalmente compatível com os valores britânicos, anti-autoritários, voltados para as liberdades individuais e respeito às leis<sup>548</sup>. Além disso, em momentos de suprema crise, a nação inteira seria capaz de se unir e agir sob uma espécie de instinto, sob um código de conduta entendido por todos ainda que nunca formulado<sup>549</sup>.

O patriotismo, para o autor, seria um ponto muito importante para a instalação do socialismo. No texto *Wells, Hitler and the World State*<sup>550</sup>, também de 1941, Orwell criticou socialistas como Wells por rejeitarem-no e ignorarem sua habilidade de mudar o mundo e inspirar emoções. A esperança e o anseio revolucionário do autor tomam novas dimensões quando focados no patriotismo, pois valores britânicos e o contexto de guerra serão pensados como bases para a construção de uma revolução e, posteriormente, de um Estado socialista. O socialismo patriótico não interferiria nos valores populares, apenas redistribuiria as riquezas e reorganizaria a

---

<sup>546</sup> “Militarization is no longer going to mean militarization. Colonel Blimp is no longer Colonel Blimp” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 403). Colonel Blimp é um personagem de quadrinhos britânicos criado por David Low, caracterizado por ser pomposo, irritadiço, portador de um nacionalismo agressivo em sua política externa - defensor do uso de ameaças e força - e estereotipadamente britânico. Sua primeira aparição foi em 1934, no jornal diário gratuito *London Evening Standard*.

<sup>547</sup> MARKS, op. cit., p. 78-79.

<sup>548</sup> INGLE, op. cit., p. 78-80.

<sup>549</sup> ORWELL, Sônia; ANGUS, Ian. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell: an age like this, 1920-1940*. London: Secker & Warburg, 1968b, n. p.

<sup>550</sup> Publicado em agosto de 1941, pela Horizon. Disponível em: <[http://orwell.ru/library/reviews/wells/english/e\\_whws](http://orwell.ru/library/reviews/wells/english/e_whws)>. Acesso em: 27 de jul. 2019.

política, de maneira que mudanças sociais e políticas deveriam ser combinadas com estabilidade cultural. As esperanças revolucionárias de Orwell tornavam-se menos radicais para se adaptar ao contexto da 2ª Guerra Mundial<sup>551</sup>.

O patriotismo presente nos escritos de Orwell se apresenta como um comprometimento contraditório, ao mesmo tempo à uma identidade inglesa estabelecida, tradicional e, de certo modo, conservadora e revolucionária. Esse indivíduo inglês do autor, que teria, em potencial, componentes para o desenvolvimento socialismo democrático, foi desenvolvido principalmente em *The Lion and the Unicorn* e *The English People*. Nesses textos, o autor usa concepções da identidade inglesa já desenvolvidas em outros autores, como T. S. Eliot. Em *The Lion and the Unicorn* o escritor insistiu que os ingleses não eram artistas talentosos, intelectuais e, em comparação com outros europeus, o sujeito inglês tinha horror ao pensamento abstrato, tendo certa habilidade de agir sem muita reflexão. Afirmações equivalentes foram expressas em *The English People*, em ambos os textos tais concepções se somam a noção de que o inglês respeita a legalidade, suspeita de estrangeiros, é sentimental no que tange a animais, hipócrita, obcecado com esportes e vive sob uma distinção de classe exagerada<sup>552</sup>.

Esta insistência no horror dos ingleses ao pensamento abstrato também esteve presente em autores como Lionel Trilling<sup>553</sup>, Mary Ellen Chase<sup>554</sup>, Paul Cohen-Portheim<sup>555</sup>, Storm Jameson<sup>556</sup> e Antony Easthope<sup>557</sup>, os quais afirmavam que o empirismo inglês poderia experimentar a realidade de maneira mais ou menos direta, ou que os intelectuais ingleses eram mais ou menos indiferentes às teorias elaboradas, e mesmo que não eram muito analíticos. Essa última afirmação se somava a sua suspeita de estrangeiros, também presente em outros comentadores, como Cohen-Portheim e Drew Middleton<sup>558</sup>. Para o primeiro haveria uma desconfiança de tudo que fosse estrangeiro nos hábitos ingleses, já o segundo autor chegou a mencionar uma tensão xenofóbica na “personalidade inglesa”. Deste

---

<sup>551</sup> INGLE, op. cit., p. 79-80.

<sup>552</sup> CLARKE, op. cit., p. 134-135.

<sup>553</sup> Professor americano do departamento de inglês da Universidade Columbia.

<sup>554</sup> Professora, acadêmica e autora estadunidense.

<sup>555</sup> Pintor Alemão.

<sup>556</sup> Jornalista e escritora inglesa.

<sup>557</sup> Acadêmico pós-estruturalista inglês.

<sup>558</sup> Jornalista estadunidense.

modo, as características que Orwell atribuiu a uma identidade inglesa não foram simplesmente produto de sua análise pessoal, mas imagens recorrentes de Inglesidade<sup>559</sup>.

Contudo, essas figurações foram conectadas à ideia de socialismo, em *The Lion and the Unicorn* o escritor chegou a insistir que apenas através da revolução que o gênio inglês nativo poderia ser liberto. As características desse gênio inglês que formam uma base em potencial para o socialismo incluíam o respeito à legalidade e outras qualidades como a crença na justiça, liberdade e verdade objetiva. Posteriormente, Orwell chegou à conclusão de que essas qualidades e coesão na identidade inglesa impediriam que o proletário se rebelasse e matasse burgueses, pois esses não seriam diferentes o bastante. Portanto as mudanças dramáticas teriam de ocorrer pacificamente, dentro da legalidade<sup>560</sup>.

A ideia de comprometimento com a liberdade, principalmente individual, como característica da Inglesidade também foi recorrente em relatos da identidade nacional. Ela estaria presente nas revoltas inglesas contra o governo e em sua desconfiança e resistência a autoridade, na ausência de fundamentalismos religiosos e paixão por líderes. *The Lion and the Unicorn* é explicitamente preocupado com a criação de um socialismo inglês que se propõe em desenvolver ainda mais as características “inatas” deste povo, e que não se alinha com um socialismo intelectual, o qual o escritor acusa de ser distante da cultura popular do país e próximo ao pensamento de Moscou e Paris. Haveria uma forma “real” da Inglaterra logo abaixo da superfície, nas fábricas e nos escritórios de jornais e essa Inglaterra deve tomar posse de seu destino, deve emergir e alcançar o poder. Ao mesmo tempo essa identidade inglesa é inerente e dada, e deve emergir, se construir através do socialismo para alcançar este potencial inerente e verdadeira forma escondida, deste modo ela também se projeta no futuro<sup>561</sup>.

A paixão pelo campo também é componente dessa identidade, em geral essa paixão se relaciona com uma forte conexão com a comunidade e a família nos textos de Orwell. O escritor busca uma Inglaterra rural, anterior ao que o autor descreve em *Inside the Whale* como a era de:

---

<sup>559</sup> Ibid., p. 134.

<sup>560</sup> Ibid., p. 136.

<sup>561</sup> Ibid., p. 144-146

[...] campos de concentração, cassetes de borracha, Hitler, Stalin, bombas, aviões, comida enlatada, metralhadoras, golpes de Estado, expurgos, *slogans*, máscaras de gás, submarinos, espiões, *provocateurs*, censura, prisões secretas, aspirinas, filmes hollywoodianos e assassinatos políticos<sup>562</sup>.

Essa nostalgia rural não era incomum entre pensadores radicais, segundo Clarke. Chase, por exemplo, traz o campo como direito natural do inglês, este triunfa sobre a vida urbana ao trazer plantas, flores e jardins aos espaços urbanos. Cohen-Portheim também afirmou que o amor pelo campo era a coisa mais fundamental ao inglês, e esse sentimento poderia, sozinho, fazer sua história inteligível. Orwell era nostálgico sobre o passado, mas acima disso o autor queria mudanças sociais, pedia ao povo inglês que tomasse responsabilidade por tais mudanças, e ansiava pela queda de antigas hierarquias. Embora buscasse mudanças, o autor não as desejava a qualquer custo, mas desejava manter certas formas de vida, certos valores do passado que acreditava serem aplicáveis ao presente e ao futuro, como a vida em comunidade. Nostalgia, socialismo romântico e inglesidade parecem alinhados aqui<sup>563</sup>.

Ingle<sup>564</sup> nos lembra que os textos de Orwell deste período, e logo as noções de patriotismo que este aplica, foram escritos com claro objetivo de propagar a defesa da guerra e da revolução. *My country Right or Left* foi o primeiro texto de Orwell publicado após sua mudança de posicionamento em relação à guerra. No ensaio, o autor apresentou suas associações entre socialismo e patriotismo. O início do texto conta as memórias do escritor da 1ª Guerra Mundial, colocando que a sua geração, que não sofreu impacto mais direto do conflito por serem crianças, desenvolveu uma atitude de “pacifismo cínico”. Mas, apesar disso, aqueles que não viveram o conflito estavam conscientes da amplitude da experiência que perderam, assim como sentiam que eram “um pouco menos homens”<sup>565</sup>. Essas sensações geravam expectativas de que uma nova guerra pudesse dar a chance de lutar

---

<sup>562</sup> “concentration-camps, rubber truncheons, Hitler, Stalin, bombs, aeroplanes, tinned food, machine-guns, putsches, purges, slogans, Bedaux belts, gas-masks, submarines, spies, provocateurs, press-censorship, secret prisons, aspirins, Hollywood films and political murders.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968, p. 499-500)

<sup>563</sup> Ibid., p. 138-145.

<sup>564</sup> Ibid., p. 80

<sup>565</sup> “little less than man” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 538)

àqueles que não lutaram, assim como a oportunidade de atingir a masculinidade desejada<sup>566</sup>.

Acerca de sua mudança de posição, Orwell a explica através de um sonho. Na noite anterior a assinatura do pacto Russo-Germânico, o autor conta que sonhou que a guerra tinha começado, o que o levou a acordar com a certeza de que deveria sentir alívio que o tão esperado conflito se iniciava. O autor sentia que era um patriota e não sabotaria ou agiria contra a Inglaterra, portanto, apoiaria o confronto e lutaria nele se pudesse<sup>567</sup>. Orwell justifica sua posição em defesa deste declarando que “Não há alternativa entre resistir a Hitler e se render a ele, e de um ponto de vista socialista, eu devo dizer que é melhor resistir; de qualquer jeito não vejo nenhum argumento para a rendição que não torne absurdo a resistência republicana na Espanha, a resistência chinesa ao Japão, etc.”<sup>568</sup>. Assim, a revolução só seria possível num cenário de resistência, já que a vitória nazista representaria a dominação totalitária da Alemanha sobre a Inglaterra. Para o autor, a revolução já havia começado e poderia prosseguir rapidamente, mas apenas se Hitler fosse mantido fora da Inglaterra<sup>569</sup>. Por fim, o escritor conectou o sentimento revolucionário com o sentimento patriótico, pois o patriotismo não teria nada a ver com o conservadorismo, mas sim consistiria em uma devoção a algo que está em constante mudança, porém é sentido como sendo misticamente a mesma coisa que antes<sup>570</sup>.

Para o autor, quando a revolução chegasse seriam exatamente os homens cujos corações não param parente a bandeira que vacilariam<sup>571</sup>. O sentimento patriótico e a paixão revolucionária são muito parecidos e transferíveis para Orwell, o autor observou que “a necessidade espiritual de patriotismo e das virtudes militares

---

<sup>566</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 538; MARKS, op. cit., p. 100.

<sup>567</sup> Ibid., p. 539.

<sup>568</sup> “There is no real alternative between resisting Hitler and surrendering to him, and from a Socialist point of view I should say that it is better to resist; in any case I can see no argument for surrender that does not make nonsense of the Republican resistance in Spain, the Chinese resistance to Japan, etc., etc.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 539)

<sup>569</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 539.

<sup>570</sup> Ibid., p. 539.

<sup>571</sup> Ibid., p. 540

[...] não encontrou substituto ainda”<sup>572</sup>, de modo que essa transferência teria utilidade prática. Este posicionamento foi aprofundado pelo autor em *The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius*.

\*\*\*\*\*

Em fevereiro de 1941 *The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius* foi publicado como o primeiro volume de uma série editada por T. R. Fyvel e Orwell, a *Searchlight Books*<sup>573</sup>, pela *Secker & Warburg*. O título fez referência aos suportes heráldicos do brasão do Reino Unido. Nesse texto, Orwell defendia que o sistema de classes inglês atrapalhava o esforço da guerra e, assim sendo, seria necessário passar por uma revolução, a qual seria ideologicamente marcada por uma mistura de socialismo e patriotismo.

T. R. Fyvel propôs à Orwell a edição da série *Searchlight Books*, que foi publicada entre 1941 e 1942 e que propunha fazer tudo ao seu poder para criticar e destruir aquilo que apodrecia a civilização ocidental, além de fornecer críticas construtivas para as dificuldades que se aproximavam. Os livros deveriam ser escritos em uma linguagem simples, e Fyvel sugeriu que Orwell escrevesse o primeiro dando um tom otimista para o futuro da Grã-Bretanha socialista democrática. O resultado desse projeto foi *The Lion and the Unicorn*<sup>574</sup>. O texto é dividido em três partes: *England Your England*; *Shopkeepers at War*; *The English Revolution*. A primeira parte trata das características do povo inglês, a segunda enfatiza os problemas do capitalismo e a necessidade de uma mudança no sistema econômico inglês, e a terceira conecta o contexto nacional com um projeto revolucionário<sup>575</sup>.

Nesse ensaio, Orwell apresentou suas posições políticas mais programáticas numa tentativa de reconciliar socialismos revolucionários e patriotismo inglês. O programa planejado por ele incluía: a nacionalização das indústrias; o limite da

---

<sup>572</sup> “he spiritual need for patriotism and the military virtues, for which, however little the boiled rabbits of the Left may like them, no substitute has yet been found.” (ORWELL, 1940, apud, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 540)

<sup>573</sup> Série de ensaios publicados em capa dura, entre 1941 e 1942, pela editora Secker and Warburg. Editada por T. R. Fyvel e George Orwell.

<sup>574</sup> MARKS, op. cit., p. 112.

<sup>575</sup> Ibid., p. 113-114.

desigualdade de renda; reformas educacionais; mudanças nas políticas imperiais, transformando o império em federação. O texto audacioso trouxe um projeto que não se concretizou e que é interpretado por Brendan Mcquade como irrealista<sup>576</sup>.

A crença nas liberdades individuais, o respeito às leis e a falta da habilidade de adoração foram vistas pelo autor no povo inglês e basearam sua teoria de que o totalitarismo não conseguiria criar raízes na Inglaterra, pois nesse sistema não haveria lei, apenas poder<sup>577</sup>. A ênfase dada pelo autor ao patriotismo é, portanto, conectada a uma defesa da manutenção das liberdades civis na Inglaterra. O argumento do autor segundo o qual revolucionários podem ser patriotas e vice-versa também compreende a noção de que o patriotismo envolveria a defesa das liberdades estabelecidas assim como das mudanças sociais futuras — lembrando que este seria a defesa de algo que muda, mas permanece misticamente o mesmo. Sendo a identidade nacional uma base para a revolução, Orwell assumiu uma ideia de que nação não é algo fixo, mas pode ser reinterpretada e reconstruída. Essa ênfase na mutabilidade se fazia necessária num período em que, em face à guerra, o patriotismo era muito mais forte que qualquer tipo de internacionalismo<sup>578</sup>.

No texto, o autor começou a imaginar um socialismo voltado para o seu contexto de guerra. Antes de mais nada, estabeleceu o que seria socialismo, afirmando que este é comumente definido pela propriedade coletiva dos meios de produção, ou seja, o Estado, representando a nação, possui todos os meios e todos os cidadãos são seus empregados. O escritor presumiu um leitor leigo, e explicou que a propriedade comum dos meios de produção não significa que os sujeitos não teriam posses pessoais, como roupas e móveis, mas sim que os bens de produção, como terras, minas, barcos e maquinário são propriedade do Estado. O ensaísta notou que não há certeza de que o socialismo seja melhor que o capitalismo em todos os sentidos, porém era certo que, diferente do capitalismo, esse poderia resolver problemas de produção e consumo, evitando o desperdício de bens e o desemprego, assim como a falta de produtos em tempos de guerra<sup>579</sup>.

---

<sup>576</sup> MCQUADE, Brendan. "The road from Mandalay to Wigan is a long one and the reasons for taking it aren't immediately clear": A World-System Biography of George Orwell. *Journal of World-systems Research*. Vol. 21 nº. 2, jul. 2015, p. 329.

<sup>577</sup> MARKS, op. cit., p. 113-114.

<sup>578</sup> CLARKE, op. cit., p. 98-99.

<sup>579</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.



Embora a definição de socialismo como posse coletiva dos modos de produção seja um ponto de partida, o autor afirmou que isso já não era o suficiente para defini-lo, sendo necessário adicionar que a renda dos indivíduos deveria ser aproximadamente igual, a gestão política deveria ser democrática e privilégios hereditários deveriam ser abolidos<sup>580</sup>. Para o escritor, estes elementos seriam necessários para impedir o ressurgimento da divisão de classes, afirmando que a “posse centralizada não significa nada a não ser que a maioria da população esteja vivendo aproximadamente em nível de igualdade e tenha algum tipo de controle sobre o governo”<sup>581</sup>. Orwell temia a transformação do governo socialista em uma gestão totalitária como na URSS stalinista, assim, ressaltou a importância de luta pelo socialismo em sua forma democrática, vinculando socialismo e democracia em seus textos. Ainda, o governo autoritário também criava risco de geração de uma oligarquia privilegiada, baseada em poder político em vez de econômico.

Para o escritor, o fascismo tinha em comum com o socialismo a economia planejada, sendo que no nazismo o governo teria controle dos investimentos, das matérias-primas, das horas de trabalho e salários, mas proprietários e trabalhadores não mudaram de lugar na hierarquia de classes. Ainda que os proprietários ficassem com suas funções mais próximas às de gerência, os modos de produção ainda lhes pertenciam. Embora a economia planejada seja um elemento comum para Orwell, as diferenças fundamentais foram ressaltadas: o socialismo desejava criar uma ordem mundial livre de desigualdade, partindo do pressuposto de que todos os indivíduos são iguais em seus direitos; o que era o oposto dos nazistas, que criam na desigualdade natural das raças, sendo os germânicos superiores, e tendo, por isso, o direito de governar o mundo<sup>582</sup>.

Para o ensaísta, as vitórias nazistas indicavam que a economia planejada era mais forte que a não planejada, de modo que um futuro sombrio esperava pela Inglaterra caso esta não mudasse sua economia. De acordo com o escritor, o socialismo oferecia vantagens claras, não só pela eliminação da falta de produtos

---

<sup>580</sup> Orwell, tendo sido aluno de uma das escolas públicas de elite, enfatizou que privilégios educacionais deveriam ser abolidos.

<sup>581</sup> “centralized ownership has very little meaning unless the mass of the people are living roughly upon an equal level of, and have some kind of control over the government.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)

<sup>582</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.

em tempos de guerra e pela maior igualdade social e econômica, mas também porque, através da revolução, o gênio nativo dos ingleses seria liberto em uma sociedade fraternal, e o país finalmente assumiria sua forma real, atingindo uma espécie de destino revolucionário<sup>583</sup>.

Segundo Orwell<sup>584</sup> a diferença entre socialismo e capitalismo seria grande demais para que se troque de um para outro sem uma mudança maior no poder, tornando-se necessário novos governantes e pensadores, o que significaria uma revolução. Para o autor, a revolução começou quando as tropas voltaram de Dunkirk<sup>585</sup>. O escritor afirmou que o progresso de aceleração da guerra e da revolução, processos concomitantes, deixaram de ter ligação com legendas de partidos; as antigas distinções entre esquerda e direita caíram sob uma união nacional iniciada pelo episódio.

De acordo com Orwell, em momentos de suprema crise a Inglaterra pode repentinamente se unir, o patriotismo poderia possibilitar a ação coletiva e tal qualidade poderia ser utilizada para atingir o socialismo democrático proposto pelo autor. Para White, a discussão de Orwell acerca do sentimento patriótico como elemento catalisador de uma comunidade pode ser interpretada como chave para a compreensão do senso de fraternidade do autor. White observou que o ensaio foi escrito enquanto a guerra caminhava e Londres era bombardeada, pondo em risco todo o modo de vida inglês, contexto no qual esse sentimento unia um grupo em que todos possuíam o mesmo destino. Orwell notou como este poderia se tornar fonte de forças para levar a Inglaterra ao socialismo. De acordo com o escritor, o patriotismo envolve devoção a um lugar e a um modo de vida que se crê ser o melhor no mundo, mas que não se precisa forçar sobre os outros, diferente do nacionalismo que seria inseparável do desejo de poder. Ele poderia ser virtuoso, inspirando lealdade, coragem e disposição de sacrificar desejos pessoais pelo bem comum<sup>586</sup>.

---

<sup>583</sup> MARKS, op. cit., p. 115.

<sup>584</sup> ORWELL, op. cit., 1968b, n. p.

<sup>585</sup> Batalha durante a 2ª Guerra Mundial em que forças britânicas e francesas ficaram encurraladas por alemães no norte da França, enfrentando grandes dificuldades até mesmo para evacuar. Se deu entre 25 de maio e 4 de junho de 1940.

<sup>586</sup> CLARKE, op. cit., p. 114; WHITE, Richard. George Orwell: Socialism and Utopia. *Utopian Studies*. Pensilvânia, vol. 19, nº. 1, pp. 73-95, 2008, p. 81. Disponível em:

<[https://www.jstor.org/stable/20719892?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/20719892?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 27 jul. 2019.

Na prática, contudo, a distinção feita por Orwell não é tão clara e frequentemente patriotismo e nacionalismo se misturam. Mas o ponto desta distinção, segundo White, seria enfatizar a necessidade de uma comunidade. No entendimento de Orwell, seria mais fácil transferir a lealdade de alguém que já sente forte pertencimento a um grupo para um socialismo que abarque as características deste grupo, do que para um socialismo internacional. A ideia de revolução mundial seria muito abstrata para este momento, segundo o ensaísta. Ao enfatizar a necessidade de identidades locais e de pertencimento, Orwell afastou o socialismo do que White chama de “universalismos vazios”<sup>587</sup> que teriam pouco apelo à população comum da Inglaterra<sup>588</sup>.

Para Orwell o patriotismo, por muito tempo visto negativamente, gerava, naquele momento, uma alavanca, isto pois aqueles que se prenderiam aos seus privilégios em tempos de paz abdicariam destes para não colocar a nação em risco. A guerra seria o agente de mudança, acelerando processos e eliminando pequenas diferenças. O que parecia faltar para o autor era que fosse esclarecido para a população geral que derrotar Hitler significava abdicar dos privilégios de classe, uma vez que estivesse claro, a classe média se uniria a revolução. Desde *Road to Wigan Pier*, o escritor trata da necessidade de abarcar a classe-média nos esforços socialistas, pois ela também é explorada. Para convencer a classe média a se unir à Revolução, o patriotismo seria a chave<sup>589</sup>.

Para o ensaísta não seria possível criar um Estado socialista sem derrotar Hitler e, ao mesmo tempo, não seria mais possível derrotar Hitler se “nós continuarmos social e economicamente no século XIX”<sup>590</sup>. A guerra e a revolução eram inseparáveis para Orwell. O movimento em direção à revolução deveria ser iniciado popularmente. Não se poderia esperar que o governo criasse essas mudanças e também não seriam os movimentos socialistas que trariam a revolução, pois na Inglaterra o único partido socialista que tinha números para tanto era o Labour Party, e esse não realizaria uma revolução, pois sua política nunca foi

---

<sup>587</sup> “empty universalism” (tradução nossa, WHITE, 2008, p. 81)

<sup>588</sup> WHITE, loc. cit.

<sup>589</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.

<sup>590</sup> “we remain socially and economically in the nineteenth century” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p)

independente dos sindicatos, suas práticas se voltavam para o levante de greves, ocupando-se apenas das melhoras nas condições de trabalho<sup>591</sup>.

Uma questão que preocupa o escritor acerca de um processo revolucionário na Inglaterra seria a libertação das colônias, pois mantendo-nas o país não atingiria o socialismo desejado, já que não haveria igualdade entre os povos. Contudo, libertá-las também seria um problema, pois significaria entregá-las à Itália, Japão ou outros Estados colonizadores. Para o autor, a saída ideal seria a criação de uma federação de Estados socialistas, numa versão mais livre da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Orwell afirmava que os trabalhadores da Grã-Bretanha, ainda que oprimidos, tinham “muito mais a perder que suas correntes”<sup>592</sup>, devido a exploração imperialista.

Em *The Lion and The Unicorn: Socialism and the English Genius*, o autor sugeriu um programa de seis pontos, os primeiros três são voltados para a política interna inglesa, os outros três são referentes ao Império e às relações internacionais. Orwell sugeriu: 1) a nacionalização das terras, minas, ferrovias, bancos e grandes indústrias; 2) limitação da renda, de modo que o salário mais alto livre de impostos não exceda o mais baixo por mais que 10 vezes seu valor; 3) a educação deveria ser reformulada dentro de linhas democráticas, eliminando os privilégios de escolas públicas; 4) libertação da Índia, com permissão de se separar quando a guerra acabar; 5) formação de um Conselho Geral do Império, para o qual indivíduos das antigas colônias enviariam seus representantes; 6) declaração de aliança formal com a China, Abissínia e outras vítimas do poder fascista<sup>593</sup>.

Para White,<sup>594</sup> o manifesto de Orwell, escrito em contexto de guerra, é provisório, mas mostra como o autor conjura diferentes formas de desigualdade e opressão em um fronte comum socialista, abordando desigualdades sociais, opressões imperialistas e resistência antifascista. Segundo o autor, a meta de Orwell em *The Lion and the Unicorn* seria humanizar o socialismo, mostrando como a continuidade das tradições democráticas inglesas é suficiente para pensar um socialismo com bases locais, sem ser necessária a imposição de um modelo externo

---

<sup>591</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.

<sup>592</sup> “have a great deal to lose besides their chains” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p).

<sup>593</sup> Ibid., n. p.

<sup>594</sup> WHITE, op. cit., p. 84.

de comunismo, que não lhe interessa. A nacionalização dos meios de produção não conquistaria nada se os trabalhadores continuassem sujeitados por uma classe dominante que toma todas as decisões, e a participação política democrática teria de acompanhar as mudanças econômicas. O socialismo proposto pelo autor visa dar à população controle sobre suas condições de trabalho, sobre seu governo e sobre suas vidas, e, para Orwell, qualquer coisa menos que isso seria uma traição à revolução.

Acerca da nacionalização o escritor observou que esta é de um processo lento, a posse de todas grandes indústrias deve ser do Estado, representante das pessoas comuns. Uma vez que os meios de produção sejam nacionalizados é eliminada a classe dos proprietários, que vivem de suas posses, escrituras e ações. As indústrias continuariam com os mesmos empregados e os antigos proprietários ou diretores continuariam em seus cargos como funcionários do Estado. A principal fonte de resistência à nacionalização seriam os banqueiros, senhores de terras e ricos ociosos, grupo com poucos números segundo Orwell. Deveria, também, haver uma limitação das posses de terra, sendo vetado a propriedade de terrenos na cidade e a propriedade maior que seis hectares no campo<sup>595</sup>.

No que tange à limitação de rendas, inicialmente deve ser estabelecido um salário mínimo. Orwell observou que certos trabalhos precisam ter remuneração financeira, caso contrário ninguém iria querer executá-los, mas a diferença salarial não deveria ultrapassar a diferença de 10 por 1<sup>596</sup>. Já no que se refere à educação, o autor analisou que a autonomia das escolas públicas e universidades mais antigas deveria ser retirada, pois era usada para manter privilégios de classe e sangue. Para o ensaísta, o Estado deveria tomar responsabilidade por toda a educação, mesmo que num primeiro momento ele ainda não consiga fazê-lo totalmente sozinho<sup>597</sup>.

Nesse ensaio, Orwell se afastou das correntes dominantes da esquerda, tanto do comunismo revolucionário, quanto do trotskismo e do reformismo democrático, e focou as identidades tradicionais, a família e a nação, relacionando-as com políticas revolucionárias. Para McQuade, esse trabalho representa a exposição de uma

---

<sup>595</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.

<sup>596</sup> MARKS, op. cit., p. 15-16. Marks observou que este sistema de salário mínimo e máximo geraria, na verdade, uma sociedade altamente desigual e estratificada, mostrando um amadorismo econômico de Orwell.

<sup>597</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.

tensão duradoura que esse soluciona com um patriotismo revolucionário derivado da decência proletária, solução que teria diversas contradições. Ainda que Orwell esteja correto ao afirmar o poder das lealdades tradicionais sobre valores cosmopolitas, não fica claro se família e nação podem ser bases de políticas revolucionárias. McQuade expôs que a direita, por exemplo, usa ambas para atrair o proletariado branco para seu lado, com sucesso, levantando a questão de se estas identidades podem ser separadas das relações de dominação que as formaram. O pesquisador observou ainda, que a questão levantada com relação à *The Lion and the Unicorn* é maior que uma análise do texto, e a pergunta que continua válida é: quais são (e quais podem ser) as bases de um movimento revolucionário?<sup>598</sup>

*The Lion and The Unicorn* vendeu cerca de doze mil cópias. Com suas 64 páginas na versão original, esse ensaio foi a mais longa expressão do socialismo de Orwell, mas ainda assim o texto é mais uma tentativa de formular um argumento complexo e multidimensional do que um plano resolvido. Publicado em forma de livro, o ensaio recebeu diversas críticas, muitos comentadores reconheciam o aspecto provocativo do argumento, mas discordaram do conteúdo. Outros apenas rejeitaram o texto dizendo que se era um esboço muito leve e apressado, não tendo valor. Max Plowman<sup>599</sup> escreveu para o *The Adelphi* que a fé de Orwell é baseada em uma credulidade tão ingênua que lhe parecia cruel examiná-la. No jornal *The Plebs* foi dito que o texto de Orwell era muito estimulante e desafiador, mas muito simplificado. Já na *Partisan Review* foi observado que *The Lion and the Unicorn* abordava a política de modo mais impressionista do que analítico, mais literário do que técnico, mais amador do que profissional, mas haveria vantagens nisso: a possibilidade de inclusão de observações culturais que teorias mais analíticas excluíram e a qualidade humana da escrita, que engaja o autor moral e culturalmente por completo. A desvantagem, como já dito, foi considerada a falta de aprofundamento pela crítica em geral. Marks notou que o que foi observado na *Partisan Review* é característico de um ensaio — abordagem impressionista, literária, amadora, com voz humana discernível. Como ensaio, *The Lion and the*

---

<sup>598</sup> MCQUADE, op. cit., p. 333-334.

<sup>599</sup> PLOWMAN, 1941 apud MARKS, op. cit., p. 116.

*Unicorn*, quer conscientemente provocar e engajar o leitor; seus argumentos fragmentários e parciais pedem uma resposta do público<sup>600</sup>.

\*\*\*\*\*

Ainda durante a 2ª Guerra Mundial, Orwell também começou a contribuir com a revista *Partisan Review*. Criada em 1934, por *John Reed Club of New York*, sendo inicialmente ligada ao Communist Party of the USA (CPUSA), a revista havia proclamado seu suporte à União Soviética e à revolução, vendo a si mesmo como contraparte da revista *New Masses* do CPUSA. A revista funcionou até 1936, quando William Phillips e seu maior colaborador, Philip Rahv, suspenderam o periódico. Quando voltou a ser publicado, em 1937, sua orientação política havia mudado. Agora independente do CPUSA, a revista afirmava a impossibilidade de combater as tendências totalitárias do movimento comunista a partir de dentro. Mantendo seu posicionamento socialista, o jornal se tornou anti-stalinista. No início de 1941, Orwell começa a contribuir com a revista através das *London Letters*, antes escritas por Desmond Hawkins, forçado a abdicar da tarefa pela guerra, sugerindo que Orwell o substituísse. A oportunidade de assumir as *London Letters* permitia que Orwell escrevesse livremente para um público de esquerda cético e garantido. Já no começo de 1940, o *Partisan Review* havia se estabelecido como uma influente revista de crítica literária, cultural e política nos Estados Unidos, fornecendo uma importante porta de entrada para os escritos de Orwell no país<sup>601</sup>.

As *London Letters* descreveram e analisaram a guerra da perspectiva inglesa. No entanto, com o fim da 2ª Guerra Mundial, o autor viu seu posicionamento anterior como um erro e admitiu publicamente a falha da sua interpretação. Nas *London Letters*, o escritor manteve muito de seu posicionamento de *The Lion and the*

---

<sup>600</sup> MARKS, op. cit., p. 116-117.

<sup>601</sup> Ibid., p. 107-108. Segundo Newsinger (1999, p. 25), a *Partisan Review* mostrava forte simpatia pelo pensamento de Trotsky, ainda que evitando qualquer comprometimento organizacional. Em 1938, a revista publicou uma carta de Trotsky, solicitada pelo editor, tratando da relação entre política e arte. Pouco tempo depois, o manifesto escrito por Trotsky, Diego Rivera e André Breton (assinado por diversos intelectuais inclusive Orwell), intitulado *Towards A Free Revolutionary Art*, foi publicado no periódico. O estudioso observou que ainda que o corpo editorial da revista simpatizasse com ideias trotskistas, este não tinha interesse em se submeter ao movimento, a influência de Trotsky sobre estes abarcava apenas os textos tangentes ao stalinismo, fascismo e arte, não havendo interesse em suas prescrições para uma prática revolucionária.



*Unicorn*, o adaptando a cada mudança no curso do conflito, mas mantendo seu projeto revolucionário inalterado.

Durante sua contribuição com a revista, Orwell dialogou com diversos personagens americanos<sup>602</sup> e participou do debate acerca de uma estratificação da sociedade socialista soviética. O diálogo de Orwell com a revista continuou para depois da guerra, dando continuidade em sua relação com a esquerda trotskista ou não-comunista através do Atlântico. John Newsinger nos lembra que Orwell nunca se disse trotskista, pelo contrário, sempre negou esta associação. Mas para ele, há uma influência contínua do pensamento trotskista sobre o autor, que teria se iniciado com sua associação ao POUM. O pesquisador nos lembra que o escritor não desenvolveu suas ideias no vácuo, mas num contínuo diálogo com esquerdas não-comunistas, e seu envolvimento com o *Partisan Review* foi peça destes diálogos.<sup>603</sup>

#### 4.3. ENTRE A DOMINAÇÃO TOTALITÁRIA E A REVOLUÇÃO

Orwell passou por uma radicalização durante e depois da Guerra Civil Espanhola. Seus posicionamentos revolucionários o levaram a encarar a 2ª Guerra Mundial como uma oportunidade de iniciar um processo revolucionário, atingindo a sociedade fraternal e igualitária sonhada. Por outro lado, o autor vivia a pressão da provável vitória de Hitler e invasão da Inglaterra, levando-o a temer por seu futuro profissional e mesmo por sua vida. Os escritos do autor nesse período expõem estas bruscas variações de expectativas.<sup>604</sup> Com o final do conflito e com a suposta chance revolucionária perdida, Orwell se afastou das defesas da revolução e se

---

<sup>602</sup> Como George Woodcock, D. S. Savage e Alex Confort, com quem debateu publicamente a validade dos posicionamentos pacifistas.

<sup>603</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 23-25.

<sup>604</sup> Para Koselleck expectativa e experiência são categorias constitutivas da história e do conhecimento histórico, estas apresentam e produzem a relação entre passado, presente e futuro. Tais categorias entrelaçam o passado e o futuro. Estas remetem a temporalidade humana. Enquanto o espaço da experiência se refere às experiências passadas, chegando até o tempo presente, o horizonte de expectativas consiste na visão que parte do presente até o futuro, naquilo que se espera deste. A experiência é o passado atual que pode ser lembrado. A expectativa se realiza no hoje e no futuro presente, se volta para o que ainda não foi experimentado, apenas previsto. O horizonte de expectativas se refere a linha por trás da qual se abre um novo espaço de experiência, um espaço ainda não contemplado. Esperanças medos, desejos e vontades, bem como inquietudes e análise racional, visão receptiva ou curiosidade fazem parte das expectativas e as constituem. Ainda, Expectativas e experiências ligam o pessoal e o interpessoal. Cada sociedade e época tem uma forma de se relacionar com o tempo a partir das experiências e das expectativas que lhes são próprias. (KOSELLECK, 2012, p. 306-311; MARINO, 2017, p. 54-62)

ocupou gradualmente da análise do totalitarismo e do risco deste regime tornar-se hegemônico.

Perante o futuro incerto, Orwell experienciou angústias e medos. Jean Delumeau<sup>605</sup> observou a diferença entre medo e angústia: ao medo dizem respeito o terror, o espanto e o pavor, já a inquietação, a ansiedade e a melancolia concernem à angústia. O medo se refere ao conhecido, enquanto o desconhecido desperta a angústia. A angústia é um sentimento global de insegurança, a qual pode ter continuidade no cotidiano devido aos riscos e incertezas enfrentadas. Ainda, a angústia se dá enquanto prevê ameaças que, mesmo que imprecisas, são reais, estimulando a mobilização do ser. Como é impossível conservar o equilíbrio interno quando se é afrontado por um longo tempo de angústias e incertezas, faz-se necessário transformá-las e fragmentá-las em medos precisos, de algo ou alguém. A vivência da 2ª Guerra Mundial deixou Orwell em constante estado de angústia, o futuro era incerto e, ainda que houvesse esperanças revolucionárias, o medo de Hitler e dos campos de concentração era constante nos escritos do autor.

As expectativas desesperançosas e angustiadas do autor se constituíram, posteriormente, naquilo que chamamos de distopias, narrativas que projetam um futuro adoentado, cuja função é de nos alarmar para o possível porvir, caso determinada tendência contemporânea a obra prevaleça.<sup>606</sup> No caso, o temor de Orwell à Hitler e aos campos de concentração se tornou uma expectativa em caso de eventual vitória do totalitarismo e solidificação deste como sistema hegemônico mundial, o que geraria um futuro humano sob constante vigilância, desprovido de liberdade, individualidade e laços pessoais.

Em 13 de abril de 1940, Orwell publicou uma resenha do livro *Personal Records 1928-1939* de Julian Green, na qual comentou que: “A sensação de futilidade e impermanência, de ficar em uma sala fria e mal ventilada esperando que as armas comecem a disparar, que tem assombrado muitos de nós nos últimos sete anos, está presente em todos os lugares e se fortalece conforme o diário [de Julian

---

<sup>605</sup> DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p.25-26.

<sup>606</sup> HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta e análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n.º 2, p. 201-215, 2013, p. 205-206. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

Green] se move em direção à 1939”<sup>607</sup>. Assim, o autor descreve sua sensação, a qual interpreta como geral, da véspera e início da guerra. Insegurança e incerteza marcaram seu discurso sobre o conflito. A sala fria e mal ventilada traz, também, o aspecto da claustrofobia e da inevitabilidade para a descrição.

Segundo Thiago Brito<sup>608</sup>, não é novidade para os historiadores que, em cada época e sociedade, imaginações diferentes sobre o funcionamento do tempo surgiram e desapareceram. Neste sentido, não seria exagero, para o autor, imaginar que cada narrativa temporal oferece uma imaginação temporal diversa. A distopia, do mesmo modo, apresenta uma imaginação temporal referente aos séculos XX e XXI. A modernidade e sua concepção do tempo (progressista) foram destruídas por duas guerras mundiais, bombas atômicas e campos de concentração. É neste período que três distopias totalitárias são publicadas: *1984* (1949), *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley, e *Nós* (1924), de Yevgeny Zamyatin. O fim da promessa utópica de progresso da modernidade e o fim da utopia revolucionária apresentam uma expectativa pessimista, que prende o sujeito entre passado e futuro, ou seja, o indivíduo fica preso numa mecânica temporal limitada ao presente, pois os crimes do século XX continuam presentes, como traumas não superados na imaginação temporal distópica. O futuro não mais seria um horizonte aberto às possibilidades, mas uma dimensão fechada ao prognóstico que se aproxima como ameaça — que chega mesmo a ser catastrófica envolvendo mortes coletivas e eliminação da vida humana na terra. No imaginário temporal pós-moderno o futuro seria lugar privilegiado da catástrofe iminente. O signo desta interpretação do futuro é o medo; este horizonte de expectativa está encoberto por uma névoa de medo — o qual tem efeitos imobilizadores, despertando o receio da revolução traída e do colapso da ordem Ocidental<sup>609</sup>.

A narrativa Ocidental moderna teve no progresso uma peça importante, utilizada para legitimar seu domínio e para subjugar outros povos. A filosofia da história projetou um futuro baseado nessa utopia que não se concretizou. De acordo

---

<sup>607</sup> “The feeling of futility and impermanence, of hanging about in a draughty room [sala fria e mal ventilada and waiting for the guns to begin to shoot, which has haunted many of us during the past seven years, is present everywhere, and it grows stronger as the diary moves towards 1939.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n.p.).

<sup>608</sup> BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da Cunha; BRITO, Thiago Vieira de (org.). *Distopia, Literatura e História*. Serra: Editora Milfontes, 2017, p.13.

<sup>609</sup> Ibid., p.13-27.

com Marino, a frustração da modernidade deu origem ao que compreendemos como pós-modernidade, cuja imaginação temporal teria um presente alargado e um horizonte de expectativas sombrio — o qual parte da análise do século XX. O mal-estar da modernidade deu início a uma era menos otimista e mais cética<sup>610</sup>. Algo desse processo perpassa a obra de Orwell, que vai do otimismo revolucionário, à angústia e ao medo.

Nas cartas e diários, incertezas e imagens dos campos de concentração, de expurgos e de figuras como Stalin, Hitler e Franco tomam forma num compartilhamento destes sentimentos — levando em consideração que seu diário foi escrito com objetivo de publicação. Na missiva de Orwell à Jack Common, de 1938 (data precisa indefinida, possivelmente maio) Orwell contava que começava a escrever um novo romance, mas que as circunstâncias políticas que cobriam o período da escrita se provaram piores que anteriormente previsto, este disse: “ainda que, quando eu vim para cá, eu estivesse pensando que com Hitler, Stalin e o resto deles o tempo de escrita de romances estivesse acabado. Na atual circunstância se eu comesse [a escrever] em agosto, uso dizer que terei de terminar no campo de concentração”<sup>611</sup>.

Orwell assumia a possibilidade de que suas previsões fossem exageradas, mas segundo dito em uma carta<sup>612</sup> a Victor Gollancz, uma das origens de seus receios era “a incerteza quanto à possibilidade de que as pessoas comuns em países como Inglaterra possam perceber a diferença entre democracia e despotismo bem o suficiente para querer defender suas liberdades”<sup>613</sup>. O autor temia a apatia popular, o que poderia ser a morte tanto da revolução quanto da resistência antifascista. O fim do engajamento tanto significaria a derrota da esperança, quanto apontaria à atomização distópica.

---

<sup>610</sup> MARINO, Taynna Mendonça. Presentismo e Distopia: Temporalidade e narrativa Distópica na obra *Andróides sonham com Ovelhas Elétricas?* de Philip K Dick. In: BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da Cunha; BRITO, Thiago Vieira de (org.). *Distopia, Literatura e História*. Serra: Editora Milfontes, 2017, p. 58-61.

<sup>611</sup> “though when I came here I had been thinking that what with Hitler, Stalin & the rest of them the day of novel-writing was over. As it is if I started in August I dare say I have to finish it in the concentration camp” (tradução nossa, ORWELL, 1968b, n. p.)

<sup>612</sup> Carta de 8 de janeiro de 1940.

<sup>613</sup> “What worries me at present is the uncertainty as to whether the ordinary people in countries like England can gasp the difference between democracy and despotism well enough to want to defend their liberties” (tradução nossa, ORWELL, 1968b, n. p.)

Para Hannah Arendt,<sup>614</sup> fora de qualquer ramificação social e representação política normal haveria as massas, as quais não seriam tão determinadas pelas classes quanto por influências e convicções gerais compartilhadas por todos os estratos da sociedade, de modo que essas se relacionam com uma deterioração das classes e dos sistemas partidários. Para a autora, grande parte dos membros de todas as classes acabavam fora da política partidária, e este caráter apolítico destruía a ligação entre indivíduo e Estado. Esses números adormecidos por trás dos partidos se tornaram, então, grande massa desorganizada e desestruturada de indivíduos furiosos com o contexto político e econômico em que viviam, com nada em comum exceto a desesperança no sistema partidário e o desprezo pelos representantes políticos.

Essa transição de indivíduo em massa se deu devido à atomização social e individualização extremas que precederam os movimentos de massas, segundo Arendt<sup>615</sup> e Marcuse<sup>616</sup>. De acordo com os autores a principal característica do homem de massas seria seu isolamento e falta de relações sociais normais, esse isolamento se originaria da estrutura corporativa. O sujeito de massas, solitário, passa a ser parte da multidão. Para Marcuse,<sup>617</sup> a função da massa seria consumir o isolamento do indivíduo, a multidão consiste em uma associação de indivíduos que foram “despojados de todas distinções pessoais e reduzidos à expressão padronizada de sua individualidade abstrata; a saber, a busca do interesse próprio. Como membro da multidão o homem se tornou sujeito padronizado da auto-preservação bruta”<sup>618</sup>. A multidão despoja o indivíduo de sua subjetividade e o deixa apenas com a busca competitiva do interesse próprio, sendo a multidão a antítese da comunidade, “realização perversa da individualidade”.<sup>619</sup> Tal atomização foi elemento constituinte da literatura distópica de George Orwell e um de seus medos a partir da 2ª Guerra Mundial, estando presente em suas análises do totalitarismo e do perigo de um futuro dominado por este tipo de regime.

---

<sup>614</sup> ARENDT, Hannah; RAPOSO, Roberto. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 442-444).

<sup>615</sup> *Ibid.*, p. 446.

<sup>616</sup> MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999, p.78-93.

<sup>617</sup> *Ibid.*, p. 88-89.

<sup>618</sup> MARCUSE, loc. cit.

<sup>619</sup> *Ibid.*, p. 89.

Durante os três primeiros anos de guerra Orwell escreveu dois diários, cobrindo, primeiro, o período entre 28 de maio de 1940 e agosto de 1941, depois entre 14 de março de 1942 e 15 de novembro de 1942. Ambos os diários eram manuscritos, contudo, o primeiro se perdeu e aquilo com que trabalhamos é a versão digitada desse primeiro diário feita por Orwell a partir de sua seleção, seus cortes foram indicados com dois pontos (..). O segundo diário sobreviveu em forma manuscrita. A partir dessas versões, ambos foram incluídos na coleção organizada por Sonia Orwell e Ian Angus<sup>620</sup>.

Na entrada de 08 de junho de 1940 Orwell abordou seu passado visto do presente, afirmando que, de algum modo, já sabia desde 1931 que o futuro seria catastrófico. Para o autor já havia algo na atmosfera que denunciava o caos vindouro. O escritor contava que não podia prever exatamente que guerras e revoluções viriam, mas, quando estas chegavam, já não o surpreendiam. Desde 1936 a guerra entre Inglaterra e Alemanha era uma certeza para o autor. O mesmo se dava com horrores como os expurgos russos, os quais afirmou que “nunca me surpreenderam”<sup>621</sup>, isto pois Orwell tinha a sensação que algo como isto estava implícito já no período bolchevique, era possível senti-lo na literatura russa da época. Tal interpretação teleológica assinala que o rompimento com a ideia moderna de progresso já era sentido pelos autores desde 1929, o futuro gerava um mal-estar que trazia a sensação de catástrofe anunciada<sup>622</sup>.

Quase um ano depois, Orwell escreveu em seu diário, no dia 18 de maio de 1941, que experimentava uma “sensação de total desamparo” perante a ascensão de figuras como Stalin e Franco, bem como perante a guerra. Parecia ao autor que havia uma lei natural segundo a qual, se há algo errado a se fazer, será feito, infalivelmente. As esperanças revolucionárias de Orwell começavam a evanescer. Em 18 de maio de 1941, o escritor observava que, com certeza, dentro de dois anos “devemos ser conquistados ou devemos ser uma república socialista lutando por nossa vida, com uma polícia secreta e metade da população faminta”<sup>623</sup>. Para ele, a classe dominante tinha condenando a si mesma à morte quando falharam em

---

<sup>620</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.

<sup>621</sup> “never surprised me” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.).

<sup>622</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, n. p.

<sup>623</sup> “we shall be conquered or we shall be a Socialist republic fighting for its life, with a secret police force and half the population starving.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)

batalhas em Dakar, Canaries, Tangier e Síria. Aqui vemos o que Brito<sup>624</sup> chamou de pessimismo revolucionário, segundo o qual seria possível ainda sonhar com a revolução, mas não do mesmo modo que sonhou o século XIX. Em vez disso, a revolução emerge dificultosa e cética acerca de suas próprias possibilidades.

Orwell via comportamentos revolucionários nos ingleses sob a guerra, contudo também via inúmeras dificuldades que uma revolução enfrentaria em tempos de guerra, sua experiência da Revolução Espanhola lhe deixou a idílica imagem de Barcelona, mas não foi só Barcelona que o escritor vivenciou. As cidades menores, a pobreza, a destruição da guerra também foram vistas. Para o autor, a revolução seria positiva, tanto como mudança do sistema econômico quanto como criadora de uma sociedade fraterna e justa, mas também seria dura e teria grandes possibilidades de falhar. Em 28 de agosto de 1941, Orwell afirmava que o período quase-revolucionário que começou com Dunkirk passou, logo o diário deveria acabar também<sup>625</sup>.

Nos seus textos publicados, a angústia perante o futuro também é clara. No dia 13 de abril de 1940 Orwell publicou uma resenha do livro *Personal Notes 1928-1939* de Julian Green<sup>626</sup> no *Time and Tide*. Nessa o autor notou que havia algo de nostálgico em todos os pensamentos de Green, mas que este compreendia que a vida que vivia e seus valores não iriam existir para sempre, isto pois a era do liberalismo acabava, guerras, revoluções e ditaduras esperavam a cada esquina e uma antiga ordem se quebrava. Ainda:

A sombra de Hitler lampeja através das páginas: Nós vamos ver a vida mudar sob nossos próprios olhos. Tudo que nos dá prazer será tirado de nós.... [corte do editor]. Eu estou me acostumando com a ideia de desaparecer, junto a tudo que amo neste mundo; pois parece razoável supor que nós estamos nos aproximando do fim de uma longa era.<sup>627</sup>

---

<sup>624</sup> BRITO, op. cit., p. 23.

<sup>625</sup> Ibid., n. p.

<sup>626</sup> Escritor estadunidense focado em teologia.

<sup>627</sup> "The shadow of Hitler flits almost constantly across the pages: We are going to see life changing under our very eyes. Everything that gives us pleasure will be taken from us. . . . I am growing accustomed to the idea of vanishing from sight, together with all that I love in this world; for it seems reasonable to suppose that we are approaching the end of a long era." (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)



O fim da ordem liberal não é visto positivamente por Orwell, pois este não estava acompanhado da revolução e sim da ascensão de Hitler. O escritor encarava esse fim como o fim dele mesmo, assim como de sua profissão.

Em *Notes on the Way*, ensaio publicado no *Time and Tide* de 6 de abril de 1940, Orwell comentou que o pesadelo que o mundo vivia naquele momento era proveniente da tentativa de criar um paraíso na terra, “Acreditamos no ‘progresso’. Confiamos na liderança humana”<sup>628</sup>. Essa fé no progresso e busca da utopia seria interpretada por Orwell como a origem da situação que vivia, cujo desenvolvimento lhe parecia claro: “podemos estar bem certos do que há na nossa frente. Guerras e ainda mais guerras, revoluções e contra-revoluções, Hitlers e super-Hitlers — e assim descendo até abismos que são horríveis de se contemplar”<sup>629</sup>. A noção distópica de que a luta pela utopia progressista levou à catástrofes políticas e autoritarismos está presente nessa análise de Orwell, assim como a noção do futuro como um horizonte coberto por miasma.

A ameaça totalitária também aparece no texto escrito em 1942 e publicado em 1943, no periódico *New Road*, intitulado *Looking back on the Spanish War*, em que Orwell observa sua experiência na Espanha retrospectivamente, depois de cinco anos. Nesse texto, o autor afirmou que a Inglaterra subestimou o perigo em que se encontrava, suas tradições e segurança passada lhe davam a sensação de que tudo ficaria bem ao final, de que aquilo que mais temia nunca realmente aconteceria. Para o escritor, o povo inglês sempre tendia a crer que o mal destrói a si mesmo no final, tal seria, para este, a base do pacifismo. Por isso havia uma sensação de que os regimes fascistas colapsariam em breve, o que se mostrava falso e perigoso à Orwell.

Mas neste momento, já em 1942, Orwell enxergava uma possibilidade de que nem a revolução nem a vitória de Hitler viessem. O autor suspeitava cada dia mais que a direita capitalista poderia vencer a guerra sem nenhuma mudança radical — algo que lhe parecia deprimente. Para o escritor, a atitude de luta comunitária havia desvanecido e uma atitude cínica tomava seu lugar.

---

<sup>628</sup> “We have believed in ‘progress’. Trusted to human leadership” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)

<sup>629</sup> “In that case we can be pretty certain what is ahead of us. Wars and yet more wars, revolutions and counter-revolutions, Hitlers and super-Hitlers — and so downwards into abysses which are horrible to contemplate” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, n. p.)

Ao fim da guerra, as esperanças revolucionárias se tornaram erráticas e a ameaça de Hitler foi eliminada, mas o medo de um futuro totalitário persistiu. Orwell se aproximou do apoio a uma esquerda reformista, contudo sua decepção com esta não demorou a chegar. Seus textos continuaram a seguir a defesa de um socialismo democrático próximo ao que foi exposto em *The Lion and The Unicorn*, assim como continuaram a problematizar a possível ascensão totalitária, mas as certezas revolucionárias desaparecem dos escritos do autor.

## **5. 1984: TOTALITARISMO E RESISTÊNCIA**

*“There’s a stench in the air, which, from this distance underground, might be the smell either of death or of spring – I hope of spring.”*

*(Ralph Ellison)*

O romance distópico *1984* (1949), foi publicado por George Orwell dentro de um processo de mudanças no imaginário temporal contemporâneo. Durante o século XX o pensamento utópico, futurista progressista e a crença em um futuro melhor sofreram vários golpes. A Europa, fonte deste imaginário temporal Ocidental, foi palco de conflitos, campos de concentração e extermínio; dentro de democracias, regimes fascistas ascenderam ao poder e a revolução bolchevique centralizou o poder em um Estado autoritário e violento. O horizonte de expectativas tornava-se sombrio e fechado ao prognóstico. O retrato do futuro, tornado fonte de angústias e

uma ameaça constante, passou a ser representado e proliferou em forma de distopia. A distopia pode mesmo ser pensadas como a maneira pela qual imaginamos nosso futuro hoje.

*1984* incorpora tais expectativas sombrias, ao mesmo tempo que reage a elas. Busca evitá-las, assumindo uma responsabilidade política para com seu tempo. A produção literária de George Orwell é engajada, o que significa que esta é posta a serviço de responsabilidades éticas do autor, em sua lealdade à comunidade e à si mesmo<sup>630</sup>. Orwell sentia o engajamento como obrigação, como única opção dada àqueles que viviam os anos de 1930 e 1940, o desejo de justiça social e o combate antiautoritário do autor moveram seus romances e o mesmo ocorre com a distopia em questão. *1984* foi escrito em resposta ao totalitarismo soviético e ao receio de um futuro dominado por regimes totalitários. Seu objetivo é despertar o leitor para esse futuro e movê-lo contra essa tendência. Ainda, o romance reitera a esperança no proletariado e o futuro socialista democrático como única alternativa ao totalitarismo.

A obra em questão busca a intervenção nos mundos que lhe são atuais. Como modo de construção de versões de mundo, o texto visa moldar o futuro, ser parte de sua criação. A obra se opõe ao regime totalitário figurando-o na forma de um Estado policalesco onipotente e onisciente, no qual nenhuma expressão de individualidade e reflexão, assim como nenhuma liberdade, é possível. A tensão e claustrofobia que acompanham Winston Smith, o protagonista, apresentam-nos a impossibilidade de resistência e a impotência de sujeitos sob regimes totalitários, sendo a chave escolhida pelo autor para apresentar o horror político de um mundo dominado pelo totalitarismo. O símbolo dado ao futuro seria a opressão, portanto a resistência seria necessária desde o contexto de publicação da obra, 1949, visando moldar o futuro e evitar certas tendências, buscando um regime que, de modo geral, não interferisse nas relações sociais, respeitasse as liberdades individuais e funcionasse de modo democrático.

## 5.1. FUTURO DISTÓPICO

---

<sup>630</sup> DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento*: de Pascal a Sartre. Bauru: Editora EDUSC, 2002.

Ao final de sua carreira George Orwell já não tratava da revolução como antes, sua esperança nesta decaía e se tornava errática. O autor ainda acreditava no socialismo democrático como uma alternativa, e mais que isso, este modelo provavelmente era o único que poderia impedir a vitória do totalitarismo em escala global. Mas seus textos sobre o futuro eram dominados por um ceticismo desesperançoso, uma angústia e o medo do totalitarismo como regime hegemônico. Essa mudança em seu horizonte de expectativas não foi exclusivamente sentida por Orwell e tem sido relatada em diversos estudos. O futuro se fechou ao prognóstico e tornou-se uma dimensão ameaçadora, como já visto com Thiago Vieira e Julio Benvivoglio.

François Hartog observou que o século XX foi marcado pela queda do muro de Berlim, pela derrocada do ideal comunista, por múltiplos fundamentalismos, ditaduras e outros horrores que abalaram desde o tempo de Orwell ao nosso. Para o autor, a partir da 2ª Guerra Mundial o homem europeu passou a se ver entre duas temporalidades: o passado não abolido, que nada nos ensina, e um futuro imprevisível. Nesta mecânica temporal, o tempo histórico parecia mesmo suspenso<sup>631</sup>.

Para Arendt<sup>632</sup> as estruturas da cultura ocidental, com suas crenças, desmoronaram sobre nossas cabeças durante a primeira metade do século XX, e com elas o conceito moderno de história fundado na noção de progresso, derrubado por tais eventos. Os crimes do século XX — assassinatos em massa e indústrias da morte — deram origem a ondas de memória. Nesta o passado não passou, mas não nos ensina, nem passa de memória à história.

Segundo Franco Berardi<sup>633</sup> o futuro ainda fora imaginado de forma eufórica até 1968. Apesar das tragédias, guerras e massacres, imperava ainda uma fé na realização da razão do Novecento: o horizonte parecia brilhar para as vanguardas artísticas, mesmo que o caminho fosse pavimentado com sofrimento. De acordo com o autor, a partir dos anos 1970 se proliferou uma sensação de inexistência de futuro (“*No future*”) que se tornou senso comum nos anos 2000.

---

<sup>631</sup> HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 18-19.

<sup>632</sup> ARENDT, Hannah apud HARTOG, op. cit., p. 20-15.

<sup>633</sup> BERARDI, Franco. *Depois do Futuro*. São Paulo: UBU, 2019, p. 6.

Na modernidade de modo geral, os sujeitos e a projeção positiva do porvir formam uma unidade indivisível, ainda de acordo com Berardi. Estes viviam o tempo como esfera de progresso rumo à perfeição, ou a uma condição cada vez melhor. Para o autor, nós, tardomodernos, já não acreditamos no futuro como acreditaram os modernos, e esta crença foi lentamente rompida. Acreditar, aqui, tem tanto o sentido de atribuir existência quanto de ter confiança, como em uma entidade divina. O século XX acreditou no futuro pois acreditou na ciência que prevê e na política que decide e impõe. O horizonte de expectativas moderno é conhecível pois as tendências inscritas na história se desenvolvem segundo linhas de crescimento e porque as ciências podem formular leis de desenvolvimento da história humana. Ao final do século XX, a utopia perdeu forças e deu espaço a uma percepção distópica do porvir — iminente, inexorável, inevitável. A imaginação distópica, para a primeira década do século XXI, parece a única capaz de descrever o futuro, que escapa à capacidade de ação e compreensão humana<sup>634</sup>. É preciso notar que, quando falamos de uma imaginação temporal progressista e utópica moderna, não queremos dizer que antes do século XX não haviam narrativas que contradiziam o imaginário utópico, mas sim que esse imaginário exercia certo poder e certa influência muito maior antes do século XX, quando os eventos traumáticos começaram a corroer a narrativa progressista.

As expectativas desesperançosas e angustiadas de Orwell se constituíram em distopia, ou seja, em uma narrativa que projeta um futuro adoentado cuja função é nos alarmar para o possível porvir, caso determinada tendência contemporânea a obra prevaleça<sup>635</sup>. As distopias, como as utopias, partem da inquietação com o desajuste social e da reação crítica ao contexto. Ainda: “O futuro, ao potencializar-se como incógnita diante de novos períodos históricos, suscita reflexão sobre os caminhos pelos quais as sociedades podem se desenvolver”<sup>636</sup>. Assim sendo, os textos utópicos e distópicos tem valor nas suas expectativas, em seus graus de otimismo e pessimismo, e mais ainda em sua capacidade analítica. As utopias e

---

<sup>634</sup> Ibid., p. 18-109.

<sup>635</sup> HILÁRIO, op. cit., p 205-206.

<sup>636</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 25.

distopias acionam modalidades do imaginário humano que funcionam como crítica do presente e projeções do futuro concomitantemente<sup>637</sup>.

A utopia busca alternativas ao mundo que lhe é atual através de uma reestruturação social, econômica e/ou política, visando restaurar a comunidade e moldar seus projetos de futuro<sup>638</sup>. Ainda, o utopismo mantém relações com princípios éticos, os quais, partindo de um sistema de valores, acarretam o combate a vícios e funcionam como dispositivo regulador de comportamento nas sociedades. A partir de reflexões sobre atos coletivos e individuais que potencialmente desestabilizariam o fluxo de relações humanas, foram criadas idealizações referentes ao melhor modo de estruturar a sociedade<sup>639</sup>.

Em sua projeção de uma sociedade ideal, harmônica, pacífica e livre de perigos físicos, carências, frustrações, violências e injustiças, as utopias demandam estabilidade, por isso, para Isaiah Berlin, uma de suas principais características é a inércia: nada se altera nesta projeção e nada pode se alterar. A utopia estática pressupõe uma natureza humana inalterável e objetivos universais, comuns e fixos. Para atingir tais objetivos, a forma deste Estado perfeito e o modo como relações ideais entre seres humanos devem se dar, têm de ser cognoscíveis. Cada pergunta acerca das verdadeiras necessidades humanas e do Estado ideal deve ter uma resposta certa e apenas uma. Deve ser possível encontrá-la e todas as respostas corretas têm de ser, no mínimo, compatíveis para a formação de um todo harmônico – estes são os pressupostos do pensamento utópico, inclusive o Iluminista<sup>640</sup>.

No pensamento Iluminista acreditava-se que, por meio da análise, tese, comprovação e aplicação de princípios científicos sobre certo objeto de estudos — que neste momento seria o indivíduo e suas relações em sociedade — seria possível encontrar um denominador comum para os vícios que eram obstáculos para o ideal social harmônico. A crença moderna no progresso, ligada a noções evolucionistas e da filosofia da história, estava sob constante ameaça da degeneração. A evolução significava que a história natural das espécies não é fixa ou imutável. Sua direção poderia ser de ascensão de uma espécie, ou de seu

---

<sup>637</sup> PAVLOSKI, loc. cit.

<sup>638</sup> Ibid., p. 1-25; MARTINS, Ana Claudia Aymoré. *Morus, Moreau, Morel: a ilha como espaço da utopia*. Brasília: editora UNB, 2007, p. 17.

<sup>639</sup> BERLIN, Isaiah. *Utopia e felicidade imaginada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.13-14.

<sup>640</sup> Ibid., p. 31-33.

declínio. A possibilidade de que a população da Europa não fosse capaz de suportar as exigências da vida civilizada era preocupação da comunidade médica no século XIX e início do XX. Na década de 1890 havia mesmo um consenso crescente de que uma onda de degeneração varria a Europa, deixando um rastro de desordem manifesta no crime, alcoolismo, perversão moral, violência política e aumento da pobreza. A discussão acerca da degeneração frequentemente estava associada a teorias raciais que assumiam a superioridade do homem branco. Para Lombroso, a miscigenação racial era a origem da degeneração entre arianos<sup>641</sup>.

O homem moderno civilizado se encontrava no ponto de interseção entre dois processos revolucionários: a ascendência biológica dos macacos e o progresso como ser social. Ao final do século XIX as características atávicas e anti-sociais dos degenerados não se limitavam aos criminosos e desviantes, mas estavam impregnadas no próprio homem moderno. A ideia de que dentro de todo o indivíduo poderia haver uma fera dormente, que poderia sair a luz do dia, repentinamente, caso as condições se tornassem adversas, atormentava a imaginação liberal moderna. Representações desta degeneração apareciam nos romances policiais e histórias de horror na Inglaterra, como *O Médico e o Monstro* (1886) de Robert Louis Stevenson. Esse autor conclui que a civilização repousa na repressão do animal interno, conclusão parecida com aquela a qual Freud chegaria mais tarde<sup>642</sup>.

Durante o século XX a relação entre a posição projetista utópica e o controle, ou mesmo a eliminação de certos elementos sociais (muitas vezes considerados degenerados ou degenerativos), foi evidenciada. A crença no progresso se expressou nas concepções evolucionistas e da filosofia da história. O conceito de progresso secularizou esperanças e abriu o horizonte de expectativas. Ao tentar projetar no devir o futuro perfeito da sociedade, diversos pensadores criaram as utopias, partindo de análises racionais e mesmo científicas. O bem-comum guiava este pensamento, e para atingi-lo a retirada de liberdades ou direitos de sujeitos ou grupos poderia vir a ser necessária. A busca era por verdades universais que pudessem ser aplicadas aos mais diversos arcabouços sociais. Tal pressuposto desconsiderava que povos diferentes poderiam buscar fins diferentes. Se há tantos

---

<sup>641</sup> HERMAN, Arthur. *A ideia de decadência na História Ocidental*. Rio de Janeiro, editora Record, 2001, p. 120-126.

<sup>642</sup> Ibid., p. 125-132.



tipos de perfeições quanto tipos de culturas, cada uma com sua constelação de virtudes, então a própria noção de possibilidade de uma única sociedade perfeita é ilógica<sup>643</sup>.

A valorização de identidades culturais levava à contestação do ideal de uma sociedade universalmente perfeita. Esse foi um dos pontos a partir dos quais se proliferaram as distopias, críticas dos ideais utópicos por sua generalização dos desejos e vontades humanas. Daí, para Berlim, os protestos de Orwell, em *1984* (1949), Huxley, em *Admirável Mundo Novo* (1932), e Zamiatin, em *Nós* (1924), os quais pintavam quadros horripilantes de sociedades sem atritos, em que todas as diferenças entre seres humanos foram, tanto quanto possível, eliminadas e o padrão multicolorido de temperamentos, inclinações e ideais humanos foi reduzido à uniformidade, aprisionado em uma política que esmaga os sujeitos em nome de uma teoria monística de uma ordem perfeita e inerte<sup>644</sup>.

As sociedades descritas pelos utopistas visam uma imutabilidade a-histórica e a continuidade indefinida de seu presente, sendo impossível a visão de um futuro diferente do presente nestas narrativas. O custo da imutabilidade é a completa aniquilação dos elementos e indivíduos ligadas à mudança — ainda mais se esta mudança for na estrutura política do Estado ou no sistema econômico. Esta eliminação esteve presente em diversas utopias desde *A República*, de Platão, em que expressões individuais indesejadas (como cobiça, luxúria e agressividade) foram eliminadas por um forte processo educativo, marcado por um autoritarismo que coloca em xeque a liberdade, já que anseios particulares devem ceder ao projeto coletivo<sup>645</sup>.

Para Pavloski, essa mesma oposição entre liberdade individual e bem-estar coletivo se deu na *Utopia* (1516) de Morus, na *Nova Atlântida* (1627), de Bacon, na *Cidade do Sol* (1602), de Campanella etc. Nesses textos características relativas ao controle, autoritarismo, retirada de liberdades e uso tangente de força foram evidenciadas. O paraíso de uns pode ser o inferno de outros. Em resposta à pergunta “o que deve ser feito com aqueles que discordam ou destoam do universo perfeito?”, tais textos forçaram os sujeitos a abdicarem de liberdades em nome do

---

<sup>643</sup> BERLIN, op. cit., p. 44-45.

<sup>644</sup> Ibid., p. 48-49.

<sup>645</sup> MARTINS, op. cit., p. 52;

bem geral, ignorando e eliminando pluralidades. Ao se encontrar a sociedade ideal, nenhum preço pode ser caro demais para obtê-la. A busca e manutenção do regime ideal exige o expurgo de tudo o que é considerado ruim, mesmo que isso demande a aniquilação de alguns membros para a construção desse ideal. Para que o regime utópico seja possível, o controle não só é necessário, mas é obrigatório<sup>646</sup>.

A homogeneização de individualidades comumente é o preço a ser pago em benefício do grupo. A manutenção dessa uniformidade e igualdade demanda o controle do Estado. Tais características utópicas foram vistas como violências a serem combatidas pelos distopistas. A literatura distópica reage aos regimes totalitários, que apresentam esses elementos, e às utopias criando sociedades massificadas, totalitárias e tecnológicas, descrevendo e atualizando, na forma de paródia, o modelo totalitário latente nas utopias clássicas. A distopia é, portanto, antiautoritária e insubmissa, e suas narrativas buscam chamar atenção para problemas sociais, políticos e/ou econômicos, visando assombrar os leitores ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade dos indivíduos. Em sua estratégia, o romance distópico apresenta os ideais e práticas de seus adversários de modo a mostrá-los na sua pior forma, construindo uma denúncia e tentando engajar o leitor pelo choque<sup>647</sup>.

Apesar de muitas vezes serem anti-utópicas, as distopias não são o oposto das utopias, mas representações de sociedades adoentadas, anormais, em mal funcionamento. Surgindo como dispositivo de análise radical, observam como sociedades extremamente bem organizadas eliminam comportamentos desviantes e evidenciam uma postura autoritária moderna. Com o fechamento do horizonte de expectativas ocorreu a proliferação desse modelo narrativo em diversas mídias, a sociedade adoentada lentamente tornou-se um modelo de imaginação do futuro para séculos marcados pela ascensão da mecânica temporal presentista.<sup>648</sup>

---

<sup>646</sup> MARTINS, loc. cit.; PAVLOSKI, Evanir. 1984: A distopia do indivíduo sob controle. Ponta Grossa – PR: Editora UEPG, 2014, p. 47-48; BERLIN, op. cit., p. 24; FIGUEIREDO, op. cit., p. 334-335. Está leitura contemporânea das utopias, utilizando conceitos como autoritarismo, liberdade e pluralidade, tem como função evidenciar ao que a distopia se opõe e o modo como esta se relaciona com as utopias. O uso destes conceitos como ferramenta de análise destes textos, fora dessa discussão que parte da perspectiva distópica, tem seus problemas.

<sup>647</sup> MARTINS, op. cit., p. 24; HILÁRIO, op. cit., p. 205-206; SZACHI, op. cit., p. 116.

<sup>648</sup> SZACHI, op. cit., p. 116-117.

A distopia orwelliana é inquietante e o é, pois os leitores encontram nela não apenas a expressão de medos subjetivos do autor, mas também alguns dos piores temores que compõem nosso mundo político. Pavloski observa que Orwell atingiu uma parte do imaginário coletivo que nos parece latente até hoje, na primeira década do século XX: o medo de que a sociedade se transforme em algo semelhante a um cenário distópico continua a pairar sobre nós. Essa é uma das forças de *1984*, sua capacidade de tornar a leitura desconfortável. Perguntas como: em que medida esses sistemas políticos controladores deixaram de fazer parte do mundo contemporâneo? Em que medida seus resquícios ainda estão presentes? Quais os limites da agência humana numa sociedade disciplinar tão ferrenha quanto a Oceania? Seria possível resistência? Seria possível uma revolução? Quais os riscos vivemos em nossa sociedade hoje que poderiam nos levar neste caminho? Como impedir isso? O que podemos fazer? O que podemos mudar?, são levantadas pela obra. Os pesadelos do livro ultrapassam seus limites e invadem o universo do leitor<sup>649</sup>.

## 5.2. FUTURO TOTALITÁRIO

Com o fim da 2ª Guerra Mundial veio o fim das esperanças no surgimento de um novo partido socialista. A partir deste momento, Orwell, apesar das diversas desconfianças, passou a apoiar o Labour Party. O autor chegou mesmo a crer que o governo trabalhista poderia mover o país em direção ao socialismo, chegando a confrontar às elites no poder, mas a esperança não foi duradoura. O escritor notou que o governo do primeiro-ministro Clement Attlee (1945-1951) não iria abolir desigualdades de classes e que suas reformas não ameaçariam fundamentalmente a burguesia. Ele chegou a confrontar-se com o fato de que a classe trabalhadora que elegeu esse governo estava contente com a gestão, buscando apenas melhores acordos com as elites, em vez da derrocada destas de uma vez por todas. A partir destas interpretações Orwell continuou apoiando o governo trabalhista, mas sem considerá-lo como socialista, e seus prognósticos acerca do socialismo ficavam ainda mais sombrios. As diversas decepções do ensaísta potencializam seu

---

<sup>649</sup> PAVLOSKI, op. cit., p 27.

pessimismo e aumentavam seu receio de um futuro totalitário. Em contrapartida, o mesmo romance que deu forma aos receios do autor, 1984, foi aquele em que relembrou seus leitores da agência das classes trabalhadoras e sua capacidade de derrotar o Grande Irmão e criar um mundo melhor.<sup>650</sup>

Com a eleição do governo trabalhista em 1945, o autor alimentava expectativas de ataques à burguesia. Para ele, os primeiros passos seriam: a abolição da Câmara dos Lordes; a tomada das escolas públicas; e a retirada dos militares provenientes da alta burguesia dos cargos ocupados eles — assim como a retirada da burguesia dos mais múltiplos cargos públicos —, pois não fazia sentido ao autor a confiança do governo em lealdades com as quais não se poderia contar. No texto *Freedom of the Park*, publicado no *Tribune*<sup>651</sup> em dezembro de 1945, Orwell questionava o que aconteceria com os órgãos de repressão policial ingleses durante a gestão Attlee: seriam destruídos? Deixariam de perseguir a extrema esquerda? Nenhuma mudança lhe parecia estar ocorrendo. A imprensa estatal, com a BBC, continuava com seu aspecto reacionário<sup>652</sup>. Nesse momento, o autor começava a perceber que superestimava o radicalismo da nova gestão, contudo ainda mantinha esperanças, avaliando que seria pouco provável que um governo mantivesse inimigos de classe em cargos de confiança. Foi só perto de sua morte, em janeiro de 1950, que o autor assumiu publicamente seu desencanto com o governo trabalhista<sup>653</sup>.

Nessa etapa de sua carreira, Orwell também se envolveu com o Freedom Defence Committee, formado por: Herbert Read (presidente), Michael Tippet, E M Forster, Henry Moore, Bertrand Russell, George Woodcock, entre outros. Orwell se engajou no comitê assumindo o cargo de vice-presidente, dando um discurso público e doando grandes quantias à causa. Tais atividades ocuparam o autor de 1945 a 1949, quando o comitê foi dissolvido. O comitê em questão tratava da defesa da liberdade de expressão de intelectuais dos dois lados do Atlântico — nos Estados

---

<sup>650</sup> NEWSINGER, John. *Hope Lies in the Proles: George Orwell and the Left*. Northampton: Pluto Press, 2018, p. 23-24.

<sup>651</sup> Revista socialista democrática fundada em 1937 em Londres, com posicionamentos anti-stalinistas.

<sup>652</sup> ORWELL, Sônia; ANGUS, Ian, op. cit., 1968c, p. 40.

<sup>653</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 130-135.

Unidos e na Inglaterra — fazendo parte da resistência intelectual por um espaço independente durante a Guerra Fria<sup>654</sup>.

Em 1946, Orwell e Arthur Koestler estavam frustrados com o engessamento do Freedom Defence Committee, por isso criaram uma associação internacional chamada The League for the Freedom and Dignity of Man, cujo propósito seria a defesa de liberdades políticas e direitos sociais. Todavia, a associação em questão falhou em gerar interesse na esquerda, que estava intensamente dividida pelo conflito, que deixou de prestar atenção em projetos autônomos, para focar na ameaça de expansão da URSS ou na defesa e popularização do socialismo soviético<sup>655</sup>.

A lealdade de Orwell ao governo trabalhista e sua fé ingênua no seu potencial de confrontar às elites e de caminhar em direção ao socialismo democrático levou a autor a colaborações problemáticas com essa gestão e com seu órgão de espionagem e propaganda, o Information Research Department (IRD). John Newsinger narra que, em 1996 fora aberto o arquivo Foreign Office file FO 111/189, devido às leis patrimoniais inglesas, que estabelecem que certos arquivos governamentais sejam publicizados a cada 30 anos<sup>656</sup>. Dentre os dados revelados, foi levado ao público que não apenas Orwell permitiu o uso de seus últimos dois romances como propaganda anti-comunista, mas também entregou listas com nomes de autores que poderiam estar interessados em ajudar no combate ao stalinismo e autores que provavelmente não ajudariam, ou seja, autores que tinham laços com o movimento comunista.

Ainda, nesta relação de nomes, Orwell assinalou certos nomes como sendo de judeus e um dos nomes como sendo de alguém “ocasionalmente homossexual”, algo que era ainda crime na Inglaterra. Após entregar estes papéis, o autor pediu seu retorno à Celia Kirwan, escrevendo uma carta dizendo que “essa lista é bastante difamatória, ou caluniosa, ou seja lá que termo seja, então te peço que me retorne

---

<sup>654</sup> Ibid., p. 131; MCQUADE, op. cit., p. 130-131.

<sup>655</sup> MCQUADE, op. cit., p. 131-132.

<sup>656</sup> Detalhes sobre número do arquivo e a lei em questão foram retirados da seguinte reportagem: <<https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/george-orwell-snitch-list-reactionary-grass-blacklist-communists-information-research-department-ird-a8414066.html>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

sem falta”<sup>657</sup>. Segundo Newsinger as relações de nomes não causaram danos aos elencados ou as suas carreiras, contudo Orwell agiu como um delator durante o governo trabalhista tomando uma decisão gravíssima<sup>658</sup>.

Para Newsinger a colaboração de Orwell com o IRD<sup>659</sup> deveu-se a sua interpretação da URSS como fonte de uma ameaça totalitária ao socialismo democrático. Orwell não colaborou em defesa do capitalismo ou do imperialismo, mas da possibilidade de criação do socialismo democrático contra uma ameaça totalitária. Para o pesquisador, Orwell foi ingênuo e tolo em seu suporte à gestão Attlee, tendo falhado em perceber o anseio desse governo em proteger o Império Britânico. É difícil precisar o quanto Orwell realmente estava sendo ingênuo, ou o quanto outros motivos podem ter guiado esta ação, mas, como veremos adiante, suportamos a hipótese de que até o fim de sua carreira o escritor continuou lutando pelo socialismo democrático. *1984*, assim como a relação com o IRD, evidenciam quanto Orwell via o stalinismo como uma ameaça; ainda que equivocado quanto ao governo trabalhista, o autor não se enganava quando à brutalidade do regime soviético e sua perseguição à outras esquerdas<sup>660</sup>.

Para Newsinger, a disponibilização de sua obra como fonte para propaganda anti-stalinista foi ainda mais impactante do que as listas dadas ao IRD, pois o efeito desse acordo ultrapassou em anos sua morte, resultando na tradução e disponibilização de *1984* e *Animal Farm* numa amplitude de países e sua apropriação pela CIA. A única demanda de Orwell era que nenhuma editora associada ao fascismo poderia publicar os textos. Daí a ampla apropriação dos

---

<sup>657</sup> “this list is very libellous, or slanderous, or whatever the term is, so will you please see that it is returned to me without fail” (tradução nossa, ORWELL apud NEWSINGER, 2018, p. 126)

<sup>658</sup> Ibid., p. 112-126.

<sup>659</sup> Em 1948 o IRD foi criado como organização da gestão Attlee responsável por combater a propaganda comunista dentro e fora da Grã-Bretanha, abarcando a Europa e o Império Britânico, expondo a brutalidade do regime stalinista e promovendo o movimento trabalhista como um modelo alternativo. No momento em que Orwell contribuiu com o IRD, em maio de 1949, a instituição buscava recrutar opositores do stalinismo entre diversos intelectuais. Posteriormente a organização se desenvolveu no sentido de dar suporte ao imperialismo britânico e estadunidense, opondo-se não apenas à URSS, mas também aos movimentos de libertação nacional de diversos países que desafiavam a hegemonia ocidental. Newsinger (2018, p. 122-124) comenta que a importância desse órgão na promoção de ideais anticomunistas não poderia ser superestimada, tendo defendido os interesses do Império, bem como minado conflitos de classe dentro da Grã-Bretanha.

<sup>660</sup> Ibid., p. 126.

materiais de Orwell pela direita, movimento que vem ocorrendo nos Estados Unidos desde a Guerra Fria<sup>661</sup>.

\*\*\*\*\*

Segundo Bernard Crick<sup>662</sup>, desde 1940 George Orwell tinha como principal preocupação intelectual o totalitarismo e trabalhava com a hipótese de que o nazismo e o socialismo bolchevique iriam na mesma direção, eventualmente chegando a um “coletivismo oligárquico”.<sup>663</sup> Newsinger afirmou que em 1938 Orwell já trabalhava com essa hipótese na resenha escrita do livro *Assignment in Utopia*, de Eugene Lyon, em que se questiona acerca da “verdade sobre o regime stalinista [...]”. É ele socialista ou é um tipo peculiarmente vicioso de capitalismo de Estado?”<sup>664</sup>. O livro trata-se de um relato da URSS da perspectiva de um militante desiludido que deixou de apoiar a guerra de classes de modo geral, mas pelo qual Orwell sente confiança devido ao tempo passado dentro da URSS. Já nessa resenha foram abordados os Processos de Moscou, a fome na Ucrânia com seus milhões de mortos, e a perda de direitos trabalhistas tão básicos como o de greve. Orwell observava que o povo herdeiro da revolução estava sendo reduzido à uma situação:

[...] semelhante à servidão [...] todos vivem em constante terror de ser denunciado, liberdade de expressão e imprensa foram obliteradas numa extensão dificilmente imaginável. Há [...] alguns julgamentos monstruosos em que pessoas que estiveram na prisão por meses ou anos são subitamente arrastadas para fazer as confissões mais inacreditáveis, enquanto seus filhos publicam artigos dizendo ‘eu repudio meu pai, aquela serpente trotskista’. Enquanto um Stalin invisível é adorado em termos que fariam Nero corar<sup>665</sup>.

---

<sup>661</sup> Ibid., p. 127-128.

<sup>662</sup> CRICK, Bernard. *George Orwell*. London: 1992, p 388.

<sup>663</sup> “oligarchical collectivism” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 372)

<sup>664</sup> “the truth about Stalin’s regime [...] Is it Socialism or is it a peculiarly vicious form of state-capitalism?” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 333)

<sup>665</sup> “[...] resembling serfdom [...] everyone lives in constant terror of denunciation, freedom of speech and of the press are obliterated to an extent we can hardly imagine. There are [...] some monstrous state trial at which people who have been in prison for months or years are suddenly dragged forth to make incredible confessions, while their children publish articles in newspapers saying ‘I repudiate my father as a Trotskyist serpent’. Meanwhile the invisible Stalin is worshipped in terms that would have made Nero blush.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968a, p. 334)



Esta resenha foi publicada no periódico *New English Weekly* onde, em setembro do mesmo ano, 1938, Orwell publicou uma resenha do livro *The Communist International*, de Franz Borkenau. No livro o autor discute o quadro político internacional do momento e sugere que a única alternativa ao fascismo seria uma democracia liberal reformada, argumento com o qual o resenhista discorda, afirmando uma terceira alternativa: um movimento genuinamente revolucionário, disposto a fazer mudanças dramáticas e ao uso de violência se necessário, sem tocar nos valores essenciais da democracia.<sup>666</sup> Dois anos depois, em maio de 1940, Orwell resenhou, para a revista *Time and Tide*, outro texto de Borkenau, *The totalitarian enemy*. Nela, Orwell se preocupou com a proximidade entre stalinismo e socialismo demarcada por Borkenau: “Os dois regimes, que começaram por pontas opostas, estão evoluindo em direção ao mesmo sistema — uma forma de coletivismo oligárquico”<sup>667</sup>.

Para Orwell o pacto Nazi-Soviético era um abridor de olhos quando se tratava de compreender o totalitarismo e, conseqüentemente, o fascismo. Segundo o autor, este novo modelo oligárquico que surgia desses regimes se originava da traição da classe trabalhadora russa e da classe capitalista germânica. Da Revolução Russa, em vez do surgimento de uma economia coletivista que libertasse a humanidade, surgiu um tipo de oligarquia burocrática tirana. O texto tematiza ainda as chamadas campanhas de ódio, essas seriam ditadas pelas necessidades do momento, perseguindo trotskistas, ingleses, franceses, tchecos, democratas, fascistas ou marxistas conforme a demanda, não conforme uma ideologia ou valores do partido no poder<sup>668</sup>.

No texto *James Burnham and The Managerial Revolution*, publicado no *Polemic* em 3 de maio de 1946, Orwell discutiu interpretações do totalitarismo e o prognósticos do futuro de Burnham<sup>669</sup>. Ainda que discordando do autor em certos pontos, principalmente por esse parecer admirar o totalitarismo<sup>670</sup>, Orwell tem muitos pontos em comum com Burnham no que tange as suas previsões para o futuro. Além

---

<sup>666</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968a, p. 350; NEWSINGER, 2018, p. 60.

<sup>667</sup> “The two régimes, having started from opposite ends, are rapidly evolving towards the same system - a form of oligarchical collectivism.”(tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968b, p. 20)

<sup>668</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968b, p. 21.

<sup>669</sup> James Burnham, cientista político americano.

<sup>670</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968c, p. 169

disso, nos anos de 1930, Burham era trotskista e foi um dos fundadores da American Workers Party, que ocupava um lugar parecido com o ILP na velha esquerda estadunidense. Como Orwell, ele também tornou-se anticomunista, contudo, eventualmente este renunciou ao socialismo completamente e se moveu para a direita, apoiando medidas como uma guerra preventiva entre a URSS e os EUA, como veremos adiante<sup>671</sup>.

Em seu texto, Orwell afirmou que a principal tese do livro de Burham era que o capitalismo estava desaparecendo, mas não estava sendo substituído pelo socialismo, de modo que o que parecia estar emergindo era uma nova forma de sociedade planejada e centralizada, que não seria nem capitalista nem democrática. Os meios de produção destas sociedades estariam nas mãos dos dirigentes — que seriam burocratas, soldados, executivos e técnicos — os quais Burnham chama de “gerentes”. Estes indivíduos eliminariam a velha classe capitalista, esmagariam os trabalhadores, e organizariam uma sociedade em que todo o poder e privilégio econômico ficaria em suas mãos. A propriedade privada seria abolida sem o estabelecimento de propriedade comum. Ainda, a sociedade dos gerentes não teria uma pluralidade de estados independentes, mas sim grandes superestados agrupados sob centros industriais na Europa, Ásia e América. Estes superestados lutariam entre si pela posse dos territórios ainda não adquiridos, mas, provavelmente, não conseguiriam conquistar uns aos outros. Internamente cada sociedade seria hierárquica, com uma massa de cidadãos em estado de semi-escravidão<sup>672</sup>.

A semelhança dessa leitura com *1984* é notável. No romance Orwell narra, por meio do livro de Emmanuel Goldstein (personagem que remete à Trotski e é o símbolo da resistência ao governo), que no início do século XX a igualdade humana se tornava possível, não havendo, pelo desenvolvimento da tecnologia, necessidade para as distinções de classe. Embora continuasse necessário aos seres humanos realizar diferentes tarefas, já não o era que vivessem em níveis sociais ou econômicos diferentes. Portanto, para os novos grupos em vias de assumir o poder a igualdade não era um ideal a ser perseguido, mas sim um perigo a ser evitado. Nos anos 1940, conta o livro de Goldstein, todas as principais correntes de

---

<sup>671</sup> MCQUADE, op. cit., p. 330.

<sup>672</sup> Ibid., p.160-161

pensamento político eram autoritárias, os sonhos utópicos foram desacreditados no instante em que se tornaram praticáveis. Ainda, práticas que haviam sido abolidas por centenas de anos, retornaram e passaram mesmo a ser defendidas por pessoas consideradas esclarecidas — como prisões sem julgamento, escravização de prisioneiros, uso de reféns e deportação de populações inteiras. Burocratas, cientistas, técnicos, representantes sindicais, publicitários, sociólogos, professores, jornalistas e políticos profissionais compunham a nova aristocracia. Estas pessoas originárias das classes médias haviam sido moldadas e agrupadas por um mundo de monopólio industrial e de um governo centralizado<sup>673</sup>.

Essa nova elite, presente na análise de James Burnham e no romance de Orwell, é descrita pelo último como ainda mais faminta de poder em sua forma pura e mais ciente do que estavam fazendo, mais atentas à aniquilação da oposição. Por sua habilidade de colocar o cidadão completamente sob controle, esta nova liderança estava livre da preocupação com a opinião de seus súditos. Pela imprensa, rádio e outras mídias, poderia controlar a opinião pública. Com as televisões que poderiam simultaneamente transmitir e receber imagens e sons, as teletelas, todos os cidadãos passaram a estar sob vigilância. Era, assim, possível obrigar todos os cidadãos a observar estrita obediência às determinações do Estado e completa uniformidade de opinião sobre todos os assuntos<sup>674</sup>.

A base econômica dessa sociedade oligárquica de 1984 era o coletivismo, pois riqueza e privilégio são defendidos com maior eficácia quando são possuídos conjuntamente, de maneira que a chamada abolição da propriedade privada na verdade significou a concentração da propriedade em um novo grupo. Nenhum membro do Partido do Grande Irmão possuía nada individualmente, mas o Partido possuía tudo que havia nos seus domínios territoriais — o planeta Terra estava dividido entre três grandes blocos: a Oceânia, a Eurásia e a Lestásia. Na sua estrutura, a sociedade Oceânica tem no topo o Grande Irmão — infalível e todopoderoso, a quem todas as vitórias, descobertas científicas, felicidades e conhecimentos são devidas, ninguém jamais o viu e é pouco provável que um dia morra, sendo mais um símbolo ou uma emanção do poder do que uma pessoa —, seguido pelo Núcleo do Partido (com efetivo limitado a 6 milhões, 2% da população

---

<sup>673</sup> ORWELL, George, 1984. Sidney: Free E-books planet, sem ano, p. 257-258.

<sup>674</sup> Ibid., p. 258-260.

da Oceania), que funciona como o cérebro desse; pelo Partido Exterior, ou seja, as mãos do partido e, na base da pirâmide, estão os proles (85% da população). Ser membro de determinado estamento não está ligado à situação hereditária, tampouco a qualquer discriminação racial, mas sim de exames prestados aos 16 anos. Ainda, o domínio do partido não precisa ser físico, desde que houvesse uma persistência de determinada visão de mundo e de certo estilo de vida imposto dos mortos aos vivos, o domínio oligárquico continua possível. O grupo dominante continua dominante enquanto puder determinar seus sucessores, não sendo preciso a transmissão hereditária do poder<sup>675</sup>.

Para Ingle<sup>676</sup> e Marks<sup>677</sup>, o livro *Managerial Revolution*, de James Burnham, teve profunda influência na forma como Orwell imaginou o futuro retratado em *1984* e o que considerou como expectativa a ser combatida. Entre outras coisas, o livro ajudou a teorizar a Oceania, onde se passa o romance, e Orwell foi convencido pelas previsões de futuro de Burnham, acreditando que mudanças estavam sendo efetuadas por novas elites que buscavam substituir a velha classe dominante. Burnham previa que o capitalismo seria substituído, não pelo socialismo, mas por uma forma de economia planejada e centralizada. Previa ainda uma geopolítica constituída de três grandes blocos dividindo o poder, a URSS se dividiria em duas, a parte ocidental seria dominada pela Alemanha, formando a Eurásia, a Sibéria seria adicionada a Lestásia e o terceiro poder, sob o domínio da América do Norte, seria a Oceania.

Contudo, certas compreensões de Burnham foram criticadas por Orwell, como a noção de que por trás de ideais de fraternidade, igualdade e democracia haveria apenas sede de poder. Segundo Orwell, Burnham argumenta que a democracia nunca existiu e que não existirá, pois, a sociedade é naturalmente hierárquica e todo o poder das oligarquias se baseia em fraude e força. Para Burnham, toda a mudança histórica pode ser reduzida à substituição de uma classe no poder por outra, e toda a discussão sobre liberdade, igualdade, fraternidade, toda utopia e luta por sociedades sem classe, não faria mais que cobrir, conscientemente ou não, as ambições de uma nova classe que busca ascender ao poder. Bolcheviques,

---

<sup>675</sup> Ibid., p. 260-265.

<sup>676</sup> INGLE, op. cit., p. 117.

<sup>677</sup> MARKS, op. cit., p. 167-168.

jacobinos, puritanos ingleses etc., são grupos que buscavam usar as esperanças das massas para alcançar posições de poder para si.

Acerca destas posições, Orwell critica a compreensão de Burnham segundo a qual a política de todos os períodos poderia ser interpretada como repetição da mesma coisa, ou seja, da luta por poder. Para Orwell era óbvio que seres humanos têm outros impulsos refletidos na política que não são egoístas, sendo o humano um animal que pode agir moralmente como indivíduo, mas se perde quando se torna massa, pois esta última tem aspirações vagas acerca da fraternidade e liberdade. A compreensão de Burnham, segundo a qual os indivíduos não desejam igualdade, mas sim oligarquia, também é criticada por Orwell, que estranha o fato de Burnham não se perguntar por que as pessoas lutam por poder. Para Orwell, compreensões da sede de poder como natureza humana ou lei social inexorável, fazem do socialismo algo impossível e não passam de projeção do passado no futuro. A ele interessava saber por que, naquele momento, a sede de poder tornava-se um motivo tão forte, no mesmo momento em que o domínio do homem sobre o homem se tornava desnecessário devido às máquinas<sup>678</sup>.

Para Burnham o capitalismo estava condenado, e o socialismo era apenas um sonho. Esta mudança, que Burnham chama por revolução dos gerentes, já estava acontecendo para o autor. Orwell nota que esta teoria não é nova e já foi veiculada em outros livros, como *The Servile State* (1911) de Hilaire Belloc<sup>679</sup>, e obras de literatura como *The Iron Heel* (1909), de Jack London, *The Sleeper Awakes* (1900), de H. G. Wells, *Nós* (1924), de Zamiatin, e *Admirável Mundo Novo* (1930) de Aldous Huxley — romances que, na leitura de Orwell, descrevem o capitalismo sendo dissolvido sem que a liberdade, igualdade e felicidade fossem atingidas<sup>680</sup>.

Orwell afirmou que as interpretações de Burnham do que ocorria são “extremamente plausíveis, para dizer o mínimo”<sup>681</sup>, e que os eventos ocorridos na URSS nos últimos quinze anos poderiam ser muito melhor explicados dessa maneira do que de qualquer outra, pois “evidentemente a URSS não é socialista, e só pode ser chamada por socialista se dermos à palavra um significado diferente do

---

<sup>678</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968c, p. 161-178.

<sup>679</sup> Escritor e historiador britânico.

<sup>680</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968c, p. 163.

<sup>681</sup> “Burnham's theory is extremely plausible, to put it at the lowest.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 165)

que teria em qualquer outro contexto”<sup>682</sup>. Orwell assume que Burnham provavelmente exagera, porém lhe parece certo que ocorria uma mudança no sentido da economia planificada com uma nova oligarquia no poder. Por outro lado, ainda poderia ser questionado se a queda do capitalismo (que lhe parecia evidente) daria espaço para a ascensão destas oligarquias ou de uma “verdadeira democracia”<sup>683</sup>.

Neste texto, Orwell volta a afirmar que o socialismo centralizado corre o risco de se desenvolver no sentido de uma ditadura oligárquica. E que lhe preocupa os socialistas ortodoxos não verem este risco. Para o autor, é problemático observar a proliferação da noção segundo a qual industrialismo significa monopólio e monopólio significa tirania, que para esse estaria presente tanto na URSS quanto no nazismo e fascismo. Assim o escritor observa que o socialismo:

[...] até recentemente, supostamente deveria significar democracia política, igualdade social e internacionalismo. Não há o menor sinal de que nenhum desses elementos está a caminho de ser estabelecido em nenhum lugar, e o grande país em que algo como revolução proletária aconteceu, a URSS, se moveu firmemente para longe do antigo conceito de sociedade livre e igualitária que mira na fraternidade humana universal<sup>684</sup>.

Neste mesmo sentido, Orwell citou outro trabalho de James Burnham na mesma resenha, o artigo *Lenin's Heir*, publicado no *Partisan Review* em 1944. Neste texto Burnham afirma que Stalin não foi um traidor da herança de Lênin, mas sim seu verdadeiro e legítimo guardião, já que meramente continuou em caminhos que estavam implícitos nas políticas adotadas por Lênin. Para Orwell, esta interpretação parece mais fácil de acreditar do que a afirmação trotskista de que poderia ter sido completamente diferente se Trotsky ou Lênin tivessem se mantido no poder. Este afirmou: “não há forte motivo para pensar que as principais linhas de desenvolvimento seriam diferentes. Muito antes de 1923 as sementes da sociedade

---

<sup>682</sup> “Evidently the USSR is not Socialist and can only be called Socialist if one gives the word a meaning different from what it would have in any other context.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 165)

<sup>683</sup> “true democracy” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 165)

<sup>684</sup> “[...] until recently, was supposed to connote political democracy, social equality and internationalism. There is not the smallest sign that any of these things is in a way to being established anywhere, and the one great country in which something described as a proletarian revolution once happened, i.e. the USSR, has moved steadily away from the old concept of a free and equal society aiming at universal human brotherhood.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 164)

totalitária estavam bem plantadas”<sup>685</sup> e se Lênin tivesse vivido “é provável que ele tivesse sido descartado, como Trotsky, ou teria se mantido no poder por métodos bárbaros, quase tão bárbaros como os de Stalin.”<sup>686</sup>

Orwell nota que é necessário expor como as políticas de Stalin dão continuidade às de Lênin para sustentar este argumento, mas não o faz. Por fim, Burnham prevê que a URSS conquistará toda a Eurásia e mais, e que a forma “gerencial” de sociedade está destinada a vencer. Para Orwell estas teorias não só ainda têm de ser provadas, mas são apocalípticas: classes e sistemas sociais são descritos como expandindo, contraindo-se, decaindo, dissolvendo, ruindo, desmoronando e, de modo geral, portando-se de modo instável e melodramático.<sup>687</sup>

Ainda assim Orwell acreditava que Burnham estava mais certo que errado sobre o presente e passado imediato, e que por quase 50 anos estaria havendo uma mudança em direção às oligarquias. A crescente concentração de poder financeiro e industrial, a redução da importância do capitalista individualmente e dos acionistas, o crescimento desta classe de gerentes (composta por cientistas, técnicos e burocratas), o enfraquecimento do proletariado contra o Estado centralizado, o crescente desamparo de pequenos países perante grandes, a decadência das instituições representativas e o aparecimento de regimes monopartidários policialescos baseados no terror e em plebiscitos falsos, tudo isso apontava na direção a teoria de Burnham para Orwell.<sup>688</sup>

Além disso, Orwell critica a concepção de Burnham segundo a qual na história há sempre uma questão de justiça de quem e para quem, pois uma nova classe social no poder, ou uma nova ordem social, quebra antigos códigos morais e instituições políticas e econômicas, portanto, para o velho ponto de vista a nova elite é monstruosa. Essa interpretação é questionada por Orwell, o qual afirma que segundo esta análise tudo pode ser certo ou errado dependendo dos desígnios da classe dominante, ignorando a existência de certas regras de conduta que precisam

---

<sup>685</sup> “Actually there is no strong reason for thinking that the main lines of development would have been very different. Well before 1923 the seeds of a totalitarian society were quite plainly there.”(tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 168)

<sup>686</sup> “it is probable that he would either have been thrown out, like Trotsky, or would have kept himself in power by methods as barbarous, or nearly as barbarous, as those of Stalin.”(tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 168)

<sup>687</sup> Ibid., p. 170-174.

<sup>688</sup> Ibid., p. 174-176.



ser respeitadas para que a vida em sociedade seja possível. A posição de Burnham não vê erros nos crimes cometidos pelo Nazismo, já que, como nova classe dominante, os nazistas designam novas noções de certo e errado, as quais não são sustentadas por ética, mas por poder puramente. Mesmo as condutas da URSS levariam à guerra atômica e destruição, pois um estado de coisas baseado em uma ampla camada social presa à semi-escravidão não duraria, já que a escravidão não serve mais de base à sociedade humana.<sup>689</sup>

Ainda que Orwell discorde em pontos com as conclusões e previsões de Burnham, a noção de guerra infinita entre grandes Estados foi apropriada por 1984, assim como a imagem de um futuro pós-capitalista e pós-socialista composto por Estados erigidos sobre o trabalho escravo e o culto ao líder. Mesmo o título do livro de Emmanuel Goldstein tem aproximações com esta leitura: *Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico*. Como já dito, essa interpretação das expectativas políticas também tem proximidades com as distopias de Jack London e Zamiatin, textos citados por Orwell em outras publicações. Para Marks<sup>690</sup>, as leituras de Burnham do futuro serviram como uma planta do Estado totalitário narrado por Orwell em 1984.

No texto de Orwell, *Burnham's View of the Contemporary World Struggle*, este chegou a afirmar que *The Managerial Revolution* lhe parecia uma boa descrição do que estava acontecendo em várias partes do mundo, mas Burnham vai longe demais ao interpretar que, porque ocorria um movimento em direção à Estados oligárquicos altamente organizados, “nada mais *poderia* acontecer e o novo, fortemente costurado, Estado totalitário deveria ser mais forte que as democracias caóticas”<sup>691</sup>.

O texto *James Burnham and The Managerial Revolution* recebeu uma resposta beligerante de Burnham, que acusava Orwell de não ter lido o livro e, por isso, de ter feito leituras incorretas. Orwell respondeu declarando que todos poderiam ser profetas se pudessem alterar as profecias depois dos eventos, e assim foi finalizada a discussão entre os autores até a publicação do texto *Burnham's View*

---

<sup>689</sup> Ibid., p. 180.

<sup>690</sup> MARKS, op. cit., p. 167.

<sup>691</sup> “nothing else *could* happen, and the new, tightly-knit totalitarian state must be stronger than the chaotic democracies.” (tradução nossa, grifo nosso, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 324)

*of the Contemporary World Struggle* por George Orwell, em 29 de março 1947 (três anos depois) no jornal *New Leader*, de Nova York.

Nesse texto, Orwell discutiu o impacto da bomba atômica nas compreensões políticas de Burnham, o qual passa a prever a ocorrência de outra grande guerra em cinco ou dez anos em seu novo livro: *The Machiavellians* (1943). Para Orwell a Terceira Guerra Mundial já estava ocorrendo desde 1944, tendo de um lado os Estados Unidos e de outro, a URSS. Nesse sentido, Burnham buscava incentivar os EUA a colonizar tudo o que pudesse antes que o comunismo avançasse e, para tanto, deveria garantir a posse exclusiva de armas atômicas<sup>692</sup>.

Nas concepções de Burnham, o comunismo não se refere tanto a Rússia, ou ao movimento político, mas a uma conspiração mundial em busca da captura do poder, a qual visa estabelecer sistemas similares ao soviético por onde passa. Ou seja, um coletivismo em que, na verdade, o poder está concentrado em um pequeno grupo enquanto o resto da população é forçada a trabalhar em regime análogo à escravidão, e em que os inimigos reais e imaginários são perseguidos através do terrorismo. Ainda, todas as atividades dos comunistas seriam, para Burnham, dirigidas à guerra. Contra esta ameaça comunista Burnham pede uma guerra preventiva<sup>693</sup>.

Indo na direção oposta ao seu livro anterior, na obra *The Machiavellians*, Burnham defende a democracia estadunidense — na obra anterior ele afirmava que a democracia não funcionava, não era desejada pelas massas, e que o mundo seria dominado por três potências totalitárias beligerantes. No novo livro, Burnham decide apoiar a civilização ocidental e, para isso, todas as forças disponíveis deveriam se alinhar sob a bandeira anticomunista, ou seja, um programa conservador apelando ao amor a liberdade e a decência, segundo Orwell<sup>694</sup>.

Acerca desse livro, Orwell repete seu posicionamento de que Burnham é muito ligado a visões apocalípticas e acredita muito rapidamente que processos históricos confusos ocorrerão repentina e logicamente. Orwell questiona a leitura de Burnham e sua proposta de guerra preventiva; para ele, Burnham não apenas

---

<sup>692</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968c, p. 314.

<sup>693</sup> Ibid., p. 315-316.

<sup>694</sup> Ibid., p. 317.

exagera em suas leituras, mas apoia medidas autoritárias e violentas. Sua proposta de solução para a situação política daquele momento era o socialismo democrático:

Enquanto isso há outra solução, que é ao menos pensável, e que Burnham dispensa quase sem mencioná-la. Esta é, em um lugar ou outro — não na Noruega ou Nova Zelândia, mas em alguma grande área —, fazer o socialismo democrático funcionar. Se alguém pudesse apresentar em algum lugar o espetáculo da segurança econômica sem campos de concentração, o pretexto da ditadura russa desapareceria e o comunismo perderia seu apelo. Mas as únicas áreas possíveis seriam a Europa mais a África<sup>695</sup>.

O projeto um tanto megalômano e improvável do autor é visto como possível apenas se as pessoas realmente o quiserem, se houvesse dez ou vinte anos de paz e se os socialistas britânicos trabalhassem sobre a ideia, o que mesmo Orwell vê como improvável<sup>696</sup>.

No ensaio *Toward European Unity*, publicado na *Partisan Review*, na edição de julho-agosto de 1947, ele assume uma postura bem menos esperançosa. Numa abordagem sistemática, o escritor apresentou o socialismo como um médico tentando curar um paciente num caso “sem esperanças”<sup>697</sup> e apresentou três possíveis futuros ao leitor: 1) os americanos usarão bombas nucleares antes dos russos conseguirem construir as suas, pondo fim no que viemos a chamar de Guerra Fria; 2) A Guerra Fria vai continuar até mais e mais nações se armarem com bombas atômicas, depois disso virá uma guerra nuclear que eliminará a população humana; 3) essa guerra nuclear não ocorrerá e três superestados emergirão, governados por elites que arrancarão totalmente as liberdades de seus cidadãos, excedendo qualquer coisa que o mundo já tenha visto. A última projeção seria a pior e a que origina 1984<sup>698</sup>.

O único meio de evitar tal futuro seria a construção dos Estados Unidos da Europa socialista. Orwell observou que, na América do Norte a população estava contente com o capitalismo; na URSS a minoria no poder não abandonaria o

---

<sup>695</sup> “Meanwhile there is one other solution which is at any rate thinkable, and which Burnham dismisses almost unmentioned. That is, somewhere or other—not in Norway or New Zealand, but over a large area—to make democratic Socialism work. If one could somewhere present the spectacle of economic security without concentration camps, the pretext for the Russian dictatorship would disappear and Communism would lose much of its appeal. But the only feasible area is western Europe plus Africa.” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 322)

<sup>696</sup> Ibid., p. 322.

<sup>697</sup> “hopeless” (tradução nossa, ORWELL; ANGUS, 1968c, p. 370)

<sup>698</sup> ORWELL; ANGUS, op. cit., 1968c, p. 370-371; MARKS, op. cit., p. 176.

coletivismo oligárquico pelo socialismo democrático a não ser que fosse obrigada; na Ásia as ideias de socialismo pouco tinham penetrado, e o mesmo se dava com a América do Sul, a África e o Oriente Médio. O ensaísta afirmou “no presente todos os movimentos entre pessoas de cor são tingidos pelo misticismo racial”<sup>699</sup>, mas o que isto significa e como impacta o socialismo não é algo que Orwell explique. Mas a questão que escritor busca responder é por onde começar um novo regime socialista, e sua resposta é pela Europa ocidental sem suas colônias, pois é o único lugar que este imagina que poderia se tornar socialista antes de uma guerra atômica<sup>700</sup>.

As dificuldades a serem enfrentadas por este projeto seriam várias, a começar pela apatia e o conservadorismo das populações, desinformadas dos perigos que correm e inaptas para imaginar algo novo. Em seguida, viriam as relações econômicas das quais europeus dependem para a manutenção de seu padrão de consumo e que não são compatíveis com o socialismo, ou seja, a exploração imperialista. A população da Europa Ocidental teve maiores padrões de vida graças à exploração de outras populações, o que produziria um resultado problemático, pois, uma vez que a revolução ocorresse e as colônias ficassem livres, o padrão de vida europeu cairia. Orwell ressalta que estas nações europeias devem deixar de explorar outros países quando constroem o socialismo em seu território, logo, o primeiro passo para a construção de uma Federação Socialista Europeia seria a Grã-Bretanha deixar a Índia.

A seguir viria o risco representado pela falta de cooperação da Rússia e possível hostilidade através de guerra preventiva e sabotagem. Além disso, haveria o risco de as esquerdas continuarem a defender o mito soviético. Os Estados Unidos, pressionando as colônias e a coalizão europeia devido à perda de mercados, constitui outro perigo. O último risco era representado pela Igreja Católica, que faria todos os esforços possíveis para capturar e esterilizar qualquer movimento em direção a união da Europa. Para Orwell, a Igreja Católica européia possuía um conservadorismo reacionário que não era ligado ao *laissez-faire* capitalista e não pereceria com o sistema de classes capitalista, sendo plenamente

---

<sup>699</sup> “and at present all movements among the coloured peoples are tinged by racial mysticism.” (ORWELL, 1968c, p. 372)

<sup>700</sup> Ibid., p.372-375.

capaz de aceitar o socialismo. Tal representa um risco ao próprio socialismo, pois esta seria uma forte organização contrária à liberdade de pensamento e expressão, à igualdade e a organizações preocupadas com a promoção de felicidades mundanas<sup>701</sup>.

Devido às limitações de espaço do periódico, Orwell não pode rascunhar como funcionaria esta federação europeia, optando por apontar as dificuldades que enfrentaria. Ao fim do texto, Orwell observou que era difícil prever que outras mudanças poderiam ocorrer na URSS e nos Estados Unidos nos próximos anos, e que o futuro poderia ser melhor do que o imaginado. Contudo, retorna a sua previsão do pior cenário, em que três superestados inconquistáveis batalham uns contra os outros, sendo que apenas a porção Anglo-americana poderia ter uma vida tolerável por suas tradições liberais. Ainda que tudo isso fosse apenas especulação, “a perspectiva real, até onde consigo calcular as probabilidades, é muito sombria, e qualquer pensamento sério deve começar com esse fato”<sup>702</sup>.

Apesar da superficialidade do texto e das especulações, o ensaio termina com questões e leva o leitor a levantar ainda mais perguntas acerca das complexas possibilidades de futuro. Embora perseguindo um argumento obstinado e de baixa probabilidade de realização, o texto lançado pouco antes do envio do primeiro rascunho de 1984<sup>703</sup> reitera os anseios socialistas de Orwell, sua admiração a certos valores liberais e seu receio com relação ao futuro. Havia um ideal político positivo pelo qual o autor lutava e este ideal era de um socialismo sem um Estado hiper-centralizado<sup>704</sup>.

\*\*\*\*\*

É recorrente a crítica de que, em seu antitotalitarismo, Orwell enfatizou seu receio ao stalinismo e pouco falou de Hitler. Essa crítica, até certo ponto, é verdadeira, pois após 1945 o nazismo pouco preocupou o autor, e seu foco foi esmagadoramente concentrado no stalinismo, seus crimes e seus apologistas.

---

<sup>701</sup> Ibid., p. 372-374.

<sup>702</sup> Ibid., p. 375.

<sup>703</sup> Terminada em novembro de 1947, pouco antes do autor ficar severamente doente, em dezembro do mesmo ano.

<sup>704</sup> MARKS, op. cit., p. 177.

Contudo a acusação de negligência com a temática fascista e nazista ignora a presença destas discussões em escritos de Orwell desde 1936, quando de sua viagem a Wigan, bem como seu alistamento nos fronts antifascistas. Além disso, John Newsinger<sup>705</sup> nos lembra que durante a 2ª Guerra Mundial o escritor tentou se alistar para combater o nazismo e, não sendo aceito por ter sido ferido na Espanha, atuou como propagandista na BBC.

Em diversas ocasiões já citadas o autor demonstrou este engajamento. Quando esteve em Wigan, o autor presenciou uma reunião da British Union of Fascists (BUF), registrando em seu diário seu desconforto com o discurso de Mosley, bem como o tratamento brutal dado pelos fascistas àqueles que discordavam de seus posicionamentos ou atrapalhavam a fala de Mosley vendendo algo. Posteriormente, em *The Road to Wigan Pier*, o autor abordou questões sobre o que atrai as classes médias ao fascismo, enfatizando a urgência do problema e o quão importante seria a esquerda agir para atrair este estamento. Ainda, depois de seu retorno da Espanha, Orwell assumiu uma luta pela memória dos companheiros apreendidos e torturados pela NKVD. Além disso, em 1940, Orwell publicou uma resenha de *Mein Kampf* de Hitler, na revista *New English Weekly*. Nesta, afirma que o programa revelava um império de seres sem cérebro em que nada acontece exceto o treinamento de jovens para a guerra e a infinita produção de novos soldados. Hitler apelava à uma necessidade da masculinidade de luta e auto-sacrifício, não apenas de baterias, bandeiras e paradas. Para o autor, era necessário que o socialismo levasse em consideração este apelo<sup>706</sup>.

Newsinger<sup>707</sup> notou que, ainda que Orwell considerasse o nazismo como algo excepcionalmente malévolo, responsável por crimes sem paralelo e “definitivamente pior que o imperialismo britânico, que tem crimes o bastante de sua própria autoria pelos quais responder”<sup>708</sup>, o escritor foi acusado de pouco tratar do anti-semitismo em seus escritos. Para Newsinger, isso se deve ao fato de que Orwell cresceu em um ambiente em que um baixo nível de anti-semitismo era visto como aceitável e ele mesmo se utilizou de estereótipos anti-semitas em várias ocasiões. No livro

---

<sup>705</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 52.

<sup>706</sup> Ibid., p. 52-54.

<sup>707</sup> Ibid., p. 64-66.

<sup>708</sup> “It is definitely worse than British Imperialism, which has plenty of crimes of its own to answer for” (tradução nossa, ORWELL apud NEWSINGER, 2018, p. 65)

testemunhal *Down and Out in Paris and London*, o autor apresentou um personagem russo exilado, chamado Boris. Este ex-oficial conta a Orwell da exclusão de judeus de cargos no exército russo, bem como discorre acerca da natureza do caráter judeu num diálogo antissemita de que Orwell fez parte contando de sua briga com um lojista judeu e sua falta de confiança nestes homens.

De acordo com Newsinger, Orwell abandonou esses discursos após a ascensão de Mosley e Hitler. Quando trabalhou na BBC, o escritor denunciou diversas vezes a perseguição aos judeus na Alemanha nazista. No dia 12 de dezembro de 1942, o radialista narrou que o governo exilado da Polônia revelou dados do massacre de judeus no país: mais de um milhão de pessoas haviam sido mortas ou morrido de fome. A seguir, Orwell afirmou que estes fatos “trazem à tona a natureza do fascismo, a coisa mesma contra a qual estamos lutando.”<sup>709</sup> Este foi apenas um dos programas levados ao ar tratando do Holocausto.

Somado a esse esforço, Orwell discutiu o anti-semitismo em suas *London Letters* ao *Partisan Review*. Nessas, o correspondente observou que o anti-semitismo vinha se tornando um problema crescente na Inglaterra desde 1943. Ainda que, para ele, não fossem ocorrer nenhum pogrom no país, a disseminação do anti-semitismo causava desinteresse popular no problema dos refugiados. O escritor conta que não apenas havia uma parte da população, em números crescentes, desinteressada no acolhimento dos refugiados, como um hábito de ignorar as discussões sobre os guetos e de negar os assassinatos em massa que ocorriam na Europa Oriental. Por outro lado, durante a Guerra Fria foram feitos esforços de resgate de judeus na Inglaterra, dos quais Orwell não participou. Em 1943, Eleanor Rathbone MP, William Beveridge e Victor Gollancz criaram o National Committee for Rescue from Nazi Terror (NCRNT)<sup>710</sup>.

Para Newsinger, Orwell não dava centralidade à questão antissemita pois não possuía as ferramentas intelectuais adequadas para compreender o que ocorria. Para o escritor, o Holocausto parecia com um grande pogrom, em vez de um novo tipo de fenômeno, com sua enormidade particular. Ainda algo que não era sabido na época era que a gestão trabalhista de Attlee, depois da guerra, estava determinada

---

<sup>709</sup> “brings home to us the nature of Fascism, the thing we are fighting against.” (tradução nossa, ORWELL apud NEWSINGER, 2018, p. 67)

<sup>710</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 67-69



a manter os sobreviventes do Holocausto fora da Grã-Bretanha, enquanto recrutava mais de duzentos mil europeus do leste para trabalhar e viver no território, incluindo oito mil ex-soldados ucranianos da SS<sup>711</sup>.

### 5.3. 1984: A HISTÓRIA DE UM IDEACRIMINOSO

*Animal Farm* e *1984* foram os livros que tornaram George Orwell conhecido. O primeiro trata-se de uma fábula, em que os animais de uma fazenda se revoltam contra o proprietário, organizam uma revolução, tomam o poder e reordenam sua sociedade. Contudo, os porcos assumem cargos de chefia e vão gradualmente se tornando uma nova classe dirigente autoritária. Trata-se de uma alegoria da Revolução Russa e suas falhas. Já *1984* é uma distopia, em que um protagonista tenta resistir à opressão de um regime totalitário policaresco em um mundo dividido em três grandes blocos beligerantes. Pouco após a publicação de *1984*, Orwell morreu de tuberculose, já estando gravemente doente durante a escrita do romance.

Depois de sua morte surgiu um mercado interessado em seus textos culturais e políticos.<sup>712</sup> Para Peter Marks<sup>713</sup> a morte prematura de Orwell teve grande papel na sua ascensão à fama. O fato de que o autor não mais escreveria, chamava a atenção ao que já havia sido publicado, criando uma demanda da publicação de coleções conforme *1984* se popularizava.

Como já dito, após sua morte estes dois romances foram amplamente disseminados como propaganda anti-comunista por agências governamentais, principalmente estadunidenses. A distribuição e manipulação da recepção do romance nos Estados Unidos ficou sob responsabilidade da CIA, associada ao IRD, essa primeira incentivou a leitura de que *1984* como uma obra anti-socialista. Algo que Orwell repetidamente contra-argumentou em seus últimos meses de vida: “Meu romance recente não pretende ser um ataque sobre o socialismo ou sobre o Partido Trabalhista Britânico (do qual sou um defensor)”<sup>714</sup>. Marks nota que o clima de guerra fria cultural que direcionou muito a leitura do romance nos EUA era diferente

---

<sup>711</sup> Ibid., p. 70-71.

<sup>712</sup> BOUNDS, op. cit., p. 14.

<sup>713</sup> MARKS, op. cit., p. 198.

<sup>714</sup> “My recent novel is not intended as an attack on socialism or on the British Labour Party (of which I am a Supporter)” (tradução nossa, ORWELL, 1968c, p. 502)

do clima inglês, em que o texto era mais facilmente reconhecido como um ataque especificamente ao totalitarismo<sup>715</sup>.

Além de escritos com objetivos antitotalitários, ambos os textos buscavam disseminar conteúdo político para um grande público. Esta postura reflete um projeto que vinha sendo levado por Orwell por ao menos três anos, tempo em que o escritor vinha se dedicando a popularização dos trabalhos de outros escritores na sessão indiana da BBC. Entre 1941 e 1943, o autor trabalhou numa série de programas de rádio informativos tratando de literatura inglesa. Depois disso Orwell passou dois anos como editor literário do *Tribuna*, buscando trazer ensaios de escritores ingleses numa linguagem acessível aos membros do Labour Party. Em 1945 Orwell publicou um panfleto intitulado *Poetry and the Microphone*, em que argumentava que a tecnologia do rádio poderia transmitir poesia para uma audiência massiva<sup>716</sup>.

De 1945, com seu afastamento da BBC, até 1950, quando morreu de tuberculose, Orwell se dedicou à compreensão do totalitarismo e a encontrar uma forma artística de discutir política nos seus romances. Destes esforços, surgem as obras citadas. Seu enfoque do totalitarismo tem relação com suas interpretações do presente e suas expectativas sombrias do futuro. A partir da 2ª Guerra Mundial, o escritor começou a publicar textos em que expressava seu temor pela democracia sob o risco totalitário, assumindo como certeza que o capitalismo seria abolido, mas não seria substituído pelo socialismo, mas por coletivismos oligárquicos. Suas previsões mais desesperançosas incluíam a emergência de três grandes blocos — um dominado pela URSS, outro pelos EUA e outro pela China ou Japão — sob regimes ditatoriais e economicamente tão desiguais quanto o capitalismo. Esses se ocupariam em guerras infinitas, mas sem nunca conquistar um o outro e sem o intento de conquista militar, pois seu objetivo seria o controle político<sup>717</sup>.

Esta interpretação está presente em *1984*. O romance aborda o controle estatal sobre as vidas e mentes dos seres humanos, a adulteração da linguagem, a supressão da individualidade a serviço de um regime político, a cultura totalmente transformada em propaganda, a corrupção dos órgãos burocráticos, a falta de alimento e bens de consumo, o trabalho alienante, a guerra e seus impactos sobre

---

<sup>715</sup> MARKS, op. cit., p. 198-199.

<sup>716</sup> BOUNDS, op. cit., p. 130.

<sup>717</sup> Ibid., p. 15.

os mais pobres, o puritanismo moralista, a despreocupação com os pobres, a tortura, a reescrita do passado, os usos perversos da tecnologia, o isolamento dos indivíduos na multidão, etc.<sup>718</sup> Para Evanir Pavloski<sup>719</sup> estes elementos foram abordados a partir da visão de um protagonista cuja trajetória poderia ser dividida em três etapas: caracterização do espaço distópico e do protagonista e seus primeiros atos de contestação; rebelião assumida contra o regime através do relacionamento com a personagem Júlia, e consecutiva criação de um espaço utópico dentro da distopia e da busca por companheiros de causa; aprisionamento e readaptação. Nesta narrativa, o herói já é apresentado numa posição consciente de aspectos da realidade em que vive, e sua jornada contestatória revolucionária encontra desfecho na derrota e perda desta consciência político-social.

São as reflexões de Winston que guiam o leitor no texto, não sendo possível saber aquilo que o protagonista não saiba. Os espaços distópicos narrados são compreensíveis através da percepção e descrição deste personagem, bem como de seus efeitos sobre ele. A análise da figuração da distopia e a análise de Winston, isto é, do indivíduo que resiste, são vinculadas.<sup>720</sup> Para James Phelan,<sup>721</sup> já no início do texto Orwell trouxe o conflito entre o protagonista e o regime totalitário, em seu núcleo está a *crimideia* (crime do pensamento dissidente, da consciência política), e logo depois o escritor deixa o conflito de lado, suspenso até o final do romance. Neste período, entre o início e retomada desse embate, compreendemos as características do regime, a gravidade e as implicações das ações do protagonista.

O crime em torno do qual gira o romance é a *crimideia*, ou seja, o próprio pensar. No início do romance o protagonista inicia um diário, nesse ato e no medo sentido pelo protagonista o autor conjurou a censura e o temor daquele que ousa escrever, assim como o próprio ato de resistência implícito na escrita e na escrita de si. Neste ato, Winston afirma sua individualidade contra o Partido, o qual tende a dissolve-la na massificação. Dessa maneira, seguimos o romance nos questionando sobre a possibilidade ou impossibilidade do protagonista de manter sua identidade

---

<sup>718</sup> PASOLD apud PAVLOSKI, op. cit., p. 69.

<sup>719</sup> PAVLOVSKI, op. cit., p. 93

<sup>720</sup> Ibid., p. 91-94.

<sup>721</sup> PHELAN, James. *Reading people, reading plots: character, progression and the interpretation of narrative*. USA: The University of Chicago Press, 1989, p. 30.

subjetiva sob o totalitarismo. Cada ação de Winston e Júlia em direção ao exercício da liberdade individual aumenta as proporções de sua rebelião.<sup>722</sup>

O fato de escrever ABAIXO O GRANDE IRMÃO ou não escrever, não fazia diferença. Continuar com o diário ou se não continuar, não fazia diferença. A Polícia das Ideias o apanharia da mesma forma. Ele havia cometido — e mesmo que nunca tivesse posto a caneta no papel, teria cometido — o crime essencial que continha todos os outros em si. *Crimideia*, eles chamavam. *Crimideia* não era algo que pudesse ser escondido para sempre. Você pode se esquivar com sucesso por um tempo, mesmo por anos, mas mais cedo ou mais tarde eles com certeza o pegariam.<sup>723</sup>

Winston Smith habita uma Grã-Bretanha stalinista em que seus próprios pais desapareceram ainda no primeiro expurgo, no que se assume sejam os anos 1950. Durante sua vida, conheceu cerca de 30 pessoas que desapareceram. Ultrapassando o stalinismo, a Oceania tem um alto nível de vigilância e manipulação de informações. A Polícia das Ideias é responsável por apreender aqueles que questionam o regime, levados para o Ministério do Amor, onde são torturados até renunciarem a sua própria consciência<sup>724</sup>.

O mundo figurado leva o leitor a assumir a narrativa como uma extensão do “real” em um primeiro momento, mas, logo nas primeiras páginas, esta impressão é quebrada. Ao longo do texto aproximações e distanciamentos em relação aos eventos historicamente situados criam um espaço simultaneamente realizável e fantástico. Esse paradoxo de suspensão e extensão do mundo atual obriga o leitor a se remeter aos mundos atuais e possíveis para complementar a leitura do texto. Essa ambiguidade torna o modelo social figurado numa prospecção possivelmente realizável e, por isso, angustiante<sup>725</sup>.

Como já dito, o antitotalitarismo de Orwell enfatiza a destruição da individualidade e das liberdades de sujeitos que estão sob o controle dos regimes distópicos traçados. A privacidade e os laços afetivos estão além das possibilidades

---

<sup>722</sup> Ibid., p. 32-35.

<sup>723</sup> “Whether he wrote DOWN WITH BIG BROTHER, or whether he refrained from writing it, made no difference. Whether he went on with the diary, or whether he did not go on with it, made no difference. The Thought Police would get him just the same. He had committed—would still have committed, even if he had never set pen to paper—the essential crime that contained all others in itself. Thoughtcrime, they called it. Thoughtcrime was not a thing that could be concealed for ever. You might dodge successfully for a while, even for years, but sooner or later they were bound to get you.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 24)

<sup>724</sup> INGLE, op. cit., p. 25.

<sup>725</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 95-98.

dos cidadãos da Oceania, a arte e a ciência estão mortas e a liberdade foi cerceada. Esse modelo de regime é apresentado como uma grande prisão, onde os sujeitos são docilizados, massificados e destituídos de toda e qualquer individualidade. *Teletelas* (aparelhos capazes de receber e transmitir imagens e sons, instalados em cada casa), polícia das ideias, convívio contínuo com membros do partido que podem muito bem ser espiões, educação voltada para sufocar determinadas tendências e medos de tortura e aprisionamento formam um panorama que impossibilita individualidade ou, ao menos, sua expressão. A constante convivência com outros membros do partido implica a vigilância ininterrupta. No texto, nenhum membro do partido tem tempo livre solitário. Qualquer ação que sugerisse gosto pela solidão envolvia riscos. A noção mesma de *vidaprópria* já implicava excentricidade e individualismo.

A noção de espaço físico próprio (“Um quarto só seu”) e solidão no desenvolvimento artístico e da consciência subjetiva remete à Hobbes. A consciência dos sujeitos, durante os regimes absolutistas, foi presa ao privado, e posteriormente emergiu no espaço público organizada por uma racionalidade que deveria ser compartilhada e publicizada através de instituições que compõem essa esfera. Para Koselleck<sup>726</sup>, em Hobbes a consciência era fonte de Guerra Civil. Os súditos, que até então tinham seu lugar no interior de sistemas múltiplos de responsabilidade — membros de uma igreja, dependentes de vassalos, pertencentes a instituições políticas próprias ou ordens estamentais — é rompido em sua posição. Desprovido de todas as responsabilidades, deve esconder sua consciência.

Os indivíduos, para Hobbes, são súditos do soberano, ligados à ordem pública sem instância estamental intermediária. Sua consciência deveria ser privada, pois as convicções seriam capazes de levar a ações cada vez mais radicais quando opostas as convicções de outros súditos, resultando na busca da aniquilação do inimigo. Portanto, nas convicções reside a pretensão de exclusividade dos partidos inimigos. A guerra civil viria dessa pretensão. A consciência, em Hobbes, não é juiz do bem e do mal, mas a origem do mal. Para que o Estado possa exercer sua função de guardião da paz, é preciso que o súdito se identifique como homem

---

<sup>726</sup> KOSELLECK, op. cit., p. 27-36.

segundo as suas convicções e como cidadão segundo as leis políticas, dividindo-se<sup>727</sup>.

Esse sujeito partido em dois, uma metade pública e outra privada, tem suas convicções livres, mas seus atos estão submetidos às leis do Estado. A partir desse ponto, seria possível ao indivíduo refugiar-se em suas convicções, de modo que o súdito só é livre em segredo. Essa divisão do indivíduo foi constitutiva do segredo, no qual a racionalidade partilhada se desenvolveu e foi compartilhada pelas ordens maçônicas. Koselleck apontou que este homem que escapa ao soberano foi o ponto de partida do Iluminismo, sendo que ele foi ampliando o foro privado jogando com a dialética entre segredo e desmascaramento. Para realizar-se politicamente, este homem teve de ser publicizado, revelado.<sup>728</sup>

À medida que o público burguês se impôs contra o poder, a práxis das sociedades secretas caiu. A ideia hobbesiana foi invertida a partir do momento que o fundamento da lei não mais deveria ser a autoridade, mas sim a verdade, a qual é atingida pela racionalidade, em que o correto converge com o justo. O advento da *intelligentsia* burguesa, partindo do foro privado buscou extrapolar as barreiras desta esfera e atingir o público. Neste movimento, o Iluminismo triunfou. O domínio público tornou-se fórum da sociedade, o qual bateu na porta dos detentores do poder, exigindo publicidade e entrada. Para Koselleck,<sup>729</sup> Locke deslocou a distinção entre moral interior e política. Em suas obras, as opiniões dos cidadãos sobre virtudes e vícios não estão confinadas ao domínio privado, mas têm caráter de lei. As leis da moral civil não mais se restringem ao indivíduo, mas se organizam na sociedade civil em forma de clubes, em que filósofos se dedicam à investigação destas leis. Os cidadãos formam uma sociedade que desenvolve suas próprias leis morais, que se situam do lado das do Estado. Os cidadãos, para Locke, deveriam declarar suas opiniões, pois no juízo autônomo destes se constitui o poder da sociedade, a qual se desenvolve na alternância entre crítica intelectual e censura moral<sup>730</sup>.

Na sociedade burguesa, dividida entre esferas privada e pública, a primeira foi espaço de desenvolvimento da racionalidade. Dessa emerge o cidadão enquanto

---

<sup>727</sup> KOSELLECK, loc. cit.

<sup>728</sup> Ibid., p. 37-39.

<sup>729</sup> Ibid., p. 49-52.

<sup>730</sup> Ibid., p. 53-71.

sujeito racional e livre, que, através de instituições da imprensa e cafés, passou a participar do fórum de debate público. A forma de organização da esfera pública pressupõe uma dimensão política constituída na afirmação subjetiva dos participantes em todos domínios da sociedade<sup>731</sup>.

Em 1984, nem a racionalidade crítica, muito menos sua manifestação e a demanda de que o governo preste contas à razão, são elementos possíveis. O indivíduo distópico isolado e suprimido não passa de um autômato destituído de suas capacidades e laços sociais; enquanto o Estado é apresentado como versão absoluta do controle, onipresente na administração das funções mais básicas do pensar. As figurações relativas ao controle e a retirada do espaço para desenvolvimento de identidade e individualidade consistem em atos de contestação de um sujeito social de massa sob o controle totalitário.

A resistência ao autoritarismo começa pela *crimideia*, passa pela escrita do diário e chega ao romance com Júlia e ao alistamento na resistência. Orwell opôs o indivíduo sob controle, isolado e massificado, ao agente político do imaginário democrático iluminista, racional, consciente e participativo (além de apaixonado por uma mulher sexualmente ativa, mas sem ideias). O debate na esfera pública como expressão política e a liberdade individual, requeridos por Orwell, dependem de uma liberdade de reflexão privada eliminada pela *crimideia* e pelo policiamento que, ao fim do texto, captura Winston e Júlia.

A resistência individual sem a organização coletiva não tem resultado no livro. O indivíduo é derrotado e tem sua integridade moral e intelectual destruídas, sua individualidade corrompida e suas emoções reprogramadas. A destruição e derrota do protagonista é afirmada de maneira clara: “Você nunca mais será capaz de sentimentos humanos comuns. Tudo estará morto por dentro. Nunca mais você será capaz de amor ou amizade, ou alegria de viver, riso, curiosidade, coragem ou integridade. Você será oco.”<sup>732</sup> e ainda:

Nós vencemos você, Winston. Quebramos você. Olhe o que restou do seu corpo. Sua mente está no mesmo estado. Não acho que ainda possa haver

---

<sup>731</sup> HABERMAS, op. cit., p. 26-40.

<sup>732</sup> “Never again will you be capable of ordinary human feeling. Everything will be dead inside you. Never again will you be capable of love, or friendship, or joy of living, or laughter, or curiosity, or courage, or integrity. You will be hollow.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 323)



muito orgulho em você. Você foi chutado, açoitado e insultado, você gritou de dor, rolou no chão em seu próprio sangue e vômito. Implorou por misericórdia, traiu todos e tudo. Você pode pensar em uma única degradação que não aconteceu com você? <sup>733</sup>

A derrota do protagonista evidencia o grau de eficiência dos mecanismos coercitivos utilizados pelo Partido, assim como ressalta a impotência deste sujeito diante do totalitarismo<sup>734</sup>. Essa impotência e impossibilidade de liberdade é remediada, durante o romance, pelas fantasias de Júlia e Winston, cujos sonhos de fuga, suicídio e rebelião desembocam na busca pela participação na Confraria (ou Fraternidade)<sup>735</sup> de revolta. A destruição dos protagonistas e sua incapacidade de rebelião evoca o assombro, o futuro horripilante que se posiciona perante os personagens pede para ser lido como o futuro do leitor. A tortura e derrota dos personagens quer ser lida como nossa mesma. No romance, o autor busca despertar a angústia com relação ao futuro, e, logo, a ação política dos leitores. Sobre esse futuro que o autor deseja combater, O'Brien (espião do Partido responsável pela apreensão do protagonista) o desenha:

Nossos neurologistas estão trabalhando nisso agora. Não haverá lealdade, exceto lealdade ao Partido. Não haverá amor, exceto ao Grande Irmão. Não haverá riso, exceto o riso do triunfo sobre um inimigo derrotado. Não haverá arte, literatura, ciência. Quando formos onipotentes não teremos mais necessidade de ciência. Não haverá distinção entre beleza e feiúra. Não haverá curiosidade, nem prazer com o processo da vida. Todos prazeres serão destruídos. Mas sempre — não esqueça disso, Winston —, sempre haverá a embriaguez de poder, constantemente crescendo e se tornado cada vez mais sutil. Sempre, a todo momento, haverá a emoção da vitória, a sensação de pisar em um inimigo indefeso. E se você quer uma imagem do futuro, imagine uma bota pisoteando em um rosto humano — para sempre. <sup>736</sup>

---

<sup>733</sup> “We have beaten you, Winston. We have broken you up. You have seen what your body is like. Your mind is in the same state. I do not think there can be much pride left in you. You have been kicked and flogged and insulted, you have screamed with pain, you have rolled on the floor in your own blood and vomit. You have whimpered for mercy; you have betrayed everybody and everything. Can you think of a single degradation that has not happened to you?” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 344)

<sup>734</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 75.

<sup>735</sup> No original *Brotherhood*.

<sup>736</sup> “Our neurologists are at work upon it now. There will be no loyalty, except loyalty towards the Party. There will be no love, except the love of Big Brother. There will be no laughter, except the laugh of triumph over a defeated enemy. There will be no art, no literature, no science. When we are omnipotent, we shall have no more need of science. There will be no distinction between beauty and ugliness. There will be no curiosity, no enjoyment of the process of life. All competing pleasures will be destroyed. But always—do not forget this, Winston — always there will be the intoxication of power, constantly increasing and constantly growing subtler. Always, at every moment, there will be the thrill

O futuro é pintado como a eliminação da arte, do conhecimento, da liberdade e individualidade em nome do poder puro e simples. A liberdade e a individualidade pelas quais advoga Orwell, remetem a noções modernas de indivíduo mas também a sua relação com o Estado. A ascensão dos regimes totalitários e fascistas simbolizava quebras na civilização ocidental, ou seja, nos regimes liberais democráticos sob a promessa progressista. O fascismo punha em jogo todo o futuro da ordem política ocidental ao se impor contra Marx, Voltaire, John Stuart Mill, ao rejeitar tanto o liberalismo como o socialismo, toda a herança Iluminista, e mesmo as revoluções Americana e Francesa.<sup>737</sup>

O indivíduo moderno assume a racionalidade crítica como núcleo subjetivo, local de centramento, a partir do qual esse se relaciona com seu ambiente. Para Hegel a razão — triunfante sobre a religião e a crença — foi edificada pelo Iluminismo como ídolo. A reflexão ou entendimento foram elevados ao absoluto. Hegel, segundo Habermas,<sup>738</sup> acentuou o lado autoritário da autoconsciência: o homem é feito objeto e oprimido ou ele tem de tornar a natureza em objeto e oprimí-la. Esse caráter repressivo da razão se funda na estrutura de auto-referência, ou seja, da referência de um sujeito que faz de si mesmo objeto. Esse modelo de indivíduo tem um amo dentro de si mesmo, de acordo com Hegel, é servo de si. O sujeito cognoscente encontra a si mesmo como o centro do universo, perante ao mundo e como indivíduo dentro deste mundo<sup>739</sup>. A este modelo de indivíduo e razão que o romance se refere em seu antiautoritarismo, pois é esse modelo que Orwell temia ser destruído pelo totalitarismo e pelo fascismo. Sua denúncia política resguardava valores positivos referentes às ideias Iluministas que basearam um imaginário político democrático (senão todo o imaginário político ocidental) o qual o autor conjugava com noções econômicas socialistas.

---

of victory, the sensation of trampling on an enemy who is helpless. If you want a picture of the future, imagine a boot stamping on a human face — forever.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 337)

<sup>737</sup> HOBBSBAWM, Eric J. Os intelectuais e o antifascismo. In: SOCHOR, Lubomír et al. *História do Marxismo. Marxismo na época da terceira internacional: problemas de cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Guerra e Paz, 1987, p. 265

<sup>738</sup> HABERMAS, op. cit., 1990, p. 34.

<sup>739</sup> Ibid., p. 33-48.

#### 5.4. O INDIVÍDUO MASSIFICADO

O cerceamento das liberdades e a eliminação das possibilidades reflexivas não se limita à vigilância e tortura, mas se refere também à própria eliminação da individualidade — que para Orwell consiste na consciência e na expressão de ideias e gostos individuais — pela massificação. Os membros do Partido têm sua individualidade diluída e mesmo anulada pela adesão cega a este e à coletividade modelada pelo mesmo. O protagonista está constantemente solitário na multidão. Apesar de cercado por pessoas, sua subjetividade e pensamentos devem ser mascarados por uma fidelidade ao Partido.

Os laços sociais de Winston foram corroídos desde a infância e seu quadro é de isolamento. Hannah Arendt<sup>740</sup> e Herbert Marcuse<sup>741</sup> observaram, como já dito, que a transição de indivíduo em massa se deu devido à atomização social e individualização extremas que precederam os movimentos de massas, sendo provenientes da estrutura corporativa, que incentiva a individualidade competitiva e desvaloriza os laços sociais. O sujeito de massas, desprovido de relações sociais normais, faz parte da multidão, que consiste na associação de indivíduos despojados de todas distinções pessoais e reduzidos à expressão da individualidade em termos da busca do interesse próprio<sup>742</sup>. Desse modo, a multidão é a antítese da comunidade e a realização perversa da individualidade.

Na União Soviética stalinista figurada por Orwell, a atomização social se ligou aos expurgos, que destruíram conexões sociais e familiares dos cidadãos, pois, quando um membro do partido era expulso, mandado aos campos de trabalho e/ou executado, seus familiares e amigos eram ameaçados com o mesmo fim. Portanto, estes se voltavam contra o acusado para sobreviver, entregando provas e denúncias.<sup>743</sup>

Esse isolamento se liga à conexão sentida entre o sujeito e o Partido, que lhe dá o *status* membro e em troca lhe cobra lealdade total, irrestrita, inalienável e inalterável. Além disso, os totalitarismos criavam a ideia de que tudo o que não está dentro do partido está morrendo, incapacitando seus membros de conceberem a

---

<sup>740</sup> ARENDT, op. cit., p. 46.

<sup>741</sup> MARCUSE, op. cit., p. 78-93.

<sup>742</sup> Ibid., p. 88-89.

<sup>743</sup> ARENDT, op. cit., p. 554.

vida fora deste grupo e tornando-os seres que “mesmo condenados, ainda se sentem superiores ao resto do mundo não iniciado”<sup>744</sup>. Em Orwell, esta tendência a lealdade fanática ao partido é representada por Parsons, vizinho de Winston que trabalhava com ele no Ministério da Verdade, e que era um sujeito “de uma estupidez paralisante, uma massa de entusiasmos imbecís — um daqueles burros de carga devotos completamente submissos, de quem dependia, mesmo mais do que da Polícia das Ideias, a estabilidade do Partido”<sup>745</sup>. Aos 35 anos, Parsons foi dispensado da Liga da Juventude contra sua vontade, mas conseguiu continuar como espião por um ano a mais que a idade máxima, orgulhava-se disso e de participar das atividades do centro comunitário todas às noites. O pertencimento e o *status* de membro são fontes de orgulho para Parsons, este vínculo com as sociabilidades do Partido é apresentado por Orwell como uma base essencial para a manutenção do totalitarismo.

A Liga da Juventude e os Espiões eram as organizações responsáveis pela manipulação e introdução de hábitos na mente e corpo dos mais jovens, pela introdução da ortodoxia do partido e de instintos e hábitos violentos, mas não insubmissos. Winston observou que:

Quase todas as crianças hoje em dia são horríveis. O pior de tudo foi que, por meio de tais organizações como os Espiões, eles foram sistematicamente transformados em pequenos selvagens ingovernáveis e, no entanto, isso não produziu neles nenhuma tendência a se rebelar contra a disciplina do Partido. Pelo contrário, eles adoravam o Partido e tudo conectado a ele. As músicas, as procissões, as faixas, caminhadas, atuação com fuzis fictícios, gritar slogans, a adoração ao Big Brother — era tudo um tipo de jogo glorioso para eles. Toda a sua ferocidade era transferida para o exterior, contra os inimigos do Estado, contra estrangeiros, traidores, sabotadores, criminosos. Era quase normal que pessoas com mais de trinta anos tivessem medo de seus filhos<sup>746</sup>.

---

<sup>744</sup> Ibid., p. 558.

<sup>745</sup> “He was a fattish but active man of paralysing stupidity, a mass of imbecile enthusiasms one of those completely unquestioning, devoted drudges on whom, more even than on the Thought Police, the stability of the Party depended.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 18)

<sup>746</sup> “Nearly all children nowadays were horrible. What was worst of all was that by means of such organizations as the Spies they were systematically turned into ungovernable little savages, and yet this produced in them no tendency whatever to rebel against the discipline of the Party. On the contrary, they adored the Party and everything connected with it. The songs, the processions, the banners, the hiking, the drilling with dummy rifles, the yelling of slogans, the worship of Big Brother—it was all a sort of glorious game to them. All their ferocity was turned outwards, against the enemies of the State, against foreigners, traitors, saboteurs, thought-criminals. It was almost normal for people over thirty to be frightened of their own children.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 31)

A analogia à ritualística fascista e sua atração aos jovens é bastante clara. Como já discutido, o fascismo tinha em suas fileiras muitos militantes recrutados entre os jovens, solteiros e por se formarem. Para estes, o Partido representava um espaço de sociabilização em que viviam em intensa camaradagem, potencializada pela clandestinidade e pelos atos de violência<sup>747</sup>.

A quebra dos laços familiares, componente do isolamento social dos sujeitos distópicos, apresenta-se nas relações familiares corrompidas pela espionagem. As crianças eram as principais deladoras dos pais, minando a confiança e a partilha no ambiente doméstico, “com crianças como aquelas, pensou Winston, aquela infeliz mulher deve levar uma vida de terror. Mais um ou dois anos e eles começariam a vigiá-la buscando sintomas de inortodoxia noite e dia.”<sup>748</sup>.

A destruição de laços familiares também se vincula ao controle da sexualidade, que deveria ser retraída. De maneira que o casamento se dava sem atração e a sexualidade tinha por função gerar filhos para o Partido, nada além. Winston conta que as relações sexuais deveriam ser encaradas como “uma operaçãozinha levemente repulsiva, como uma lavagem intestinal. Embora isso nunca fosse dito com todas as letras, era inculcado no inconsciente dos membros do partido desde a infância.”<sup>749</sup>.

A impossibilidade de exercício da sexualidade implicava a impossibilidade do amor para o protagonista, pois “as mulheres do Partido eram todas iguais. A castidade estava tão arraigada neles quanto a lealdade do Partido”<sup>750</sup>—isto era feito por músicas, slogans, e uso de água fria. A sexualidade reprimida de Winston o leva a odiar Júlia até o momento em que ela manifesta interesses nele. Seu envolvimento originalmente é sexual. É pela sua sexualidade, encarada como ato de rebeldia, que Júlia escapa ao controle do Partido, ainda que sem consciência ou reflexão profunda do que significava este ato ou o que era o Partido. Júlia é cheia de

---

<sup>747</sup> MANN, op. cit., p. 44.

<sup>748</sup> “With those children, he thought, that wretched woman must lead a life of terror. Another year, two years, and they would be watching her night and day for symptoms of unorthodoxy.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 31)

<sup>749</sup> “slightly disgusting minor operation, like having an enema. This again was never put into plain words, but in an indirect way it was rubbed into every Party member from childhood onwards.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 84)

<sup>750</sup> “Mas um verdadeiro caso de amor foi um evento quase impensável. As mulheres do Partido eram todas iguais. A castidade estava tão arraigada neles quanto a lealdade do partido.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 86)

vida e espontaneidade, mas é reduzida a sua sexualidade; “você só é rebelde da cintura para baixo”<sup>751</sup>.

Para Daphne Patai<sup>752</sup>, Orwell era misógino, e ainda que se discuta se ele pode ou não ser chamado de misógino em específico, é consenso que o autor era sexista tanto em seus escritos quanto em sua vida pessoal, dentre outras coisas, porque o autor via as mulheres como algo sexualmente necessário, mas pouco além disso. Apesar de ter conhecido e convivido com diversas feministas, ele não dava suporte a sua luta. Newsinger observa que “ele era, infelizmente, um daqueles socialistas que se opunha a todas as formas de opressão, exceto a das mulheres”<sup>753</sup>.

A atitude conservadora de Orwell referente às mulheres também se dava naquilo que tangia ao sexo. Para o autor, havia um mal profundo na disseminação de contraceptivos, afirmando que as pessoas que desejavam ter relações sexuais sem filhos tinham uma profunda falta de fé na vida. O escritor chegou a propor ao anarquista americano, George Woodcock, a defesa de impostos sobre casais sem filhos e medidas punitivas mais rígidas com relação ao aborto, como formas de combater o declínio na taxa de natalidade<sup>754</sup>.

Em 1984, Orwell assume uma posição mais positiva em relação a liberdade sexual de Júlia, contando-a à resistência e escrevendo um protagonista que diz: “Escute. Quanto mais homens você teve, mais eu te amo”<sup>755</sup>. Newsinger<sup>756</sup> afirmou que esta defesa da liberdade sexual feminina era muito progressista nos anos 1940, mas, para Anne Mellor, ela não deixa de apresentar Júlia como uma projeção da mulher *para* o homem: uma personagem saudável, sexualmente liberta, criatura de emoções e não intelectual, cheia de vida, mas sem reflexões, seguindo os pensamentos de Winston em direção à revolução<sup>757</sup>.

---

<sup>751</sup> “You’re only a rebel from the waist downwards.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 196)

<sup>752</sup> PATAI, Daphne. *The Orwell Mystique: A Study in Male Ideology*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1984, p. 5.

<sup>753</sup> “He was unfortunately one of those male socialists who were opposed to every oppression, except that of women” (tradução nossa, NEWSINGER, 2018, p. 154)

<sup>754</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 156.

<sup>755</sup> “Listen. The more men you’ve had, the more I love you.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 156)

<sup>756</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 156.

<sup>757</sup> MELLOR, Anne. You’re Only a Rebel from the Waist Downwards: Orwell’s View of Women. In: STANSKY, Peter (org.). *On Nineteen Eighty-Four*. New York: Stanford, Calif., 1983, p. 118.

Para além do amor impossibilitado pela inviabilidade de conexão sexual, as amizades também haviam sido eliminadas. Orwell contou que ninguém mais tinha amigos, apenas camaradas, o indivíduo isolado, solitário e apreensivo não pode viver nem o amor, nem a tragédia:

A tragédia, ele percebeu, pertencia ao tempo antigo, a um tempo em que ainda havia privacidade, amor e amizade e em que os membros de uma família ficavam lado a lado sem precisar de motivo. A memória de sua mãe rasgava seu coração, porque ela morreu amando-o, quando ele era muito jovem e egoísta amá-la em troca, e porque de alguma forma, ele não se lembrava como, ela se sacrificou a uma concepção de lealdade que era privada e inalterável. Essas coisas, ele observava, não poderiam acontecer hoje. Hoje havia medo, ódio, e dor, mas nenhuma dignidade de emoção, nenhuma tristeza profunda ou complexa<sup>758</sup>.

O isolamento impossibilitava a tragédia e tirava o significado do martírio. Não havia quem guardasse a memória do morto político. Além disso, tanto no romance quanto no regime soviético, havia a sistemática destruição de provas da existência daquele indivíduo. Os regimes totalitários corrompiam a solidariedade humana e na absoluta solidão a morte perdia seu significado social<sup>759</sup>. Marcuse observou que, no nazismo, a coordenação do indivíduo na multidão intensificou sua atomização e isolamento. O indivíduo, como parte do partido, foi igualado num padrão de individualidade moldada. Os sujeitos se desconhecem, são desconfiados uns dos outros e calados. Nesse regime, os indivíduos são reduzidos ao instinto brutal e abstrato de autopreservação, “Atomização e isolamento fornecem um terreno seguro no qual as forças do indivíduo podem servir ao regime”<sup>760</sup>.

Parte deste pertencimento atomizado ao partido, no totalitarismo, manifesta-se nos ritos, que uniam os indivíduos mais firmemente pela experiência partilhada do ritual secreto e altamente idólatra. Em 1984, dois ritos são figurados, os Dois Minutos de Ódio e as execuções em praça pública. Acerca do primeiro, Orwell se preocupou em demonstrar a forma como o rito toma o indivíduo. Na narrativa

---

<sup>758</sup> “Tragedy, he perceived, belonged to the ancient time, to a time when there was still privacy, love, and friendship, and when the members of a family stood by one another without needing to know the reason. His mother’s memory tore at his heart because she had died loving him, when he was too young and selfish to love her in return, and because somehow, he did not remember how, she had sacrificed herself to a conception of loyalty that was private and unalterable. Such things, he saw, could not happen today. Today there were fear, hatred, and pain, but no dignity of emotion, no deep or complex sorrows.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 38).

<sup>759</sup> ARENDT, op. cit., p. 599.

<sup>760</sup> MARCUSE, op. cit., p. 123.



elaborada pelo autor este se iniciou com um guincho estridente vindo da *teletela*, em seguida o rosto de Emmanuel Goldstein surgiu na tela, causando reações de medo e repulsa daqueles que se encontravam de frente para a tela, dentro do Ministério da Verdade. Acerca de Goldstein, sua figura consistia na imagem de um inimigo popular análogo à Trotsky, ele é descrito como um renegado que fora um sujeito de destaque do Partido no passado, quase tão importante quanto o Grande Irmão, e que se entregou à atividades contra-revolucionárias, foi condenado à morte e em seguida fugiu.<sup>761</sup>

Na figura de Goldstein toda a sabotagem, heresia e *crimideia* são cristalizadas, e, ao mesmo tempo, essa figura representava a resistência à perseguição política, um defensor da liberdade de expressão, imprensa, reunião e pensamento, bem como alguém que gritava que a revolução foi traída<sup>762</sup>. Susan Buck-Morss observou que, na soberania democrática, alega-se que o coletivo é quem age através da aparelhagem estatal. Os interesses do povo são vistos como imediata e transparentemente refletidos no agente do soberano, que tem, deste modo, poder absoluto. Contudo, o coletivo que, supostamente, constitui a soberania não existe até que a última seja constituída. O coletivo não existe até que o soberano democrático o traga à vida, e isso é feito pela definição do inimigo. A definição do inimigo e a do coletivo são ações dependentes segundo a autora, pois definir o inimigo dá vida ao coletivo.

A ameaça do inimigo e a possibilidade da guerra real constituem o Estado como, além de entidade legal, soberana, isto é, como a encarnação da legitimidade do coletivo com poder de declarar guerra em seu nome. O poder legal de declarar guerra da soberania democrática é fonte de sua reivindicação ao monopólio da violência e ao exercício do terror. Após a criação do coletivo pela soberania, toda objeção popular ao soberano seria considerada um ato de um inimigo. O exercício de terror e a violência contra o inimigo (interno ou externo, definido pela vontade soberana) é, paradoxalmente, a única prova de legitimidade democrática dessa vontade, ou seja, do desejo de ser o povo, já que só o povo teria o direito de usar a violência no Estado democrático. Neste sentido, três ícones do imaginário político

---

<sup>761</sup> ORWELL, op. cit., p. 15.

<sup>762</sup> Ibid. , p. 16.

emergem: o inimigo comum; o coletivo político; e a vontade soberana que declara guerra em seu nome.<sup>763</sup>

O inimigo normal seria, então, aquele já posicionado neste imaginário político. Em contraste com este há o inimigo absoluto, o qual ameaça a coerência do sistema imaginário como um todo. O inimigo que age como inimigo não é uma ameaça. A ameaça seria o desaparecimento deste inimigo. O desaparecimento de inimigos ameaça dissolver o coletivo em si. Daí o uso da imagem dos trotskistas como essa ameaça constante ao regime soviético, e daí a figura de Goldenstein e as execuções em praça pública.<sup>764</sup> No romance, a presença de tal argumento se dá na atuação do personagem O'Brien, que atrai membros do Partido para a falsa resistência e os prende pelo posicionamento dissidente, assim como os tortura. Como o próprio O'Brien nota, quanto mais poderoso o Partido, menos tolerante; quanto mais débil se torna a oposição, mas rígido se torna o despotismo. Goldstein e suas heresias devem permanecer vivos para sempre; mesmo derrotados, desacreditados, ridicularizados e cuspidos, sobreviverão: "Esse drama que eu interpretei com você durante sete anos será repetido várias vezes, geração após geração, sempre em formas mais sutis. [...] esse é o mundo que estamos preparando, Winston. Um mundo de vitória após vitória, triunfo após triunfo após triunfo."<sup>765</sup> A presença do herege e sua perseguição justifica a existência do poder e sua atuação, mantém o terror e materializa a ideologia do Partido. A vitória constante alimenta o terror, mas também o imaginário político e a fé no poder desse.

Voltando aos Dois Minutos de Ódio, Orwell narra que todos os membros do partido no salão do Ministério da Verdade, ao verem a foto de Goldenstein, começaram a emitir exclamações de ódio e fúria contra a figura na tela. O autor observou, então, a impossibilidade de resistir ao ritual:

Ele [Winston] nunca conseguia ver o rosto de Goldstein sem uma dolorosa mistura de emoções. Era um rosto judaico magro, com uma grande auréola

---

<sup>763</sup> BUCK-MORSS, op. cit., p. 24-32.

<sup>764</sup> Ibid., p. 32-36.

<sup>765</sup> "This drama that I have played out with you during seven years will be played out over and over again generation after generation, always in subtler forms. Always we shall have the heretic here at our mercy, screaming with pain, broken up, contemptible—and in the end utterly penitent, saved from himself, crawling to our feet of his own accord. That is the world that we are preparing, Winston. A world of victory after victory, triumph after triumph after triumph" (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 338)

difusa de cabelos brancos e uma pequena barba de cavanhaque — um rosto inteligente e, de certa forma, inerentemente desprezível, com uma espécie de bobagem senil no nariz comprido e fino, perto do final do qual um par de óculos estava empoleirado<sup>766</sup>.

A seguir o narrador conta que no segundo minuto do rito de ódio já havia se tornado um desvario, com as pessoas pulando de seus assentos, gritando a plenos pulmões e atirando objetos contra a tela. Mesmo o protagonista, contrário ao partido, conta como foi tomado pelo êxtase do rito:

Num momento de lucidez, Winston descobriu que estava gritando com os outros e chutando violentamente o calcanhar contra a trave da cadeira. A coisa horrível sobre os Dois Minutos de Ódio não era ser obrigado a desempenhar um papel, mas, pelo contrário, era a impossibilidade de evitar participar. Em trinta segundos, qualquer atuação era sempre desnecessária. Um êxtase horrendo de medo e vingança, um desejo de matar, torturar, esmagar rostos com uma marreta, parecia fluir por todo o grupo de pessoas como uma corrente elétrica, transformando uma pessoa, contra sua vontade, em um lunático gritando com o rosto deformado pela ira<sup>767</sup>.

A inabilidade do protagonista em escapar, mesmo dentro de sua própria mente, dos ensejos do regime totalitário se traduz na angústia inescapável de Winston e do próprio leitor, que sente a claustrofobia causada por um regime que se fecha em torno do sujeito, não lhe deixando nem a própria consciência. Muito desta sensação é criada pelo caráter panotípico do Estado, que elimina qualquer possibilidade de resistência ou reflexão a um indivíduo já isolado, ao qual nada resta senão ceder ao Partido e seguir a multidão. Foucault descreve o Panóptico como uma construção em forma de anel na periferia, com uma torre no centro, vazada com largas janelas abertas em direção à face interna do anel, nesta construção em anel existem celas que podem ser vigiadas da torre central e em cada cela estaria um louco, um condenado, um operário ou um estudante. Contra a luz é possível ver

---

<sup>766</sup> “He could never see the face of Goldstein without a painful mixture of emotions. It was a lean Jewish face, with a great fuzzy aureole of white hair and a small goatee beard—a clever face, and yet somehow inherently despicable, with a kind of senile silliness in the long thin nose, near the end of which a pair of spectacles was perched.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p.16)

<sup>767</sup> “In a lucid moment Winston found that he was shouting with the others and kicking his heel violently against the rung of his chair. The horrible thing about the Two Minutes Hate was not that one was obliged to act a part, but, on the contrary, that it was impossible to avoid joining in. Within thirty seconds any pretence was always unnecessary. A hideous ecstasy of fear and vindictiveness, a desire to kill, to torture, to smash faces in with a sledgehammer, seemed to flow through the whole group of people like an electric current, turning one even against one’s will into a grimacing, screaming lunatic.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 18-19)

essas formas cativas em suas celas, “o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver constantemente e reconhecer de imediato”<sup>768</sup>. A função desse dispositivo é criar a sensação de vigilância perpétua. Submetido ao campo de visibilidade o sujeito retoma, por conta própria, as limitações de seu poder, age dentro das limitações sem a necessidade de coerção, realizando os papéis de observador e observado, pois a vigilância vende a ideia de castigo certo. Deste modo o comportamento desviante é eliminado pelo olhar disciplinador<sup>769</sup>.

Nos regimes totalitários o policiamento constante e o terror tomam todos os espaços. Os regimes não definem seus inimigos por seus atos ou pensamentos perigosos, mas por seu potencial, o adversário é simplesmente portador de tendências, logo, a categoria de suspeitos cobre toda a população. Pela própria capacidade de pensar os cidadãos da Oceania são suspeitos, esta suspeita não pode ser evitada nem mesmo pela conduta exemplar. Na sociedade totalitária, todos são agentes secretos e cada indivíduo está sob constante vigilância<sup>770</sup>.

Em Orwell as *teletelas*, a polícia das ideias, patrulhas sobrevoando a cidade e o medo constante de um delator oculto criam o efeito panotípico. Mesmo os cartazes do Grande Irmão trazem a ambígua frase “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ”<sup>771</sup>, remetendo a esta imagem semelhante à divindade cristã, que tudo vê e pune, mas que a todos guarda.

Um outro elemento presente neste Estado policialesco é o uso autoritário e ideológico da tecnologia. Acerca desse uso, ele já era temido na época de Orwell, em 1955 Walter Benjamin notou que a guerra era a única coisa que permitia dar um objetivo aos grandes movimentos de massa sem que as relações de produção se alterassem, assim como somente esta permite mobilizar a totalidade de meios técnicos presentes preservando as relações de produção. Para o autor, a guerra fascista e sua devastação apontava que a sociedade não estava suficientemente madura para fazer da técnica um de seus órgãos. Ao mesmo tempo a técnica não estava suficientemente avançada para controlar a violência da sociedade<sup>772</sup>. Além

---

<sup>768</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 154.

<sup>769</sup> Ibid., p. 154-155.

<sup>770</sup> ARENDT, op. cit., p. 564-572

<sup>771</sup> “BIG BROTHER IS WATCHING YOU” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 3)

<sup>772</sup> BENJAMIN, Walter, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 1955. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/DIATAT>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

disso, diferente de escritores e muitos socialistas, Orwell não quer fugir para um futuro automatizado e tecnológico, em que todo o nosso trabalho será feito por máquinas. Para o autor, este futuro não afirma as qualidades das pessoas comuns em sua vida, pois o trabalho seria (como em Marx) uma forma de auto-determinação e respeito<sup>773</sup>. Em 1984, a tecnologia é utilizada para a vigilância. No texto não resta ao indivíduo espaços possíveis de exercício da liberdade além do seio do Partido ou das profundezas da própria consciência. A dissimulação da consciência aumenta o isolamento e o enclausuramento da individualidade, a prisão é incorporada a vida do protagonista. O olho do poder é inescapável uma vez que internalizado de maneira tão intrusiva.

Michel Foucault observou a existência de instituições disciplinares, como fábricas, escolas, hospitais, hospitais psiquiátricos e prisões, em que são realizados processos de normalização dos sujeitos, o objetivo dessas instituições é fixar comportamentos. O autor observou que, durante a época clássica, foi descoberto o corpo como alvo de poder, o corpo que se manipula, modela-se, subjuga-se, que obedece, que se torna hábil e tem suas forças multiplicadas. O corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado é um corpo dócil. Foucault notou que em qualquer sociedade o corpo é alvo de poderes estritos que lhe impõe condicionamentos, interdições e obrigações. Mas nas sociedades disciplinares (o que inclui ao menos aspectos da sociedade em que Orwell cresceu) a escala do controle é diferente: não se trata de cuidar do corpo como um todo, mas em seus pormenores. Além disso, o foco não fica apenas nos elementos significativos da linguagem do corpo, mas recai na eficácia dos movimentos. Por fim, a coerção é ininterrupta, velando pelo processo da atividade e não só pelo resultado. Este controle do corpo é minucioso e assegura a sujeição constante das forças corporais à docilidade, essas modalidades de controle foi chamada de disciplina pelo autor. Seu momento histórico se inicia quando é criada uma arte do corpo humano, que não visa apenas o desenvolvimento das capacidades deste, nem o aprofundamento da sujeição, mas a formação de uma relação que o torne mais útil e obediente dentro do mecanismo disciplinar<sup>774</sup>.

---

<sup>773</sup> WHITE, op. cit., p. 89.

<sup>774</sup> FOUCAULT, op. cit., p. 116.

Formou-se, então, uma política das coerções, que são trabalhos sobre o corpo, manipulação calculada de seus elementos, gestos e comportamentos. Esta mecânica explora, desarticula e recompõe o humano. Surge uma mecânica de poder e uma anatomia política que definem como se pode ter domínio sobre os corpos dos outros, para que façam o que deseja-se e para que forneçam o que se quer.<sup>775</sup>

A disciplina inicia seu procedimento pela distribuição dos indivíduos no espaço, o que inclui a clausura, a repartição (cada indivíduo no seu lugar) — o espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quantos corpos haja para repartir —, definir lugares, como fábricas, que respondam não só a necessidade de vigilância, mas também ao rompimento de comunicações perigosas e a criação de um espaço útil. Da disciplina nasce o espaço medicamente útil dos hospitais modernos e as grandes indústrias. Cada sujeito se define pelo lugar que ocupa numa série e numa classificação dentro de uma rede de relações. Ainda, a disciplina inclui o controle do horário e do tempo, daí o foco da disciplina sobre o gesto, impondo uma relação entre um gesto e a posição global do corpo, aumentando a eficácia e rapidez deste gesto. Articula-se, assim, o corpo e o objeto, a disciplina define cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula. A economia temporal da disciplina é positiva, no sentido de que busca uma otimização cada vez maior, extraindo do tempo cada instante útil<sup>776</sup>.

A disciplina inclui, além disso, a punição, que não visa a expiação ou a repressão, mas relaciona atos, desempenhos e comportamentos com um conjunto que é campo de comparação e espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. A penalidade atravessa a diferenciação dos indivíduos em função da regra de conjunto (que funciona como limiar mínimo e ponto ótimo), a hierarquização em termos qualitativos dos indivíduos, a valorização e coação da conformidade a ser realizada e a definição da fronteira ao anormal. A penalidade atravessa todos estes pontos, controla todos os instantes das instituições disciplinares e compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza e exclui, e com isso ela normaliza. Por fim, o exame faz parte das técnicas de disciplina e combina a hierarquia que vigia com a sanção que normaliza. É um olhar normalizador, vigilante, que qualifica, classifica e

---

<sup>775</sup> FOUCAULT, loc. cit.

<sup>776</sup> Ibid., p. 119-141.

pune. Põe-se sobre os indivíduos como visibilidade através da qual estes são diferenciados e sancionados<sup>777</sup>.

O condicionamento dos indivíduos segundo uma norma específica foi instalado em múltiplos espaços institucionais. Dentro destes espaços, como no panóptico — estrutura arquitetônica aplicável em muitos destes —, os indivíduos são rigidamente organizados e controlados, com o objetivo de extrair deles obediência e trabalho<sup>778</sup>. A Oceânia, em sua forma policalesca, simula essa sensação de constante vigilância presente no panóptico.

Em 1984, Winston vai ao trabalho, local onde está sendo observado por seus colegas, comporta-se conforme a norma. Sai dali para às reuniões públicas do Partido Externo, nas quais deve realizar atividades que comprovam sua lealdade ao regime. Em todos os espaços que vai ele está sob constante vigilância. Tal vigilância é componente fundamental da teoria e prática das sociedades disciplinares descritas por Foucault e da Oceania de Orwell. O olho do poder surgiu como uma alternativa para a violência institucionalizada, pouco eficiente e onerosa para Foucault. A vigilância aumentava a eficácia do controle exercido pelo Estado e reduzia os gastos dos cofres públicos. O poder agora poderia se concentrar no olhar. Cada indivíduo vigiado sentiria o olho do poder sobre si, exercendo controle sobre si mesmo, e se comportando conforme a norma pelo receio de ser visto e, então, punido<sup>779</sup>.

Na Oceania uma rede de relações coercitivas se manifesta por meio de dispositivos, discursos e condicionamentos físicos e psicológicos. A vigilância, enquanto tática garante o poder da mente sobre a mente, neste sentido, tecnologia, violência e disciplina se aliam no condicionamento individual. Pelas *teletelas* o olhar do inspetor é substituído. Estes aparelhos captam sons e imagens de seus entornos. A voz instrutiva e punitiva é transmitida no edifício de Bentham por tubos de metal. Por esses mecanismos e outros já citados, o Partido se torna onipresente e onisciente, como os cartazes do grande irmão nos apresentam. A vigilância pretende garantir a disciplina dos indivíduos, seu comportamento exatamente como esperado, suas respostas físicas segundo uma norma. Contudo, na Oceania, a violência não

---

<sup>777</sup> Ibid., p. 141-151.

<sup>778</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 79-80.

<sup>779</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 1981, p. 209-2018; PAVLOSKI, op. cit., p. 80-83.



foi totalmente excluída do processo de manipulação e normalização dos indivíduos. Como no totalitarismo, ela ainda faz parte da coerção sofrida pelos indivíduos, que não é apenas emocional, mas também é física. Em 1984 tecnologia, violência e disciplina de aliam no condicionamento bem-sucedido dos indivíduos, o qual, por sua vez, faz parte da eliminação ou impossibilitação de desenvolvimento da identidade e consciência dos sujeitos<sup>780</sup>.

## 5.5. SE HÁ ESPERANÇA, ELA ESTÁ NOS *PROLES*

A vigilância da Polícia das Ideias é muito menor entre os *proles* em 1984, e apenas alguns “policiais” têm essa responsabilidade. No mais, o Partido se preocupa com a disseminação de rumores e eliminação de um ou outro indivíduo que julgue capaz de se tornar perigoso. De resto, os proletários estavam abaixo de qualquer suspeita. Começavam a trabalhar aos 12 anos, casavam-se aos vinte e atingiam a meia idade aos 30. Viviam de trabalhos físicos pesados, dedicavam-se ao cuidado da casa e dos filhos, brigas com os vizinhos, futebol, filmes, cerveja e jogos de azar até cerca de 60 anos, quando morriam<sup>781</sup>.

Como não era do interesse do Partido que o proletariado tivesse posições políticas intensas, esses não eram doutrinados. A preocupação do Partido era inculcar nessa classe um senso de patriotismo primitivo, ao qual se poderia apelar para o aumento das horas de trabalho e piora na alimentação<sup>782</sup>. Tendo em vista que este grupo estava completamente privado de aparato para compreender o que lhe ocorria, Orwell afirmou que:

[...] mesmo quando eles ficavam descontentes, como às vezes faziam, seu descontentamento não levava a lugar nenhum, porque estando sem ideias gerais, eles podiam apenas focar em suas queixas pequenas e mesquinhas. O grande mal escapava sem ser notado<sup>783</sup>.

---

<sup>780</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 81-87; BENTHAM 2015, p. 15.

<sup>781</sup> WHITE, op. cit., p. 25-26.

<sup>782</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 24.

<sup>783</sup> “even when they became discontented, as they sometimes did, their discontent led nowhere, because being without general ideas, they could only focus it on petty specific grievances. The larger evils invariably escaped their notice.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p.92)

Mesmo assim o protagonista vê esperança nesta classe: “Se houver esperança,’ ele escreveu em seu diário ‘ela se encontra no proletariado”<sup>784</sup>. Em várias partes do livro esta esperança volta a ser tematizada. Para Smith, a força do proletariado se encontra na sua lealdade entre si, e não ao um partido, país ou ideia. O proletariado “tinha permanecido humano”<sup>785</sup>, não eram meramente uma força que se espalharia pelo mundo e o regeneraria, não eram algo a ser desprezado, eram os únicos que mantinham laços sociais, amores e conexões<sup>786</sup>. Temos, novamente a defesa do autor da fraternidade, do sentimento de camaradagem e partilha que marca sua conexão com as classes populares desde *Down and Out in Paris and London*, sua experiência na Espanha, suas memórias dos mineiros e do soldado italiano. Esta relação entre iguais, esta abertura e partilha das experiências continua presente no desejo, ainda um tanto utópico e romântico, do socialismo de Orwell.

Romântico, pois ainda flerta com o idílio, ainda se aproxima da mata, onde Winston e Júlia têm seus primeiros encontros amorosos, do canto da mulher proletária ao lado do quarto secreto compartilhado pelo casal. Um socialismo que não quer discutir mais revolução, ou um passo a passo para atingir o ponto desejado, mas se preocupa apenas em lembrar os leitores do que pode ser este ponto de chegada. E utópico porque nega a ditadura do proletariado em forma de super-Estado em que tudo deve ser centralizado. Nega que entre o processo e o fim deva haver diferença, e pede por continuidade no processo revolucionário.<sup>787</sup>

A busca de Orwell por uma sociedade socialista democrática continuamente confronta problemas: para a revolução acontecer, o proletariado deve se conscientizar de seu poder e opressão, para tanto deveria usufruir de educação, lazer e segurança — elementos de que são privados. Em uma passagem do livro de Goldstein (que na verdade era de autoria do Partido para atrair possíveis elementos dissidentes à falsa Confraria), *A teoria e a Prática do Coletivismo Oligárquico*, é dito que:

---

<sup>784</sup> “If there is hope,’ he had written in the diary, ‘it lies in the proles.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 105)

<sup>785</sup> “The proles had stayed human.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 208)

<sup>786</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 26.

<sup>787</sup> BUBER, op. cit., p. 22-24.

[...] se o lazer e a segurança fossem usufruídos por todos, a grande massa de seres humanos que são normalmente estupefeitos pela pobreza se tornaria alfabetizada e aprenderia a pensar em si mesma; e quando ela tivessem feito isso, mais cedo ou mais tarde, perceberia que a minoria privilegiada não tem função, e iria varrê-la. A longo prazo, uma sociedade hierárquica só era possível com base na pobreza e ignorância<sup>788</sup>.

A pobreza não deixa alternativa que não a ignorância. Para Smith, se os proletários pudessem, de algum modo, “se tornarem conscientes de sua própria força”,<sup>789</sup> eles poderiam, de alguma maneira, se revoltar amanhã e destruir o Partido “se sacudir como um cavalo sacudindo moscas”<sup>790</sup>. Para o protagonista é claro que cedo ou tarde o proletariado terá de fazê-lo. O problema é que “até eles se tornarem conscientes, eles não vão se rebelar, e até eles se rebelarem, eles não vão se tornar conscientes”<sup>791</sup>. A consciência volta a ser central, mas nem Smith nem Orwell dão uma solução para este problema. Newsinger afirma que, para o protagonista, a esperança no proletariado continua como uma verdade mística e um absurdo palpável, mas no final do romance Winston teria escolhido vê-la como verdade mística. Quando o protagonista assiste a mulher proletária cantar enquanto lava e estende suas roupas, ele experiêcia uma “revelação”, reconhecendo que:

[...] no mundo todo, centenas de milhares de milhões de pessoas assim, pessoas ignorantes da existência umas das outras, mantidas separadas por muros de ódio e mentiras, e ainda quase exatamente iguais — pessoas que nunca aprenderam a pensar, mas que estavam armazenando em seus corações, barrigas e músculos o poder que um dia derrubaria esse mundo. [...] Sem ter lido até o final O LIVRO, ele sabia que essa deveria ser a mensagem final de Goldstein. O futuro era dos proles. E ele poderia ter certeza de que, quando chegasse a hora do mundo que os proletários construiriam, este não seria tão estranho para ele, Winston Smith, quanto o mundo do Partido? Sim, porque pelo menos seria um mundo de sanidade. Onde há igualdade, pode haver sanidade. [...] Os proles eram imortais, não havia dúvida quando se olhava para aquela figura valente no quintal. [...] Por todo o mundo, em Londres e Nova York, na África e no Brasil, nas misteriosas e proibidas terras além as fronteiras, nas ruas de Paris e Berlim, nas aldeias da interminável planície russa, nos bazares da China e Japão — em todos os lugares havia a mesma sólida e incontestável figura,

---

<sup>788</sup> “[...] if leisure and security were enjoyed by all alike, the great mass of human beings who are normally stupefied by poverty would become literate and would learn to think for themselves; and when once they had done this, they would sooner or later realize that the privileged minority had no function, and they would sweep it away. In the long run, a hierarchical society was only possible on a basis of poverty and ignorance.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 240)

<sup>789</sup> “become conscious of their own strength.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 89)

<sup>790</sup> “shake themselves like a horse shaking off flies.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 89)

<sup>791</sup> “Until they become conscious they will never rebel, and until after they have rebelled they cannot become conscious.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 90)

monstruosa pelo trabalho e pelos partos, labutando do nascimento à morte e ainda cantando. Daqueles poderosos ventres, uma raça de seres conscientes deve um dia chegar. [...] deles é o futuro<sup>792</sup>.

Essa mulher proletária muito próxima das figuras de Wigan simboliza a esperança no futuro socialista, na força e resistência do proletariado. Mas não deixa de ser uma figuração da mulher como um útero e não exatamente um agente político no sentido tradicional. Com relação às esperanças socialistas, esta fé apaixonada passa de Orwell por Winston para chegar ao leitor. Esta imagem do proletariado como uma força quase bruta, como uma fonte de poder, trabalho e geração de vida remete ao mito da decência, no qual os proletários, em sua camaradagem, trabalho e valores, devem ser o ponto de chegada da revolução, a vida fraternal que estes levam é uma meta em que se mirar e sua cultura deve ser valorizada pelo movimento socialista.

Em 1984, os proles continuavam representando a possibilidade mais concreta de derrubar o Partido. A revolução proletária era, ainda, o caminho para a liberdade coletiva e destruição do regime opressivo<sup>793</sup>. O socialismo democrático defendido por Orwell demandava a queda da burguesia e a fundação de uma democracia pautada na igualdade social. A classe trabalhadora era oprimida, explorada e vítima de um sistema de privilégios, mas ainda assim teria a força de derrubar o sistema que a oprime se for capaz de reconhecer a situação em que está. Mas os proletários não agem, pois não têm a consciência de sua força e as ferramentas necessárias para compreender a origem de sua opressão<sup>794</sup>.

---

<sup>792</sup> “everywhere, all over the world, hundreds of thousands of millions of people just like this, people ignorant of one another’s existence, held apart by walls of hatred and lies, and yet almost exactly the same—people who had never learned to think but who were storing up in their hearts and bellies and muscles the power that would one day overturn the world.[...] Without having read to the end of THE BOOK, he knew that that must be Goldstein’s final message. The future belonged to the proles. And could he be sure that when their time came the world they constructed would not be just as alien to him, Winston Smith, as the world of the Party? Yes, because at the least it would be a world of sanity. Where there is equality there can be sanity. Sooner or later it would happen, strength would change into consciousness. The proles were immortal, you could not doubt it when you looked at that valiant figure in the yard. [...] All round the world, in London and New York, in Africa and Brazil, and in the mysterious, forbidden lands beyond the frontiers, in the streets of Paris and Berlin, in the villages of the endless Russian plain, in the bazaars of China and Japan—everywhere stood the same solid unconquerable figure, made monstrous by work and childbearing, toiling from birth to death and still singing. Out of those mighty loins a race of conscious beings must one day come. You were the dead, theirs was the future.” (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 277-278)

<sup>793</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 141.

<sup>794</sup> NEWSINGER, op. cit., p. 5.

A inviabilidade do acesso à informação pelos *proles* inclui a perda do passado por uma história adestrada pelo Partido e constantemente modificada segundo seus desejos. Os indivíduos, sem acesso a um contraponto histórico que apresente outra possibilidade de arquitetura social, não tem como notar que são oprimidos.<sup>795</sup> É justamente nesta função que trabalha o protagonista no Ministério da Verdade. Além disso, esta massa privada de seu passado é, também, isolada dos estrangeiros. Sem bases para comparações essa é levada a crer que vive melhor que seus ancestrais, que seus inimigos e que o nível de conforto material está subindo. Ainda, a alteração do passado resguarda a infalibilidade do Partido, que infalível fica à salvo de críticas e da necessidade de mudanças em sua doutrina. O'Brien, durante a tortura, pede que Winston repita "Quem controla o passado controla o futuro: quem controla o presente controla o passado"<sup>796</sup>

O *duplipensar* era outro mecanismo que impossibilitava a revolta, esse consiste na progressiva educação disciplinar que se inicia na escola e permanece como um dever dos sujeitos ao longo de suas vidas. Esse mecanismo evoca a aceitação incondicional de duas perspectivas imediatamente opostas ou exclusivas segundo as determinações do Partido. Por meio desse condicionamento mental, é possível defender duas opiniões opostas, sabendo-as contraditórias e ainda assim acreditando em ambas, é possível usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade em nome da moralidade, "crer na impossibilidade da democracia e que o Partido era o guardião da democracia"<sup>797</sup>, esquecer de algo segundo a demanda do partido, prontamente lembrar de algo e esquecê-lo novamente. Mas a grande sofisticação do duplipensar é sua aplicação sobre si mesmo: "induzir conscientemente a inconsciência, e então, novamente, se tornar inconsciente do ato de hipnose que acabava de ser realizado"<sup>798</sup>. Pavloski nota que através desse processo o Partido incumbe cada indivíduo da inconsciência promovida pelo Estado, evitando uma verticalização excessiva de poder disciplinar e tornando o controle autocontrole. Esse processo era complementado pelo *crimideter*, que consiste na

---

<sup>795</sup> ORWELL, op. cit., 2018, p. 260.

<sup>796</sup> "Who controls the past controls the future: who controls the present controls the past" (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 313); PAVLOSKI, op. cit., p. 1451-46.

<sup>797</sup> "to believe that democracy was impossible and that the Party was the guardian of democracy" (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 44)

<sup>798</sup> "consciously to induce unconsciousness, and then, once again, to become unconscious of the act of hypnosis you had just performed." (tradução nossa, ORWELL, 2018, p. 45)

faculdade de deter qualquer pensamento perigoso, e inclui o poder de não perceber analogias, erros lógicos ou mesmo compreender argumentos simples e hostis ao Ingsoc (doutrina no partido)<sup>799</sup>.

Outro impedimento à resistência seria a privação. Os *proles* e os membros do Partido Externo vivem em tamanha miséria que tem de concentrar as forças que tem na sobrevivência ou, no máximo, na reivindicação de melhorias supérfluas. Além disso, a mídia do partido ocupava o tempo livre do proletariado com o consumo de pornografia, bilhetes de loteria, jogos e a produção cinematográfica do Partido<sup>800</sup>.

Ainda, a revolução que se apresenta como saída, também foi a origem do regime. O *Ingsoc* brotou do movimento socialista que o precedeu e dele herdou sua fraseologia<sup>801</sup>. O Partido executou boa parte do programa socialista, mas com o resultado pretendido de tornar permanente a desigualdade. Ou seja, o regime que emergiu desta revolução era um modelo híbrido, caracterizado pela socialização dos bens, pela rígida hierarquização entre as classes, por um Estado centralizado, violento, unipartidário e totalitário, pela militarização e idolatria fascista, pela exploração do trabalho e pelo isolacionismo. Além disso, as condições de vida não melhoraram após a revolução. A miséria retratada em *1984* é acompanhada pela desigualdade social, uma vez que os membros do Partido Interno tinham acesso a bens de consumo de outra qualidade e viviam em outras condições. *1984* apresenta a socialização da pobreza na maior parte dos setores da sociedade, a guerra constante justificava o racionamento de itens de consumo básico e a exploração da mão de obra. Na chamada oligarquia coletivista, o Partido é dono de tudo, coletivamente, e distribui os bens conforme seu interesse<sup>802</sup>.

O sonho de Winston se refere a um futuro sem o Grande Irmão, em que os indivíduos fossem livres, iguais e vivendo fraternalmente em sua comunidade, estabelecendo laços de lealdade interpessoais. Em nome deste futuro o protagonista decide se unir à organização de resistência, denominada *Brotherhood* — nome comumente traduzido para Confraria, mas que inclui o cunho de fraternidade. A experiência pessoal do protagonista e a expressão da subjetividade são métodos de

---

<sup>799</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 147-148.

<sup>800</sup> Ibid., p. 150.

<sup>801</sup> ORWELL, o. cit., 2018, p. 261.

<sup>802</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 141-143.

resistência na distopia, que enfatiza a massificação e elimina a consciência e liberdade individual. A batalha política pode ser lutada em pequenos atos, pela valorização de certos sentimentos e pela negação da uniformidade. Os atos privados de Winston são meios de rebelião. O pessoal se combina com o político na resistência a um regime totalitário que invade cada canto da vida dos cidadãos. Além disso, a rebelião pessoal de Winston expõe uma percepção da relação entre ação política e consciência expressa por Orwell<sup>803</sup>.

A resistência solitária de Winston é derrotada, mas a esperança revolucionária persiste como única alternativa. Orwell não se alinhava à nenhuma vertente socialista, mas mantinha aproximações com várias, dentre elas a ética. Richard White observou que existem muitos autores que poderiam ser descritos como socialistas éticos, como Robert Owen, Proudhon, Fourier, Bernstein, R.H. Tawney e Orwell. Algo que todos têm em comum é a rejeição à noção do socialismo como inevitabilidade histórica. Para estes autores o socialismo é uma necessidade moral, pois possibilita manifestações de liberdade, justiça, igualdade, mas não é uma necessidade histórica. Isto significa que o sucesso ou fracasso da revolução depende das ações de seus apoiadores, suas políticas e o caráter ético de suas escolhas, as quais podem afetar o resultado do processo revolucionário<sup>804</sup>.

O foco num modelo socialista ético, do qual Orwell se aproxima, enfatiza a decência dos trabalhadores ou alguma outra tradição moral já existente. Usando este foco como base para a transformação futura, como um norte que deve guiar os esforços na formação da sociedade futura. Para White, os valores morais que baseiam os desejos políticos dos socialistas de diversas vertentes, inclusive Marx, são basicamente os mesmos e remetem à tríade revolucionária: liberdade, igualdade e fraternidade. White afirma que tais valores podem ser vistos como constitutivos do socialismo em si mesmo, ainda mais se cooperação e comunidade forem assumidas como valores incluídos em fraternidade. A igualdade, quando associada à liberdade e fraternidade, pode dar forma a múltiplas interpretações do socialismo. Estes três valores orientam os posicionamentos de Orwell no que tange a justiça social<sup>805</sup>.

---

<sup>803</sup> Ibid., p. 163-166.

<sup>804</sup> WHITE, op. cit., p. 73-74.

<sup>805</sup> Ibid., p. 73-75.



Já no *Manifesto Comunista* Marx e Engels tratavam destes valores. Trazendo uma discussão sobre a liberdade, os autores afirmaram que a leitura burguesa liberal de liberdade é secundária e derivativa. Liberdade de voto, de conseguir um emprego e de crença são aspectos individuais da liberdade, mas sob estas noções está a liberdade como autonomia e autodeterminação, não apenas a liberdade da interferência do Estado. Esta liberdade significaria assumir o controle da própria vida e estar numa posição de atingir seu maior potencial. Desta maneira, o indivíduo não está livre quando é privado de educação, saúde ou é economicamente forçado a trabalhar longas horas. Se o sujeito não é capaz de cultivar seus próprios potenciais como ser humano, devido à pobreza, ao preconceito, à ignorância ou a outras deficiências sociais, este não é realmente livre<sup>806</sup>.

No que diz respeito à igualdade, o ponto de vista socialista afirma não só a equivalência moral de todos os seres humanos, mas também assume que as necessidades e interesses de todos merecem igual consideração. As necessidades básicas de uns não são mais importantes que as de outros e os interesses de uns não devem ser levados mais à sério que os de outros. As grandes desigualdades que existem nas sociedades humanas não são produto da natureza, mas sim de convenções sociais. A questão a ser perguntada passa a ser se alguma destas desigualdades pode ser justificada em termos de bem comum ou outra medida aceitável. A meta do socialismo seria, então, eliminar as desigualdades injustificadas, criando um mundo onde todos poderiam viver da melhor maneira possível<sup>807</sup>.

Finalmente a fraternidade (White adiciona sororidade, mas o socialismo de Orwell não via a mulher como irmã ou considerava a possibilidade de uma irmandade feminina) é um valor de comunidade e envolve um senso de pertencimento a uma sociedade que aceita e afirma cada pessoa como participante ativo de projetos e práticas que criem significado e transcendam a vida individual. Marx argumenta que o estresse sob o capitalismo no sentido de avanço individual e sobrevivência, reduz as pessoas à indivíduos absorvidos por seus projetos egoístas.

---

<sup>806</sup> Ibid., p. 75-76.

<sup>807</sup> Ibid., p. 76.

O que resulta na corrupção de laços, tornando todas as relações competitivas. É na comunidade que os indivíduos encontram sua “essência”<sup>808</sup>.

Na perspectiva socialista, esses valores não são completamente separáveis ou podem ser hierarquizados; eles são interdependentes, se envolvem e conectam. Para Orwell, enquanto houver grandes desigualdades na sociedade, as pessoas nunca sentirão real senso de solidariedade e pertencimento: a igualdade é condição para a fraternidade. A liberdade sem igualdade não faz sentido e a fraternidade sem liberdade é impossível, de modo que é importante ao pensamento socialista harmonizar estes valores entre si<sup>809</sup>.

Orwell não era um socialista ortodoxo, suspeitando dessa vertente. Ele via o socialismo como expressão da decência moral básica e do bom senso. O seu senso de justiça e rejeição à opressão o levaram ao socialismo, não à identificação teórica. Esta postura se alinha com seu anti-intelectualismo, com seu projeto de escrita acessível e que apelasse aos interesses dos trabalhadores, bem como a sua admiração ao proletariado. Como Orwell argumentou em *The Road to Wigan Pier*, sua meta não é teorizar o socialismo, mas humanizá-lo, tornando-o atraente, apelando aos valores mais básicos e autoevidentes, os quais seriam encontrados entre trabalhadores<sup>810</sup>.

Os posicionamentos de Orwell remetem aos valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Em 1984 foi figurado um regime totalitário em que não há nem liberdade, nem igualdade, nem fraternidade. *Animal Farm* apresenta a mesma traição da liberdade em nome de uma falsa igualdade e fraternidade. Desprovidos da habilidade de autodeterminação e de real fraternidade, a única possibilidade para um habitante da Oceania é o desespero. A esperança no proletariado que continuava humano remete à esta noção de fraternidade como caminho para a humanidade. A compreensão ética do socialismo de que se aproxima Orwell, envolvendo a promoção de liberdade, igualdade e fraternidade, têm uma relação muito forte com como a sociedade deveria ser<sup>811</sup>.

---

<sup>808</sup> Ibid., p. 76-77.

<sup>809</sup> Ibid., p. 77.

<sup>810</sup> Ibid., p. 78-80.

<sup>811</sup> Ibid., p. 82-91.

Para o White, *1984* deixa diversas questões sem resposta: até onde Orwell continuava a crer que a experiência revolucionária espanhola poderia ser traduzida para a Inglaterra e para outras partes do mundo? Ou Orwell sucumbiu a um realismo mais cínico em seus últimos romances<sup>812</sup>? A esperança revolucionária vai e volta ao horizonte de expectativas de Orwell. Ao final de *1984*, o protagonista é derrotado e com essa derrota a esperança revolucionária parece descartada, mas não cremos que seja tão simples. O ato de resistência de um membro solitário do Partido Externo não se equivale a uma organização e conscientização do proletariado, que deriva sua força de seus números e laços de lealdade. Não acreditamos que a esperança revolucionária esteja descartada, mas o autor tem consciência da dificuldade que este processo enfrenta e de seus riscos. A esperança é irracional, a revolução tem poucas chances de ocorrer, e talvez nunca ocorra, mas continua sendo a única alternativa. Além disso, a esperança na revolução, o medo de um futuro totalitário, a angústia levantada por um horizonte de expectativas coberto por um miasma de autoritarismo e o realismo cínico não são excludentes na produção de Orwell. Essas sensações e posturas se intercalam e se conjugam. A revolução é a única alternativa e não é completamente impossível, mas é pouco provável. O texto tem impacto sobre o leitor exatamente porque a possibilidade de mudança é quase nula. O medo do totalitarismo leva a escrita de *1984*, que expressa expectativas sombrias tentando levar o leitor a resistir a tal futuro e buscar uma alternativa, o socialismo democrático. É possível interpretar esta luta, presente no ato de escrita, como resistência da esperança, mas sempre intercalada com desesperança e cinismo perante o futuro.

Como já dito, o socialismo democrático de Orwell propõe um regime economicamente socialista, em que foi abolida a propriedade privada e implantada a autogestão, organizado por um Estado que deve ser democrático e não centralizar muito poder em si, respeitando liberdades individuais, garantindo direitos e igualdade, bem como promovendo a vida comunitária e fraternal. Estas noções flertam com o socialismo utópico, ético, cristão, romântico etc. Porém o socialismo defendido por Orwell não se encaixa perfeitamente em nenhuma categoria, pois é móvel, o escritor mudava suas ideias e posicionamentos conforme o mundo ao seu

---

<sup>812</sup> WHITE, op. cit., p. 89.

redor mudava. Categorizar o escritor em um tipo específico de socialismo nos parece um esforço vão e que ignora a mobilidade intelectual dos indivíduos, bem como os aspectos fortemente emocionais das lealdades políticas do autor, além de estabilizar uma figura instável, incongruente e contraditória. Orwell não foi um teórico político, mas sim um escritor e jornalista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a escrita dessa dissertação chegava a sua reta final, ocorreu o lançamento do livro *História (in)Disciplinada*, organizado por Arthur Lima de Avila, Fernando Nicolazzi e Rodrigo Turin. No evento de lançamento, os organizadores discutiram como pensar e escrever história numa época de crises, ataques e em que as antigas estruturas disciplinares já não comportam as necessidades e demandas do presente. Diversas questões foram trazidas, dentre elas como pensar a história dos derrotados. Nós perdemos, e foram tantas batalhas, que é difícil elencá-las. E agora? Talvez nos caiba aprender com as derrotas, ou pensar uma história a partir

do futuro (um futuro para os derrotados, talvez), ou tentar encontrar, em experiências radicalmente diferentes, alternativas.

Em 1977, a banda de punk rock Sex Pistols<sup>813</sup> afirmava que não havia futuro, e a provocação foi se tornando quase um senso comum. Depois da crise financeira de 2008 e das revoltas impotentes em resposta à crise, Berardi notou a emergência de um sentimento generalizado de humilhação na esfera psicossocial. Logo depois, movimentos neorreacionários emergiram por todo o mundo. Forças de extrema direita passaram a ganhar legitimação eleitoral e a democracia liberal entrou em decadência. Racismo, nacionalismo e agressividade se propagam. O futuro se tornou inimaginável para o século XX e se apresenta a nós desta mesma maneira, mas ele não acabou, pois o futuro nunca acaba.<sup>814</sup>

Rodrigo Turin, em um dos capítulos finais do livro, observou que o modelo humboldiano de universidades, que liga a autonomia da pesquisa e do ensino à formação do indivíduo, parece estar cada vez mais em colapso frente a massificação, mercantilização e internacionalização. O neoliberalismo, com seu âmagio discursivo fincado em uma noção de concorrência, chega às universidades. A expansão da racionalidade neoliberal para todas as instâncias da sociedade, reconfigurando instituições e indivíduos como autores do mercado, têm implicações políticas de esvaziamento das esferas de autonomia a partir das quais a política, a ciência e outros modos de ação poderiam existir. O léxico político é substituído pelo econômico, este léxico alcança o Estado, e em vez de um Estado cuja legitimidade depende de noções de soberania e representatividade, coloca-se um modelo baseado na gestão de empresas, cujo único vetor de existência se concentra na noção de eficácia. Conceitos como inovação, flexibilização, eficiência, competitividade e excelência reconfigurariam e sincronizariam esferas tão distintas quando educação, saúde e segurança pública. No ensino, alguns dos resultados seriam mudanças nas práticas, métodos organizacionais e adoção de novas relações sociais, valores e princípios éticos, provocando alterações na forma e no conteúdo do conhecimento, reduzindo ainda mais o incentivo a formas de atuação

---

<sup>813</sup> É preciso notar que Sid Vicious, vocalista do Sex Pistols usava uma camiseta com uma suástica. O uso da suástica por punks não significava nenhuma filiação ideológica, mas sim uma tentativa de antagonizar gerações anteriores e gerar incomodo nestas.

<sup>814</sup> BERARDI, op. cit., p. 7-10.

voltadas para um público mais amplo e não-acadêmico. Neste processo, vamos incorporando a destemporalização, desmobilização e desideologização.<sup>815</sup>

Somada à entrada do modelo neoliberal na educação, ocorrem no Brasil diversos ataques à pesquisa e ao ensino de história desde 2016, com as reformas do ensino médio de Michel Temer, em que não mais é necessário que as escolas ofereçam a disciplina de história - que agora fica incluída no tronco mais amplo das humanidades - causando uma bruta redução no número de vagas de professores. Esta situação nacional e internacional (medidas parecidas foram implantadas no Chile; nos EUA a procura pelo curso de história caiu; e no Japão ocorreu a tentativa do ministro da educação, Hakuban Shimonura, de fechar os cursos humanidades e ciências sociais nas universidades) sinaliza a necessidade da história, enquanto disciplina acadêmica, de repensar seus fundamentos epistemológicos, formas de organização curricular, modalidades de intervenção social, etc. Em resposta a esta necessidade, os organizadores propõem o que chamam de “indisciplinarização da história”, ou seja, uma tomada de posição ativa nestas transformações na relação entre passado e conhecimento, ensino e sociedade, implicando politizar o saber.<sup>816</sup>

Uma alternativa levantada é pensar uma história que sirva para construir o futuro, para Berardi, uma modalidade de percepção e imaginação de espera e avanço, que se transforma ao longo da história. O futuro não funda nada, apenas revela tendências inscritas no presente, e as tendências no nosso presente são de destruição. O mundo tardomoderno é visto por Berardi como de replicantes, que efetuam o último impulso de revolta em nome da aventura, da liberdade, enquanto no horizonte se desenha um futuro em que os organismos não têm finalidade. Os replicantes reivindicam autenticidade da própria experiência consciente e da singularidade com desespero rebelde. É a resistência de uma consciência sem esperança. Condenados, resistem, agarrados com raiva e violência a uma condição de liberdade e beleza do passado, a um mito de comunidade feliz que não é esquecido<sup>817</sup>.

---

<sup>815</sup> TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da História. In: AVILA, Arthur Lima de; NICOLLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. *História (in)Disciplinada*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 253-267.

<sup>816</sup> AVILA, Arthur Lima de; NICOLLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. *História (in)Disciplinada*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 7-23.

<sup>817</sup> Ibid., p. 7-79.

O suicídio se tornou um fenômeno emergente desta época que se segue ao fim da esperança e à dissolução de alternativas sociais e políticas. Neste cenário, este não se trata de uma escolha irracional<sup>818</sup>. Num presentismo estagnante, sem passado, e onde o futuro está aberto à aceleração, mas fechado para a sobrevivência diári; em um presentismo neoliberal em que o futuro está, pela antecipação, engajado no presente, em que o presente se apresenta como brevidade, sequestrado pelo futuro imediato, quase fundido nele<sup>819</sup>. Nestes tempos, parece preciso roubar o futuro, talvez também o presente e o passado. Berardi lembra que, inscrito na constituição do mundo presente, existe um conteúdo que chamamos de *possibilidades*. As possibilidades sempre são plurais, mas também nunca infinitas, pois são limitadas pelas necessidades e incompatibilidades inscritas no presente. A potência seria, para o autor, aquilo que desenvolve as possibilidades e as atualiza, a condição que torna possível a transformação do presente em conjunto distinto de realidade, junto ao qual atua a vontade do sujeito.<sup>820</sup>

Os processos históricos, seriam, assim, espaços de manifestação da potência; ela nos daria o potencial para nos libertar relativamente de condições e circunstâncias e criar espaços de vida coletiva. Do outro lado, o poder seria, para Berardi, a organização de relações presentes que poderia desenvolver uma potência ou pervertê-la, subjugar-la e suprimi-la. Deveríamos, portanto, retomar uma reflexão sobre o futuro do ponto de vista da possibilidade, da potência e da impotência. A partir deste ponto, Berardi propôs a noção de *futurabilidade*, a multidimensionalidade do futuro, a pluralidade dos futuros inscritos no presente e a composição de intenções coletivas mutáveis. Futurabilidade seria a dimensão em que um futuro se torna tendência. Esta forma de compreensão pede que lembremos que nenhuma projeção determinista de futuro é verdadeira.<sup>821</sup>

Sentimo-nos presos em uma armadilha de automatismos tecnolinguísticos, de finanças, competição global e exaltação militar, mas o presente é mais rico que o formato imposto pelo capital e muitas possibilidades inscritas no presente não estão

---

<sup>818</sup> BERARDI, Franco. *Depois do Futuro*. São Paulo: Editora Ubu, 2019, p. 134.

<sup>819</sup> TURIN, op. cit., p. 247-251.

<sup>820</sup> BERARDI, op. cit., p. 140-141.

<sup>821</sup> Ibid., p. 140-144.



canceladas, embora pareçam inertes. Para Berardi, essa inércia de possibilidades é um efeito da impotência da subjetividade que, desde o fim do século XX, foi despotencializada. No passado a subjetividade social dos trabalhadores construiu formas de solidariedade, de autonomia e bem-estar. Esta capacidade parece perdida.

Relembrar que o futuro não está escrito e determinado, faria parte da busca pela potência. Turin<sup>822</sup> nos lembrou que o tempo hegemônico, hiperacelerado e privatizado do neoliberalismo representa não apenas o esvaziamento de outras possibilidades de experiência, como também o apagamento da imaginação do futuro, condenando-nos a uma sucessão acelerada e desconectada de agoras. Dessincronizar e politizar o tempo da educação, da pesquisa, da arte faz parte da resistência. Avila afirmou, no início do mesmo livro, que precisamos de histórias que se lembrem que a vida é para ser vivida, não controlada, e a humanidade ganha quando continua a jogar mesmo em face da derrota certa. Neste mesmo sentido, Berardi propôs em seu manifesto pós-futurista que cantemos o amor, a criação diária de energia e a rebelião, que exaltemos a ternura, o sonho e o êxtase. Que afirmemos a beleza da autonomia e da dessincronia dos ritmos individuais de quem se nega a correr. Que poetas (e com isso imagino que todas as profissões criativas) se esbanjem com calor e generosidade para aumentar a potência da inteligência coletiva, que deve, então, reduzir o tempo do trabalho assalariado. Arte deve expressar inteligência, deve compartilhar imagens diferentes e libertar a singularidade. Berardi propõe também que lembremos da violência e agressividade da ignorância dos nacionalismos e que estas podem ressurgir a qualquer momento. Que ridicularizemos os discursos de guerra e competição, que tiremos a mídia do comando de mercados e a entreguemos a poetas.<sup>823</sup>

É necessário continuar lutando e, face à derrota, pensar outras possibilidades de vida desacelerada e comunitária. Enquanto lia estes textos, pensava nas esperanças derrotadas de 1984, nas diversas batalhas pela figuração do passado e do futuro, assim como pela interpretação do presente, em que Orwell entrou ao longo de sua vida. George Orwell foi uma figura imperfeita, ambígua, sexista, racista, confusa, ingênua e que muitas vezes esteve errado em suas previsões. Muitas

---

<sup>822</sup> TURIN, op. cit., p. 268.

<sup>823</sup> BERARDI, op. cit., p. 137-138.

vezes foi derrotado. Não temos nele um herói ou um exemplo. Mas partindo de percepções, valores e ideais, ele utilizou seu trabalho para buscar intervir no mundo em que vivia. Suas experiências e interpretações dos mundos em que viveu foram apropriadas para construir textos com objetivos intervencionistas. Seria esse modo artístico-militante apenas um modo de atuação profissional, ou seria mesmo um modo de existência em face ao caos político? Seria a literatura engajada uma forma de dar sentido também a existência do escritor? Existe algo a ser apreendido desta atuação para nosso presente?

Orwell parece se significar em seu projeto artístico e se determinar como figura histórica neste mesmo. O engajamento liga o escritor à comunidade, a si mesmo e ao seu tempo; ele possui consciência de sua historicidade e sabe-se situado num tempo preciso, que o orienta e orienta sua apreensão das coisas.<sup>824</sup> Este contingencialidade histórica é sentida também por Orwell como dever. No ensaio *Why I write?* (1946), ele narra que, desde 1936, suas obras foram marcadas pelo compromisso político, suas vivências da Guerra Civil Espanhola mudaram a escala e a clareza sobre seu posicionamento. Orwell afirmou que lhe “parece bobagem, num período como o nosso, pensar que é possível evitar escrever sobre estes assuntos. [...] é simplesmente uma questão de qual lado tomar e que abordagem seguir”<sup>825</sup>. Seu motivo de escrita, seu mote e suas experiências se alinharam num projeto que visava transformar a escrita política em arte:

Meu ponto de partida é sempre um senso de partidarismo, um senso de injustiça. Quando sento para escrever um livro eu não digo a mim mesmo ‘eu vou produzir uma obra de arte’. Eu escrevo porque há uma mentira que quero expor, um fato ao qual quero chamar atenção, e minha preocupação inicial é ser ouvido. [...] Meu livro sobre a Guerra Civil Espanhola, *Homage to Catalonia*, é, claro, um livro francamente político [...]. Mas entre outras coisas este contém um capítulo, cheio de citações de jornais, defendendo trotskistas que estavam sendo acusados de conspirar com Franco. [...] Por acaso eu sabia algo que muito poucas pessoas na Inglaterra puderam saber, que homens inocentes estavam sendo falsamente acusados. Se eu não tivesse me enraivecido com isto eu nunca deveria ter escrito o livro. [...] Olhando para as últimas páginas [de *Why I Write?*] eu vejo que fiz parecer que meus motivos de escrita são integralmente de dever cívico. Eu não quero deixar essa impressão como a final. Todos os escritores são vaidosos, egoístas e preguiçosos, e no fundo de seus motivos há um

---

<sup>824</sup> DENIS, op. cit., p. 31-54.

<sup>825</sup> “It seems to me nonsense, in a period like our own, to think that one can avoid writing of such subjects. [...] It is a simply question of which side one takes and what approach one follows” (tradução nossa, ORWELL, 1946, p.5-6)

mistério. Escrever um livro é uma luta horrível, exaustiva [...]. Ninguém empreenderia algo assim se não fosse levado por algum demônio, a quem não pode resistir nem entender. Pelo que sabemos, esse demônio é o mesmo que leva um bebê a chorar por atenção. Ao mesmo tempo, também é verdade que ninguém pode escrever algo legível a não ser que esteja em constante luta para encarar sua real personalidade. [...] Eu não posso dizer com certeza qual dos meus motivos é o mais forte, mas eu sei qual merece ser seguido.<sup>826</sup>

Seu projeto político tomou diversas esferas de sua vida e as alinhou numa luta a qual o autor parece desejar resistir, mas termina por se entregar, pois lhe parece inevitável fazê-lo sendo sujeito histórico em tempos fascistas e totalitários. Orwell é uma das figuras dos socialistas derrotados, que lutaram para criar um mundo que nunca chegou a existir e que continuaram lutando, mesmo quando suas esperanças eram apenas fagulhas que acendiam e apagavam várias vezes no mesmo dia. Seu senso de justiça e dever o impeliu a escrever e o manteve vinculado a lutas políticas, ainda que suas esperanças revolucionárias se reduzissem e que o futuro se apresentasse sombrio.

A mudança mesma no horizonte de expectativas motivou a escrita de seu último romance, uma distopia que buscava se impor contra um futuro possível, engajar o leitor na causa antitotalitária. Pensar neste engajamento político do escritor atualmente, ao final de 2019, levanta questões sobre nossa própria atuação enquanto pesquisadores e agentes políticos em um momento de ascensão de direitas reacionárias, conservadoras e neoliberais, de ataques à educação, cultura e às minorias, e de um horizonte de expectativas que surge, cada dia mais, como um risco. A arte ainda pode ser uma resposta para a construção de outros mundos?

---

<sup>826</sup> "My starting point is always a feeling of partisanship, a sense of injustice. When I sit down to write a book, I do not say to myself, 'I am going to produce a work of art'. I write it because there is some lie that I want to expose, some fact to which I want to draw attention, and my initial concern is to get a hearing.[...] in a new way the problem of truthfulness. My book about the Spanish civil war, *Homage to Catalonia*, is of course a frankly political book [...]. But among other things it contains a long chapter, full of newspaper quotations and the like, defending the Trotskyists who were accused of plotting with Franco.[...] I happened to know, what very few people in England had been allowed to know, that innocent men were being falsely accused. If I had not been angry about that I should never have written the book.[...] Looking back through the last page or two, I see that I have made it appear as though my motives in writing were wholly public-spirited. I don't want to leave that as the final impression. All writers are vain, selfish and lazy, and at the very bottom of their motives there lies a mystery. Writing a book is a horrible, exhausting struggle[...]. One would never undertake such a thing if one were not driven on by some demon whom one can neither resist nor understand. For all one knows that demon is simply the same instinct that makes a baby squall for attention. And yet it is also true that one can write nothing readable unless one constantly struggles to efface one's own personality. [...] I cannot say with certainty which of my motives are the strongest, but I know which of them deserve to be followed. " (tradução nossa, ORWELL, 1946, p. 6-7).

Como existir e lutar quando o horizonte de expectativas parece coberto por um miasma de opressão e destruição? Como lutar e como escrever? Para quem? Com que palavras? Partindo de que sensações e valores poderíamos pensar um outro futuro?

Originalmente o que me motivou esta pesquisa era averiguar como Orwell e outros autores construíram um antiautoritarismo a partir de certos medos, interpretações e valores. Me interessava pensar como se apropriaram de experiências e expectativas para lutar politicamente em tempos terríveis. Em 2016, quando comecei a pensar sobre estas perguntas, ainda não sabia o quanto estas questões se aplicariam ao meu tempo de escrita. Atualmente não sei o quanto minhas respostas iluminam algo ou não, muito menos sei se deveriam iluminar. Orwell atuou politicamente através de sua arte, muitas de suas previsões estavam erradas, suas interpretações por muitas vezes também falharam. Muitos dos seus textos mal foram lidos e a atuação da CIA na propaganda anti-socialista turvou boa parte da divulgação dos seus textos. Orwell atingiu seu objetivo de transformar a escrita política em arte? Quão efetiva foi sua atuação política? Existem respostas a estas perguntas? Existe algo no trabalho de George Orwell que realmente responda às angústias do nosso presente? O passado carrega estas respostas?

#### **FONTES:**

ORWELL, Sônia; ANGUS, Ian. *The Collected Essays, journalism & letters of George Orwell: An Age Like This, 1920-1940*. London: Secker & Warburg, 1968.

\_\_\_\_\_. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell: My Country Right or Left, 1940-1943*. London: Secker & Warburg, 1968.

\_\_\_\_\_. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*: In Front of your Nose, 1945-1950. London: Secker & Warburg, 1968.

ORWELL, George. 1984. Austrália: Planet e-books, 2018. Disponível em: <<https://www.planetebook.com/free-ebooks/1984.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. *Coming Up for Air*. Austrália: A Project Gutenberg of Australia Etext [19--], on-line. Disponível em: <[http://www.orwell.ru/library/novels/Coming\\_up\\_for\\_Air/english/0200031.txt](http://www.orwell.ru/library/novels/Coming_up_for_Air/english/0200031.txt)>. Acesso em: 09 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. *Down and Out in Paris and London*. London: Penguin Modern Classics, 1968. Disponível em: <[https://orwell.ru/library/novels/Down\\_and\\_Out\\_in\\_Paris\\_and\\_London/english/e\\_dopl](https://orwell.ru/library/novels/Down_and_Out_in_Paris_and_London/english/e_dopl)>. Acesso em: 09 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. *Eye-witness in Barcelona*. London: Controversy, 1937. Disponível em: <<https://www.workersliberty.org/story/2010/01/08/eyewitness-barcelona-george-orwell>>. Acesso em 09 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. *Homage to Catalonia*. London: 1938. Disponível em: <[http://orwell.ru/library/novels/Homage\\_to\\_Catalonia/english/e\\_htc](http://orwell.ru/library/novels/Homage_to_Catalonia/english/e_htc)>. Acesso em: 25 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. *The Road to Wigan Pier*. London: Gollancz, 1937. Disponível em: <[http://www.orwell.ru/library/novels/The\\_Road\\_to\\_Wigan\\_Pier/english/e\\_rtwp](http://www.orwell.ru/library/novels/The_Road_to_Wigan_Pier/english/e_rtwp)>. Acesso em 28 set. 2019.

\_\_\_\_\_. *Wells, Hitler and the World State*. Horizon, 1941. Disponível em: <[http://orwell.ru/library/reviews/wells/english/e\\_whws](http://orwell.ru/library/reviews/wells/english/e_whws)>. Acesso em: 27 de jul. 2019

## REFERÊNCIAS:

ABRAMS, Douglas. George Orwell's classic essay on writing. *Maine State Bar*, v. 65, Augusta, p. 65-69, 2014. Disponível em: <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2406060](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2406060)>. Acesso em: 20 out. 2018.

ARENDT, Hannah; RAPOSO, Roberto. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARNT, Hérís. Editorial. *Logos*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 13, v. 2, p.4, 2000. Disponível em: <<http://www.logos.uerj.br/PDFS/anteriores/logos13.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2018.

ATTRIDGE, Derek (org.). *Jacques Derrida: Acts of Literature*. New York: Routledge, 1992.

AVILA, Arthur Lima de; NICOLLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. *História (in)Disciplinada*. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. 140, p. 2. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3957253/mod\\_resource/content/1/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3957253/mod_resource/content/1/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria%20%281%29.pdf)>. Acesso em: 05 de jan. 2019.

\_\_\_\_\_. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 1955. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/DIATAT>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

BENTHAM, Jeremy. *O panóptico*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da Cunha; BRITO, Thiago Vieira de (org.). *Distopia, Literatura e História*. Serra: Editora Milfontes, 2017.

BOUNDS, Philip. *Orwell and Marxism: The political and cultural thinking of George Orwell*. Londo: I. B. Taurus, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica, In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BROUÉ, Pierre. *A Revolução Espanhola*. (1931-1939). São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

BUBER, Martin. *O socialismo Utópico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

BUCK-MORSS, Susan. *Mundo de sonho e catástrofe: o desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e Estados Unidos*. Florianópolis: UFSC, 2018.

CAREY, John. *Os intelectuais e as massas: Orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária, 1880-1939*. São Paulo: Ars Poética, 1993.

CEQUEIRA, João. Arte e literatura na guerra civil de Espanha. *Revista da Faculdade de Letra: Ciência e Técnica do Patrimônio*, Porto, série I, vol. V-VI, p.135-140, 2006-2007. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6623.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2016.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Walter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CHANSIN, J. Sobre o conceito de totalitarismo. *Verinotio*: revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, Ano VIII, n. 15, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/atual.php>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

DA COSTA, Maria do Carmo Cardoso. Cultura e Resistência na Guerra Civil Espanhola. *Cadernos Neolatinos*. ano 9, v. 7. Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a9n7/maria\\_costa.pdf](http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a9n7/maria_costa.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2019.

CORREIA, João Carlos (1998) *Jornalismo e Espaço Público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1998.

DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: Editora EDUSC, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973

\_\_\_\_\_. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DUMONT, Louis. *O individualismo*. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *O curto Verão da Anarquia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.  
\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Lisboa: Edições 70, 2013.

GOMES, Ângela de Castro. *A escrita de si, a escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.



GONÇALVES, Raphael Guilherme. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/46337/R%20-%20T%20-%20RAPHAEL%20GUILHERME%20DE%20CARVALHO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 out. 2018.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.

\_\_\_\_\_. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HOBSBAWN, E. J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e o antifascismo. In: SCHOR, Lubomir et. al. *História do Marxismo. Marxismo na época da terceira internacional: problemas de cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Guerra e Paz, 1987, p.265.

INGLE, Stephen. *The Social and Political Thought of George Orwell: A reassessment*. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2006.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ : Contraponto, 1999.

LACQUE-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito Nazista*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

LARROSA, A. Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25417>>. Acesso em: 16 out. 2018.

MCQUADE, Brendan. “The road from Mandalay to Wigan is a long one and the reasons for taking it aren’t immediately clear”: A World-System Biography of George Orwell. *Journal of World-systems Research*. vol. 21 nº. 2, jul. 2015.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo, SP: Ed. da UNESP, 1999.

MARKS, Peter. *George Orwell the Essayist: Literature, Politics and the Periodical Culture*. London: Bloomsbury Academy, 2001.

MONTEIRO, Gustavo Feital. Definindo o fascismo: comparando análises e interpretações. *Faces de Clio*. Juiz de Fora - MG, v. 4 n. 8, jul. / dez. 2018, p. 60-80. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/8\\_D4\\_Gustavo-Feital-Monteiro-60\\_80.pdf](http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/8_D4_Gustavo-Feital-Monteiro-60_80.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2019.

NEWSINGER, John. *Hope lies in the Proles: George Orwell and the left*. London: Pluto press, 2018.

\_\_\_\_\_. Orwell and the Spanish Revolution. *International Socialism Journal*. n.62, Primavera de 1994. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/writers/newsinger/1994/xx/orwell.htm>. Acesso em: 02 jan. 2019.

NUSSBAUM, Martha. *Justicia Poetica: La imaginación literaria y la vida pública*. Barcelona: Editorial Andrés Bello, 1997.

PATAI, Daphne. *The Orwell Mystique: A Study in Male Ideology*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1984.

PAVLOSKI, Evanir. *1984: A distopia do indivíduo sob controle*. Ponta Grossa – PR: Editora UEPG, 2014

PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Repensar o passado – recobrar o futuro: história, memória e redenção em Walter Benjamin. *História Unisinos*, v. 1, n. 2, Maio/Agosto 2008. Disponível em:

<<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5425/2661>>. Acesso em: 05 de jan. 2019.

PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialismos utópicos*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

PHELAN, James. *Reading people, reading plots: character, progression and the interpretation of narrative*. USA: The University of Chicago Press, 1989.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora contexto, 2009, p. 208.

QUINN, Edward. *Critical companion to George Orwell: a literary reference to his life and Work*. New York: Facts on File, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano (org.). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos. A Guerra Civil Espanhola narrada pelos vencidos: George Orwell e soldados voluntários brasileiros. *História Unicap*, v. 4, n. 7, jan./jun. de 2017. Disponível em: <<[www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/861](http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/861)>>. Acesso em: 07 jan, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p.65 – 82, 2008

\_\_\_\_\_. O local do Testemunho. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 03, n. 01. p.3-20, jan./jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Testemunho e as políticas da memória: o tempo depois das catástrofes. *Proj. História*, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 3. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: F.G.V., 2003.

STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2012.

STANSKY, Peter (org.). *On Nineteen Eighty-Four*. New York: Stanford, Calif., 1983.

THOMAS, Paul. Mixed Feelings: Raymond Williams and George Orwell. *Theory & Society*, v. 14 n.º 4, p. 419- 443, 1985.

WHITE, Richard. George Orwell: Socialism and Utopia. *Utopian Studies*. Pensilvânia, vol. 19, nº. 1, pp. 73-95, 2008, p. 81. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/20719892?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/20719892?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 27 jul. 2019.